

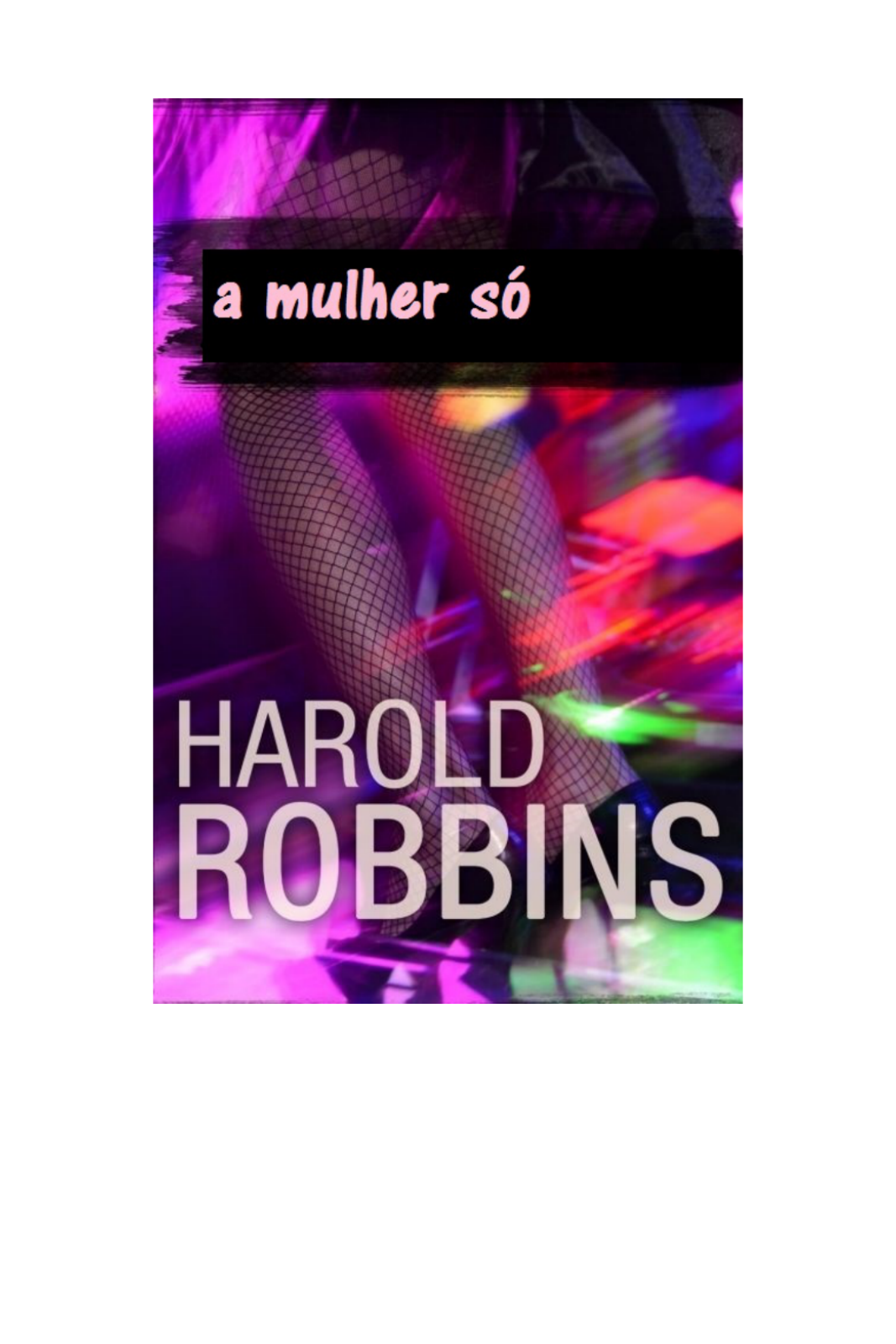
A close-up photograph of a woman's legs wearing fishnet stockings. The background is dark with vibrant, out-of-focus light streaks in shades of purple, pink, red, and green, creating a dynamic and artistic atmosphere. A black horizontal band is positioned across the upper middle of the image, containing the title text.

a mulher só

HAROLD
ROBBINS

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



a mulher só

HAROLD
ROBBINS

HAROLD ROBBINS

(1916-1997)

A MULHER SÓ

Título original americano

The Lonely Lady

1976



*Este livro é dedicado à memória de Jacqueline Susann e
Cornelius Ryan, que não apenas tiveram o dom da vida como
também a coragem de vivê-la até o fim.*

Sinto saudade de vocês, meus amigos.

"É terrível quando se é uma mulher orientada para a 'realização'. Por mais alto que seja o preço que se pague, está-se sempre sozinha quando se chega a qualquer lugar — e de uma forma que nenhum homem jamais terá de ficar."

PHYLLIS CHESLER,

Women and madness

LIVRO UM

Cidade pequena

Capítulo 1

Ela estava sentada no alto da escada e chorava.

Ao despertar da anestesia, JeriLee viu a garotinha chorando, o rosto coberto com as mãos, os cabelos dourados compridos. Ela já vira aquela imagem de si mesma milhares de vezes, no instante entre o despertar e o sono. E isso acontecia desde a morte do pai.

Sua visão se clareou e ela reconheceu o rosto do médico fitando-a, sorridente.

— Está tudo bem, JeriLee.

Ela correu os olhos pelo quarto. Havia diversas outras mulheres em camas de rodinhas.

— O que era, doutor? Menino ou menina?

— Isso tem alguma importância agora?

— Para mim, tem.

— Ainda é muito cedo para dizer-lhe.

Uma sugestão de lágrimas surgiu nos cantos dos olhos de JeriLee.

— É terrível passar por tudo isso e depois não saber o que poderia ter sido.

— É melhor assim, JeriLee. Agora, procure descansar um pouco.

— Quando poderei sair daqui?

— Esta tarde, assim que eu tiver os resultados dos exames.

— Que exames?

— Exames de rotina. Achamos que você talvez tenha um problema de Rh. Se tiver mesmo, poderemos dar-lhe uma injeção, para que não tenha qualquer complicação na próxima gravidez.

JeriLee fitou-o em silêncio por um momento, antes de perguntar:

— Poderia ter havido complicações com esta gravidez?

— Havia uma possibilidade.

— Então deve ter sido melhor que eu tenha abortado.

— Provavelmente. Mas procure ser mais cuidadosa daqui por diante.

— Não haverá outro aborto — disse JeriLee, firme mente. — Da próxima vez, terei meu filho. E não me importa o que possam dizer. Se o pai não gostar, ele que vá para o inferno!

— Já fez seus planos, JeriLee?

— Não. Mas você não me deixa tomar pílula por causa do fator de coagulação, e continuo a rejeitar o DIU. Confesso que me sinto estúpida carregando um diafragma e um tubo de geleia na bolsa, o tempo inteiro.

— Não precisa ir para a cama com todo homem que conhece, JeriLee. Isso não prova coisa alguma.

— Não vou para a cama com todos os homens que conheço, doutor. Vou apenas com aqueles com quem eu quero.

O médico sacudiu a cabeça.

— Não consigo entendê-la, JeriLee. Você é inteligente demais para se meter nessas complicações.

Ela sorriu subitamente.

— É um dos riscos de ser mulher. Um homem pode trepar o quanto quiser e nada lhe acontece. Mas a mulher pode ficar grávida. Por isso, ela é que tem de tomar cuidado. Pensei que a pílula fosse igualar a situação; Mas, por azar meu, não posso tomá-la.

O médico fez um gesto para uma enfermeira.

— Mas tenho uma pílula que você pode tomar — disse ele, rabiscando rapidamente num bloco de receitas. — Isso a ajudará a dormir um pouco.

— Poderei ir trabalhar amanhã?

— Preferiria que ficasse de repouso por alguns dias. Não

fará mal algum, se ficar de cama mais um pouco. Ainda corre o risco de ter uma grande hemorragia. A enfermeira irá levá-la agora para seu quarto. Eu a verei mais tarde, quando lhe der alta.

A enfermeira pegou a receita e começou a empurrar a cama de JeriLee para fora.

— Espere um instante — pediu JeriLee. A enfermeira parou.

— Sam...

— O que é? — perguntou o médico, virando-se para ela.

— Obrigada.

Ele se limitou a assentir. A enfermeira recomeçou a empurrar a cama, passou pela porta de vaivém e atravessou um longo corredor até o elevador. Ali, apertou o botão de chamada e olhou para JeriLee, com um sorriso profissional.

— Não foi tão ruim assim, não é, meu bem?

JeriLee fitou-a com uma expressão furiosa. Com os olhos marejados de lágrimas, disse:

— Foi uma porcaria! Acabei de matar meu bebê!

— Por que está chorando, JeriLee? — perguntou-lhe a tia, ao sair do quarto da mãe e encontrá-la sentada no alto da escada.

A menina levantou o rosto molhado de lágrimas.

— Papai não está morto?

A tia não respondeu.

— Ele não vai mais voltar, como mamãe tinha dito?

A mulher abaixou-se e abraçou-a, dizendo suavemente:

— Não, JeriLee, ele não vai mais voltar.

— Mamãe mentiu para mim — disse JeriLee, em tom acusador. As lágrimas cessaram.

— Sua mãe quis apenas poupá-la de sofrimentos, menina — disse a tia, com voz ainda mais suave. — Não queria que nada a magoasse.

— Mas não foi isso que ela me disse que eu devia fazer! Falou que eu devia sempre dizer a verdade, não importando o que pudesse acontecer.

— Venha, JeriLee. Vamos lavar seu rosto com água fria. Vai sentir-se melhor.

Obedientemente, JeriLee seguiu a tia até o banheiro.

— Mamãe vai dizer a Robbie? — perguntou ela, enquanto seu rosto estava sendo lavado.

— Seu irmão tem apenas quatro anos, JeriLee. Não creio que tenha idade suficiente para compreender.

— E eu devo dizer a ele?

— O que acha que deve fazer agora, JeriLee? — perguntou a tia, fitando-a nos olhos.

A menina sentiu a expressão de simpatia nos olhos da senhora. Pensativa, murmurou:

— Acho que não vou contar nada. Ele é muito pequeno.

A tia sorriu e beijou-a no rosto.

— Tem toda a razão, JeriLee. É uma decisão muito adulta para uma menina de oito anos.

JeriLee sentiu-se satisfeita com a aprovação da tia. Anos mais tarde, porém, sentiu-se estranhamente arrependida. Havia sido a sua primeira decisão adulta, e fora uma concessão.

Naquela noite, deitada em sua cama, ainda acordada, JeriLee ouviu a mãe subir a escada e ir para o quarto dela. Ficou esperando ouvir os passos familiares do pai subindo a escada também, depois de ter apagado todas as luzes lá embaixo. Como os passos não soaram, compreendeu que nunca mais tornaria a ouvi-los. Virou o rosto para o travesseiro e começou a chorar pelo pai



JeriLee tinha pouco mais de três anos no dia em que a mãe a vestira cuidadosamente, num vestido branco de algodão, ajeitando os cachos de cabelos dourados.

— Tome cuidado com seu vestido, querida. Quero que fique bem bonita hoje. Vamos encontrar papai no trem. Ele está voltando para casa.

— A guerra acabou, mamãe?

— Não. Mas papai não está mais no Exército. Ele deu baixa.

— Por quê, mamãe? Ele está ferido?

— Um pouquinho. Mas não é nada sério. Machucou a perna e anda coxeando. Mas você não deve falar nada sobre isso. Finja que não notou.

— Está bem, mamãe. — JeriLee virou-se e contemplou-se no espelho. — Acha que papai vai me reconhecer, agora que já sou uma menina crescida?

— Claro que sim, querida — disse a mãe, rindo.

Numa cidade do tamanho de Port Clare, a volta do primeiro veterano que recebera baixa não podia passar despercebida. O prefeito, o conselho municipal e a banda da escola secundária reuniram-se para a ocasião. Em frente à pequena estação de trem, estava pendurada uma faixa branca bem grande, onde se lia, em letras vermelhas e azuis:

SEJA BEM-VINDO, BOBBY.

Era típico de Robert Gerraghty não saltar do trem pelo lado da estação, mas sim pelo outro lado, pois ficava mais perto de sua casa.

Freneticamente, a multidão esquadrinhou a plataforma da estação, à procura do herói desaparecido.

— Tem certeza de que ele vinha nesse trem? — perguntou o prefeito à mãe de JeriLee, com uma frustração crescente.

A mãe da menina estava quase em lágrimas. O trem começava a deixar a estação.

— Foi o que ele disse na carta.

Nesse momento, na extremidade da plataforma, alguém gritou:

— Lá está ele!

Robert Gerraghty estava a quase meio quarteirão de distância, caminhando rapidamente na outra direção. Ao ouvir o grito, pôs a mala no chão, tirou o quepe do Exército e coçou a cabeça.

A banda da escola secundária desandou a tocar Salve o herói conquistador. O prefeito, esquecendo a dignidade do cargo, saiu correndo por cima dos trilhos.

Na confusão, a multidão foi atrás. O prefeito, renunciando a todos os planos tão meticulosamente elaborados, fez o seu discurso no meio da rua empoeirada.

— Estamos aqui reunidos para saudar a volta de um dos nossos, um natural de Port Clare, um autêntico herói, ferido em defesa de seu país, o soldado de primeira classe Robert F. Gerraghty...

O barulho da banda era tão grande que o prefeito foi obrigado a parar o discurso.

O pai segurava JeriLee com um braço, enquanto o outro envolvia os ombros da mãe. JeriLee ficou puxando a manga da túnica dele. O pai virou-se para ela, sorrindo.

— O que é, JeriLee?

— Você levou um tiro na perna?

— Não, querida — respondeu ele, rindo.

— Mas mamãe disse que você foi ferido. Que andava coxeando!

— Isso é verdade. Mas não fui ferido em ação. — Ele viu a expressão de perplexidade no rosto de JeriLee e apressou-se em explicar: — Acho que seu pai foi estúpido o bastante para deixar-se atropelar por um caminhão.

— Então você não é um herói — murmurou JeriLee, desapontada.

Sorrindo, ele aproximou o rosto do dela, encostou um dedo nos lábios e sussurrou:

— Não vou contar a ninguém, se você também não contar. JeriLee desatou a rir.

— Não vou contar, papai. — Um momento depois, ela acrescentou: — Mas posso contar para mamãe?

— Acho que mamãe já sabe. — Ele sorriu e beijou-a no rosto. — Ei, JeriLee, alguém já lhe disse que você se parece um bocado com Shirley Temple?

Ela sorriu, as covinhas aparecendo nas faces, e disse orgulhosamente:

— Todo mundo diz isso, papai. E mamãe diz que eu canto e danço melhor do que Shirley Temple.

— Você vai cantar e dançar para mim, quando chegarmos a casa?

— Mas claro que sim, papai! — exclamou ela, abraçando-o pelo pescoço.

— Fiquem assim! — gritou um fotógrafo. — Queremos essa fotografia para sair no jornal.

JeriLee exibiu o seu mais puro sorriso de Shirley Temple. Mas, de alguma forma, o prefeito conseguiu pôr o rosto na frente dela. Quando a fotografia apareceu na primeira página do Weekly Bulletin, o jornal de Port Clare, tudo o que se podia ver de JeriLee eram os braços em torno do pescoço do pai.

JeriLee estava cochilando quando a enfermeira trouxe o almoço. Por um momento, ficou confusa. O dia anterior fora tão vivido em seus pensamentos que esse dia parecia agora uma intrusão indevida. O pai fora um homem muito especial, que ria do mundo que o cercava, da cidade de Port Clare e de todas as suas

hipocrisias.

— Não há nada mais que tenha sentido, JeriLee — dissera ele, certa ocasião. — Algum dia, vão descobrir que a guerra realmente mudou o mundo por completo. A liberdade é mais que uma simples palavra para as nações. Tornou-se algo realmente muito pessoal.

Na ocasião, JeriLee não compreendera o que o pai estava querendo dizer. Tudo o que ela sabia era que a mãe passava a maior parte do tempo zangada com o pai e frequentemente descontava nela. O irmão menor, nascido menos de um ano depois da volta do pai, escapava às crises. Mas JeriLee estava crescendo, e a mãe muitas vezes lamentava que cada vez mais se parecesse com o pai, em muitas coisas.

A enfermeira entregou-lhe um cardápio.

— O doutor disse que pode comer o que desejar, contanto que não exagere.

— Não estou com fome.

— Mas deve comer alguma coisa. São ordens médicas.

JeriLee correu os olhos rapidamente pelo cardápio.

— Quero um sanduíche de rosbife quente. Sem molho. Depois, gelatina e café.

— Está bem. Agora, fique de lado e deixe-me aplicar-lhe esta injeção.

— Para que é isso? — perguntou JeriLee, olhando para a agulha.

— O doutor não lhe disse? É para o fator Rh. No caso de ficar grávida novamente, não terá nenhum problema com o bebê.

JeriLee virou-se de lado. A enfermeira foi rápida. A paciente nem sentiu a picada da agulha.

— Não pretendo ficar grávida novamente — murmurou JeriLee.

— É o que todas dizem, meu bem — falou a enfermeira, rindo. — Mas não há uma só que não acabe voltando.

JeriLee ficou observando-a sair do quarto. Mas que cadela arrogante! Só porque veste um uniforme branco, acha que sabe de tudo. Recostou-se nos travesseiros. Sentia-se cansada, mas não tão fraca quanto imaginara. O que era mesmo que lhe haviam falado sobre abortos? Atualmente não era pior do que tratar de um resfriado. Talvez estivessem certos.

Ela olhou pela janela. O nevoeiro matutino de Los Angeles

já se dissipara e o dia era claro, de sol forte. Desejou ter pedido um telefone no quarto. Mas lhe haviam dito que passaria apenas algumas horas no hospital. Agora, com aquela história do fator Rh, teria que ficar quase o dia inteiro.

Pensou em como deveria estar transcorrendo a reunião. Seu agente deveria estar se encontrando com o produtor naquele exato momento. Ela queria muito fazer o roteiro do filme baseado em seu próprio livro. O primeiro roteirista contratado fizera um péssimo trabalho. Finalmente, haviam-na procurado.

O agente de JeriLee resolvera ser exigente. Sabia que o produtor estava enfrentando uma crise e decidira explorar ao máximo a situação. Estava pensando em pedir cem mil dólares. Ela achava que era uma loucura. Era muito mais dinheiro do que lhe haviam pago pelo livro, e estava disposta a escrever o roteiro até de graça.

— Deixe comigo — dissera o veterano agente, procurando tranquilizá-la. — Esse é o meu negócio. Sei como tratar dessas coisas. Além do mais, se for mesmo necessário, sempre poderemos reduzir o preço.

— Está certo — concordara JeriLee afinal, embora ainda relutante. — Mas não estrague o negócio fazendo exigências demasiadas.

— Pode ficar tranquila. Onde estará amanhã de tarde, caso eu precise falar-lhe?

— Provavelmente em casa.

— E se não estiver lá?

— Estarei em Cedars.

— E o que vai fazer lá? — perguntara ele, espantado.

— Um aborto.

— Você?

— E por que não? Afinal de contas, sou mulher. E as mulheres de vez em quando ficam grávidas, mesmo nos tempos atuais.

Ele se mostrara bastante solícito.

— Já providenciou tudo? Posso levá-la de carro e...

— Você está sendo maravilhoso, Mike. Mas já está tudo providenciado. Não precisa preocupar-se.

— Irá telefonar-me quando estiver tudo acabado?

— Ligarei para você assim que voltar para casa.

Ele se levantara e a seguira até a porta.

— Tome cuidado, JeriLee.

— Fique tranquilo.

A liberdade era uma coisa muito pessoal, dissera o pai. JeriLee tentou imaginar o que ele diria agora, se soubesse o que a filha acabara de fazer.

Provavelmente, procuraria apenas certificar-se de que ela fizera o que desejava, que aquela fora a sua opção pessoal. Para ele, era isso que a liberdade significava.

Mas o mundo ainda não aceitara inteiramente o modo de pensar de Robert Gerraghty. A mãe dela, por exemplo, continuava a mesma de antes. Ficaria aterrorizada, se soubesse. E o mesmo aconteceria com muitas outras pessoas. Mesmo entre as amigas de JeriLee supostamente liberadas, "aborto" ainda era uma palavra obscena.

Olhou para a bandeja com o almoço que estava à sua frente. O rosbife tinha uma anêmica cor pálida, típica da comida de hospital. Começou a cortar um pedaço da carne nervuda. Mas logo largou o garfo e a faca, repugnada. De qualquer maneira, não estava mesmo com fome.

Tornou a olhar pela janela, contemplando o dia de sol intenso da Califórnia. Era muito diferente de Port Clare em janeiro. Recordando um dia nevoso, com um vento gelado soprando pelo estreito, enquanto ela seguia pela estrada para pegar o ônibus para a escola, JeriLee estremeceu de verdade. A neve caíra durante toda a noite anterior e parecia quebradiça sob suas galochas, enquanto ela caminhava na calçada. Os tratores haviam trabalhado durante toda a noite, e a neve estava empilhada dos dois lados da estrada. JeriLee subiu no monte de neve e desceu para a estrada do outro lado. A neve ali estava ficando marrom, muito suja dos carros que passavam. O ônibus surgiu na estrada.

Parecia há tanto tempo atrás... Quase que outra era. E, de certa forma, era mesmo.

Capítulo 2

— Quase sempre se morre — disse o homem.

JeriLee tirou os olhos da janela do ônibus e fitou-o.

Há três meses que ela pegava aquele ônibus para a Escola Secundária de Port Clare, e o homem viajava sempre a seu lado. Era a primeira vez que ele lhe dirigia a palavra.

— Tem razão — disse ela, os olhos se enchendo de lágrimas, inesperadamente.

Ele olhou pela janela e tornou a falar, sem se dirigir a ninguém em particular:

— A neve... Por que tem sempre de ser a maldita neve? — O homem ficou em silêncio por um momento, acrescentando em seguida, distraidamente: — Eu vou morrer...

— Meu pai morreu — disse JeriLee.

Pela primeira vez, o homem olhou para ela. Um tom de embaraço surgiu na voz dele:

— Desculpe. Eu não sabia que estava falando em voz alta.

— Não foi nada.

— Eu não queria fazê-la chorar.

— Não estou chorando — afirmou JeriLee, em tom de desafio.

— Mas claro que não!

JeriLee sentiu uma estranha dor no estômago. Com uma sensação de vergonha, compreendeu que não pensava no pai há muito tempo. De certa forma, fora fácil demais para o padrasto assumir o lugar do pai, fazendo com que ela o esquecesse.

O rosto do homem era pálido e encovado.

— Você estuda na escola secundária?

— Estudo.

— E em que ano está?

— Estou no segundo ano.

— Parece mais velha. Pensei que já estivesse no final do curso. — Ele corou ligeiramente e acrescentou: — Eu... eu... eu não quis ofendê-la. Não sei direito como conversar com moças.

— Não foi nada. Todo mundo pensa que sou mais velha.

O homem sorriu, constatando que agradara a JeriLee.

— Seja como for, peço-lhe desculpas. Meu nome é Walter Thornton.

— É aquele...? — perguntou JeriLee, com os olhos

arregalados.

Ele não deixou que JeriLee terminasse, dizendo rapidamente:

— Sou esse mesmo Walter Thornton em que está pensando.

— Mas... anda de ônibus todas as manhãs!

— Conhece alguma maneira melhor de se chegar à estação? — perguntou ele, rindo.

— Mas tem duas peças na Broadway e um filme sendo apresentados simultaneamente.

— E também não sei guiar. Mas como é que sabe tanta coisa a meu respeito?

— Todo mundo o conhece!

— Não as moças da escola secundária. Elas sabem tudo sobre os atores, não sobre os escritores.

— É porque vou ser escritora.

— E por que não uma atriz? É bonita o suficiente para isso.

— Acha que é errado eu querer ser escritora? — perguntou ela, corando.

— Claro que não. É apenas estranho. A maioria das moças deseja ir para Hollywood e tornar-se estrela do cinema.

— Talvez eu também faça isso.

O ônibus começou a diminuir a velocidade. Estavam chegando à estação ferroviária. Ele levantou-se e sorriu para JeriLee.

— Até amanhã. Poderemos conversar mais um pouco.

— Até amanhã.

Pela janela do ônibus, JeriLee ficou observando o vulto alto e magro, uma capa impermeável muito folgada, desaparecer no trem à espera na estação, o expresso das 8h07 para Nova York.

O namorado dela, Bernie Murphy, estava esperando-a na frente da escola.

— Sabe com quem me encontrei hoje no ônibus? — disse JeriLee, muito excitada. — Com Walter Thornton! Imagine só! Há três meses que me sento todos os dias ao lado dele e nem sabia quem era!

— E quem é Walter Thornton?

Irritada, JeriLee respondeu com outra pergunta: — E quem é Mickey Mantle?

Quando JeriLee tinha dez anos, aconteceram duas coisas

que iriam mudar sua vida. A primeira foi a decisão da mãe de casar-se novamente. A segunda foi a história que ela mesma escreveu e depois adaptou como uma peça, para apresentação no espetáculo de encerramento do ano letivo.

O título era *Um conto de fadas sangrento*. E era realmente. Quando a cortina se fechou ao término da peça, todas as personagens no palco já estavam mortas.

Como escritora, produtora e diretora, JeriLee ficara com o único papel duplo da peça, o da cozinheira que fora morta por ordem do rei e que se erguia do túmulo como uma feiticeira, voltando em busca de vingança.

JeriLee adorara a sensação de poder. Durante aquele breve período, foi a pessoa mais importante da quinta série.

Pela primeira vez, sentiu o impacto que tinha sobre as outras pessoas e instintivamente compreendeu que as palavras que escrevera eram a fonte daquela inebriante sensação de poder.

Mais tarde, segurando o prêmio que recebera por composição criativa, o rosto ainda sujo da fuligem de sua maquiagem de feiticeira, foi procurar a mãe e anunciou sua decisão:

— Vou ser escritora, mamãe.

A mãe, sentada ao lado do Sr. Randall, do Banco dos Fazendeiros, sorriu distraidamente. Ela mal assistira ao espetáculo pensando na proposta que John Randall lhe fizera na noite anterior.

— Isso é ótimo, querida. Mas pensei que quisesse ser atriz.

— Era o que eu queria mesmo. Mas agora mudei de ideia.

— Achei-a linda no palco, JeriLee. Também não achou, John?

— Ela era a moça mais linda que havia aqui.

JeriLee fitou-os, espantada. Eles deviam estar cegos.

O objetivo da maquiagem fora fazer com que ela se parecesse com uma feiticeira horrível.

— Minha maquiagem estava horrível.

— Não se preocupe com isso, querida. — A mãe sorriu outra vez, como que a tranquilizá-la. — Nós a achamos linda.

Mais tarde, foram jantar no Port Clare Inn, um restaurante à luz de velas, de frente para o estreito.

— Temos algo muito importante para contar-lhe, querida — disse a mãe, na hora da sobremesa.

JeriLee não olhou para a mãe, pois estava ocupada em

observar um casal embriagado que se acariciava na mesa do canto.

— JeriLee!

A menina finalmente olhou para a mãe.

— Eu disse que temos algo muito importante para contar-lhe.

Ela voltou a ser a menina submissa e obediente.

— Pois não, mamãe.

A mãe estava visivelmente constrangida.

— Desde que seu pai morreu... sabe como tem sido difícil para mim cuidar de você e de seu irmão, tendo que ir todos os dias trabalhar no banco.

JeriLee ficou calada. Estava começando a compreender.

Mas não sabia se iria gostar do que estava para lhe ser dito.

A mãe olhou para o Sr. Randall, em busca de apoio.

Ele meneou a cabeça, tranquilizadamente. Por baixo da mesa, a mão dela procurou a dele.

— Achemos que seria ótimo se você e seu irmão tivessem um pai novamente, JeriLee — acrescentou a mãe, rapidamente. — Bobby já está com quase seis anos, e um menino precisa de um pai para fazer-lhe companhia, jogar bola com ele, ir a pescarias, coisas assim...

JeriLee olhou para a mãe e em seguida fitara o Sr. Randall.

— Está querendo dizer que quer casar-se com ele, mamãe?

Havia um tom de incredulidade na voz de JeriLee. O Sr. Randall e o pai dela não eram em nada parecidos. O pai sempre fora um homem risonho, que gostava de se divertir, enquanto o Sr. Randall raramente sorria.

A mãe ficou em silêncio. O Sr. Randall começou então a falar, suavemente, como se estivesse conversando com um cliente do banco que encontrara um erro em seu extrato de conta mensal.

— Eu daria um bom pai para os dois. Você é uma menina maravilhosa, e gosto muito de seu irmão.

— Não gosta de mim também? — perguntou JeriLee, com uma imperturbável lógica infantil.

— Claro que gosto. E pensei que tivesse deixado isso bem claro.

— Mas não falou.

— JeriLee! — disse a mãe, com voz ríspida novamente. — Você não tem o direito de falar assim com o Sr. Randall!

— Não há problema, Verônica. Gosto muito de você,

JeriLee, e ficarei orgulhoso se quiser aceitar-me como pai.

JeriLee fitou-o nos olhos e viu pela primeira vez o afeto e a bondade que neles estavam ocultos. Ela reagiu imediatamente, mas não soube o que dizer.

— Sei que nunca poderei tomar o lugar do seu pai verdadeiro, JeriLee, mas amo sua mãe e procurarei ser o melhor possível para todos vocês.

— Posso ser a dama de honra no casamento? — indagou JeriLee, subitamente, com um sorriso.

John Randall riu, aliviado.

— Pode ser qualquer coisa que desejar — disse ele, apertando a mão da mãe de JeriLee. — Menos a noiva.

Um ano depois do casamento, John Randall adotou formalmente as duas crianças. Ela passou a se chamar JeriLee Randall. Sentiu uma estranha tristeza ao assinar pela primeira vez o seu novo nome. Agora, quase nada mais restaria para fazê-la lembrar-se do pai. Bobby, que não chegara realmente a conhecer o pai, já o esquecera. E JeriLee receava que, com o tempo, também acabaria esquecendo-o.

Capítulo 3

John Randall olhou por cima do New York Times quando a filha desceu para a mesa do café. Ela contornou a mesa rapidamente e beijou-o no rosto. O pai sentiu cheiro de perfume, enquanto ela ia sentar-se em sua cadeira.

A voz de JeriLee estava alterada, com um excitamento contido.

— Bom dia, papai.

Ele sorriu, fitando-a. Gostava realmente dela. Nenhum dos traços individuais que constituíam o rosto era bonito. O nariz talvez fosse um pouco comprido demais, a boca era um pouco larga demais, os olhos azul-escuros sobre os malaras salientes eram

grandes demais para o tamanho do rosto. Mas, de alguma forma, todos aqueles traços reunidos proporcionavam um efeito incrível. Depois de se olhar uma vez para JeriLee, não se podia mais esquecê-la. Ela era realmente bonita.

E, naquela manhã, John Randall podia ver que ela tomara um cuidado extra com sua aparência. Os cabelos pareciam mais lustrosos que o habitual e a pele estava rebrilhando de tão limpa. Ele sentia-se contente pelo fato de JeriLee não usar maquilagem, como a maioria das moças.

— Algo muito importante deve estar acontecendo, JeriLee.

Ela fitou-o por cima da garrafa de leite, que estava despejando sobre os flocos de milho.

— O que disse, papai?

— Que alguma coisa está acontecendo.

— Nada de especial.

— Ora, JeriLee, deixe disso. Há algum rapaz novo em sua turma?

— Não é nada disso — falou ela, sacudindo a cabeça.

— Ainda é Bernie?

JeriLee corou, mas não respondeu.

— Eu sei que há alguma coisa, JeriLee.

— E por que acha sempre que tem de ser um rapaz, papai?

— Porque você é uma moça.

— Não é nada disso. Mas ontem eu me encontrei com alguém, no ônibus.

— No ônibus? — repetiu ele, surpreso.

— Ele sentou-se ontem a meu lado — assentiu JeriLee. — E pode imaginar quem era, papai? Há três meses que ele sempre se senta a meu lado no ônibus, e eu não tinha a menor ideia de quem era.

— Mas quem é ele afinal? — indagou John Randall, agora realmente perplexo.

— Walter Thornton! Sempre pensei que ele apenas passasse o verão aqui. Nunca imaginei que morasse permanentemente.

— Walter Thornton? — murmurou John Randall, com um tom de desaprovação na voz.

— Ele mesmo! O maior escritor da América!

A desaprovação na voz de John Randall tornou-se inequívoca:

— Mas ele é comunista!

— E quem disse isso?

— O Senador McCarthy, há mais de dois anos. Ele foi chamado a depor perante a comissão. E todo mundo sabe o que isso significa. Quando a notícia se espalhou, o banco chegou a pensar seriamente em pedir-lhe que cancelasse sua conta.

— E por que não o fizeram?

— Não sei. Acho que ficamos com pena dele. Afinal de contas, somos o único banco da cidade, e seria um transtorno para ele obrigá-lo a fazer seus negócios fora daqui.

JeriLee já ouvira falar bastante a respeito de negócios bancários, para ter uma ideia da maneira como as coisas funcionavam. Astutamente, perguntou:

— Ele sempre teve um saldo médio muito grande?

John Randall corou. A filha acertara em cheio no ponto importante. Walter Thornton provavelmente tinha um saldo médio maior que qualquer outro cliente do banco. A renda semanal dele era fantástica.

— Sim.

Depois de conquistar aquela vitória, JeriLee permaneceu calada. John Randall fitou-a em silêncio. Ela não era como as outras moças, ou mesmo as outras mulheres que ele conhecia. A mãe não tinha a mesma capacidade de chegar ao fundo das coisas, como JeriLee fazia. Apesar disso, não havia nada nela que não fosse feminino.

— Como é ele? — perguntou John Randall, curioso.

— Como é ele quem? — indagou Verônica, trazendo os ovos com bacon da cozinha.

— Walter Thornton. JeriLee conheceu-o ontem, no ônibus.

— Li nos jornais que ele está se divorciando. — Verônica foi até a porta da sala e gritou: — Bobby, desça logo para tomar seu café! Caso contrário, vai chegar atrasado à escola!

A voz de Bobby soou lá em cima:

— Não é culpa minha, mamãe. JeriLee passou a manhã inteira trancada no banheiro.

Verônica voltou e sentou-se à mesa.

— Não sei o que vou fazer com Bobby. Cada dia ele arruma uma nova desculpa.

John olhou para a filha e sorriu. JeriLee estava corando. Ele disse para a esposa:

— Não fique aborrecida, querida. Essas coisas acontecem de vez em quando. Posso levá-lo para a escola, a caminho do banco.

— Como é ele, JeriLee? — indagou Verônica, virando-se para a filha. — O Sr. Smith, do mercado, diz que a Sra. Thornton estava sempre cheirando a álcool. E ele chegou mesmo a desconfiar que muitas vezes ela aparecia lá embriagada. Todos sentiam muita pena dele.

— Ele me pareceu um homem muito calmo e simpático — falou JeriLee, dando de ombros. — Ninguém poderia imaginar que ele é o famoso Walter Thornton.

— Disse a ele que quer ser escritora?

JeriLee assentiu.

— E o que ele disse?

— Que isso era ótimo. Foi bastante delicado.

— Talvez ele concorde em dar uma olhada nas coisas que você escreveu. Poderia dar-lhe uns conselhos.

— Oh, mamãe! Um homem como ele não se daria ao trabalho de ler as coisas escritas por uma colegial.

— Nunca se sabe...

— Acho que ela não deve incomodá-lo — interrompeu John. — JeriLee tem razão. O homem é um profissional. Não seria justo pedir-lhe. Ele certamente tem coisas mais importantes com que se preocupar.

— Mas...

John não deixou que Verônica continuasse.

— Além disso, ele não é o tipo de pessoa com quem JeriLee deva relacionar-se. É muito diferente de nós. Vive por padrões diferentes. Todo mundo sabe que os comunistas não primam pela moral.

— Ele é comunista? — perguntou Verônica.

John assentiu.

— O Sr. Carson diz que o banco deve ser muito cuidadoso nos negócios que faz com ele. Não queremos que ninguém tenha ideias erradas a nosso respeito.

O Sr. Carson era o presidente do banco, eminente republicano e o homem mais importante de Port Clare. Há vinte anos que ele escolhia pessoalmente o prefeito da cidade, embora fosse um homem modesto demais para querer ocupar o cargo.

— Se é assim que o Sr. Carson pensa... — disse Verônica,

impressionada.

— Acho que isso é uma injustiça! — explodiu JeriLee. — Há muita gente que pensa que o Senador McCarthy era pior do que os comunistas.

— O Senador McCarthy é um americano de verdade. Ele é o único que está entre nós e os comunistas. Da maneira como Truman está agindo, teremos muita sorte se não entregarmos todo o país aos comunistas. — A voz de John era firme e incisiva.

— Seu pai tem razão, querida. Quanto menos você se meter com ele, melhor será.

— Mas não estou me metendo com ele, mamãe! — Subitamente, JeriLee estava quase em lágrimas. — Ele apenas viaja sentado a meu lado no ônibus!

— Sei disso, JeriLee — disse a mãe, com voz mais suave. — Mas tome cuidado para que não a vejam conversando muito com ele.

Bobby entrou correndo na sala, puxou uma cadeira e começou a servir-se de ovos com bacon.

— Mas o que há com você?----perguntou-lhe Verônica, rispidamente. — Já esqueceu suas maneiras? Nem mesmo nos dá um bom-dia?

— Bom dia — resmungou Bobby, com a boca cheia, olhando para JeriLee e acrescentando: — Mas foi tudo culpa dela. Se JeriLee não tivesse demorado tanto no banheiro, eu não teria me atrasado.

— Pode comer mais devagar — disse John. — Eu o levarei até a escola.

Bobby sorriu, triunfante, para JeriLee.

— Obrigado, papai.

Por um breve instante, JeriLee sentiu uma pontada de ódio pelo irmão e pelo relacionamento masculino que ele tinha com o pai. Mas talvez as coisas devessem ser assim mesmo. Afinal de contas, ela era moça. Mas isso não tinha sentido. Não era razão suficiente para que ela se sentisse isolada do mundo deles. Levantou-se.

— Já está na hora de eu ir.

— Está bem, querida — disse a mãe, começando a tirar os pratos.

JeriLee contornou a mesa e beijou a mãe e o pai. Depois, pegou os livros da escola e saiu de casa, seguindo na direção do

ponto de ônibus.



O Sr. Thornton não viajou no ônibus naquela manhã nem na manhã seguinte. Alguns dias depois JeriLee leu num jornal que ele fora para Hollywood, para a filmagem de uma história sua. Seguiria depois para Londres, onde uma de suas peças seria apresentada. Foi só no verão seguinte, um dia depois de completar dezesseis anos, que JeriLee tornou a vê-lo. A essa altura, ela não era mais uma menina. Já virara uma mulher.

Fisicamente, JeriLee amadureceu muito antes disso. Os seios começaram a se desenvolver logo depois que ela fez onze anos. Aos doze, já tinha regras. Aos quinze anos, ainda havia vestígios da gordura de criança em seu rosto. Mas, durante o inverno, isso desapareceu, ficando as faces planas, extremamente atraentes. Ela percebeu o aumento dos cabelos debaixo dos braços e na região púbica. Como todas as moças, começou a raspar-se debaixo dos braços e a usar desodorante. Mas percebeu também outras mudanças que haviam ocorrido dentro dela.

Começou na primavera. Como integrante da torcida organizada, ela foi para o campo onde a equipe de beisebol estava treinando. Como as outras moças, ela também usava uma camisa de meia folgada, com as letras PC pregadas sobre o pano branco, nas cores preto e laranja. A saia era muito curta, mal chegando aos joelhos.

Elas tomaram posição diante das tribunas. A Srta. Carruthers, a professora de educação física, alinhara-as de costas para os jogadores no campo. Como JeriLee também integrara a torcida organizada no ano anterior, a Srta. Carruthers colocou-a a seu lado, durante os diversos movimentos de incentivo.

Cerca de quinze minutos depois, o Sr. Loring, treinador da equipe de beisebol, aproximou-se.

— Srta. Carruthers, posso falar-lhe por um momento?

— Mas é claro, Sr. Loring. — Ela ficou parada, esperando que o treinador dissesse o que desejava.

Ele tossiu, constrangido, antes de acrescentar:

— Em particular.

Ela assentiu e seguiu-o até o lugar em frente ao camarote destinado aos visitantes. Depois de olhar atentamente ao redor, para certificar-se de que ninguém poderia ouvi-los, o treinador disse:

— Srta. Carruthers, que diabo está querendo fazer com meu time?

Ela ficou aturdida.

— Eu... eu não estou entendendo. ..

— Será que não pode ver? Nos quinze minutos em que está aqui, meus rapazes perderam dois lances fáceis, o outfielder pisou num buraco e o pitcher não acertou uma bola.

A Srta. Carruthers ainda não estava entendendo.

— E o que isso tem a ver comigo, Sr. Loring?

Ele quase explodiu.

— Tem que tirar essas garotas daqui, ou não terei mais nenhum time quando começar a temporada!

— Sr. Loring, como pode dizer uma coisa dessas? Minhas garotas não estão interferindo em seus jogadores. Elas estão simplesmente cumprindo suas obrigações.

— A obrigação delas é estimular o time, e não fazer os rapazes perderem a cabeça. Olhe só para aquela! — Apontou para uma das moças e acrescentou: — Tudo nela está saltando para fora!

— Está se referindo a JeriLee?

— Essa mesma! — disse o treinador, furioso. — O que se vê na frente da blusa dela não são botões!

A Srta. Carruthers ficou em silêncio por um momento, observando JeriLee. Não havia a menor dúvida quanto às animais propriedades femininas dela. Os mamilos eram duros e bem-definidos, mesmo sob a blusa folgada.

— Entendo o que está querendo dizer...

— Tem que tomar alguma providência com ela, Srta. Carruthers. Faça-a usar um sutiã ou algo assim.

— Todas as minhas garotas usam sutiã!

— Então faça-a usar um sutiã do tamanho apropriado!

Nesse exato momento, houve um estrondo do outro lado do campo. Um outfielder correria direto para cima da cerca e se estatelara no chão. Imediatamente, os outros jogadores começaram a se agrupar em torno dele. O treinador atravessou o campo correndo. Ao chegar

ao outro lado, o rapaz estava sentado no chão, meio tonto.

— Mas que diabo, Bernie! — gritou o treinador, furioso. — O que está tentando fazer? Matar-se?

— Não, senhor. Eu estava tentando pegar a bola, mas fiquei ofuscado pelo sol.

Loring virou-se e olhou para o céu.

— Sol? Mas que sol? O céu está coberto de nuvens!

Ele olhou então para o outro lado do campo e viu JeriLee. Mesmo àquela distância, podia avistar os movimentos dos seios dela. Loring não se conteve mais e berrou:

— Srta. Carruthers, tire essas garotas do meu campo!

Bernie estava esperando por JeriLee depois do treinamento. Ele se emparelhou com ela, seguindo ambos na direção do ponto de ônibus.

— Você se machucou, Bernie?

Ele sacudiu a cabeça.

— Mas bateu com toda a força naquela cerca. Devia olhar para onde vai. Em que estava pensando?

— É que eu estava olhando para você...

— Mas que absurdo! Você devia estar olhando para a bola.

— Sei disso. Foi o que o treinador me disse.

— Então por que você estava olhando para mim?

— Não sabe por que?

— Não — disse JeriLee, começando a ficar aborrecida. — Não tenho a menor ideia.

— Você cresceu bastante desde o ano passado.

— Mas claro que cresci, seu estúpido! E você também cresceu.

— Não era desse crescimento que eu estava falando — disse Bernie, erguendo a mão acima da cabeça. — Mas deste! — E esticou as mãos na frente do peito.

— Está querendo dizer... ?

— Igualzinho a Marilyn Monroe — falou o rapaz. — É o que todos os rapazes estão dizendo.

JeriLee corou e, involuntariamente, baixou os olhos para contemplar-se.

— Eles são horríveis... — murmurou ela.

Mas, ao mesmo tempo, sentiu os mamilos endurecerem e um estranho calor lhe percorrer o corpo.

Capítulo 4

O Praia Clube, em Point, abria para a temporada em meados de maio. Os veranistas começavam a vir de Nova York, primeiro para os fins de semana e depois, quando as aulas terminavam, para ficar todos os dias. A essa altura, o clube ficava cheio de crianças, durante os dias úteis. Nos fins de semana, os pais se estendiam ao sol, exaustos depois de algumas horas de tênis ou golfe. Todas as noites de sábado, havia um grande jantar dançante para os sócios.

Para os jovens locais, trabalhar no clube era uma honra. Foi Bernie quem primeiro deu a ideia a JeriLee de que ela deveria candidatar-se a uma das vagas.

— Vou trabalhar no clube neste verão, JeriLee.

— Fazendo o quê?

— Salva-vidas.

— Mas você não nada muito bem. Até eu sei nadar muito melhor do que você.

Bernie sorriu.

— Eles sabem disso.

— E mesmo assim o contrataram?

— É que eles acham que eu sou bastante grande e os garotos irão obedecer-me — confirmou ele.

Aos dezessete anos, Bernie já tinha mais de um metro e oitenta, ombros largos, corpo musculoso.

— Além disso, eles já contrataram dois excelentes nadadores para tomarem conta da praia. É onde realmente precisam de salva-vidas. Eu vou trabalhar na piscina, onde não haverá problemas.

— É onde todas as garotas de Nova York costumam ficar — disse JeriLee, sentindo uma estranha pontada de ciúme. — Você realmente deu um bom golpe, Bernie.

— Pare com isso, JeriLee. — Ele corou. — Você sabe muito bem que não olho para nenhuma outra garota.

— Mesmo quando elas aparecem com aqueles maiôs de duas peças... daquele tipo que os franceses chamam de biquínis?

— Mesmo assim, elas não chegam a seus pés, JeriLee — disse Bernie, um tanto constrangido. — Por que você não arruma um emprego lá?

— Para fazer o quê?

— Ouvi o Sr. Corcoran dizer a alguém que estão precisando de garçonetes. Não é um emprego muito ruim. Apenas algumas horas de trabalho, no almoço e no jantar. Nos intervalos, você pode fazer o que bem quiser. E poderemos então nos encontrar.

— Não sei... — murmurou JeriLee, indecisa. — Não creio que meu pai vá gostar. Você sabe o que ele pensa a respeito dos veranistas.

— Por que não pergunta a ele?

— O que o faz pensar que eu conseguirei o lugar?

— O Sr. Corcoran disse que muitas das moças que ele entrevistou não eram bastante bonitas. Ele acha que é muito importante, para o clube, ter gente bonita trabalhando lá. — Fitou-a por um momento e depois acrescentou: — Tenho certeza de que você não vai ter problemas.

— Acha mesmo? — perguntou JeriLee, com um sorriso. Ele assentiu.

— Sendo assim, acho que vou pedir a meu pai.

O pai concordou em que era uma boa ideia. Ele já notara o desenvolvimento de JeriLee e o súbito interesse dos rapazes por ela. Estava preocupado, com receio de não haver com que ocupá-la, quando as aulas terminassem. Depois que ele consentiu e arrumou a entrevista com o Sr. Corcoran, o emprego de JeriLee estava garantido, pois o banco detinha a hipoteca do clube.



Até as aulas terminarem, JeriLee trabalhou apenas nos fins de semana. Ao meio-dia, ela servia o almoço, junto à piscina. Nas noites de sábado, trabalhava no restaurante do clube.

O almoço não era problema, porque o cardápio era simples, principalmente hambúrgueres e cachorros-quentes, além de alguns pedidos de salada de repolho ou de batata e uns poucos pratos de batatas fritas. Depois que o almoço terminava, por volta das três e meia, JeriLee ficava livre até as seis horas, quando se apresentava no restaurante, a fim de ajudar a preparar as mesas.

As três outras moças com quem ela trabalhava já serviam ali havia duas temporadas e conheciam tudo. Em consequência, JeriLee sempre ficava com os piores trabalhos. O jantar tornava-se um trabalho ainda mais difícil porque o maître e o chef eram irmãos italianos e criavam um ambiente de pânico, a gritar continuamente um com o outro em italiano e a berrar para os demais num inglês estropiado.

Depois que as aulas terminaram e as famílias de veranistas se fixaram definitivamente para a temporada, havia baile todas as noites de sábado. Pequenas orquestras eram trazidas de Nova York. Quando o restaurante fechava, JeriLee e as outras moças iam para o bar onde estava localizada a pista de danças e ficavam sentadas no terraço, ouvindo a música e vendo os sócios dançarem. Bernie era um dos dois rapazes que ficavam empurrando as mesinhas de coquetéis em torno da pista de danças. JeriLee esperava até que ele terminasse o serviço, para levá-la para casa, geralmente por volta de uma hora da madrugada.

O pai de Bernie dera entrada para que ele comprasse um Plymouth Belvedere 1949, conversível. O pagamento das prestações consumia praticamente todo o dinheiro que o rapaz ganhava no clube. Durante aquele verão, entre as responsabilidades com o carro e o emprego, Bernie parecia ter adquirido uma grande maturidade, juntamente com a pele bronzeada e os cabelos desbotados pelo sol. Ele não era mais apenas um rapaz.

As jovens sócias do clube também causaram algum efeito em Bernie. Como salva-vidas na piscina, ele era um dos poucos rapazes que estavam sempre por perto. Assim, era inevitável que elas tentassem experimentar os seus encantos em cima dele.

JeriLee assistia a tudo nas tardes em que vestia o maiô e ia à piscina para refrescar-se um pouco. As moças estavam sempre pedindo que Bernie fosse buscar-lhes uma Coca-Cola, cigarros ou uma toalha, estavam sempre querendo que ele lhes ensinasse a nadar direito ou a mergulhar. JeriLee sentia uma pontada de ciúme

ao ver que Bernie se regozijava com toda aquela atenção. Mas jamais disse coisa alguma que pudesse indicar que o percebera.

Em vez disso, ela entrava na piscina e começava a nadar de um lado para outro, em braçadas firmes, até que os braços ficavam cansados, parecendo de chumbo. Saía então da piscina, do outro lado, longe da cadeira em que ficava o salva-vidas, deitando-se em cima de uma toalha estendida sobre o chão de concreto e pondo-se a ler um livro. Quando chegava a hora de voltar ao trabalho, pegava suas coisas e ia embora, sem ao menos olhar para trás.

Depois de algum tempo, Bernie começou a notar a atitude distante de JeriLee. Uma noite, ao levá-la para casa, perguntou:

— Por que não fala comigo quando vai à piscina de tarde?

— Preste atenção na estrada, Bernie.

— Está zangada comigo por algum motivo?

— Não, Bernie. Você conhece as regras tanto quanto eu. O Sr. Corcoran não gosta que os empregados fiquem conversando, quando os sócios estão por perto.

— Ora, JeriLee, ninguém dá a menor importância a isso. E você sabe muito bem.

— Além disso, você está sempre muito ocupado. — JeriLee passou a falar num sotaque nova-yorkino, imitando as sócias: — Bernie, não acha que minha braçada está muito curta? Bernie, eu adoraria tomar uma Coca-Cola. Bernie, não quer acender meu cigarro?

— Você fala como se estivesse com ciúmes.

— Não estou, não!

— Isso faz parte do meu trabalho — disse Bernie, caindo na defensiva.

— Claro, claro — disse JeriLee, com um tom de sarcasmo.

Bernie ficou em silêncio, seguindo pela estrada. Entrou no estacionamento, de onde se descortinava o estreito, desligando o motor. Havia uns poucos carros parados ali, todos com os motores desligados e as luzes apagadas. Ainda era cedo. Depois que os clubes e bares fechassem, às duas horas da madrugada, aquele lugar ficaria repleto de carros. Do rádio de um dos carros vinha o som fraco de música.

Bernie virou-se e estendeu as mãos para JeriLee. Ela afastou as mãos dele.

— Estou muito cansada, Bernie. Quero ir logo para casa.

— Você está com ciúmes.

— Apenas não gosto que elas o façam bancar o tolo.

— Elas não me estão fazendo de tolo. Mas não posso deixar de tratar bem todas as sócias.

— Claro, claro...

— Além do mais, não há uma só que chegue a seus pés, JeriLee. Todas elas são falsas e artificiais.

— Está falando sério?

Ele assentiu.

— Até mesmo Marian Daley?

Marian Daley, uma loura de dezessete anos, sempre fora muito mimada pelos pais. Usava os menores biquínis do clube, e dizia-se que era ainda mais maluca que as garotas de Nova York.

— Ela é a mais falsa de todas, JeriLee. Todos os rapazes sabem que ela só gosta de provocá-los.

Sem o saber, Bernie dissera exatamente o que JeriLee operava ouvir. Ela abrandou imediatamente.

— Eu já estava começando a imaginar coisas. Ela não o deixa em paz um só momento.

— Ela nunca deixa nenhum rapaz em paz!

Bernie tornou a estender as mãos para JeriLee. Ela chegou para mais perto dele, erguendo o rosto, à espera do beijo. Depois de um momento, JeriLee apoiou a cabeça no ombro dele.

— Está tudo tão quieto aqui, Bernie...

— Está, sim — disse ele, erguendo o rosto dela e beijando-a novamente.

Dessa vez, os lábios dele apertaram com mais força, mais sofregamente. JeriLee sentiu o excitação dele e a sua própria reação. O coração dela começou a bater mais forte. Entreabriu a boca, e a língua de Bernie foi encontrar-se com a sua. Ela sentiu um calor invadir-lhe o corpo, deixando-a estranhamente fraca. Chegou o corpo para mais junto dele, apertando-o.

As mãos de Bernie desceram pelos ombros dela, segurando-lhe os seios. Ele sentiu os mamilos endurecerem.

— Oh, Deus... — gemeu Bernie baixinho, tentando abrir a blusa dela.

JeriLee segurou a mão dele, detendo-o.

— Não, Bernie, por favor... Não estrague tudo...

— Está me deixando louco, JeriLee. Quero apenas tocá-los, nada mais.

— Não dá, Bernie. Você sabe muito bem que isso sempre

acaba levando a outras coisas.

— Mas que diabo! — disse Bernie, numa raiva súbita, afastando as mãos. — Você provoca a gente mais que Marian Daley. Ela pelo menos deixa que o cara toque seus peitos.

— Pois então saia com ela.

— Não quero! — Bernie acendeu um cigarro.

— Pensei que você não pudesse fumar.

— Não estou em período de treinamento.

— Como pode saber o que Marian deixa fazer ou não, se nunca saiu com ela?

— Conheço uma porção de gente que saiu. E eu também poderia ter saído, se quisesse.

— Mas por que não sai, se é isso o que está querendo?

— Não é ela que eu quero e sim você. Você é que é minha garota e não quero saber de nenhuma outra.

JeriLee percebeu que o rosto dele estava transtornado, com uma expressão magoada.

— Bernie, somos jovens demais para fazer essas coisas.

Mas mesmo enquanto falava, JeriLee sentia estranhas correntes elétricas percorrendo seu corpo, impelindo-a cada vez mais de encontro à consciência sexual.

Capítulo 5

— É nova por aqui, não é?

JeriLee estava deitada ao lado da piscina, com o rosto virado para baixo. Ao abrir os olhos, a primeira coisa que ela viu foram os pés muito brancos dele, de morador da cidade. Ela rolou para o lado e levantou os olhos semicerrados, por causa do sol.

O rapaz era alto, embora não tão alto e largo como Bernie, mas mesmo assim bastante forte, de cabelos pretos, encaracolados. Ele sorriu.

— Vou comprar-lhe uma Coca-Cola.

JeriLee sentou-se e disse polidamente:

— Não, obrigada.

— Ora, deixe disso. Somos todos amigos aqui.

— Eu trabalho aqui — disse ela, sacudindo a cabeça. — É contra os regulamentos.

— Os regulamentos são uma estupidez — disse o rapaz, sorrindo e estendendo-lhe a mão. — Eu sou Walt.

— E eu sou JeriLee. — Ela apertou a mão dele e foi bruscamente levantada.

— De qualquer maneira, vou comprar-lhe uma Coca-Cola. Quero ver alguém tentar impedir-me.

— Por favor, não faça isso. Não quero confusões comigo. — Ela recolheu a toalha e acrescentou: — Além do mais, tenho que ir pôr as mesas para o jantar. — E começou a afastar-se.

— Talvez possamos encontrar-nos na dança, mais tarde.

— Também não temos permissão para ir à dança.

— Então poderemos ir a outro lugar, para dançarmos um pouco.

— Já será muito tarde. Terei que voltar para casa.

— Algo me diz que você não está querendo sair comigo.

Sem responder, JeriLee afastou-se apressadamente, com uma estranha sensação a embrulhar-lhe o estômago e provocando-

lhe uma tremedeira nas pernas.

Naquela noite, ela tornou a vê-lo, no restaurante, com um grupo de rapazes e moças. Estava sentado ao lado de Marian Daley e parecia profundamente interessado na conversa dela. Ele levantou os olhos de repente e viu-a passando. Sorriu e meneou a cabeça em sua direção. JeriLee passou pela porta de vaivém que dava para a cozinha, sentindo novamente aquela estranha sensação de fraqueza. Ficou contente por ele não estar numa das mesas que tinha de servir.

— Vai ver a dança esta noite? — perguntou Lisa, uma das garçonetes, no momento em que arrumavam os últimos pratos.

JeriLee terminou de enxugar as mãos.

— Acho que não. Vou direto para casa.

— Dizem que o cantor que vai apresentar-se esta noite é igualzinho ao Sinatra.

— Estou muito cansada hoje. Se encontrar Bernie, avise a ele que fui direto para casa. Acho que ainda posso pegar o ônibus das onze e meia.

— Está certo, JeriLee. Até amanhã.

— Até amanhã, Lisa. Divirta-se.

Ela foi ouvindo os acordes da música, ao se afastar da sede do clube. Imaginou a cena na pista de danças.

Ele estava dançando com Marian Daley, os dois bem apertados. Os seios dela ameaçavam pular por cima do decote e ela sorria, os lábios úmidos e entreabertos. Ele olhava para o decote e os dois passavam a dançar ainda mais colados. Depois, ele sussurrava alguma coisa no ouvido dela. Marian ria e assentia. Um momento depois, os dois deixavam a sala e seguiam para o carro dele.

Tudo parecia tão real que, por um segundo, JeriLee chegou a pensar que ia vê-los no estacionamento. Ela começou a andar mais depressa, só para não os encontrar. Mas estacou bruscamente.

JeriLee, disse ela a si mesma, o que há com você? Será que está ficando louca?

— Está indo pegar o ônibus, JeriLee? — disse alguém, atrás dela.

Ela virou-se. Era Martin Finnegan, um dos salva-vidas da praia, que trabalhava no restaurante nas noites de sábado. Todos o achavam um tanto estranho, porque ele não era de conversar com

ninguém.

— Vou, sim, Martin.

— Importa-se se eu a acompanhar?

— Claro que não.

Em silêncio, o rapaz pôs-se a andar ao lado dela.

Percorreram quase um quarteirão antes que ele finalmente falasse:

— Você e Bernie brigaram?

— Não. Mas por que pergunta?

— Nunca a vi voltar de ônibus antes.

— É que estou cansada demais para ficar assistindo à dança esta noite. Você também nunca fica para a dança, não é?

— Não.

— Não gosta de dançar?

— Claro que gosto.

— Então por que não fica?

— Porque tenho de acordar muito cedo para trabalhar.

— Você só começa a trabalhar na praia às dez e meia.

— Mas eu trabalho com Lassky nas manhãs de domingo e tenho que estar na estação às cinco horas, para pegar os jornais de Nova York. Durante a semana, vocês recebem em casa o Herald Tribune, mas nos domingos querem também o Times.

— Como é que sabe disso?

— Sou eu que separo os jornais que são entregues em casa. Sei exatamente o que cada um lê.

— Isso é muito interessante...

— Claro que é. É surpreendente o quanto se pode saber das pessoas, pelo conhecimento dos jornais que cada um lê. O chefe do seu pai, por exemplo, o Sr. Carson, adora ler o Daily Mirror.

— O Daily Mirror? Mas por que será?

— Eu sei por quê — disse Martin, sorrindo. — É o único jornal que publica os resultados das corridas de cavalos nas pistas de todo o país. Muitas vezes eu me pergunto o que pensariam as pessoas se soubessem que o presidente do único banco da cidade gosta de apostar em corridas de cavalos.

— Acha mesmo que ele aposta?

— Lassky também encomenda o Green Sheet, que é um jornal exclusivamente sobre corridas de cavalos.

Eles estavam quase no ponto de ônibus.

— Você está namorando firme com Bernie?

— Ele é um bom amigo.

— Bernie diz que você é a namorada dele.

— Gosto muito de Bernie, mas ele não tem o direito de dizer uma coisa dessas.

— Você sairia com outro rapaz, se ele a convidasse?

— É possível.

— Sairia comigo?

JeriLee não respondeu.

— Não tenho tanto dinheiro quanto Bernie e também não tenho carro, mas posso levá-la a um cinema e depois oferecer-lhe uma Coca-Cola, uma noite dessas. Se você quiser. — A voz dele era hesitante.

— Talvez possamos mesmo, uma noite dessas — disse JeriLee, gentilmente. — Mas se sairmos, vamos rachar as despesas.

— Não é preciso. Pelo menos isso posso pagar-lhe.

— Eu sei. Mas sempre que saio com Bernie, cada um paga a sua.

— É mesmo?

— É, sim.

— Então está certo — disse ele, sorrindo subitamente. —

Ufa, não sabe como estou me sentindo bem. Tive vontade de convidá-la uma porção de vezes, mas sempre tive medo.

— Não foi muito difícil, não é? — disse ela, rindo.

— Claro que não. Uma noite da próxima semana?

— Está bem.

O ônibus freou no ponto e a porta se abriu. Ele insistiu em pagar a passagem de JeriLee. Como custava apenas dez cents, ela deixou.

— Puxa, JeriLee, como você é bacana!

— E devo dizer que também não é de todo ruim, Sr.

Finnegan. — Notou que Martin estava carregando um livro e perguntou: — O que está lendo?

— The young manhood of Studs Lonigan, de James T. Farrell.

— Nunca ouvi falar. É bom?

— Acho que sim. De certa forma, faz-me lembrar de minha própria família. É a história de uma família irlandesa no South Side de Chicago.

— Quer me emprestar, quando acabar de ler?

— Peguei na biblioteca. Mas vou renovar o pedido e lhe emprestarei na semana que vem.

JeriLee olhou pela janela. Estavam quase chegando ao ponto em que ela saltava.

— Vou saltar aqui.

— Eu a deixarei na porta de casa — disse Martin, levantando-se junto com ela.

— Não precisa, Martin. Chegarei bem a casa.

— Já é quase meia-noite — falou ele, firmemente. — Eu a acompanharei até sua casa.

— Mas terá que esperar meia hora pelo próximo ônibus!

— Não há problema.

Chegando à porta de sua casa, JeriLee virou-se para ele.

— Muito obrigada, Martin.

— Obrigado a você, JeriLee. — Apertou-lhe a mão. — Não se esqueça de que prometeu que poderíamos ir a um cinema juntos.

— Não esquecerei.

— E eu não esquecerei de lhe emprestar o livro. Boa noite.

— Boa noite, Martin. — Ficou observando-o descer os degraus da varanda, depois virou-se e entrou em casa.

Os pais estavam na sala de estar, assistindo à televisão. Levantaram os olhos, quando ela entrou.

— Não ouvi o carro de Bernie — comentou a mãe.

— Vim de ônibus. Não fiquei lá no clube para ver a dança.

— Está se sentindo bem, querida?

— Claro que estou, mamãe. Apenas me sinto um pouco cansada.

— Veio para casa sozinha? — perguntou John. — Não me agrada a ideia de você andar sozinha pelas ruas tão tarde assim. Da próxima vez, deve telefonar e eu irei buscá-la.

— Não vim sozinha. Martin Finnegan trouxe-me até a porta de casa. — JeriLee percebeu a mudança de expressão no rosto do pai e tratou de acrescentar: — Ele se mostrou muito atencioso.

— Pode ser um bom rapaz, mas a família dele tem péssima reputação. O pai há anos que não trabalha e passa quase o tempo todo nos bares. A esposa faz a mesma coisa. Não sei como eles conseguem arrumar-se.

— Martin é diferente. Sabia que ele trabalha com Lassky todas as manhãs e depois vai para o Praia Clube?

— O que mostra que ele é um bom rapaz. Mesmo assim, eu não gostaria que se encontrasse muito com ele. Não quero que as pessoas pensem que aprovo uma família como aquela.

— Não creio que seja da conta das outras pessoas saber com quem nos encontramos ou deixamos de nos encontrar.

— Quando se é banqueiro, tudo o que se faz é da conta dos nossos vizinhos. De que outra maneira eles iriam depositar em nós toda a confiança?

JeriLee pensou no Sr. Carson e no que Martin lhe contara a respeito dele. Por um momento, sentiu-se tentada a contar a história ao pai, mas acabou ficando calada. E limitou-se a dizer:

— Estou cansada hoje. Vou tomar um banho quente e cair na cama.

JeriLee deu um beijo de boa-noite nos pais e subiu a escada, indo para seu quarto. Abriu a torneira da banheira e começou a despir-se. Pensou primeiro em Martin e depois em Walt. Novamente, sentiu aquele calor estranho percorrer-lhe o corpo, a mesma fraqueza nas pernas.

Contemplou seu corpo nu no espelho do armário. A brancura dos seios contrastava com o bronzeado do resto do corpo. Os mamilos doíam e pareciam estar querendo explodir para fora dos seios. Ela tocou-os. Um estranho excitamento invadiu-lhe o corpo, culminando com uma onda de calor no púbis. Ela estendeu a mão para o armário, a fim de não perder o equilíbrio.

Entrou na banheira cheia de água quente e deitou-se. Sentia uma dor entre as pernas e uma comichão nos seios, como nunca antes lhe acontecera. A água quente envolvia-a, de maneira agradável. Lentamente, começou a ensaboar-se. A mão desceu pelo corpo, aumentando cada vez mais um prazer doloroso. Quase como num sonho, ela tocou o púbis, o sabonete transformando-se em espuma, sobre os pêlos. Fechou os olhos, sentindo o calor e o excitamento dominarem-na completamente. Os movimentos da mão tornaram-se quase automáticos.

Quando o rosto de Walt apareceu à sua frente, todos os músculos da virilha se expandiram e depois se contraíram, numa explosão estranha e angustiante. JeriLee quase soltou um grito, no êxtase do seu primeiro orgasmo. Depois, a sensação desapareceu, deixando-a inerte, satisfeita, mas também estranhamente vazia.

Será que o amor era realmente assim?, perguntou-se ela. E pelo resto da noite, deitada na cama, insone, continuou a se

perguntar e a imaginar.

Capítulo 6

Subitamente, estava em toda parte, ao redor dela — nas revistas, jornais e livros que ela via, nos filmes a que assistia, nos anúncios e comerciais da televisão, na conversa das amigas. E tudo contribuía para aumentar cada vez mais a consciência de sua própria sexualidade.

Parecia que Walt desencadeara uma reação que a impelia inapelavelmente por uma estrada que ela não tinha muita certeza de querer trilhar. Insegura sobre as novas sensações, ela procurava conter o impulso de explorar, sem realmente saber o que queria descobrir.

Seus sonhos eram agora repletos de fantasias sexuais, envolvendo todas as pessoas que conhecia, até mesmo os pais e o irmão. Pela manhã, ela acordava exausta, de tanto lutar com o sono.

Durante todo esse período de confusão interior, JeriLee permaneceu, exteriormente, como que inalterada. Talvez se mostrasse um pouco mais rígida em seu relacionamento com os rapazes, porque não confiava em si mesma. Começou a procurar evitar contatos com os rapazes, até mesmo com Bernie, sempre que possível. Agora, já não ficava esperando que ele a levasse para casa. Saía mais cedo, a fim de ir refugiar-se na segurança de sua cama. Um dia, Bernie finalmente pressionou-a:

— Mas o que há com você, JeriLee? Fiz alguma coisa errada?

— Não sei do que você está falando. — Corou. — Não há nada comigo.

— Faz mais de duas semanas que não ficamos a sós. Você nunca mais me deixou levá-la para casa.

— Isso nada significa. Apenas me cansei de ficar esperando você acabar o serviço.

— É isso mesmo?

— É.

— Mas vai esperar por mim esta noite?

Ela hesitou por um momento, depois acabou concordando.

— Está certo. — Sentindo-se sufocada e quase em lágrimas, JeriLee foi preparar as mesas do restaurante para o jantar.

Ao saírem do Praia Clube, Bernie seguiu direto para o estacionamento na extremidade do promontório. Muito tensa, JeriLee pediu:

— Não vamos parar esta noite, Bernie. Estou muito cansada.

— Eu queria apenas conversar um pouco com você — disse ele, desligando o motor. A música do rádio do carro se espalhava pelo ar noturno. Bernie acendeu um cigarro.

— Você continua fumando, Bernie.

— Tem razão. — Bernie olhou para ela. A moça estava encostada na porta do outro lado, o mais longe possível dele: — Não gosta mais de mim, JeriLee?

— Continuo gostando de você tanto quanto antes.

— Há outro, JeriLee? Sei que você foi ao cinema com Martin, há cerca de duas semanas.

Ela limitou-se a sacudir a cabeça. Visivelmente confuso, Bernie murmurou:

— Não estou entendendo mais nada...

— Leve-me para casa, Bernie.

— JeriLee, eu a amo.

As palavras abriram as comportas. JeriLee desatou a chorar subitamente, cobrindo o rosto com as mãos, o corpo sacudido por soluços. Bernie estendeu as mãos e puxou-a para junto de si, perguntando gentilmente:

— Qual é o problema, JeriLee?

— Não sei — disse ela, a voz abafada pelo rosto comprimido contra o ombro dele. — Acho que estou ficando doida. Tenho tido alguns pensamentos de doida.

— Que pensamentos?

— Não posso falar. São horríveis demais. — Ela recuperou o autocontrole rapidamente. — Desculpe, Bernie.

— Não há nada para desculpar. Eu apenas gostaria de poder ajudá-la.

Bernie pôs a mão debaixo do queixo dela e levantou-lhe o rosto, beijando-a gentilmente. A princípio, os lábios dela eram macios e trêmulos. Depois, subitamente a língua de JeriLee forçou a passagem para dentro da boca de Bernie.

Por um momento, ele ficou surpreso, depois reagiu ao excitação dela. Com força, puxou-a para mais perto de si, esmagando-lhe os seios contra seu peito.

Hesitante, ele colocou a mão sobre um dos seios de JeriLee. Ouviu a respiração dela se acelerar. Mas, dessa vez, JeriLee não a repeliu, como sempre fazia. Animado pela falta de resistência dela, Bernie enfiou a mão por dentro do vestido e do sutiã. Sentiu a carne quente do seio de JeriLee, o mamilo se endurecendo sob seus dedos. Enquanto ela gemia e começava a tremer, Bernie sentiu que começava a endurecer por baixo da calça muito apertada.

— JeriLee!

Ele forçou-a a estender-se sobre o banco, quase cobrindo-a totalmente com seu corpo. Puxou o vestido dela e um dos seios pulou fora, livre. Bernie pôs-se a beijar o mamilo saliente. Apertou-a, comprimindo-se de encontro a ela.

A sensação era por demais intensa. O orgasmo apanhou Bernie de surpresa. Ele estremeceu, espasmodicamente, a ejaculação passando incontrolável através da calça.

— Oh, Deus! — murmurou ele, ficando imóvel.

JeriLee continuou a mexer-se por mais um instante, os olhos fechados. Depois, parou também e abriu os olhos.

Bernie fitou-a nos olhos. Havia na expressão dela algo que ele nunca vira antes. Era como se ela tivesse descoberto e confirmado algo que sempre soubera. Bernie sentou-se, sem tirar os olhos dela. Ele molhara a própria calça e o vestido dela.

— Desculpe, JeriLee.

— Não há problema.

— Perdi a cabeça. E manchei seu vestido.

Ela sentou-se, lentamente.

— Não se preocupe com isso, Bernie. — Subitamente, JeriLee parecia extremamente calma.

— Prometo que isso nunca mais vai acontecer.

— Eu sei, Bernie. Poderia levar-me para casa agora?

— Está zangada comigo?

— Não, Bernie. Não estou zangada com você. — Depois,

JeriLee sorriu e beijou-o no rosto rapidamente. — Obrigada.

— Obrigada de quê?

— De me ajudar a compreender.

Bernie levou-a até a casa dela, sem saber o que ela quisera dizer.



Por mais estranho que possa parecer, tudo tornou-se mais fácil depois disso. Tendo confirmado os piores receios a respeito de si mesma, JeriLee começou a aceitar a própria sexualidade. Infelizmente, ela não tinha ninguém com quem pudesse conversar. A mãe era a última pessoa do mundo com quem poderia entrar em confidências.

Verônica pertencia àquela geração de antes da guerra, para a qual as regras eram muito rígidas e bem simples. As meninas decentes não pensavam em tais coisas, as meninas más eram punidas ou ficavam grávidas. Em sua própria cama, Verônica mostrava-se sempre reservada e decorosa. Mesmo com o primeiro marido, o pai de JeriLee, que tinha a capacidade de excitá-la quase além de qualquer controle, Verônica sempre conseguia parar a tempo, pouco antes de chegar ao orgasmo. E ela nunca sentia falta. Uma mulher decente tinha muitas outras coisas com que ocupar seus pensamentos. O sexo era algo accidental. As coisas importantes eram manter um lar em boas condições e criar uma família adequadamente. E Verônica sentia-se feliz pelo fato de o segundo marido ser tão conservador quanto ela. John Randall não fora para a guerra, o que o deixara bastante desapontado. Ele bem que se apresentara diversas vezes, mas fora sempre rejeitado. Enquanto os outros partiam para a guerra, ele permaneceu em seu trabalho no banco. Como era um dos poucos jovens que haviam ficado, teve automaticamente várias promoções. Verônica Gerraghty começou a trabalhar no banco durante a guerra, quando o marido estava longe. E desde então John Randall ficou impressionado com ela.

Verônica não era como a maioria das jovens casadas, que viviam dizendo que sentiam muita saudade do marido, ao mesmo

tempo em que insinuavam encontros e outras promessas. Verônica era sossegada e simpática. Sorria frequentemente, mas era um sorriso cordial, não um convite. Depois que o marido voltara da guerra, John Randall deixou de vê-la, exceto nas ocasiões em que Verônica aparecia no banco, para fazer um depósito ou uma retirada. Nessas ocasiões, Verônica sempre passava pela mesa dele e lhe perguntava como ia passando. E era sempre muito cordial.

Aconteceu então a tragédia. O marido de Verônica morreu num acidente de automóvel, na estrada, logo depois da saída da cidade, de madrugada. Houve rumores sobre o acidente. Bob sempre fora um homem impetuoso. E naquela noite ele andara bebendo e fora visto em companhia de uma mulher de má reputação. Mas nada disso foi noticiado no relato publicado pelo jornal da cidade sobre a morte do primeiro herói de guerra de Port Clare.

John Randall verificou a ficha de Bob Gerraghty logo depois da morte. Para um homem tão extravagante, os negócios dele estavam admiravelmente em boa ordem. Na ocasião, ele tinha pensado que a Sra. Gerraghty era provavelmente a responsável por tal situação. Eles tinham mais de onze mil dólares na conta de poupança conjunta e cerca de setecentos dólares na conta corrente. Ela possuía também dois mil dólares em bônus de guerra. A hipoteca da casa, feita pelo banco, ficava totalmente liquidada pelo seguro, da mesma forma que um pequeno empréstimo de mil dólares, contraído por Bob Gerraghty um mês antes de morrer. Havia também o seguro de vida de ex-combatente, no valor de dez mil dólares, convertido em seguro comum. John Randall fora informado também de que existiam outros seguros de vida, cujo total não pudera determinar. Além de tudo isso, a viúva ainda teria direito a pensões para si e para as crianças. Assim, ela ficava em melhor situação do que a maioria das pessoas pensava.

John Randall enviou uma mensagem de condolências a Verônica e recebeu um telefonema polido de agradecimento. Poucas semanas depois do funeral, ela apareceu no banco e John Randall ajudou-a a passar as contas para o nome dela. Depois disso, ele não a viu por quase dois meses. Foi então que Verônica tornou a procurá-lo, querendo saber se não havia um emprego para ela no banco. Declarou que não agia assim em decorrência de pressão financeira, mas porque queria sentir que estava ajudando a

manter-se. John Randall pensou que ela demonstrava com isso um extraordinário bom senso. Se mais mulheres fossem assim, elas teriam menos problemas. Felizmente, acabara de se abrir uma vaga no banco. Verônica começou a trabalhar na semana seguinte, como caixa do guichê de contas de poupança.

Ela estava trabalhando no banco havia uns três meses quando John Randall a convidou para saírem. Ela hesitou.

— Não sei.. . Talvez seja cedo demais. As pessoas poderiam não achar direito.

Ele assentiu, concordando. Sabia o que ela estava pensando. O Sr. Carson, presidente do banco, era um presbiteriano austero e tinha ideias próprias sobre a maneira como seus empregados deveriam comportar-se. Não deixava de falar sobre a influência desagregadora do pensamento moderno na moral do país.

— Esperarei mais um pouco — assegurou John Randall.

— Obrigada — disse ela.



Três meses se passaram antes que eles saíssem juntos pela primeira vez. Foram ao cinema e depois jantaram num restaurante. Verônica chegou a casa às onze horas da noite e ele despediu-se na porta. Ao voltar para seu carro, John Randall sentia-se extremamente satisfeito. Era uma casinha maravilhosa, limpa, bem-cuidada, num bairro bom. Verônica daria uma excelente esposa para qualquer homem, até mesmo para um futuro presidente de banco.

Eles passaram a lua-de-mel nas cataratas do Niagara. Na primeira noite, John ficou parado diante da janela, de pijama novo e roupão de seda. A garrafa de champanha que o hotel oferecia a todos os recém-casados estava num balde de gelo a seu lado. O folheto prometia uma vista das cataratas, mas esquecera de mencionar que -se podia ver apenas uma parte minúscula, por entre as fachadas dos dois hotéis que havia em frente. John estava contemplando o céu nublado quando ouviu Verônica entrar no quarto.

Ela usava uma camisola de seda, com rendas na altura dos seios, sob o négligé transparente. Havia uma expressão quase assustada em seu rosto.

— Quer tomar champanha, Verônica?

Ela assentiu. Desajeitadamente, John abriu a garrafa. A rolha saltou e ricocheteou no teto. Ele riu.

— É assim que se pode distinguir um champanha bom de outro ruim. Se a rolha pula ou não.

Ela riu também. John encheu duas taças e entregou uma a Verônica.

— Um brinde... a nós.

Eles tomaram um gole do champanha.

— Está ótimo, John.

— Venha até a janela para ver a paisagem.

Verônica fitou-o nos olhos por um momento, depois sacudiu a cabeça.

— Acho que vou para a cama. Estou um pouco cansada da viagem de carro.

John ficou observando-a tirar o négligé e colocá-lo nas costas de uma cadeira, deitar-se na cama e fechar os olhos.

— Há muita luz para você, querida?

Verônica assentiu, sem abrir os olhos. John apagou a luz do teto e foi para o outro lado da cama. Podia ouvi-la respirar suavemente. Hesitante, estendeu a mão e tocou-a no ombro.

Ela não se mexeu.

Ele virou o rosto dela em sua direção. À luz fraca, viu que os olhos de Verônica estavam abertos.

— Vai ter que me ajudar... — disse ele, embaraçado. — Eu nunca... você sabe... — Sua voz falhou.

— Está querendo dizer... ?

— Exatamente. Eu podia ter feito, mas achei que nunca deveria fazer com outra mulher que não fosse a minha esposa.

— Acho isso maravilhoso, John. — O medo dela desapareceu subitamente. Pelo menos ele não seria como Bob, sempre comparando-a com outras mulheres e sempre insistindo em que jamais seria realmente bom, a menos que ela também aproveitasse. Verônica compreendeu então que fizera a escolha certa. John Randall seria um bom marido. — John...

— O que é?

Ela estendeu os braços para o marido,.

— A primeira coisa que você tem a fazer é vir beijar-me.

Lentamente, Verônica lhe apresentou os mistérios de seu corpo, até que a trêmula ansiedade dele se tornou quase insuportável. Ela segurou então o membro dele e o guiou para dentro de seu corpo.

Com um gemido involuntário, John alcançou o orgasmo quase no mesmo instante. Depois, ficou em silêncio, a respiração ofegante. Verônica saiu de baixo dele.

O marido acariciou o rosto dela, com uma expressão maravilhada.

— Nunca senti nada parecido antes.

Verônica não respondeu.

— Foi bom para você?

— Muito bom.

— Ouvi dizer que, se um homem goza muito depressa, a mulher não aproveita nada.

— Isso não é verdade. — Ela sorriu. — Talvez possa acontecer com algumas mulheres, mas não com as normais. O que me deu foi tudo o que sempre desejei.

— Não está dizendo isso só para me agradar?

— Estou dizendo a verdade. Nunca tive nada tão bom, nem mesmo com Bob. Estou muito satisfeita.

— Não sabe como fico contente por saber disso, Verônica.

Ela se inclinou e beijou-o, murmurando:

— Eu o amo.

— E eu também a amo. — Depois de uma breve pausa, John murmurou, com um tom de espanto: — Sabe... acho... acho que estou ficando excitado novamente...

— Tente não pensar nisso. Mais de uma vez por noite pode fazer mal. Pode ser-lhe prejudicial.

— Toque-me, Verônica... Estou pronto novamente.

Ela deixou que John pegasse a sua mão e a pusesse onde queria. Ele parecia esculpido em rocha. Verônica ficou surpresa. Nem mesmo Bob jamais se recuperava tão rapidamente.

— Acho que só esta vez não vai fazer mal algum, Verônica. Ponha-me dentro de você.

Quase relutantemente, ela o pôs novamente dentro de si. Dessa vez, ele demorou um pouco mais, mas mesmo assim explodiu em poucos minutos. Gemeu, numa estranha combinação de prazer e dor, enquanto os testículos quase vazios se esforçavam

para expelir mais sêmen.

Ele rolou para o outro lado da cama, fitando-a. Ainda respirava ofegantemente.

— Talvez você esteja certa, Verônica.

— Estou, sim — disse ela, beijando-o no rosto. — Agora, procure dormir um pouco. Estará tudo bem amanhã.

E a partir daquele momento, foi sempre assim que aconteceu.

Capítulo 7

Ao vê-la, Bernie desceu do seu poleiro de salva-vidas, do outro lado da piscina. Foi até o lugar onde ela acabara de estender sua toalha.

— Está zangada comigo por causa do que aconteceu ontem à noite, JeriLee?

— E deveria estar? — perguntou ela, com um sorriso.

— Eu não quis...

— Está tudo bem, Bernie. Não aconteceu realmente nada. Além disso, eu também gostei.

— JeriLee!

— Há algo de errado nisso? Você não gostou?

Bernie não respondeu.

— Por que eu não deveria gostar? Os homens não são os únicos que têm sentimentos.

— Mas as garotas são diferentes, JeriLee!

— Se são, então há uma porção de garotas fazendo uma coisa de que não gostam — disse ela, rindo.

— Não consigo entendê-la, JeriLee. Um dia você é de um jeito, outro dia é completamente diferente.

— Pelo menos nisso estou de acordo com o que dizem. Todo mundo garante que as mulheres são volúveis. — Ela riu e acrescentou: — Você estragou meu vestido. Disse a mamãe que

havia derramado um molho no vestido, na cozinha.

— Não vejo onde está a graça, JeriLee. Eu me sinto terrivelmente culpado pelo que aconteceu ontem à noite.

— Não precisa ficar. Basta apenas ter um pouco mais de cuidado na próxima vez.

— Não haverá uma próxima vez, JeriLee. Não quero perder a cabeça novamente.

Ela fitou-o com uma expressão zombeteira.

— Estou falando sério, JeriLee. Eu a respeito muito.

— Está querendo dizer que não pretende fazer novamente, mesmo que eu queira?

— Sei que você não vai querer, JeriLee — disse Bernie, absolutamente convencido.

— Se é assim que você pensa, por que acha que eu o deixei fazer?

— Porque você também perdeu a cabeça.

— Não, Bernie, não foi essa a razão. Deixei porque queria que você o fizesse. De repente, descobri por que estava me sentindo de forma estranha, por que estava sempre nervosa e perturbada. É porque eu estava tentando fugir às coisas que sinto dentro de mim.

— Você não sabe o que está dizendo, JeriLee.

— Estou apenas sendo franca, Bernie. Não quero fingir, para mim mesma, que não queria ou não gostei. Talvez, assim, eu encontre uma maneira de enfrentar o que sinto.

— JeriLee, as moças decentes não falam desse jeito — disse Bernie, visivelmente aborrecido. — Talvez seja melhor você conversar com alguém.

— Com quem? Com minha mãe, por acaso? — disse JeriLee, sarcasticamente. — Não posso nem pensar em conversar com ela. Minha mãe jamais compreenderia.

— O que pretende fazer então?

— A mesma coisa que você vai fazer. Talvez, com o tempo, a gente descubra tudo.

Bernie voltou para seu posto, sem responder. Durante toda a tarde, ficou observando JeriLee. Não havia mais nada certo. E ele lamentava profundamente ter começado tudo aquilo.

— Acabou o livro? — perguntou Martin, quando ela o devolveu.

— Já.

— E o que achou?

— Há uns trechos que não entendi. E na maior parte do tempo, senti pena de todos eles. Pareciam sempre perdidos e infelizes, não importando o que fizessem.

— E o que foi que não entendeu?

— Você disse que a história o fazia lembrar-se de sua família. Mas você não é nada parecido com Studs Lonigan.

— Eu poderia ser parecido, se bebesse como ele. E meus pais são tão hipócritas quanto os dele. Estão sempre me fazendo sermões, mas não vivem da maneira como dizem que eu deveria viver.

— Alguma vez já foi com uma garota, como ele?

— Não — respondeu Martin, corando.

— E já fez alguma outra coisa?

— Eu... eu não sei o que está querendo dizer.

— Acho que sabe, sim.

Martin ficou vermelho como um tomate.

— Santo Deus, JeriLee! Ninguém costuma fazer perguntas desse tipo!

— Você está ficando corado, Martin. Gosta de fazer isso?

Ele não respondeu.

— Já fez muitas vezes?

— Não está direito você me perguntar essas coisas, JeriLee. Gostaria que eu lhe fizesse uma pergunta dessas?

— Talvez você tenha razão, Martin — disse JeriLee, depois de uma breve pausa. — Fui à biblioteca e peguei mais dois livros de James Farrell. Gosto muito dele. Pelo menos, é um sujeito franco.

— Ele é um bom escritor. Tentei fazer com que papai lesse um livro dele, mas não houve jeito. Papai disse que já tinha ouvido o Padre Donlan falar sobre Farrell, na igreja. Segundo o padre disse, Farrell foi excomungado, por causa das palavras obscenas que usou em seus livros.

— Entendo essa reação, Martin. Quando peguei os livros, a mulher da biblioteca ficou me olhando com uma expressão esquisita. E me disse que eu era jovem demais para ler James Farrell.

Martin riu.

— Às vezes, eu me pergunto o que será que eles pensam que somos. Crianças?

JeriLee estava no terraço, escutando a música pelas portas

abertas. A orquestra de pretos estava tocando no clube há algumas semanas. No início, alguns sócios haviam levantado objeções. Disseram que o Sr. Corcoran só os contratara porque eram mais baratos do que as orquestras de brancos. Mas depois da primeira noite em que eles se apresentaram, todos, à exceção apenas dos mais obstinados, haviam reconhecido que era a melhor orquestra que o Praia Clube já tivera.

JeriLee e Lisa estavam sentadas na grade quando a música cessou e os membros da orquestra saíram para o terraço. Foram para um dos lados, conversando entre si. Alguns minutos depois, o rapaz que cantava aproximou-se da grade e ficou olhando para o mar.

— O último número que cantou foi muito bonito — disse-lhe JeriLee. — Cantou igualzinho a Nat King Cole.

— Obrigado.

JeriLee teve a impressão de que ele não gostara muito do elogio.

— Aposto que todo mundo diz a mesma coisa. Você já deve estar cansado de ouvir.

Ele virou-se para olhá-la.

— É justamente o que as pessoas gostam de ouvir.

— Desculpe. — JeriLee sentiu o antagonismo dele. — Mas queria que soubesse que falei como um elogio.

— Nós temos que dar às pessoas o que elas querem — falou ele, parecendo relaxar.

— Não há nada de errado nisso.

— É, acho que não.. .

— Meu nome é JeriLee Randall. Trabalho aqui.

— Meu nome é John Smith. E também trabalho aqui. — Ele riu subitamente. JeriLee também riu.

— John Smith... É o seu nome verdadeiro?

— Não. — Os olhos dele brilharam. — Mas meu pai sempre me aconselhou a não dizer o meu nome verdadeiro para nenhum branco.

— Qual é o seu nome?

— Fred Lafayette.

— Prazer em conhecê-lo, Fred — disse JeriLee, estendendo-lhe a mão.

Ele apertou a mão dela, fitando-a atentamente.

— O prazer é meu, JeriLee.

— E gosto realmente da maneira como você canta.
— Obrigado — disse ele, sorrindo, no momento em que a orquestra começava a voltar para a sala. — Tenho que ir, agora.
Depois que ele se afastou, Lisa sussurrou:
— Ele até mesmo se parece com Nat King Cole.
— É mesmo — murmurou JeriLee, pensativa. Ela sentiu o excitação dominá-la, sua mão ainda latejava do contato dele. Ela se perguntou se seria sempre assim com qualquer rapaz que conhecesse ou apenas haveria alguns com uma atração especial. Virou-se para a amiga. — Lisa, você seria capaz de me responder a uma pergunta com toda a franqueza?
— Claro.
— Você é virgem?
— JeriLee! Mas que diabo de pergunta é essa?
— É ou não?
— Claro que sou! — afirmou Lisa, indignada.
— Então não pode saber.
— Saber o quê?
— Como é.
— Não tenho a menor ideia.
— E não pensa como deve ser?
— Às vezes.
— Já perguntou a alguém?
— Não. A quem eu poderia perguntar?
— Tem razão.
— Acho que é uma coisa que toda moça tem de descobrir por si mesma — disse Lisa.
JeriLee achou que a amiga, à sua maneira, conseguira resumir todo o problema.

Capítulo 8

O sol batia forte, espalhando seu calor pelo corpo de

JeriLee. Ela cochilava, o rosto entre os braços, os olhos fechados por causa da claridade. Reconheceu a voz no momento em que ele falou, apesar de só a ter ouvido uma única vez, e quase um mês antes.

— Olá, JeriLee. Estou de volta e ainda quero pagar-lhe uma Coca-Cola.

Ela olhou primeiro para os pés. Já estavam agora bronzeados pelo sol.

— Por onde é que você andou?

— Estive na Califórnia, visitando minha mãe. Meus pais se divorciaram. — Ele fez uma pausa, antes de perguntar: — Você ainda está preocupada com os regulamentos?

JeriLee sacudiu a cabeça. À medida que a temporada se estendia, os regulamentos sobre confraternização entre empregados e sócios iam afrouxando. Ela soubera por Lisa que isso acontecia todos os anos. Levantou-se. Ele era mais alto do que se lembrava.

Walt segurou-a pelo braço, quase indiferentemente, ao seguirem para a cabana que funcionava como bar. Parecia que uma corrente elétrica saía pela mão dele, criando uma sensação de comichão no lugar em que a tocava. JeriLee sentiu uma ligeira fraqueza nas pernas e um nó no estômago. E se perguntou por que essa sensação era mais forte com ele do que com qualquer outro.

Ele indicou uma das mesinhas, por baixo de um guarda-sol.

— Sente-se aqui. É mais fresco do que no bar. Vou buscar as bebidas.

— Quero uma Coca-Cola.

Ele voltou um momento depois com uma Coca-Cola para JeriLee e uma lata de cerveja para si. Sentou-se em frente a ela e sorriu.

— Saúde! — disse ele, tomando em seguida um gole de cerveja.

JeriLee tomou um gole de Coca-Cola, pelo canudo. Ele era mais velho do que ela pensava. Devia ter mais de dezoito anos, para poder comprar uma cerveja.

— Está gostando?

JeriLee assentiu.

— Tem sido bom durante todo o verão?

— Tem, sim.

— Estou falando do tempo.

— Eu sei.

Houve um silêncio constrangedor. Depois de alguns minutos, ele voltou a falar.

— Você foi a primeira pessoa que procurei, assim que voltei. O olhar de JeriLee foi direto.

— Por quê?

— Talvez porque você seja tão bonita — disse ele, sorrindo.

— Há outras garotas mais bonitas. — JeriLee não estava querendo bancar a coquete nem a fingida. Era simplesmente uma afirmativa.

— É uma questão de opinião — disse ele, sorrindo. — Sabe, não esqueci seu nome. Mas tenho certeza de que esqueceu o meu.

— Walt.

— E qual é o resto?

— Você nunca me disse.

— Walter Thornton, Jr. E qual é o resto de seu nome?

— Randall. Seu pai é o... ?

— Ele mesmo. Você o conhece?

— Não posso dizer que sim. Ele apenas se sentava a meu lado no ônibus, todas as manhãs, a caminho da estação.

— É mesmo o meu pai. — Walt riu. — Ele não sabe guiar.

— Ele está aqui agora? Ouvi dizer que tinha ido para a Europa.

— Voltou ontem. Vim de avião de Los Angeles para recebê-lo.

— Eu não sabia que ele era sócio. Nunca o vi no clube.

— Ele nunca vem ao clube. Acho mesmo que jamais pôs os pés aqui. Comprou o título de sócio para minha mãe. Ela vivia queixando-se de que não tinha nada para fazer, quando ele não estava em casa.

— É uma pena — disse JeriLee, desapontada. — Eu tinha esperanças de poder conversar com ele. Quero ser escritora, e acho que ele é um dos melhores que existem.

— Posso pedir a papai para conversar com você.

— Obrigada.

— Agora, talvez eu consiga fazer com que você converse comigo — disse ele, sorrindo.

— Estou conversando com você.

— Na verdade, não está, não. Praticamente, está apenas respondendo a perguntas.

— Não sei sobre o que conversar.

— Gostei de sua sinceridade — disse ele, rindo. — Em que está interessada?

— Já disse. Quero ser escritora.

— E além disso? Gosta de esportes? Gosta de dançar?

— Gosto.

— Isso não chega a ser uma resposta.

— Receio não ser muito interessante. Não sou como as garotas que você conhece.

— Como é que sabe disso?

— Elas sabem como se divertir, enquanto eu não sei. Port Clare não é um lugar dos mais interessantes para se viver. Nada acontece por aqui.

— Vai ao baile esta noite?

JeriLee assentiu.

— Vamos nos encontrar lá?

— Está bem — disse JeriLee, levantando-se. — Obrigada pela Coca-Cola. Agora, tenho que ir.

— Até mais tarde.

Walt ficou observando-a afastar-se. Ela estava certa numa coisa: era diferente das outras garotas que ele conhecia. De uma forma ou de outra, todas as outras só queriam provocar e nada mais. Mas ele pressentia que JeriLee jamais faria tal coisa.

JeriLee sentiu os músculos do estômago relaxarem, ao voltar para a sede do clube. Era estranho o efeito que Walt causava nela. A súbita consciência de seu próprio ego, o aumento do desejo sexual... Durante todo o tempo em que estivera conversando com Walt, JeriLee sentira a constante umidade entre as pernas.

Foi para o vestiário, tirou o maiô e tomou um banho frio de chuveiro. Mas aquilo não pareceu ajudar. Ao ensaboar-se, tocou o púbis e quase caiu de joelhos, com a intensidade e rapidez de seu orgasmo.

Depois de um momento, recuperou o autocontrole, encostando a cabeça nos ladrilhos frios do boxe. Havia alguma coisa de errado com ela. E muito errado mesmo! Tinha certeza de que nenhuma das garotas que conhecia estava passando pelo que ela passava.

— Parece que você vai perder sua amiguinha, Fred — disse Jack, o baterista, apontando com a vareta para a pista de danças.

JeriLee e Walt estavam dançando, ao som de um foxtrote

muito lento. Ele estava segurando-a, muito colada, colada demais, pensou Fred. JeriLee tinha no rosto uma expressão que ele nunca vira antes, uma intensidade que se podia quase sentir.

Abruptamente, Fred se pôs a cantar uma música bem rápida. A orquestra, depois de um momento de hesitação, passou a acompanhá-lo. Jack sorriu.

— Isso não vai adiantar nada. Tem sido muito mole, rapaz.

— Ela não é desse tipo — sussurrou Fred, asperamente. — É uma garota direita.

— Não discuto isso. Ela pode ser muito direitinha. Mas está pronta para deixar de ser. Aquela gatinha branca está tremendo e implorando para ser apanhada.

— Por que acha que é tão conhecedor assim dessas coisas? — perguntou Fred, furioso.

— Porque só penso em duas coisas, meu chapa. Em bateria e gatinhas. Se não estou pensando numa dessas coisas, é porque estou pensando na outra. — Riu e acrescentou: — Vá por mim.

Fred tornou a olhar para a pista de danças, mas JeriLee e Walt já haviam desaparecido.

No momento em que JeriLee se ajeitou entre os braços dele, na pista de danças, Walt sentiu os seios dela a se comprimirem contra seu corpo. JeriLee não estava usando sutiã. Ele não tinha a menor dúvida. No mesmo instante, Walt sentiu que estava tendo uma ereção e procurou afastar-se um pouco para que ela não percebesse. Mas JeriLee acompanhou-lhe o movimento, suspirando ligeiramente, e encostou a cabeça no ombro dele.

— Ei... — disse ele.

JeriLee levantou o rosto.

— Você sempre dança assim?

— Não sei... Eu apenas acompanho...

— Sabe o que está fazendo comigo? Estou ficando cada vez mais excitado.

— Eu não sabia que estava fazendo isso com você. — JeriLee fitou-o com uma expressão inocente. — Pensei que você é que estava fazendo isso comigo.

— Está querendo dizer que também está excitada?

— Acho que, se me largasse agora, eu cairia. Minhas pernas estão tão fracas...

Walt ficou olhando para ela em silêncio. Ele se enganara. Durante todo o tempo, pensara que ela fosse apenas mais uma

garotinha inocente. Abruptamente, a orquestra se pôs a tocar uma música muito rápida. Ele parou de dançar.

— Vamos sair daqui, JeriLee.

— Está bem. — Ela seguiu-o, pelas portas abertas, para o terraço. Atravessaram o gramado na direção do estacionamento. Ela não disse nada, até que Walt abrisse a porta do carro para que entrasse. — Para onde nós vamos, Walt?

— Para algum lugar onde possamos ficar a sós.

Ela assentiu, como se soubesse que ele iria dizer exatamente isso. Entrou no carro. Dez minutos depois, entraram no caminho de uma pequena casa junto à praia. Walt desligou o motor e olhou para JeriLee.

— Não há ninguém em casa. Meu pai só chegará de Nova York amanhã e a empregada já foi para a casa dela.

JeriLee fitou-o, sem dizer nada.

— Não tem nada para dizer?

Ela baixou os olhos para as próprias mãos, cruzadas sobre o colo, depois voltou a fitá-lo nos olhos.

— Estou um pouco assustada.

— Com quê?

— Não sei.

— Não precisa ficar — disse Walt, desconhecendo os verdadeiros motivos do temor dela. — Ninguém jamais saberá que esteve aqui. O vizinho mais próximo está a um quilômetro daqui, lá embaixo, na praia.

JeriLee não respondeu.

— Temos uma piscina de água quente nos fundos. É maravilhoso nadar à noite. Vamos?

— Mas eu não trouxe maiô — disse ela.

— É uma das boas coisas de se nadar à noite. — Ele sorriu. — É escuro... — Saltou do carro e deu a volta, abrindo a porta para ela. — Vamos?

— Por que não? — disse ela, rindo subitamente.

— De que está rindo?

— Receio que você jamais compreenderia. — Pela primeira vez em um mês, JeriLee estava começando a sentir-se melhor. Era quase como se ela sempre tivesse sabido que seria assim que aconteceria.

Eles atravessaram a casa e saíram para a piscina, pela porta dos fundos. Walt apontou para um pequeno vestiário.

— Pode deixar as suas coisas ali dentro.

— Está certo — disse JeriLee, encaminhando-se para o vestiário. Parou de repente, ao ver que ele estava voltando para a casa. — E você, para onde vai?

— Estarei de volta num minuto. Vou apenas buscar uns drinques gelados.

Entrando no vestiário, JeriLee contemplou-se no espelho grande da penteadeira. Havia uma serenidade em seu rosto que a surpreendeu, pois não refletia o excitamento que fervilhava dentro dela. Rapidamente, ela desabotoou a blusa e os seios pularam para fora, inteiramente soltos. Os mamilos estavam inchados e duros. Tocou-os de leve. Ainda doíam, mas o contato era agradável. Fora na verdade por isso que ela não pusera o sutiã. É que os seios doíam demais dentro dele. Tornou a apertar os seios e sentiu uma onda de prazer descer até a virilha. Tirou a saia. A calcinha estava úmida, e ela podia ver os pêlos púbicos pretos por baixo do náilon. Lentamente, tirou a calcinha, estendendo-a sobre um banco, para que secasse.

Procurou imaginar o que Walt deveria estar pensando. Recordou-se como ele ficara excitado quando estavam dançando, tanto que chegara a machucá-la, ao comprimir-se contra ela. Por duas vezes, ela quase tropeçara e caíra, ao chegar ao clímax durante a dança. E a cada vez se perguntara se ele havia percebido o que acontecera. Mas não houvera o menor indício de que ele tivesse desconfiado de alguma coisa.

Ouviu-o chamar lá de fora:

— Já estou de volta, JeriLee. Você vai sair ou não?

Ela apertou o interruptor, mergulhando o vestiário na escuridão. Abriu a porta. Walt estava estendendo toalhas sobre duas chaises longues, na outra extremidade da piscina. Ele ainda estava vestido, de costas para ela. Silenciosamente, JeriLee entrou na água. Walt dissera a verdade. A água estava quente e agradável. Ele virou-se rapidamente.

— Isso não é justo, JeriLee. Você entrou na piscina antes que eu pudesse vê-la.

— Você é que não está sendo justo. — Ela riu. — Ainda nem se despiu.

Walt inclinou-se para a mesa e ligou o rádio portátil que trouxera. A música se espalhou suavemente pela piscina. De costas para ela, despiu-se rapidamente, deixando as roupas caírem no

chão. Depois, virou-se depressa e, antes que ela pudesse vê-lo direito, mergulhou. Subiu à tona do outro lado da piscina.

— Está gostando, JeriLee? A água está bastante quente?

— Claro que estou gostando. É a primeira vez que tomo banho de piscina sem nada. A sensação é maravilhosa. Muito melhor do que quando se usa maiô.

— É o que meu pai sempre diz. Ele diz que se a natureza quisesse que tivéssemos roupas, teríamos nascido com elas.

— Seu pai talvez esteja com a razão. Eu nunca tinha pensado nisso.

— Meu pai tem uma porção de ideias esquisitas, sobre todas as coisas. Ele diz que, se as pessoas ao menos aprendessem a ser honestas consigo mesmas, estaria terminada a maioria dos problemas do mundo.

— E você é honesto consigo mesmo?

— Tento ser.

— E acha que poderia ser também honesto comigo?

— Acho que sim.

— Por que me trouxe até aqui?

— Eu queria ficar sozinho com você. E por que concordou em vir?

JeriLee não respondeu. Em vez disso, nadou para o lado mais fundo da piscina. Walt nadou atrás dela. Abruptamente, ela mergulhou e subiu à tona do outro lado. Walt riu e conseguiu alcançá-la, na parte rasa. Segurou-a pelo braço.

— Ainda não respondeu à minha pergunta, JeriLee.

Os olhos dela se fixaram nos de Walt.

— Porque você não foi sincero comigo.

— Por que acha que eu a trouxe até aqui?

— Pensei... — ela hesitou por um momento e depois, incapaz de imaginar outra maneira de dizer exatamente o que tinha em mente, acrescentou: — que queria levar-me para a cama.

Walt ficou desconcertado.

— Se pensou isso, por que veio?

— Porque eu queria que você me levasse para a cama.

Walt largou o braço dela e saiu da piscina. Pegou uma toalha e amarrou-a na cintura, preparando uma dose de rum com Coca-Cola. Tomou um gole, sem dizer nada. JeriLee apoiou os braços na borda da piscina.

— Está zangado comigo? Eu disse alguma coisa errada?

— Santo Deus, JeriLee! Você parece comum e vulgar.

— Sinto muito. Eu estava apenas procurando ser honesta. Senti você encostado em mim, quando estávamos dançando. Pensei que era isso que estava querendo.

— Mas as garotas não costumam comportar-se desse jeito, JeriLee! Não pode querer fazer as coisas com todo homem que tem uma ereção por sua causa.

— E não faço.

— Mas a maneira como você fala... O que acha que a gente fica pensando?

— É isso o que você pensa?

— Não sei mais o que pensar. Nunca antes uma garota me falou desse jeito.

Subitamente, o calor desapareceu do corpo de JeriLee e ela ficou perigosamente à beira das lágrimas. Ficou em silêncio por um momento. Quando finalmente falou, a voz era bastante calma:

— Está ficando tarde, Walt. Acho melhor você me levar para casa. Meus pais devem estar preocupados com minha demora.

Ele deixou-a na frente da casa dela, mas não fez a menor menção de saltar do carro também.

— Boa noite, Walt.

— Boa noite. — No mesmo instante, ele tornou a ligar o motor do carro e afastou-se, deixando-a parada na calçada. Lentamente, JeriLee entrou em casa.

O pai tirou os olhos da televisão ao ouvi-la entrar. JeriLee foi beijá-lo na face.

— Onde está mamãe?

— Está muito cansada e foi deitar-se. Chegou a casa cedo. Quem a trouxe?

— Um rapaz chamado Walt. Ele é sócio do clube.

— É bom rapaz?

— É sim. — JeriLee começou a sair da sala, mas logo parou subitamente. — Papai...

— O que é?

— Será que as pessoas podem ser honestas demais?

— É uma estranha pergunta, querida. Por que quer saber?

— Não sei... Mas tenho a impressão de que todas as pessoas que conheço ficam zangadas comigo, quando faço uma pergunta honesta e franca.

John Randall ficou calado por um instante, pensativo.

— Às vezes, as pessoas não querem ouvir a verdade. Preferem viver com as suas ilusões.

— É sempre assim?

— De certa forma, acho que é. Tento ser o mais honesto e franco possível com as pessoas. Mas há ocasiões em que isso é inteiramente impossível.

— Está sendo honesto comigo?

— Creio que sim.

— Você me ama, papai?

John Randall inclinou-se e desligou a televisão. Depois, virou-se e estendeu os braços para JeriLee.

— Acho que você sabe que sim.

A moça ajoelhou-se na frente da cadeira dele e encostou o rosto em seu peito. John abraçou-a. Ficaram assim por longo tempo, sem dizer uma só palavra. Finalmente, numa vozinha sofrida, JeriLee murmurou:

— Sabe, papai, não é nada fácil crescer e tornar-se mulher.

John beijou-a na face e sentiu o gosto salgado das lágrimas. Uma estranha tristeza invadiu-o.

— Eu sei, querida. Mas creio que não é fácil crescer para ser qualquer coisa.

Capítulo 9

Foi como uma tempestade que houvesse passado. Durante semanas, a pressão de ter que saber e compreender a natureza de seu impulso sexual havia atormentado JeriLee. E então, uma bela manhã, acordou e descobriu que a premência havia desaparecido.

Ela sabia o que não sabia. Mas não estava mais impelida pela necessidade de obter o conhecimento a qualquer custo. As coisas que ela sentia faziam parte de sua consciência em expansão. De alguma forma, sabia que acabaria experimentando todas as coisas, no seu devido tempo. Tornou-se mais tranquila,

mais relaxada, mais capaz de simplesmente desfrutar a companhia de outras pessoas.

Ela e Bernie podiam novamente ser amigos. Agora, ao pararem o carro num local escuro, para se beijarem, ela podia retribuir, sem ter que explorar mais e mais os seus desejos. O sexo não mais impregnava todos os seus pensamentos. Ela sabia que tudo acabaria acontecendo no devido tempo. Mas só aconteceria quando ela estivesse devidamente preparada para isso, quando a experiência fosse uma parte integrante de todo o seu ser.

Não saía apenas com Bernie. Martin também era um ótimo amigo, e eles passavam horas sentados na varanda da casa dela, conversando sobre livros que tinham lido e discutindo as pessoas da cidade. Frequentemente riam juntos das atitudes ridículas que algumas pessoas assumiam, a fim de parecer importantes. Uma vez, ela até mesmo deixou que Martin lesse um conto que escrevera.

Era sobre o prefeito de uma cidade pequena, que ficara bastante deprimido durante a guerra, porque todas as cidadezinhas vizinhas tinham seus heróis de guerra, menos a dele. Por isso, ele decidira transformar em herói o primeiro veterano que voltara da guerra. Mas o homem recebera baixa por um problema de ordem médica, sem nunca ter chegado perto do front. Apesar disso, o prefeito promovera uma grande recepção ao suposto herói. E tudo saía errado na cerimônia. De certa forma, a história era muito parecida com a do pai de JeriLee, embora com algumas variações. No meio da cerimônia, haviam aparecido dois policiais militares, que prenderam o herói, porque ele falsificara sua baixa, em uma enfermaria psiquiátrica.

— Está ótimo, JeriLee — disse Martin, genuinamente entusiasmado, ao terminar de ler a história. — Reconheci quase todo mundo. Deveria mandar esse conto para uma revista.

JeriLee meneou a cabeça.

— Acho que ainda não estou preparada para isso. Sinto que ainda há muitas coisas erradas nessa história. Além do mais, estou trabalhando em outro conto, que deve sair melhor do que esse.

— E é sobre o quê?

— Uma garota como eu, sobre crescer numa cidadezinha como esta.

— Posso ler, quando acabar de escrever?

— Talvez eu demore muito para terminá-lo. Há muitas

coisas que ainda preciso aprender, antes de escrever a respeito delas.

— Entendo. Hemingway diz que os melhores escritos derivam da experiência pessoal.

— Não gosto de Hemingway. Ele não sabe nada sobre as mulheres. E parece que não se importa absolutamente com elas.

— E de quem você gosta?

— De Fitzgerald. Pelo menos, ele dispensa tanta atenção às personagens femininas de seus livros quanto o faz com os homens.

— Para mim, todas as personagens masculinas de Fitzgerald parecem estranhas, como se tivessem alguma fraqueza. Elas me dão a impressão de terem medo das mulheres.

— Engraçado... Eu sinto isso com relação a Hemingway. Os homens das histórias dele parecem estar sempre com medo das mulheres, porque estão sempre tentando provar que são homens de fato.

— Tenho que pensar sobre isso — disse Martin, levantando-se. — Agora, está na hora de eu voltar para casa.

— Está tudo bem por lá, Martin?

Há muito que eles haviam deixado de lado todos os fingimentos e JeriLee agora perguntava abertamente sobre os problemas que ele enfrentava com os pais.

— Um pouco melhor. Pelo menos, já não estão bebendo tanto, agora que papai arrumou aquele emprego na fábrica de gás.

— Fico contente por você, Martin — disse JeriLee, levantando-se também. — Boa noite.

Martin ficou parado, fitando-a, sem se mexer. JeriLee tocou-lhe o rosto, um pouco embaraçada.

— Há algo errado, Martin?

— Não.

— Então por que está me olhando desse jeito?

— Sabe que eu nunca tinha percebido antes? Mas você é realmente muito bonita.

Em outra ocasião, JeriLee poderia ter sorrido. Mas havia tanta sinceridade na voz dele que ela ficou comovida e limitou-se a dizer:

— Obrigada.

— Muito bonita mesmo — murmurou Martin, sorrindo em seguida e descendo os degraus da varanda. — Boa noite, JeriLee.

Pouco a pouco, a popularidade de JeriLee foi aumentando.

Havia algo nela que atraía amizades, tanto entre os rapazes como entre as moças. Talvez fosse porque ela tratava a todos nos termos de cada um, dentro das perspectivas de cada um. Ao mesmo tempo, continuava a ser uma pessoa retraída. Mas todos gostavam de falar com JeriLee, porque sentiam que ela realmente os escutava.

Com a temporada de verão no auge, o clube permanecia aberto todas as noites para o jantar e havia dança também nas quartas-feiras, além das sextas e sábados. Como era impraticável que os músicos voltassem para a cidade todas as noites, o Sr. Corcoran alojou-os num pequeno chalé, atrás das quadras de tênis. Os fundos do chalé davam para o estacionamento. Dessa forma, eles não precisavam passar pela frente do clube para chegar ao salão de danças.

JeriLee, que agora trabalhava até tarde nas noites de quarta-feira, estava no terraço, tomando uma Coca-Cola e conversando com Fred, num intervalo entre as apresentações dele, quando Walt saiu pelas portas abertas e dirigiu-se a ela, ignorando Fred completamente:

— Ei, JeriLee...

Fazia mais de um mês que eles tinham ido até a casa dele e aquela era a primeira vez em que Walt voltava a falar com ela.

— O que é?

— Tenho alguns colegas da escola aqui e estamos organizando uma festa na praia. Achei que talvez gostasse de ir também.

JeriLee olhou para Fred. Não havia qualquer expressão no rosto dele. Ela virou-se para Walt.

— Já conhece Fred?

— Já, sim. Olá, Fred.

— Olá — murmurou Fred, a voz tão inexpressiva quanto o rosto.

— Vai ser divertido, JeriLee — continuou Walt. — E se o mar estiver muito frio, poderemos ir para a piscina da minha casa.

— Acho que não vou, Walt. Tenho que me deitar cedo, pois amanhã terei que trabalhar na hora do almoço.

— Ora, JeriLee, vamos. Não ficaremos até tarde. Vamos apenas tomar alguns drinques e dar umas risadas, nada mais.

— Não, obrigada. Para dizer a verdade, eu estava pensando em ir embora cedo. Ainda dá tempo para eu pegar o ônibus das

onze e meia.

— Não precisa ir de ônibus. Podemos deixá-la em casa, no caminho.

— Não quero incomodá-lo, Walt. Além do mais, fica fora do seu caminho.

— Não muito. E não será incômodo algum.

— Está certo.

— Vou chamar os rapazes.

Walt voltou para o salão. Fred olhou para JeriLee e perguntou:

— Tem alguma coisa com esse rapaz?

JeriLee pensou por um momento.

— Pensei que tinha, mas agora não há mais nada.

— Pois ele está zangado com você.

— Como é que sabe? — perguntou ela, desconcertada.

— É o que sinto. Mas posso estar errado. Ele também não gosta muito de mim, mas talvez seja porque não goste de pretos em geral.

— Espero que você esteja enganado, Fred. Ele pode ser um pouco mimado, mas eu não gostaria de pensar uma coisa dessas a respeito dele.

Estava na hora de Fred voltar a se apresentar. Ele olhou atentamente para JeriLee, em silêncio, perguntando em seguida:

— Vou vê-la no fim de semana?

— Claro, Fred. E cante bem bonito para as pessoas.

— É o que sempre faço — disse ele, com um sorriso.

— Boa noite, Fred.

— Boa noite, JeriLee.

Fred estava começando a cantar no momento em que Walt voltou.

— Podemos ir, JeriLee — disse ele, começando a descer os degraus do terraço. — Vamos atravessar o gramado até o estacionamento.

— E onde estão os seus amigos?

— Eles já estão no carro, com Marian Daley.

A moça seguiu-o. Eles atravessaram o gramado e as quadras de tênis, até o estacionamento. JeriLee ouviu as risadas que saíam do carro de Walt.

— Tem certeza de que não vou estragar nada, Walt? Ainda posso pegar o ônibus. E quero que saiba que não me importo.

— Eu não disse que não havia problema?

Walt parecia ligeiramente aborrecido.

— Está bem.

Eles seguiram em silêncio pelo resto do caminho até o carro. Era um conversível, aberto. Marian e dois rapazes já estavam sentados no banco de trás.

— Por que demorou tanto? — perguntou um dos rapazes, quando Walt e JeriLee se aproximaram.

— Tive que assinar a conta do bar — explicou Walt, abrindo a porta do carro. — Rapazes, essa é JeriLee. JeriLee, Joe e Mike Herron. São irmãos. Você já conhece Marian.

JeriLee meneou a cabeça.

— Olá.

Marian ficou indiferente, mas os dois rapazes sorriram e um deles estendeu uma garrafa para JeriLee.

— Junte-se à nossa festa — disse ele. — Tome um gole.

— Não, obrigada.

— Pois eu vou tomar um — disse Walt. Pegou a garrafa e levou-a à boca, tomando um grande gole. Devolveu a garrafa ao rapaz e comentou: — Esse rum é dos bons.

— Tem que ser — disse o rapaz, rindo. — Seu pai só tem o melhor.

Walt fechou a porta e sentou-se ao volante. Ligou o motor e saiu à toda do estacionamento. Virou na estrada na direção oposta à da casa de JeriLee.

— Estamos indo para o lado errado — disse a moça.

— Achei melhor deixá-los primeiro, antes de levá-la até sua casa.

JeriLee não respondeu. Ouviu risadas no banco de trás e virou-se. Os dois rapazes tentavam desabotoar a blusa de Marian, que ria e batia-lhes nas mãos.

— Isso não é justo — disse ela, rindo. — São dois contra uma.

JeriLee tornou a ficar de frente. Olhou para o velocímetro. O ponteiro marcava mais de cento e dez.

— É melhor diminuir a velocidade, Walt — disse ela, — A polícia rodoviária está na estrada esta noite.

— Posso dar um jeito neles.

Não havia mais qualquer barulho no banco de trás. JeriLee olhou pelo espelhinho retrovisor. Marian parecia ter desaparecido.

Involuntariamente, ela virou-se e olhou. Marian estava com a cabeça no colo de Joe. JeriLee demorou um momento para perceber o que ela estava fazendo...

JeriLee virou-se rapidamente, sentindo um vazio terrível no estômago. De alguma forma, ela sabia que não era assim que deveria ser. Sabia o que os rapazes e garotas faziam nos carros, mas jamais imaginara uma coisa daquelas. JeriLee desejou ansiosamente que Walt os largasse logo de uma vez e a levasse para casa. Walt parou o carro diante de sua casa e desligou o motor.

— Chegamos — disse ele. — Saiam todos. — Saltou e contornou o carro, vindo postar-se ao lado da porta de JeriLee.

— Você disse que ia levar-me para casa, Walt.

— E vou levar. Qual é o problema? Da última vez, você estava ansiosa.

— Da última vez foi diferente. E você estava diferente.

Marian e os dois rapazes já tinham saído do carro.

— Vamos, JeriLee — disse Marian, rindo. — Não seja uma desmancha-prazeres.

— Só um drinque e depois eu a levarei para casa — disse Walt. — Prometo.

Relutantemente, JeriLee saltou do carro e seguiu-os para dentro da casa. Foram direto para a piscina. Soltando gritos, os dois irmãos tiraram as roupas e mergulharam na piscina.

— A água está boa — gritou Mike. — Entre também.

JeriLee virou-se, procurando por Walt. Viu uma luz acender-se dentro da casa, quando ele entrou na cozinha. Um momento depois, começou a tocar música no rádio portátil sobre a mesa perto da piscina. Marian estava dançando sozinha, ao som da música.

Walt voltou, com uma bandeja cheia de Coca-Cola e um balde de gelo. Pegou a garrafa de rum que estava ao lado do rádio e rapidamente preparou os drinques. Estendeu um para Marian, que o pegou e começou a bebê-lo em goles grandes. Ele estendeu um para JeriLee. . — Não, obrigada.

— Não está muito a fim de se divertir, não é?

— Sinto muito. Mas eu lhe disse que queria ir direto para casa.

— Mas vai ter que esperar até que eu acabe de tomar um drinque — disse Walt, furioso, levantando o copo.

— Deixe disso, JeriLee — disse Marian. — Não banque a desmancha-prazeres. Você está entre amigos.

— Não, obrigada — falou JeriLee novamente, encaminhando-se na direção da casa.

Walt pôs a mão no braço dela.

— Aonde é que você pensa que está indo, JeriLee?

— Posso pegar o ônibus na estrada — disse ela, calmamente.

— Já disse que vou levá-la para casa! Será que minha palavra não é suficiente para você?

Antes de poder responder, JeriLee sentiu duas mãos segurando-lhe os tornozelos. Seus pés deixaram o chão e ela foi carregada para a piscina. Voltou à tona com a boca cheia de água, empurrando rudemente o rapaz que estava a seu lado.

— Ela quer brincar — JeriLee ouviu um dos rapazes dizer. Dois pares de mãos agarraram-na então pelos ombros e empurraram-na para baixo. JeriLee tentou desvencilhar-se e sentiu que as mãos lhe arrancavam o vestido. Ela afundou novamente. Voltou à tona ofegante e teve que se segurar na borda da piscina. Olhou para Walt, com os olhos cheios de lágrimas.

— Por favor, leve-me para casa.

— Vou levá-la — disse ele, levando o copo aos lábios. — Assim que suas roupas secarem.

Capítulo 10

Bernie deparou com Fred no terraço.

— JeriLee está por aqui?

— Não.

— Se a vir, diga-lhe que o pai dela telefonou. Ele quer que JeriLee leve um pacote de sorvete para casa.

Bernie começou a afastar-se. Fred deteve-o.

— Quando foi que ele telefonou?

— Há poucos minutos. Atendi o telefone no bar.

— É estranho... Quanto tempo demora daqui até a casa dela?

— Dez minutos de carro, meia hora de ônibus.

— Então ela já deveria estar em casa. Partiu há mais de uma hora. — Fred sentiu-se invadido por uma estranha sensação de medo. — Sabe por acaso onde mora o tal de Walt Thornton?

— Do outro lado da cidade. Por quê?

— Ele ficou de levar JeriLee para casa. Mas estava mais alto do que uma pipa, assim como seus dois amigos. Eu os vi tomando rum com Coca-Cola como se fosse água. Walt queria que JeriLee os acompanhasse numa festa na praia, e ela queria voltar para casa.

Bernie fitou-o em silêncio por um minuto.

— E eu vi Marian Daley sair com dois rapazes. Ela estava tentando convencer outra garota a acompanhá-los, mas não conseguiu.

— Não estou gostando dessa história — murmurou Fred, olhando para Bernie. — Você tem carro?

Os dois rapazes se entreolharam, pensativos.

— Vou buscar as chaves — disse Bernie. — Espere-me no estacionamento.

JeriLee estava chorando, deitada sobre a grama, ao lado da piscina, tentando cobrir-se, toda encolhida. Sentiu um movimento a

seu lado e olhou para cima. Joe estava inclinado sobre ela.

— Pare de ganhar — disse ele, em tom irritado. — Quem vê você desse jeito, pensa que nunca fez nada antes.

— Eu nunca...

— Já fez, sim! Walt nos contou que você esteve aqui com ele!

— Mas não aconteceu nada! Juro que não aconteceu nada!

— Será que nunca vai parar de mentir? — Ele virou-se e gritou para Walt: — É melhor você vir até aqui e dar um jeito nesta garota. Ou vou acabar tendo que dar uma surra nela.

Walt aproximou-se. Ainda estava com um copo na mão e cambaleava.

— Ora, JeriLee, estamos apenas querendo nos divertir um pouco — disse ele, em tom apaziguador. — Tome um pouco deste rum e vai sentir-se melhor.

— Não!

Houve um ruído súbito do outro lado da piscina. Joe virou-se e riu.

— Pois olhe para lá!

JeriLee olhou. Marian e Mike estavam juntos no chão, ele por cima dela. JeriLee viu os movimentos frenéticos do rapaz e ouviu os gemidos de Marian, ecoando pela noite.

— Não acha lindo? — disse Joe. — Eles estão fazendo o que é gostoso. Que tal ficar boazinha agora, para que a gente possa ter uma festa de verdade?

JeriLee não respondeu. O rapaz ficou furioso.

— Então por que diabo veio até aqui, sua galinha sem-vergonha?

— Eu não queria vir! — gritou JeriLee, compreendendo que Walt não dissera a eles que ela queria apenas ir para casa, embora ele não tivesse a menor intenção de levá-la. — Por favor, Walt, conte a eles. Diga que eu não queria...

Joe ajoelhou-se ao lado dela e segurou-lhe os cabelos, forçando-lhe a cabeça para trás.

— Dê-me esse drinque, Walt!

Ele pegou o copo de Walt e, obrigando JeriLee a abrir a boca, derramou-lhe o rum pela garganta. Ela engasgou e começou a tossir. O líquido doce e pegajoso escorreu-lhe pelas faces, derramando-se sobre seus ombros e seios. Joe não parou, até o copo ficar vazio. Depois, jogou o copo longe. JeriLee ouviu o

barulho do copo se quebrando, ao cair no chão de concreto. Joe encostou o rosto no dela.

— E agora você vai cooperar e ser boazinha ou terei que apelar para a ignorância?

JeriLee arregalou os olhos e tentou prender a respiração.

— Por favor, deixe-me ir embora! Por favor...

Ele moveu-se subitamente, lançando todo o peso de seu corpo em cima dela, esmagando-a contra o chão. Seus dedos se cravaram nos seios dela, enquanto ele tentava beijá-la.

JeriLee debateu-se freneticamente, tentando virar o rosto, para evitá-lo. Involuntariamente, levantou um joelho, atingindo-o na virilha. Ele deixou escapar um gemido de dor.

— Cadelanojenta! — Furioso, esbofeteou-a. — Segure-a, Walt! Não vou deixar que uma cadela tente me chutar o saco e vá embora impunemente.

Walt ficou indeciso.

— Estou mandando você segurá-la! Está na hora de ela começar a aprender a lição!

Walt abaixou-se, apoiado sobre um dos joelhos, imobilizando os braços de JeriLee contra o chão.

Subitamente, ela sentiu uma dor intensa num dos seios. Soltou um grito. Joe levantou o cigarro aceso. Ele estava sorrindo.

— Não gostou, não é?

JeriLee limitou-se a fitá-lo, incapaz de falar. Ele moveu-se rapidamente. Ela sentiu a dor intensa da queimadura no outro seio. Gritou novamente.

— Pode gritar até estourar, sua cadela! Ninguém vai mesmo ouvi-la. — Joe levou o cigarro à boca e deu uma tragada.

— Walt, por favor, pare esse homem... — implorou ela.

— Talvez seja melhor. .. — Walt não pôde continuar, pois Joe interrompeu-o bruscamente:

— Não se meta nisto! O negócio é entre mim e ela! Quando eu acabar, essa desgraçada nunca mais vai querer provocar nenhum homem! — Joe escarranchou-se sobre as pernas dela e brutalmente apertou o púbis de JeriLee com uma das mãos. Abriu-a com os dedos. Um estranho sorriso estampou-se no rosto dele. — Não é uma belezinha?

Ele abaixou a cabeça e mordeu-a. JeriLee tentou mexer-se, mas não conseguiu. Joe levantou a cabeça e soltou uma risada.

— Nada mal... Um pouco molhada, mas nada mal... —

Lentamente, começou a baixar o cigarro na direção dela. — Agora você vai experimentar algo realmente quente.

Fascinada, como se estivesse observando uma cobra, JeriLee ficou olhando para a brasa do cigarro, descendo em sua direção. Subitamente, ela sentiu o calor chegando perto e fechou os olhos com toda a força.

Eles ouviram o grito no momento em que o carro parou diante da casa. Saíram correndo e atravessaram a casa, quase antes que o ruído do motor cessasse.

Bernie foi o primeiro a passar pelas portas corrediças. Ficou paralisado de horror por um momento, vendo os dois rapazes segurando JeriLee e a boca desta ainda aberta no grito de dor. Balbuciou:

— Mas o quê... ?

Fred reagiu com os reflexos de um lutador de rua. Avançou rapidamente e desferiu um chute violento do lado da cabeça de Joe, levantando-o do chão e jogando-o de costas contra o piso de concreto. Walt estava tentando levantar-se, mas Fred não lhe deu chance. Desferiu um soco violento, acertando Walt em cheio no nariz e na boca, sentindo os ossos e dentes se quebrarem. Walt caiu de costas, como se tivesse sido abatido por um machado.

Fred ajoelhou-se ao lado de JeriLee, aninhando a cabeça dela em seus braços. Ela estava chorando de dor.

— Por favor, não me machuquem... Não me machuquem...

— Os olhos dela estavam firmemente fechados.

— Está tudo bem agora — disse Fred, suavemente. — Ninguém vai mais lhe fazer mal algum.

— Fred! — gritou Bernie, alertando-o.

Fred virou-se, a tempo de ver Mike avançando em sua direção. Ele começou a levantar-se. Mas Bernie deu um pulo e atacou Mike por trás. Os dois caíram no chão, rolando. Joe estava de pé agora e avançava para Fred com algo na mão, que parecia ser uma pedra.

Fred virou-se rapidamente, enfiando a mão no bolso de trás da calça. A faca surgiu em sua mão como que por encanto. Ele apertou um botão e a lâmina pulou. A mão que empunhava a faca estava estendida para a frente.

— Dê mais um passo, seu branco azedo, e eu lhe corto os bagos.

Joe ficou imóvel, fitando-o, a mão ainda levantada. Não era

uma pedra que ele tinha na mão, mas um rádio portátil. Fred deu um passo para trás, agilmente, a fim de poder ver a todos.

— Arrume alguma coisa para cobri-la — disse ele a Bernie.
— E depois vamos embora daqui.

Ele ouviu um barulho do outro lado da piscina. Marian estava se aproximando, cambaleando de tão embriagada, com uma garrafa de rum na mão.

— Mas o que está acontecendo com a nossa festa? — balbuciou ela.

— A festa acabou, boneca — disse Fred, com a voz cheia de desprezo.

Eles cobriram JeriLee com o que restava das roupas dela e com uma toalha, levando-a para o carro. Ela sentou-se entre os dois, tremendo e chorando, gemendo de dor, com a cabeça recostada no peito de Fred, enquanto Bernie guiava. Ainda estava chorando quando o carro parou diante de sua casa.

Quando Fred tentou ajudá-la a saltar do carro, ela não quis mexer-se.

— Tenho medo...

— Não há nada de que ter medo agora, JeriLee — disse ele, suavemente. — Está segura agora. De volta à sua casa.

Mas um instinto dizia a JeriLee que aquilo era apenas o começo do seu horror. E ela estava certa.

Capítulo 11

As palavras estavam rabiscadas com creiom preto na cerca branca de madeira:

JERILEE TREPA. JERILEE CHUPA.

John ficou olhando em silêncio para as palavras. A seu lado, Bobby ainda estava segurando o lenço manchado de sangue contra o nariz, apesar de a hemorragia já ter parado.

— Eu os vi escrevendo isso quando dobrei a esquina, papai.

— E quem eram? — perguntou John, sentindo uma náusea invadir-lhe o estômago.

— Eram garotos grandes — disse Bobby. — Eu nunca os tinha visto antes. Quando tentei impedi-los, eles me bateram.

John virou-se para o filho de doze anos.

— Há uma lata de tinta branca na garagem. Vá buscá-la. Talvez possamos pintar a cerca antes que sua mãe e JeriLee voltem das compras.

— Está bem, papai. Mas por que eles dizem essas coisas da minha irmã?

— Algumas pessoas são muito doentes, Bobby. E são estúpidas demais.

— O que eles fizeram é uma coisa horrível. Tenho vontade de matá-los.

John olhou para o filho. O rosto do menino estava sombrio.

— Vá buscar a tinta, Bobby — disse ele, suavemente.

O rapaz correu pelo gramado até a garagem. John virou-se e olhou para um lado e outro da rua. Não havia ninguém à vista. Meteu a mão no bolso e tirou um cigarro. Já se havia passado um mês desde aquela noite. A noite em que ele abrira a porta e deparara com dois rapazes segurando uma JeriLee apavorada e terrivelmente espancada...

O show noturno estava quase acabando quando tocaram a campainha da porta. John levantou-se da poltrona em frente da televisão, onde estivera cochilando, e olhou para o relógio. Era uma hora da madrugada.

— Deve ser JeriLee — disse ele. — Ela provavelmente esqueceu a chave.

Verônica estava absorvida na televisão.

— Diga a ela para não ser tão esquecida da próxima vez. Poderíamos estar dormindo.

John seguiu pelo pequeno corredor que levava à porta da frente. A campainha tocou novamente.

— Já estou indo, querida — disse ele, girando a chave.

A porta se abriu sem que ele a puxasse. Por um momento, John ficou paralisado de horror com a cena. JeriLee estava entre dois rapazes, as roupas rasgadas, o sangue escorrendo por uma das faces, quase até o alto de um dos seios expostos. Bernie enlaçava-a pela cintura, para impedir que ela caísse.

Havia uma expressão de terror nos olhos de JeriLee,

quando ela balbuciou "Papai..." e deu um passo trôpego na direção dele.

John segurou-a antes que ela caísse. Sentiu o bater descompassado e apavorado do coração da filha.

— Oh, Deus! — exclamou ele. — Mas o que aconteceu?

O rapaz preto, a quem ele nunca vira antes, foi o primeiro a falar:

— Nós lhe contaremos tudo o que aconteceu, Sr. Randall. Mas é melhor chamar logo um médico para JeriLee. Ela está bastante ferida.

A essa altura, Verônica já se levantara e estava atrás do marido. Ao ver o estado da filha, deixou escapar um grito:

— John!

JeriLee virou-se para a mãe.

— Mamãe, eu...

Um tom de medo e de raiva surgiu na voz de Verônica:

— Em que confusão se meteu desta vez, JeriLee?

— Cale-se, Ronnie! — gritou John, ríspidamente. —

Telefone para o Dr. Baker e diga-lhe para vir até aqui imediatamente. — Sem esperar por uma resposta, pegou JeriLee nos braços e levou-a para o quarto dela, no segundo andar. Colocou-a na cama, gentilmente.

JeriLee gemeu, baixinho. O que restava do vestido caiu, deixando à mostra as queimaduras de cigarro nos seios.

— Estou com medo, papai...

— Não há nada de que ter medo agora. Você está em casa. É segura.

— Mas dói muito, papai...

— Você já vai ficar boa, querida. O Dr. Baker está a caminho. Ele dará um jeito de parar a dor.

— Ele já está vindo para cá — disse Verônica, entrando no quarto e olhando para JeriLee. — O que aconteceu?

— Walt disse que ia trazer-me para casa...

Verônica não esperou que ela terminasse, dizendo, furiosa:

— Walt? E quem é esse Walt? Aquele rapaz preto que está lá embaixo? Você sabe muito bem que não deve meter-se com gente como ele!

— Não, mamãe — murmurou JeriLee, sacudindo a cabeça, debilmente. — Ele não é Walt. É Fred. E veio junto com Bernie para me salvar.

Verônica tornou a interrompê-la:

— Para salvá-la? E onde diabo você estava? Pensei que estivesse no seu trabalho!

John viu o medo surgir novamente nos olhos da filha.

— Pare com isso, Ronnie! — disse ele, rispidamente. — Chega de perguntas. Vamos procurar aliviar-lhe um pouco as dores, até o médico chegar. Vá buscar uma toalha e um pouco de água quente.

— Está tudo bem, querida — disse ele para JeriLee, assim que Verônica saiu do quarto.

— Não quero acordar Bobby — sussurrou JeriLee. — Não quero que ele me veja neste estado...

— Não se preocupe, querida. Nem mesmo um terremoto consegue acordar seu irmão. — A campainha da porta soou. — Deve ser o médico — murmurou John, afastando uma mecha de cabelos da testa de JeriLee. — Você já vai ficar boa.

— Mamãe vai ficar zangada comigo...

— Não vai, não. Ela está apenas um pouco transtornada.

O Dr. Baker já tinha visto de tudo. Depois de quarenta anos de exercício da medicina, ele não tinha mais que esperar por explicações. Sem dizer uma só palavra, abriu a maleta negra. Rapidamente, aplicou uma injeção em JeriLee. — Isso vai acabar com a dor, JeriLee — disse o médico, empertigando-se e virando-se para John e Verônica. — Vocês dois podem descer, enquanto cuido dela.

— Ela vai ficar boa? — perguntou John.

— Claro que vai.

Eles desceram e foram para a sala de estar, onde Fred e Bernie estavam esperando.

— Como está ela? — perguntou Bernie.

— O Dr. Baker disse que ela vai ficar boa — informou John. — Agora, contem-me o que aconteceu.

— JeriLee estava cansada e queria voltar cedo para casa — disse Bernie. — Walt disse que a traria até aqui, a caminho da casa dele. Walt estava com alguns amigos. Quando o senhor telefonou e descobrimos que ela ainda não tinha voltado para casa, Fred achou que alguma coisa estava errada. Foi então que decidimos ir procurá-la.

— E o que o fez pensar que havia alguma coisa errada? — perguntou John a Fred.

— Walt e os amigos dele tinham bebido bastante. Achei que eles estavam se comportando de maneira muito esquisita.

— Quem é esse tal de Walt de quem estão falando? — perguntou Verônica. — Nunca ouvi JeriLee mencioná-lo.

— Walt Thornton — disse Bernie. — Ele mora na casa que fica no fim do promontório.

— O filho do escritor? — perguntou John.

— Esse mesmo.

— O que aconteceu quando chegaram lá?

Foi Fred quem respondeu:

— Walt estava segurando-a no chão, enquanto o outro rapaz fazia coisas com ela. JeriLee estava gritando tão alto que pudemos ouvi-la do outro lado da casa.

O rosto de John estava extremamente tenso. Ele pegou o telefone.

— O que vai fazer? — perguntou Verônica.

— Vou ligar para a polícia.

— Espere um instante — disse ela, tirando o fone da mão dele e voltando a pô-lo no gancho. — Ainda não sabemos se eles fizeram mesmo alguma coisa com ela.

John olhou-a com uma expressão espantada.

— Mas você viu o que eles fizeram! Comportaram-se como animais. Torturaram-na. Acha que isso não é suficiente?

— Você os viu fazendo alguma coisa? — perguntou Verônica a Fred, a voz estranhamente calma.

— Não sei o que está querendo saber, senhora — disse Fred, com o rosto impassível.

— Você os viu tendo relações com ela? — perguntou Verônica, corando.

— Não, senhora. E não creio que tenham chegado até esse ponto.

— Está vendo? — disse ela, virando-se para o marido. — Eles não fizeram nada!

— Eles fizeram até demais! — berrou John, furioso.

— Se telefonar para a polícia, todo mundo na cidade vai saber o que aconteceu — disse Verônica. — E não creio que o Sr. Carson vá gostar.

— Não me importo com o que o Sr. Carson possa gostar ou não!

— Além disso, não sabemos o que JeriLee pode ter feito

para provocá-los.

— Acredita mesmo nisso?

— É a primeira coisa que os outros vão pensar. Conheço esta cidade e você também.

John ficou em silêncio por um momento.

— Está bem. Vou esperar até o médico descer. Veremos o que ele têm a dizer. — John virou-se para os rapazes.

— Não sei como lhes agradecer pelo que fizeram. Se não fosse por vocês...

Os rapazes ficaram embaraçados. Verônica perguntou-lhes:

— Gostariam de tomar um café ou alguma outra coisa?

Fred sacudiu, a cabeça.

— Não, obrigado, senhora. Tenho que voltar para o clube.

Eles devem estar preocupados com a minha ausência. Só vou esperar mais um pouco, para saber o que o médico tem a dizer.

— Não precisam esperar — disse Verônica. Subitamente, ela queria que os dois rapazes saíssem logo de sua casa. Se algo mais acontecera a JeriLee, ela não queria que eles soubessem. — Eu lhes telefonarei pela manhã.

Bernie hesitou. Olhou para Fred, depois assentiu.

— Está certo — disse ele finalmente.

Os dois se encaminharam para a porta. Verônica pigarreou.

— Eu agradeceria se não dissessem nada a ninguém. Esta é uma cidade pequena. Creio que sabem como as pessoas costumam comentar essas coisas, já que não têm mais nada sobre o que falar.

— Não precisa ficar preocupada por nossa causa, Sra.

Randall — assentiu Bernie. — Não vamos contar nada.

Assim que a porta se fechou, John aproximou-se da esposa.

— O Dr. Baker está lá em cima há bastante tempo, Ronnie.

— Ele subiu há apenas quinze minutos — disse ela, olhando para a escada e depois tornando a fitar o marido. — Não sei como JeriLee pôde meter-se numa situação dessas.

— Você ouviu o que os rapazes contaram, Ronnie. O tal de Walt tinha prometido trazê-la para casa.

— E acredita mesmo nisso?

— Acredito.

— Pois eu não acredito — disse Verônica. — Conheço JeriLee. Ela é mais parecida com o pai do que eu gostaria de pensar. Ele nunca atentou para as consequências de seus atos,

assim como JeriLee. Creio que ela sabia exatamente o que estava fazendo.

— Não está sendo justa para com ela — disse John, furioso.

— JeriLee é uma boa menina.

Como ele era ingênuo, pensou Verônica.

— Vamos esperar para ver o que o médico nos diz, John. Enquanto isso, vou fazer um café.

Verônica tinha acabado de pôr o café na mesa, quando o Dr. Baker desceu.

— Ela está bem — informou ele. — Está dormindo agora. Apliquei-lhe uma injeção para isso.

— Aceita um café, doutor? — perguntou Verônica.

Ele assentiu, com uma expressão de cansaço.

— Obrigado.

Verônica encheu uma xícara e entregou-lhe. Depois serviu outra xícara para John e uma para si.

— Eles...? — perguntou ela.

— Não — respondeu o médico, fitando-a.

— Ela ainda é virgem?

— Se isso é tudo o que a preocupa, pode ficar tranquila que ela ainda é virgem — disse o médico, irritado.

— Então nada aconteceu — murmurou Verônica, aliviada.

— Nada aconteceu? — repetiu o médico, sarcasticamente.

— Tem razão, nada aconteceu, se não levarmos em consideração a surra violenta e as queimaduras quase de terceiro grau nos seios e no púbis, além de um nariz quebrado e marcas de dentes, que parecem ter sido deixadas por um animal selvagem.

— Vou ligar para a polícia — disse John. — Eles não podem escapar impunes.

— Não faça isso! — disse Verônica, firmemente. — O melhor que temos a fazer é esquecer tudo. Ainda não sabemos o que ela fez para provocá-los. E mesmo que ela não tenha feito coisa alguma, você sabe o que as pessoas irão pensar. Sempre acham que a culpa é da moça.

— Acha que será isso mesmo, Dr. Baker? — perguntou John.

O médico hesitou. Sabia como John estava se sentindo. Ele se sentiria da mesma maneira, se ela fosse sua filha. Mas Verônica estava certa. A melhor coisa era tratar de esquecer.

— Receio que sua esposa esteja com a razão, John. As

peessoas reagem de maneira muito estranha a essas coisas.

John contraiu os lábios, muito tenso.

— Quer dizer que deixaria os rapazes escaparem completamente impunes?

— Talvez possa discutir o assunto com os pais deles, confidencialmente — sugeriu o médico.

— E de que adiantaria isso? Tenho certeza de que os rapazes encontrariam uma maneira de atribuir toda a culpa a JeriLee.

— Foi exatamente isso o que eu quis dizer — interveio Verônica, rapidamente. — E qualquer que seja o resultado, a cidade toda tomará conhecimento do que aconteceu. Continuo a dizer que o melhor é esquecermos tudo.

John olhou para a esposa. Era como se a visse pela primeira vez. Verônica estava mais assustada e mais calculista do que ele jamais imaginara. Quando ele falou, sua voz estava carregada de angústia:

— Talvez nós possamos esquecer. E JeriLee? Será que ela também conseguirá esquecer?

Capítulo 12

— Você e sua maldita mania de bancar o garoto bonito! — murmurou Jack, furioso, enquanto jogava suas roupas na valise de couro toda rachada.

Fred acendeu um cigarro, sem dizer nada.

— É melhor arrumar suas coisas, Fred. — Jack empertigou-se. — O homem nos deu até meio-dia para irmos embora.

— Vou dar uma volta, Jack — disse Fred, levantando-se.

Ele piscou, quando o sol da manhã bateu em cheio nos seus olhos. Não havia uma única nuvem no céu. Ia ser um dia escaldante. Atravessou o estacionamento e seguiu para a praia, contemplando o mar.

A água tremeluzia entre verde e azul, e pequenas ondas de crista branca se desmanchavam nas areias desertas. Fred tirou os sapatos e enrolou as pernas da calça até os joelhos. Segurando os sapatos com uma das mãos, começou a andar pela beira d'água. Respirou forte, sentindo o ar do mar penetrar-lhe até o fundo dos pulmões. Jack tinha razão. Era um mundo maravilhoso... desde que se fosse branco. Não havia nada parecido com aquilo lá no Harlem.

Menos de uma semana se havia passado desde aquela noite. O dia seguinte fora tranquilo. JeriLee não fora trabalhar e Walt e seus amigos também não tinham ido ao clube. Nem mesmo Marian Daley havia aparecido. E então, de tarde, os rumores começaram a se espalhar.

Um dos rapazes que viera visitar Walt Thornton estava ferido num hospital em Jefferson, a cerca de cinquenta quilômetros de Port Clare. Tinha um molar quebrado, o queixo fraturado e diversas costelas deslocadas. Os ferimentos haviam sido declarados como consequência de um acidente, uma queda de mau jeito. Talvez a coisa passasse despercebida, se Walt não tivesse também diversos cortes e escoriações. Era mais do que o suficiente para que comesçassem a fazer perguntas.

Enquanto isso, a mãe de Marian Daley estivera procurando por ela em toda a cidade, ligando para as amigas da filha. Marian não voltara para casa na noite anterior. Pela manhã, a mãe começou a ficar preocupada. Descobriu finalmente que a filha fora até a casa de Walt e telefonou. Como ninguém atendesse, resolveu ir de carro até lá.

Tocou a campainha da porta da frente, mas ninguém veio atender. Verificando que a porta não estava trancada, ela entrou. Não encontrou ninguém no andar térreo da casa e foi até as portas corrediças que davam para a piscina. Havia ali uma confusão total, com cadeiras viradas e garrafas quebradas. Ficou parada ali por um momento, perplexa, depois voltou para a sala e pegou o telefone, a fim de ligar para a polícia. Nesse momento ouviu um barulho num dos quartos do segundo andar.

Chegou ao alto da escada no momento em que Marian saía do quarto. A moça encontrava-se totalmente nua. Ficaram paradas ali, fitando-se, inteiramente aturcidas pela surpresa, quando um rapaz que ela não conhecia apareceu na porta do quarto, por trás da filha. Ele também estava nu. A Sra. Daley foi a primeira a recuperar a voz.

— Vista-se, Marian, e venha comigo! — Depois, sem esperar resposta, ela se virou e desceu a escada, indo esperar no carro lá fora.

Alguns minutos depois, Marian saiu da casa e sentou-se no carro, ao lado da mãe, em silêncio. Sem dizer uma palavra, a mãe ligou o carro e deu a partida. Só quando tinham chegado à rua é que a Sra. Daley falou.

— Desta vez, Marian, você se excedeu. Quando seu pai descobrir o que aconteceu, não sei o que ele poderá fazer.

Marian começou a chorar. Ela levou apenas dois minutos para contar a sua versão dos acontecimentos. A mãe não a interrompeu. Ao final, lançou um olhar rápido para a filha e perguntou:

— Quer dizer que JeriLee veio com você?

— Veio, mamãe. íamos apenas nadar um pouco. Foi então que Bernie e Fred apareceram inesperadamente. Houve uma briga terrível e eles levaram JeriLee.

— Onde é que estão Walt e o outro rapaz?

— O outro rapaz ficou tão ferido que Walt o levou para o hospital de Jefferson.

— Por que aquele negro foi até lá?

— Não sei, mamãe. Mas JeriLee é muito amiga dele. Estão sempre juntos lá no clube.

— Eu disse ao Sr. Corcoran, quando ele os contratou, que nunca se pode confiar em negros. Eles não têm o menor respeito pelas outras pessoas.

— O que vai contar a papai?

— Ainda não sei. Ele vai ficar furioso quando descobrir que havia um negro, presente e que a viu sem roupas. Mas, primeiro, vou ter uma conversa com a mãe de JeriLee e descobrir se ela sabe o que a filha anda fazendo. Depois, vou ter uma conversinha com Corcoran. Se ele quiser manter os sócios do clube, é melhor encontrar um meio de se livrar daqueles negros.

O telefone da escrivania tocou no momento mesmo em que John Randall voltou do almoço. Ele atendeu.

— Randall falando.

— John?

A voz de Verônica estava claramente transtornada. John foi invadido por um medo súbito.

— JeriLee está bem?

— Está, sim. Mas acabei de receber um telefonema da Sra. Daley. Ela me disse que aquele rapaz está no hospital em Jefferson e que foi severamente espancado.

— Mas que pena! — disse John, sarcasticamente. — Se eu estivesse presente, tenha certeza de que o teria matado.

— O problema não é esse, John. Ela disse que JeriLee era muito amiga daquele rapaz preto e que os dois andavam saindo juntos. Foi por isso que ele foi até lá, porque estava com ciúmes de JeriLee.

— Mas isso é um absurdo!

— Ela disse que Marian estava presente. E que JeriLee quis fazer parte do grupo. Ninguém falou nada sobre levá-la para casa.

— Marian Daley é uma mentirosa descarada!

— Ela me perguntou se JeriLee chegou a casa direito.

— E o que foi que lhe disse?

— Eu disse que sim. Ela quis então saber quem a tinha trazido para casa. Eu contei. Ela disse que ia até o clube, para falar com o Sr. Corcoran e exigir-lhe que mandasse embora a orquestra de pretos. E disse também que eu devia ser mais rigorosa com JeriLee e não a deixar relacionar-se com gente desse tipo.

— Não podemos deixar que façam um mau juízo do que aconteceu. O rapaz merece uma medalha pelo que fez. Ligue novamente para ela e conte-lhe exatamente o que aconteceu.

— Não posso fazer uma coisa dessas, John. Além do mais, ela não acreditaria em mim. Pensa que JeriLee foi até lá com a filha dela, porque assim o queria. E mesmo que ela acreditasse, a história iria espalhar-se pela cidade como fogo em capim seco.

— É melhor isso do que deixar que o rapaz perca o emprego por algo pelo qual não é responsável.

— Ninguém acreditaria, John. Todos vão pensar que a culpa é de JeriLee. Nunca mais conseguiríamos andar de cabeça levantada nesta cidade. E você sabe como o Sr. Carson é com relação aos empregados do banco. Só uma palavra desfavorável e estaremos liquidados.

— Ele acreditará na verdade, se eu lhe contar. E acho que é melhor ir conversar com ele logo de uma vez, antes que a história se espalhe.

— Acho que deve procurar ficar fora disso, John.

— Não adianta. Já estou afundado até o pescoço. E não posso deixar que aquele rapaz sofra por ter salvo minha filha de ser

violentada.

John desligou e foi até os fundos do banco, batendo na porta de vidro do gabinete do Sr. Carson. A voz do presidente do banco veio de trás da porta fechada:

— Entre.

John abriu a porta e deu meio passo para o interior do gabinete. Parado no limiar da porta, perguntou polidamente:

— Sr. Carson, tem um momento disponível?

O Sr. Carson levantou os olhos e disse cordialmente:

— Claro, John. Minha porta está sempre aberta para você.

Já lhe disse isso.

John assentiu, embora soubesse que não era verdade.

Fechou a porta cuidadosamente.

— Trata-se de um problema pessoal, Sr. Carson.

— Não posso dar nenhum aumento agora, John. Você conhece a nossa política. Só fazemos a revisão salarial uma vez por ano.

— Eu sei, Sr. Carson. O problema não é esse. Estou satisfeito com minha remuneração.

— Fico contente em saber disso, John. — Carson sorriu — As pessoas parecem que não ficam mais satisfeitas com coisa alguma. — Apontou para a cadeira em frente à mesa. — Vamos, John, sente-se. Sobre o que deseja falar-me?

— É um assunto confidencial, Sr. Carson.

— Não precisava dizer isso, John. Tudo o que me falar permanecerá entre estas quatro paredes.

— Obrigado, Sr. Carson. Quero falar-lhe sobre minha filha, JeriLee.

— Nem precisa falar, John. — Carson suspirou. — Também tenho filhos. Só nos dão problemas e mais problemas.

John perdeu a paciência e explodiu:

— Ela foi espancada e quase violentada ontem à noite!

— Oh, meu Deus! — O choque de Carson era genuíno. — E ela está bem?

— Está, sim. O Dr. Baker cuidou dela. Disse que vai ficar boa.

Carson tirou um lenço do bolso e enxugou a testa.

— Graças a Deus! É um homem afortunado, John. — Ele pôs o lenço em cima da mesa e acrescentou: — Não sei o que vai acontecer com este mundo, do jeito que as coisas estão indo...

Espero que tenha apanhado o bandido responsável.

— É esse justamente o problema, Sr. Carson. Verônica acha que não devemos denunciar nada à polícia, pois isso só serviria para expor JeriLee à vergonha pública.

— Talvez ela tenha razão em parte, John. Mas não se pode deixar um homem assim escapar impune. Nunca se sabe quem poderá ser sua próxima vítima.

— É exatamente isso que eu sinto, Sr. Carson. Mas a situação agora está bem pior. Um dos rapazes que salvou JeriLee está prestes a perder o emprego, só porque tentou ajudá-la.

Carson não era totalmente estúpido e o instinto disse-lhe que devia procurar saber mais detalhes sobre o que acontecera.

— Não quer contar a história desde o início, John?

Ele ficou escutando em silêncio, enquanto John contava o que acontecera.

— Não entendo como Marian Daley pode estar envolvida na história — disse ele, quando John terminou.

— Ao que parece, ela estava presente quando tudo aconteceu. JeriLee disse que ela continuou na casa, depois que eles foram embora.

— E eles fizeram alguma coisa com ela?

— Não sei.

— E como foi que a mãe dela soube da história?

John deu de ombros. O banqueiro ficou calado por um momento. Seria um problema dos mais simples, se John não fosse funcionário do banco.

— Já falou com a polícia, John?

— Era o que eu ia fazer, mas Verônica disse para esperar um pouco. Talvez seja melhor eu falar logo de uma vez.

— Não faça isso, John..Acho que será muito melhor se resolvermos as coisas particularmente.

— E como posso fazer isso? Não posso chegar para o Sr. Thornton e dizer-lhe: "Seu filho tentou violentar minha filha". E não posso procurar o Sr. Daley para declarar-lhe que a filha dele é uma mentirosa.

— Tem razão, John, não pode mesmo — comentou Carson, pensativo.

— Enquanto isso, aquele pobre rapaz vai perder o emprego.

— Normalmente, John, eu jamais diria tal coisa. Mas tendo em vista as circunstâncias, sou obrigado a concordar com a Sra.

Randall em que a melhor atitude é deixar as coisas como estão e esperar que todos esqueçam. Como funcionário do banco, você sabe que o Sr. Thornton faz vultosos depósitos aqui e que o Sr. Daley, como construtor de casas, carrega para nós uma porção de excelentes negócios. Uma coisa dessas poderia levá-los a fazer transações com outros.

— Mas Isso seria uma estupidez!

— É claro que sim, John. Mas você sabe como são os clientes. Nós podemos perdê-los pelos motivos mais absurdos e sem importância. E acontece que esses dois clientes são muito importantes para nós.

— E devo deixar então que o rapaz perca o emprego?

— Vou conversar com Corcoran e verei o que posso fazer.

— Carson levantou-se e contornou a mesa, pondo a mão no ombro de John. — Sei como se sente, mas acredite em mim. Há certas coisas que é melhor não falar. De qualquer maneira, o rapaz só ia mesmo passar algumas semanas aqui. E nós temos que continuar a viver nesta cidade.

John não respondeu. Carson retirou a mão do ombro dele e sua voz assumiu um tom mais profissional:

— Já ia me esquecendo, John. Ouvi dizer que as autoridades estaduais talvez nos façam uma visita de surpresa, para fiscalizar o banco. Gostaria que você revisasse todas as contas, só para certificar-se de que está tudo em ordem.

— Vou começar a trabalhar nisso agora mesmo, Sr. Carson — disse John, levantando-se.

— Ótimo. O importante é que sua filha esteja bem. Não se preocupe com mais nada. As coisas costumam resolver-se por si mesmas.

— Obrigado, Sr. Carson.

John voltou para sua mesa e sentou-se, dominado por uma estranha sensação de inutilidade. Carson nada faria. Tinha certeza disso. Ele o dissera bem claramente. Os negócios do banco vinham em primeiro lugar. Como sempre.

A Sra. Daley levou apenas quatro dias para conseguir fazer com que Fred fosse despedido.

Capítulo 13

JeriLee estava sentada na varanda quando o Dr. Baker chegou. Ao vê-la, ele constatou que a capacidade de recuperação dos jovens nunca deixava de surpreendê-lo. O inchaço ao redor do nariz já desaparecera quase completamente e as manchas arroxeadas por baixo dos olhos já não existiam.

— Eu não esperava vê-la aqui fora, JeriLee.

— Estava cansada de ficar no quarto.

Ele subiu os degraus para a varanda.

— Como está se sentindo?

— Muito melhor. Vou ficar com cicatrizes no... ? — Ela não concluiu a pergunta.

— Não, JeriLee. Ficará por algum tempo com manchas brancas nos lugares em que foi queimada, mas mesmo isso acabará desaparecendo.

— Que bom! — murmurou JeriLee, visivelmente aliviada. — Eu estava começando a ficar preocupada. O aspecto é horrível.

— Estou achando que está mesmo melhor, JeriLee. — O Dr. Baker soltou uma risada. Era bom ver que ela estava recuperando a vaidade. — Agora vamos entrar. Quero examiná-la.

Subiram para o quarto de JeriLee. Ela despiu-se sem o menor constrangimento e enrolou-se numa toalha. O Dr. Baker acendeu o seu pequeno refletor, embora realmente não precisasse dele. Mas achava que, assim, o seu exame parecia mais profissional. JeriLee estendeu-se na cama e ele removeu os curativos. Cuidadosamente, limpou o unguento e examinou as queimaduras. Depois de um momento, assentiu, satisfeito.

— Está se recuperando muito bem, JeriLee. Acho que não precisa mais usar curativos. Procure apenas não usar roupas que possam irritar os locais queimados.

— Está se referindo ao sutiã?

O médico assentiu.

— Mas não posso fazer isso.

— E por que não? Ninguém pode ver nada por baixo

— Não é isso, Dr. Baker. É que balança demais. E fico

constrangida.

— Pois passe a andar mais devagar e nada acontecerá — disse o médico, rindo. — Não preciso mais vir aqui, JeriLee. Apareça em meu consultório dentro de uma semana e veremos se está tudo bem.

— Sim — disse ela, sentando-se na cama. — Posso voltar ao trabalho?

— E você quer voltar?

— Quero.

— Pode encontrar-se novamente com aqueles rapazes.

— Não tenho medo deles. E tenho certeza de que não vão mais tentar coisa alguma. Além disso, não posso ficar o tempo todo trancada dentro de casa.

— Pode voltar ao trabalho, se é o que está querendo. Mas não se esforce demais. Ainda não recuperou totalmente suas forças.

— Pensei em esperar acabar o fim de semana e só voltar ao trabalho na segunda-feira. É mais calmo no início da semana.

— Está certo, JeriLee. Mas quero que não hesite em me telefonar, se precisar de alguma coisa.

— Obrigada, doutor.



A moça ficou olhando para a porta fechada, depois que o médico saiu. Só deixou a cama um minuto depois. Sentia-se ligeiramente perturbada. Bernie e Fred vinham telefonando todas as manhãs. Naquela manhã, porém, ela não recebera nenhum telefonema. Meteu-se num roupão, desceu a escada e, num pressentimento súbito, decidiu telefonar para a casa de Bernie. Ao atender, ele disse:

— Já ia telefonar para você, JeriLee.

Ela olhou para o relógio. Eram onze horas.

— Por que não está no trabalho, Bernie?

— Corcoran nos despediu.

— A você e Fred? — indagou JeriLee, alteando a voz, surpresa. — Mas por quê?

— Não sei. Mas a mãe de Marian andou falando o diabo. Só

Deus sabe a história que Marian contou para ela.

— Onde está Fred?

— Está no clube, fazendo as malas. Eles despediram todo o conjunto.

— Tenho que ir vê-lo. Pode levar-me até lá, Bernie?

Ele hesitou por um momento.

— Fred está bastante perturbado com o que aconteceu, JeriLee.

— E eu também estou. Vai me levar ou não?

— Está certo. Quando?

— Agora mesmo. Estarei pronta dentro de dez minutos.

— Fred! Fred! — A voz dela veio flutuando sobre as dunas.

JeriLee estava parada no alto da pequena elevação que separava a praia da sede do clube. Ele ergueu a mão e acenou, ficando à espera de que ela descesse até a praia. Tinha mesmo um jeito simples e animal de caminhar, pensou Fred, contemplando-a. O rapaz saiu da água e foi encontrar-se com ela na areia.

Sem dizer nada, JeriLee segurou-lhe a mão. Ele ficou imóvel por um momento, sentindo o calor dos dedos dela. Depois, ainda de mãos dadas, começaram a caminhar pela beira da água.

— Não é justo — disse ela, depois de algum tempo. Os olhos de Fred procuraram os dela. Sua voz era suave:

— Nada é justo, menina.

— Por que me chama assim?

— Porque é justamente isso o que você é. Uma garotinha, uma menina que está começando a crescer, está tentando ser mulher, por causa do seu tamanho.

— Talvez você esteja certo, Fred. É assim que às vezes me sinto.

Eles ficaram em silêncio por alguns minutos. Depois, JeriLee voltou a falar:

— Não podem fazer isso com você.

— Eles já fizeram — disse Fred, com um sorriso.

— Mas vão voltar atrás, se souberem da verdade. Não sei o que a mãe de Marian contou, mas tenho certeza de que o Sr. Corcoran irá contratá-los novamente, quando eu contar a ele o que realmente aconteceu. Você vai ver só!

— Não vai contar coisa alguma àquele desgraçado! — disse Fred, furioso.

Ela fitou-o, surpreendida com o tom. Fred não tivera

intenção de assustá-la. Mas é que ela não ouvira as histórias que a Sra. Daley e o Sr. Corcoran haviam contado. Subitamente JeriLee se transformara na vilã da história, enquanto Marian se revestira com um halo de santidade.

— Não se preocupe, JeriLee. Arrumarei outro emprego. Ela estacou bruscamente.

— Mas, onde eu arrumarei outro amigo como você?

As palavras dela tocaram fundo no coração de Fred e subitamente os olhos dele ficaram cheios de lágrimas.

— É uma garota maravilhosa, JeriLee. Pode estar certa de que vai descobrir muitos amigos, ao longo de sua vida. — Ele virou-se e olhou para o mar. Receava que, se a fitasse, poderia tomá-la nos braços, perdendo assim uma coisa que realmente nunca tivera.

— Este lugar é tão bonito... — murmurou. — Tão pacífico...

JeriLee não disse nada.

— Acho que é disso que mais sentirei saudade, de andar sozinho pela praia, descalço, bem cedinho, antes de as pessoas acordarem, e virem para cá estragar tudo... Não há nada parecido com isso no Harlem.

— Nunca mais irá voltar para me visitar, Fred?

Ele largou a mão dela.

— Não tenho nada que fazer aqui, Além disso, estarei muito ocupado, trabalhando o verão inteiro e voltando para a escola em setembro.

— Mas você tem que ter um dia de folga, mais cedo ou mais tarde.

— JeriLee, pelo amor de Deus, deixe-me em paz!

Ele viu as lágrimas surgirem nos olhos dela, mas conteve-se e não chegou perto.

— Tenho de voltar e terminar de arrumar minhas coisas ou perderemos o ônibus para Nova York.

JeriLee assentiu, recuperando o autocontrole.

— Eu o acompanharei até o clube, Fred.

Eles só viram os guardas quando estavam no alto da duna. Eram dois guardas uniformizados e se dirigiram para eles. O mais alto olhou para Fred e perguntou:

— Você é Fred Lafayette?

Fred olhou para JeriLee, antes de responder:

— Sou, sim.

O guarda tirou um papel do bolso.

— Tenho um mandado de prisão contra você.

Fred pegou o mandado, sem olhá-lo.

— Sou acusado de quê?

— De agressão e ferimentos com uma arma letal contra a pessoa de um certo Joe Herron, na noite de 10 de julho. Virá conosco quietinho ou teremos que algemá-lo?

— Pode ficar tranquilo que não criarei a menor confusão — disse Fred.

— Ótimo, rapaz — disse o guarda, relaxando. — Pois vamos indo.

JeriLee finalmente recuperou a voz.

— Para onde o estão levando?

— Para a cadeia do condado, em Jefferson.

— Conheço o chefe Roberts. Posso falar com ele?

— Pode falar com quem quiser, moça, mas não vai adiantar nada, neste caso. Estamos fora da jurisdição do xerife.

— Não se preocupe, Fred. Falarei com meu pai. Ele dará um jeito.

— Fique fora disso, JeriLee. Deixe que eu mesmo resolverei tudo sozinho.

— Como posso ficar de fora, Fred? Já estou metida nisto!

Capítulo 14

O Juiz Winsted olhou para o relógio de bolso de ouro, muito antigo, que o pai lhe dera cinquenta anos antes, quando ele se formara em direito.

— Quinze para uma — anunciou ele, fechando a tampa do relógio ruidosamente e tornando a guardá-lo no bolso. — É a primeira vez, desde a guerra, que Carson se atrasa.

— Deve ter acontecido algo muito importante para atrasá-lo desse jeito — assentiu Arthur Daley.

O almoço mensal dos três tornara-se mais que um simples

ritual. Na terceira sexta-feira de cada mês, eles se reuniam e examinavam todos os problemas da cidade. Juntos, formavam o núcleo do poder que movimentava Port Clare. Nada podia ser realizado sem a aprovação deles. Embora nenhum dos três jamais tivesse concorrido ao cargo de prefeito, todos sabiam, até mesmo os políticos, que a única maneira de realizar alguma coisa na cidade era por intermédio deles.

— Quer tomar outro drinque? — perguntou o juiz.

— Não, obrigado. Tenho que ir dar uma olhada numa das minhas obras às duas horas. É preciso estar com a cabeça bem clara na ocasião.

— Pois eu vou tomar outro — disse o juiz, fazendo um sinal para o garçom. — Como estão indo as coisas?

— Muito bem. Devo ter as dez primeiras casas prontas em setembro.

— Isso é ótimo.

— Mas ainda estou esperando a aprovação do condado para os encanamentos de água e esgotos.

— A prefeitura já aprovou?

Daley assentiu.

— Então não há problema — garantiu o juiz. — Falarei com o pessoal de lá para resolver logo de uma vez.

— Isso será ótimo.

— E como vai ser o financiamento? — perguntou o juiz.

— Ainda não sei. Quero primeiro conversar com Carson. Trinta mil dólares é um preço bastante elevado para financiamento. Mas se eu vender as casas mais barato, não teremos lá o tipo de pessoas que estamos querendo.

— Não podemos deixar que isso aconteça. Temos a responsabilidade, perante a comunidade, de não permitir que os nossos padrões sejam rebaixados.

— Tem toda a razão — disse Daley, secamente.

Os dois achavam que a melhor maneira de manter os indesejáveis longe de Port Clare era cobrar-lhes um preço exorbitante, além do alcance deles. O juiz levantou os olhos.

— Lá está Carson.

O banqueiro aproximava-se rapidamente. O rosto estava vermelho. Ele desabou numa cadeira, sem pedir desculpas.

— Preciso de um drinque urgente — disse ele.

Os outros nada disseram, esperando que ele tomasse o

primeiro gole do scotch. Só depois de pôr o copo em cima da mesa é que Carson voltou a falar.

— Temos problemas. — Não esperou que os outros dois fizessem qualquer pergunta, continuando imediatamente em tom irritado: — Foi sua esposa que começou tudo, Daley. Por que não me consultou antes de deixar que ela fizesse o que bem-queria?

Daley estava realmente surpreso.

— Mas não tenho a menor ideia do que você está falando!

— Estou falando sobre aquela coisa que aconteceu na casa de Thornton, na noite do último domingo.

— Mas que coisa?

— Quer dizer que não sabe?

Daley sacudiu a cabeça.

— Sua filha e JeriLee Randall saíram do clube e foram para lá. Ao que parece, dois rapazes tentaram violentar JeriLee. Estavam espancando-a quando apareceram dois amigos dela. Um era o garoto de Murphy e o outro um negro da orquestra do clube. O negro mandou um dos rapazes para o hospital de Jefferson.

— Não consigo entender o que minha esposa tem a ver com essa história.

— Ao que parece, sua esposa descobriu a história e resolveu acabar com a raça do negro. Ela não descansou enquanto Corcoran não despediu o garoto de Murphy e o negro. Se ela tivesse parado por aí a situação não estaria tão ruim assim. Eu ainda poderia controlar as coisas. Já tinha convencido Randall a não fazer nada. Mas depois sua esposa convenceu os pais do rapaz a apresentarem uma queixa de agressão contra o negro. Ele foi preso esta manhã pela polícia do condado. E agora JeriLee diz que vai ao tribunal para apresentar queixa contra o filho de Thornton e os dois amigos dele. E disse também que vai testemunhar a favor do negro. Se isso acontecer, Port Clare terá o tipo de publicidade que temos de evitar a qualquer custo. Não há nada como uma acusação de tentativa de estupro, contra o filho de um dos mais importantes escritores do país, para fazer as manchetes de todos os jornais.

— E não há um meio de convencê-la a não fazer isso? Talvez o pai...

Carson interrompeu o juiz:

— É impossível. Randall está tão transtornado quanto a filha. Ele teria apresentado a queixa de tentativa de estupro no dia

seguinte, se eu não o tivesse convencido a desistir disso. Mas ele soube que estão comentando pela cidade que a filha não passa de uma vagabunda e está fervendo de raiva. — Carson fez uma pausa, olhando para Daley. — Não sabia mesmo que sua filha também estava presente?

— Não. Minha esposa não me disse nada.

— Então deve ser o único homem na cidade que ainda não sabia da história. — Carson virou-se para o juiz: — E você, já sabia?

— Ouvi falar alguma coisa.

— E o que vamos fazer agora?

O juiz pensou por um momento.

— Se as acusações forem retiradas, talvez consigamos abafar a história. Mas alguém terá que conversar com os pais do rapaz e com Randall.

— Posso falar com Randall — disse Carson. — Mas alguém mais tem que falar com os pais do rapaz. — Virou-se para Daley. — Foi sua esposa quem nos meteu nesta encrenca. Talvez ela possa ajudar-nos a sair.

— Não vejo como — protestou Daley. — Se o rapaz foi realmente ferido...

— É melhor você encontrar um meio. Não se esqueça de que sua filha também estava envolvida.

— Ela não teve nada a ver com isso.

— Como é que sabe? — perguntou Carson, com a voz fria e ríspida. — Ela e os rapazes estavam embriagados quando saíram do clube naquela noite. Sua esposa encontrou-a com um dos rapazes, ambos nus, quando foi procurá-la na manhã seguinte.

— Oh, Deus! — gemeu Daley. — Vivo dizendo a Sally que está deixando a menina solta demais.

Carson fitou-o com uma expressão de frieza.

— Talvez você tenha tido muita sorte, no final das contas. Algo muito pior poderia ter acontecido.

— Acho melhor eu deixar o almoço de lado e ir direto para casa, conversar com Sally — disse Daley, levantando-se bruscamente.

Carson ficou observando o construtor sair do restaurante. Depois, virou-se para o juiz e disse:

— Entre em contato com o promotor do condado lá em Jefferson e diga-lhe para suspender o caso. Fale que foi avisado de

que as acusações serão retiradas.

— E se ele já tiver convocado um júri para tratar do caso?

— Diga-lhe para adiar qualquer procedimento.

— Está certo.

— Tenho certeza de que ele vai atender. Sem os votos de Port Clare, ele jamais teria sido eleito. Estou certo de que ele sabe disso muito bem.

— Por que diabo não me disse o que estava acontecendo?

— berrou Arthur Daley para a esposa. — Eu me senti como um idiota. Era o único homem da cidade que não sabia de nada.

— Não queria incomodá-lo, Arthur — disse Sally, em tom apaziguador. — Você já tem problemas suficientes com a sua nova obra.

— Mas que diabo, mulher! Quantas vezes já lhe disse para me consultar, sempre que houver algum problema? Algum dia me recusei a conversar com você?

Sally ficou calada.

— E agora temos uma encrenca dos diabos nas mãos. Já é horrível o bastante saber que nossa filha esteve dormindo com aqueles rapazes. E a coisa vai ficar pior ainda quando os jornais publicarem a história.

— Ninguém vai acreditar na história de JeriLee, Arthur. Quem é que pode aceitar a palavra de JeriLee e daquele negro contra a de Marian e a dos três rapazes?

— Muitas pessoas. Especialmente depois que o Dr. Baker prestar depoimento e declarar o quão barbaramente JeriLee foi espancada.

— Eu não sabia disso até hoje.

— É claro que você não sabia! Devia ter juízo suficiente para ficar quieta quando encontrou Marian pelada, na companhia do tal rapaz. Por que não ficou satisfeita em fazer com que o negro fosse despedido? Por que tinha de convencer os pais do rapaz a apresentarem uma queixa contra o negro?

— Não tentei convencê-los de nada, Arthur. Mas o que eu poderia dizer-lhes, quando me telefonaram para confirmar a história que o filho contara? Eu não podia fazer nada, especialmente depois que exigi de Corcoran que despedisse o negro, pelo que ele tinha feito.

— Mas você disse que apoiaria a queixa deles!

— Eu não tinha alternativa. Ou fazia isso ou tinha que

admitir que sabia o que Marian fizera. Eu não pensava que a situação chegasse a esse ponto.

— É esse o problema! Você não pensava! Nunca pensa em nada! É estúpida demais!

Ela começou a chorar.

— Pare de ganir! Isso não vai resolver coisa alguma! — Ele fez uma breve pausa, perguntando em seguida: — Onde é que eles estão agora?

— Eles quem?

— De quem pensa que estou falando? Os pais do tal rapaz! Onde é que eles estão?

— Estão hospedados, na casa de Thornton.

— Pois ligue para eles e diga-lhes que precisamos falar-lhes, com toda a urgência.

— Não posso fazer isso, Arthur. Não tenho a menor intimidade com eles.

— Oh, Deus! — gemeu Arthur Daley, desesperado. — Pois diga-lhes que sua filha andou com um dos filhos deles, talvez até com ambos. Isso nos torna praticamente parentes por afinidade. Deve ser razão suficiente para o encontro.

— Por que você tem de fazer tudo o que Carson manda? Será que por uma única vez não pode agir por sua própria conta?

— Porque devo a ele duzentos e noventa mil dólares em empréstimos para construções! E se não fosse por ele, eu ainda seria um mero carpinteiro, construindo uma casa de cada vez. Agora, vá telefonar. — Ele foi até a porta, parou e virou-se novamente. — Não me importa o que diga a eles, contanto que marque o encontro.

— Para onde você está indo?

— Vou até lá em cima para ter uma conversinha com aquela sem-vergonha a quem chamamos de nossa filha. Se ela não me disser logo toda a verdade sobre o que aconteceu naquela noite, irei arrancá-la à força.

Arthur bateu a porta violentamente. Sally ouviu os passos firmes dele na escada, enquanto pegava o telefone. Começou a discar, mas parou no meio, ao ouvir a filha gritar de dor. Os dedos ficaram congelados. Não houve mais nenhum barulho lá em cima. Lentamente, ela recomeçou a discar.



Ao apertar a campainha, Arthur Daley automaticamente correu os olhos pela propriedade, avaliando-a. Era um imóvel na beira da praia. Valia pelo menos quarenta mil dólares o acre. E a própria casa valia pelo menos setenta mil dólares.

A porta foi aberta por um homem magro, de aparência cansada, em torno dos cinquenta anos.

— Sou Walter Thornton. Entrem, por favor.

— Eu sou Arthur Daley — disse o visitante, estendendo a mão. — Essa é minha esposa, e ali está a minha filha Marian.

Thornton apertou a mão de Daley e meneou a cabeça para as duas mulheres.

— O Sr. e a Sra. Herron estão na biblioteca.

Depois de ser apresentado aos Herron, Daley começou a falar:

— Lamento vir até aqui desse jeito, mas acho que temos um problema muito importante para acertar. Diz respeito a todos os que estão nesta sala.

— Acho que já tomamos todas as providências necessárias — disse o Sr. Herron. — A polícia, inclusive, já prendeu o rapaz que agrediu meu filho.

— Tenho a impressão de que todos nós agimos com um pouco de precipitação.

— Não tenho muita certeza se estou entendendo o que está dizendo, Sr. Daley — disse Thornton.

— Estou querendo dizer... — Daley hesitou um momento, constrangido. Mas acabou falando: — Estou querendo dizer que não nos contaram a verdadeira história do que aconteceu naquela noite.

— Meu filho foi barbaramente espancado — disse a Sra. Herron. — Não preciso saber de mais nada além disso.

— Sra. Herron, talvez não goste do que lhe vou dizer. Mas por acaso já pensou que seu filho pode ter sido o culpado pela surra que levou? Já pensou que ele talvez estivesse fazendo alguma coisa errada?

A campainha da porta tocou neste momento. Thornton ficou surpreso.

— Devem ser o Juiz Winsted e John Randall — explicou Daley, rapidamente. — Tomei a liberdade de convidá-los a vir até aqui também. John talvez saiba mais sobre a história do que qualquer um de nós. E o juiz é um grande amigo meu. Talvez precisemos do conselho dele.

Thornton foi até a porta e voltou um momento depois com os dois homens.

— E agora, Sr. Daley, quer continuar, por favor? — disse o escritor.

— Pedi a John Randall que viesse até aqui porque a filha dele está envolvida nessa história.

A voz da Sra. Herron era muito fria:

— É claro que ela está! Foi o amiguinho dela que agrediu meu filho!

John levantou-se, bem devagar. A voz dele era calma, embora estivesse tremendo por dentro:

— Vou dizer só uma vez e não pretendo repetir. Seu filho, Sra. Herron, e o seu filho também, Sr. Thornton, tentaram violentar minha filha. Eles a espancaram de forma brutal e queimaram-na selvagememente, nos seios e pelo resto do corpo, com um cigarro aceso. E isso depois de terem-na trazido até aqui contra a vontade dela, fingindo que iam levá-la a casa. Fomos persuadidos por amigos a não apresentar queixa, tendo em vista o bem-estar da comunidade. Mas não podemos ficar de braços cruzados e deixar que o rapaz que salvou minha filha vá para a cadeia. Apesar de não querermos nenhum escândalo público, minha filha e eu estamos planejando apresentar queixa contra os filhos de ambos, amanhã de manhã.

Thornton foi o primeiro a romper o silêncio constrangedor:

— Evidentemente, Daley, deve acreditar nessa história, porque trouxe o Sr. Randall até aqui. Mas não consigo compreender por que está tão convencido assim.

Arthur tossiu, embaraçado!

— Minha filha estava presente. E ela confirma a história de JeriLee.

— As duas estão mentindo! — gritou a Sra. Herron. — O que ela estava fazendo, durante esse pretenso estupro? Estava de braços cruzados, assistindo à cena?

— Conte a ela, Marian — disse Arthur, asperamente.

Marian começou a chorar.

— Eu lhe disse para contar!

— Mike e eu estávamos tendo relações do outro lado da piscina, enquanto Joe e Walt estavam com JeriLee.

— E você não viu o que estava acontecendo? — perguntou Thornton.

— Não podíamos ver muito bem no escuro. Além disso, pensamos que eles estavam apenas se divertindo com ela. Pouco antes, eles a tinham jogado dentro da piscina, toda vestida.

— Ainda não acredito — disse a Sra. Herron, rispidamente.

— Nenhum dos meus rapazes jamais seria capaz de fazer uma coisa dessas.

— Sally, conte à Sra. Herron o que viu quando veio até aqui buscar, Marian, na manhã seguinte — disse Arthur.

— Os dois saíram de um quarto lá de cima — murmurou Sally, num fio de voz. — E ambos estavam nus.

Thornton foi até a porta que dava para os fundos da casa.

— Walt, Mike está aí com você? — Ele não esperou pela resposta, acrescentando imediatamente: — Quero que os dois venham até aqui. Agora!

Um momento depois, os dois rapazes entraram na sala. Estacaram bruscamente, ao verem Marian e os outros. Numa voz sofrida, Thornton perguntou ao filho:

— Não me contou toda a história sobre o que tentaram fazer com JeriLee naquela noite, não é mesmo?

O rapaz olhou para o chão.

— Não queríamos machucá-la, papai. — Subitamente, ele estava quase em lágrimas, a voz trêmula: — Tudo começou com uma brincadeira.

— Parece que um erro terrível foi cometido — disse Thornton. — O que poderemos fazer para endireitar as coisas?

— Foi por isso que pedi ao juiz para vir também — disse Daley. — Ele nos poderá dizer o que devemos fazer.

Capítulo 15

Jack e um homem já idoso, a quem Fred nunca vira antes, estavam no gabinete do xerife, quando o guarda o trouxe da cela.

— Você está sendo libertado, rapaz — disse o xerife. — As acusações contra você foram retiradas. — O xerife tirou um envelope pardo cheio de coisas de uma gaveta e empurrou-o na direção dele. — Suas coisas estão aqui dentro. Quer verificar, por favor?

Fred abriu o envelope e tirou o conteúdo. Seu Timex de dez dólares estava ali, assim como o pequeno anel de ouro que a mãe lhe dera quando se formara na escola. secundária e o bracelete de prata, com seu nome gravado, que era um presente da irmã. Duas notas de um dólar, bem amassadas, e setenta cents em moedas completavam o resto do conteúdo do envelope. Ele pôs o relógio e o bracelete no pulso e guardou o dinheiro no bolso.

— Está tudo aí, rapaz? — perguntou o xerife.

— Está, sim.

O xerife estendeu-lhe um papel.

— Assine aqui, por favor. É um recibo de que tudo lhe foi devolvido.

Rapidamente, Fred pegou a caneta e assinou o recibo.

— Está tudo bem agora — disse o xerife. — Pode ir embora.

Jack apertou a mão de Fred, sacudindo-a entusiasticamente.

— Não sabe como estou contente por terem soltado você! Acabei de falar com o nosso agente e ele já nos arrumou um contrato lá em Westport.

Jack percebeu que Fred estava olhando inquisitivamente para o homem idoso, de cabelos e bigodes brancos.

— Esse é o Juiz Winsted, Fred. Foi ele que endireitou as coisas para nós.

O juiz estendeu a mão.

— É um prazer conhecê-lo, Fred.

— Obrigado,, juiz.

O juiz virou-se para o xerife:

— Peck, você tem uma sala onde eu possa conversar com o meu cliente?

— Claro, juiz. Pode abrir aquela porta ali adiante. A sala está vazia.

Fred e Jack seguiram o juiz para a outra sala. O juiz puxou uma cadeira para junto da mesinha que havia na sala e sentou-se.

— Quanto mais velho fico, mais calor eu sinto. Às vezes me pergunto se isso não será sinal de alguma coisa. — O juiz fez um gesto para que os dois se sentassem também. — Caso estejam se perguntando o que estou fazendo aqui — disse ele —, quero informar-lhes que represento JeriLee e o pai dela.

Fred limitou-se a sacudir a cabeça.

— Quando eles foram procurar-me no início desta tarde, percebi que talvez tivesse havido um tremendo erro judicial. E eu não podia permitir que tal coisa acontecesse.

— Sorte minha — comentou Fred. — Eles iam jogar-me no fundo de uma cela.

— Isso jamais aconteceria — declarou o juiz, convicto. — Devo admitir que as coisas de vez em quando podem complicar-se, mas, no final, a justiça sempre triunfa.

Fred não acreditava nisso e tinha quase certeza de que o juiz também não. Mas preferiu não fazer qualquer comentário. O juiz continuou:

— Tem uma amiga de verdade em JeriLee, rapaz. E acho que sabe disso. Apesar das consequências, ela estava disposta a comparecer ao tribunal, para testemunhar em sua defesa.

— JeriLee é uma moça muito especial.

— Tem toda a razão, rapaz. Ela tem muito mais juízo do que a maioria das moças de sua idade. Assim que ela me contou a história, fui procurar os pais do tal rapaz. Não precisei de muito tempo para convencê-los do erro que haviam cometido. Depois, fui até o clube, para conversar com Corcoran. Mas já era tarde demais para que ele tornasse a contratá-los. Ele já havia assinado contrato com outra orquestra. Não achei isso muito certo, pois vocês ficaram sem o dinheiro que teriam ganhado se continuassem trabalhando aqui. Não era a maneira justa de se recompensar um herói.

— Estou contente por ter saído da cadeia — disse Fred. —

Não me importo com o trabalho. Nem com o dinheiro.

— Mesmo assim, não está certo. Alguém devia pagar por toda a angústia que sofreu.

— É isso mesmo — disse Jack. — O pobre rapaz sofreu um bocado apenas por ter feito o que era certo.

— Foi exatamente isso o que pensei — declarou o juiz. — Por isso, tive outra conversa com todas as pessoas envolvidas e elas concordaram em reembolsá-los pela perda do emprego. Calculando que vocês perderam cinco semanas de trabalho no clube, a duzentos dólares por semana, mais casa e comida, o que devia valer outros duzentos dólares, chegamos a um total de dois mil dólares. — O juiz meteu a mão no bolso e tirou um envelope, do qual removeu um maço de notas, espalhando-as em leque sobre a mesa. Fred ficou olhando para as vinte notas de cem dólares, em silêncio por um momento, antes de dizer asperamente:

— Não quero o maldito dinheiro de caridade deles!

— Não é caridade, filho. É apenas justiça.

— O juiz está certo, Fred — disse Jack. — Dá quatrocentos dólares para cada um de nós. Aceite logo, rapaz. É uma boa grana.

— Você sabia disso, Jack?

— Claro que eu sabia. Esse dinheiro é para todos nós.

Afinal, também perdemos o emprego, junto com você.

— Aceite, filho. É a coisa mais certa que tem a fazer. Afinal de contas, não há razão para que seus amigos devam também sofrer, por causa do que aconteceu.

Fred pensou por um momento, depois assentiu.

— Está certo.

— Fez bem em aceitar, filho — disse o juiz com um sorriso. Tirou outro papel do bolso e colocou-o sobre a mesa, diante de Fred. — Esse papel é um acordo particular, pelo qual você e as pessoas que o acusaram concordam em não apresentar mais nenhuma queixa uns contra os outros. É apenas uma formalidade. Assim que assinar, o dinheiro será seu.

Fred assinou o documento, sem se dar ao trabalho de lê-lo.

— Tenho que voltar agora para Port Clare — disse o juiz, guardando o documento no bolso. — Foi um prazer conhecê-lo, rapaz. E fico contente por ter podido ajudá-lo.

Fred apertou a mão dele.

— Obrigado, juiz. Não fique pensando que não aprecio o que fez por mim. Quero que saiba que me sinto imensamente grato.



Assim que a porta se fechou, depois da saída do juiz, Fred virou-se para Jack. O baterista estava sorrindo, de uma orelha a outra.

— O que é, Jack?

— Aquele juiz é o cara mais nojento que já conheci. Ele ia tentar fazer com que você assinasse o acordo por umas poucas centenas de dólares. Mas eu sabia que você tinha todos eles na palma da mão. — Jack pegou o dinheiro e o juntou carinhosamente. — Não acha uma beleza? Foi o dia de trabalho mais fácil que todos nós já tivemos!

JeriLee estava esperando ao pé da escada, quando ele saiu do prédio. Subitamente, Fred compreendeu que estava esperando ansiosamente encontrá-la ali. Ele parou no último degrau e disse baixinho:

— JeriLee...

— Você está bem? — perguntou ela, olhando-o nos olhos.

— Estou ótimo. Eles foram muito delicados. Para dizer a verdade, foi a melhor cadeia em que já estive.

Uma expressão de surpresa se estampou no rosto de JeriLee.

— Já estive antes na cadeia?

— Claro que não — disse Fred, rindo. — Estava apenas brincando. Mas você não precisava ter vindo até aqui. Eu ia telefonar-lhe.

JeriLee fitou-o com uma expressão cética.

— Estou falando a verdade. Eu tinha que lhe agradecer pelo que fez por mim.

Jack puxou-o pelo braço.

— Já são quase sete horas, Fred. Temos que ir agora, para conseguirmos pegar o último ônibus para Nova York.

— Tem condução para voltar a Port Clare, JeriLee?

— Tenho, sim. Bernie me emprestou o carro. Ele está trabalhando esta noite.

— Corcoran devolveu-lhe o emprego?

— Devolveu.

— E você, também vai voltar a trabalhar lá?
— Eu ia, mas agora já mudei de ideia.
— O que pretende fazer?
— Ainda não sei. Talvez pôr em dia as minhas leituras, talvez terminar a história que eu estava escrevendo.
— É melhor a gente se apressar, Fred — interveio Jack.
— Vá na frente, Jack. Irei encontrar-me com você no ônibus.
— Sabe onde fica a estação?
— Pode deixar que a encontrarei.
— O ônibus parte às sete e meia.
— Chegarei lá antes disso.
Ficaram observando Jack afastar-se apressadamente.
— Onde é que deixou o carro, JeriLee? Eu a acompanharei até lá.
— Está perto daqui. Deixei-o no quarteirão seguinte. E você, Fred, o que pretende fazer?
— Jack já arrumou outro contrato para nós, em Westport.
— Fico contente por isso. Bernie pediu-me que lhe mandasse lembranças e lhe desejasse boa sorte por ele.
— Seu namorado é um bom sujeito.
— Ele não é meu namorado. Apenas crescemos juntos e somos muito amigos.
— É o que sempre acontece.
— Você tem namorada, Fred?
— Tenho — mentiu ele.
— Ela é bonita?
— Acho que sim.
— Mas que tipo de resposta é essa?
— É difícil para mim responder direito. É que nós também crescemos juntos.
JeriLee fitou-o zombeteiramente por um momento e disse em seguida, procurando fazer uma expressão muito séria:
— É o que sempre acontece.
Os dois riram alegremente.
— Ali está o carro. Vou deixá-lo na estação rodoviária.
Alguns minutos depois, ela parou o carro diante da estação. Olhou para Fred, sentado a seu lado, e disse:
— Eu gostaria que fôssemos amigos.
— E somos.
— Estou falando... gostaria que nos encontrássemos outra

vez.

— Não, JeriLee — disse Fred, depois de um momento de silêncio. Ele abriu a porta e começou a sair do carro. JeriLee pôs a mão no braço dele e disse gentilmente:

— Obrigada, Fred. Por tudo.

— JeriLee...

— O que é, Fred?

— Eu menti, JeriLee. Não tenho nenhuma namorada.

— Não precisava dizer — falou ela; sorrindo. — Eu já sabia.

— Adeus, JeriLee.

Ele não esperou que ela respondesse, afastando-se rapidamente e entrando no prédio da estação. Não se virou para olhar para trás até estar no meio do saguão. Quando finalmente o fez, JeriLee já tinha ido embora.

Capítulo 16

JeriLee saltou do ônibus das cinco e dez, caminhou até a esquina e ficou esperando que o sinal abrisse. Um carro parou junto ao meio-fio.

— Quer uma carona, JeriLee?

Era o Dr. Baker. Assim que ela entrou no carro, ele disse:

— Pensei que tínhamos combinado que você iria ao meu consultório.

— Estou me sentindo muito bem. Não queria incomodá-lo.

— Não é incômodo nenhum, JeriLee. Afinal, sou o seu médico. — Como ela ficasse calada, o Dr. Baker acrescentou: — Se bem me lembro, você disse que ia voltar a trabalhar.

— Mudei de ideia.

Ele parou o carro num sinal fechado e virou-se para ela:

— Qual é o problema, JeriLee?

— Nenhum.

O sinal abriu e o Dr. Baker arrancou. Ao parar diante da

casa de JeriLee, ele tirou um maço de cigarros do bolso e estendeu-o para ela.

— Quer um cigarro?

Ela sacudiu a cabeça, mas não fez menção de saltar do carro.

— Pode falar tudo comigo — disse o Dr. Baker, acendendo um cigarro.

A moça virou o rosto para o outro lado. O Dr. Baker inclinou-se e tornou a virar o rosto dela, vendo as lágrimas em seus olhos.

— Pode falar tudo comigo, JeriLee — repetiu ele, gentilmente. — Também tenho ouvido histórias.

Ela desatou a chorar. Silenciosamente, apenas as lágrimas escorrendo pelas faces. O Dr. Baker abriu o porta-luvas, tirou uma caixa de lenços de papel e entregou-a a ela.

— Não imagina como todo mundo olha para mim, Dr. Baker...

Ele deu uma tragada no cigarro, sem dizer nada.

— Há vezes em que fico desejando ter deixado que aqueles rapazes fizessem o que bem quisessem comigo. Se isso acontecesse, ninguém estaria dizendo nada a meu respeito.

— Isso não é verdade e você sabe muito bem.

— Todo mundo acha que aconteceu alguma coisa. E pensam que fui eu quem quis.

— Ninguém que a conhece acredita nisso, JeriLee.

— Não acreditariam na verdade, mesmo que eu lhes contasse. — Ela riu, amargamente. — Não consigo entender, Dr. Baker. O que acha que devo fazer agora?

— Não dê importância. Isso passa. Amanhã, eles terão alguma outra coisa de que falar.

— Como eu gostaria de poder acreditar nisso!

— Pois pode acreditar. Conheço esta cidade. E não tenho a menor dúvida de que será exatamente isso o que irá acontecer.

— Mamãe, disse que papai pode perder o emprego, se o Sr. Thornton tirar a conta dele do banco. Ela disse que foi por isso que não quis que eu fizesse qualquer coisa.

— O Sr. Thornton já disse alguma coisa sobre isso?

— Não sei. A única coisa que sei é que ele não apareceu mais no banco.

— Isso nada significa.

— Papai está preocupado. É visível. Ele anda muito tenso, o

rosto sempre franzido. E tem trabalhado até tarde da noite.

— Talvez haja outra razão. Você perguntou a ele?

— Não. Mas mesmo que eu perguntasse, ele não me diria.

— Não pense mais nisso por esta noite, JeriLee. E vá ao meu consultório amanhã. Quero dar uma olhada naquelas queimaduras. E poderemos conversar mais um pouco.

— Está bem — disse a moça, abrindo a porta do carro — E obrigada, Dr. Baker.

— Estarei esperando você amanhã — disse o médico com um sorriso. — Não se esqueça.

— Pode deixar que não vou esquecer

Ele ficou observando-a entrar em casa, antes de dar a partida no carro. Estava pensativo. A maldade e a estupidez das pessoas eram coisas que nunca cansavam de surpreendê-lo. Diante da alternativa de acreditar em coisas boas ou más a respeito dos outros, as pessoas sempre optavam pelas más.

— Vamos tomar uma soda? — convidou Martin, ao saírem do cinema.

— Não estou com vontade — disse JeriLee.

— Ora, JeriLee, vamos! Vai ser divertido. Toda a turma estará presente.

— Não.

— Qual é o problema, JeriLee? Você anda tão diferente.

Ela não respondeu.

— Vamos tomar a soda. Desta vez, pode deixar que eu pago. Não vamos rachar a despesa.

Um sorriso relutante entreabriu os lábios de JeriLee.

— Tome cuidado, Martin. Está se transformando num tremendo gastador!

— Você não me conhece, JeriLee. — Ele riu. — Dez cents aqui, vinte cents ali...

Ele estalou os dedos. JeriLee ficou pensativa por um momento, depois acabou concordando.

— Está bem, Martin. Vamos até lá.

Martin estava certo. A sorveteria estava apinhada. A vitrola no canto tocava a todo o volume. Eles avistaram uma mesa vazia nos fundos. JeriLee passou pelo meio da multidão olhando para a frente.

Ao chegarem à mesa, viram que só havia uma cadeira. Martin estendeu a mão para uma cadeira vazia na mesa apinhada

do lado.

— Alguém está usando esta cadeira?

— Não.

Os rapazes olharam para ele e depois para JeriLee. Houve um longo silêncio. Depois, um dos rapazes inclinou-se e sussurrou algo para os outros. Todos riram e viraram-se para olhar JeriLee.

Ela sentiu o rosto ficar vermelho e escondeu-o por trás do cardápio. O garçom aproximou-se. Era um rapaz com o rosto cheio de espinhas, que JeriLee conhecia da escola.

— O que vão querer? — perguntou ele, reconhecendo-a então. — Olá, JeriLee. Não tem aparecido ultimamente.

Ela ouviu uma explosão de risadas na mesa ao lado, e um dos rapazes disse em voz rouca:

— Só por aqui que ela não tem aparecido...

JeriLee olhou para Martin.

— Não estou realmente com vontade de tomar nada.

— Tome alguma coisa, JeriLee. O que me diz de um sundae de chocolate?

— Não, obrigada.

Houve outra explosão de risadas na mesa ao lado. JeriLee não ouviu o que eles diziam, mas sentiu os olhares fixos nela.

— É melhor eu ir embora — disse ela, levantando-se subitamente. — Não estou me sentindo bem.

Sem dar chance a Martin de responder, ela saiu quase correndo da sorveteria. O rapaz alcançou-a no meio do quarteirão e foi seguindo a seu lado, em silêncio. Só depois de virarem a esquina é que ela falou:

— Desculpe, Martin.

— Não há problema. Mas acho que você não está enfrentando a situação da maneira certa.

— Eu... eu não sei o que está querendo dizer.

Martin parou debaixo de um lampião e virou-se para JeriLee.

— Posso não saber muitas coisas. Mas sou o maior técnico do mundo em ser o alvo dos comentários dos outros. Cresci com isso.

JeriLee permaneceu calada.

— Com pais como os meus, as pessoas nunca param de falar. Não é fácil ser o filho dos bêbados da cidade — concluiu ele, com voz trêmula.

— Sinto muito, Marty.

Ele meneou a cabeça, piscando os olhos.

— Quando eu ainda era muito criança, aprendi como enfrentar o problema. A gente sabe o que vale e descobre que tem de manter a cabeça erguida, não importa o que os outros possam dizer. Foi o que sempre fiz. Depois de algum tempo, as pessoas cansam de comentar. E eu sabia que estava agindo da maneira certa.

— Mas é diferente quando se é mulher; Martin. Ninguém nos diz nada diretamente. Não temos nenhuma chance de reagir.

— A mesma coisa aconteceu comigo. Acha por acaso que alguém chegou perto de mim e disse que meu pai era o bêbado da cidade? Nada disso. Limitavam-se a sussurrar e ficavam olhando. Eu ficava desejando que dissessem alguma coisa, para poder reagir, ao invés de continuar sentado em silêncio, fingindo que nada estava acontecendo.

JeriLee assentiu, recordando o que a mãe dissera a respeito de Martin ter a família errada.

— Acho que jamais conseguirei acostumar-me, Martin. Estou sempre com a impressão de que eles estão me olhando através das roupas. E sei exatamente o que estão pensando.

— Mas você também sabe o que fez e deixou de fazer. Isso é muito mais importante, JeriLee.

— Não fiz nada, Martin. E é justamente isso o que torna as coisas ainda mais difíceis.

— Está enganada, JeriLee — disse Martin, com uma sabedoria maior que seus anos. — É justamente isso o que faz você estar certa e todos os outros errados. E quando você tiver certeza disso, ninguém será capaz de fazer coisa alguma que possa tirar-lhe tal certeza.

JeriLee virou a esquina, chegando diante da drugstore. Os rapazes parados na porta ficaram subitamente em silêncio, mas afastaram-se para deixá-la passar. Ela pôde sentir os olhos deles seguindo-a até o balcão. Doc Mayhew veio lá dos fundos.

— Boa tarde, JeriLee. Em que posso servi-la?

— Quero uma pasta de dentes, desodorante e sabonete. Ele assentiu e pegou rapidamente os artigos pedidos.

— Temos uma oferta especial para os cosméticos Love-Glo. Compre um batom e leve o segundo por um cent.

— Não vou querer, obrigada — respondeu ela, sacudindo a cabeça.

— É um bom batom, JeriLee. Devia experimentar. Tão bom quanto o da Revlon ou o de Helena Rubinstein.

— Talvez da próxima vez — disse JeriLee, conferindo sua lista de compras. — Ah, vou querer aspirinas também.

Doc Mayhew pegou o vidro na prateleira atrás dele.

— Love-Glo também tem sombra para os olhos e esmalte de unhas. E estamos vendendo com a mesma oferta.

— Não, obrigada, Doc.

— A oferta está de pé até o final da semana.

— Falarei com minha mãe. Talvez haja alguma coisa de que ela esteja precisando.

— Está ótimo. Vai pagar ou ponho na conta?

— Ponha na conta, por favor.

JeriLee foi até o balcão de revistas, enquanto ele preenchia a nota. Ela pegou uma revista de Hollywood, com uma fotografia de Clark Gable na capa. Folheou a revista distraidamente. Pelo canto dos olhos, percebeu que os rapazes lá fora ainda estavam olhando para ela.

— Já está pronto, JeriLee.

A moça pôs a revista no lugar e foi pegar o embrulho em cima do balcão. Os rapazes novamente se afastaram para deixá-la passar. JeriLee agiu como se não os tivesse visto. Já estava quase na esquina quando eles a alcançaram.

— Ei, JeriLee!

Ela parou e olhou friamente para o rapaz que falara.

— Como tem passado, JeriLee?

— Muito bem, Carl.

— Não está mais trabalhando no clube?

— Não.

— Ótimo — disse ele, sorrindo. — Agora, talvez você tenha algum tempo para dar uma chance a um rapaz local.

JeriLee não retribuiu o sorriso.

— Nunca entendi por que as garotas daqui vivem correndo atrás dos rapazes da cidade grande.

— Não vejo ninguém correr atrás deles, Carl.

— Ora, JeriLee, deixe disso. Você sabe muito bem do que estou falando.

Os olhos dela estavam firmes, bem firmes.

— Não, Carl, não sei.

— Eles não são os únicos que sabem como se divertir. Nós

também sabemos, não é mesmo, rapazes?

Houve um coro geral de concordância dos outros rapazes. Carl fitou-os, sorrindo. Estimulado pelo apoio deles, ele virou-se novamente para JeriLee:

— O que me diz, JeriLee? Não quer ir ao cinema comigo uma noite dessas? Depois, poderemos ir até Point. Eu tenho carro.

— Não! — disse ela, secamente.

O rapaz fitou-a, subitamente desanimado.

— E por que não?

— Porque não gosto de você. — A voz de JeriLee era bastante fria, o que deixou o rapaz furioso.

— Qual é o problema, JeriLee? Gosta mais de negros?

A bofetada dela apanhou-o de surpresa. Carl segurou a mão dela e apertou-a com tanta força que JeriLee sentiu a dor subindo-lhe pelo braço.

— Não tem o direito de nos esnobar desse jeito, JeriLee. Nós sabemos de tudo a seu respeito.

Ela fitou-o nos olhos, o rosto muito pálido, murmurando por entre os lábios cerrados:

— Largue-me!

Ele largou a mão dela, abruptamente.

— Vai se arrepender, JeriLee.

Ela passou por eles e conseguiu manter a cabeça erguida até virar a esquina. Só depois é que sentiu que começava a tremer. Encostou a mão na parede de um prédio, para se equilibrar. Um momento depois, respirou fundo e recomeçou a andar. Mas mal conseguia ver para onde estava indo. Estava quase cega pelas lágrimas.

Foi no dia seguinte que a frase começou a aparecer nas cercas e muros perto da casa dela: JeriLee trepa. JeriLee Chupa.

Capítulo 17

JeriLee e a mãe entraram com o carro no caminho da garagem no momento em que John e Bobby estavam acabando de pintar a cerca. Elas saltaram do carro. Verônica olhou para o marido e disse:

— A cerca não estava precisando de uma mão de tinta.

— Alguns garotos pintaram uns palavrões na cerca, mamãe — explicou Bobby.

Verônica olhou para John. Ele não disse nada. A mulher semicerrou os olhos, por causa da claridade. Ao ouvir JeriLee se aproximar, disse rapidamente:

— Vamos entrar. Vou fazer um café.

— Guarde a tinta na garagem, Bobby — falou John, assentindo. — E não se esqueça de limpar o pincel.

— Está bem, papai. — O menino pegou a lata de tinta e atravessou o gramado na direção da garagem.

— O que aconteceu? — perguntou JeriLee.

— Nada, minha filha.

Ela olhou para a cerca. A tinta ainda não secara e as letras ainda eram um pouco visíveis. O rosto dela ficou subitamente tenso.

— Vamos entrar, querida — disse a mãe.

JeriLee continuou olhando para a cerca.

— Viu quem fez isso, papai?

— Não. E foi muita sorte deles eu não ter visto. — John segurou-a pelo braço e acrescentou: — Vamos entrar, JeriLee. Um café não nos fará mal algum.

Em silêncio, JeriLee seguiu os pais para o interior da casa.

— Não estou com vontade de tomar café — disse ela. — Pode me emprestar o carro, papai?

John olhou para a esposa antes de responder:

— Claro.

— Deixei as chaves no contato — disse Verônica. — Mas tome cuidado, querida. Há uma porção de loucos à solta na estrada hoje.

— Pode ficar tranquila, mamãe — disse JeriLee, encaminhando-se para a porta. — Quero apenas dar uma volta pela praia.

Eles ouviram o carro partir. John olhou para a esposa e comentou:

— Eles a estão crucificando.

Verônica não respondeu. Pôs o café em cima da mesa e

sentou-se em frente ao marido.

— Não sei mais o que fazer, Ronnie.

— Não há nada que você possa fazer. Não há nada que ninguém possa fazer. Temos que esperar que tudo isso passe.

— Se conseguíssemos apanhá-los em flagrante uma única vez... Poderíamos então dar um exemplo para os outros.

— Qualquer coisa que você faça, John, só servirá para piorar as coisas. Temos apenas que ser pacientes.

— Eu posso esperar, você pode esperar. Mas será que JeriLee também terá condições de esperar que isso passe? Quanto mais você acha que ela precisa sofrer, antes de desmoronar completamente? Ela já parou de ver os amigos. Não sai mais de casa, não quer fazer coisa alguma. Bernie disse que ela não quer nem mais acompanhá-lo a um cinema. As aulas recomeçam dentro de quatro semanas. O que acha que irá acontecer então?

— A essa altura, já estará tudo esquecido, John.

— E se não estiver?

A pergunta ficou sem resposta, enquanto ambos tomavam o café, lentamente, em silêncio.

JeriLee parou o carro na extremidade de Point, de frente para o mar. Desceu para a praia. Era um trecho rochoso e deserto da praia, o mar muito forte para se nadar. Ela sentou-se numa pedra à beira da água e ficou olhando para o mar.

Um barco a vela estava navegando a favor do vento, a vela branca enfunada destacando-se no azul da água. JeriLee ficou observando-o, até que desaparecesse do outro lado do promontório.

— Lindo, não acha?

O som da voz às suas costas fê-la levantar-se de um pulo. JeriLee virou-se rapidamente

— Eu não pretendia assustá-la — disse o homem. Fitou-a atentamente por um momento, perguntando em seguida: — Já não a conheço? Você me parece vagamente familiar.

— Já nos encontramos uma vez, Sr. Thornton. Num ônibus.

— Mas é claro! — disse ele, estalando os dedos, ao lembrar-se. — Você é a moça que queria ser escritora.

JeriLee sorriu. Ele ainda se lembrava.

— Ainda pega o mesmo ônibus? — perguntou ele. — Não a tenho visto ultimamente.

— A escola está fechada. Estamos em férias.

— Mas é claro! Tinha me esquecido. Continua escrevendo?

— Quase nada.

— Também não tenho escrito muito. — Ele sorriu e olhou para o mar. — Vem aqui frequentemente?

— Às vezes, quando estou querendo pensar.

— É um bom lugar para se pensar. Geralmente não há ninguém por aqui. — Ele tateou os bolsos à procura dos cigarros e tirou um, sem oferecer o maço a JeriLee. Acendeu o cigarro, aspirou fundo, depois tossiu e jogou-o fora. — Estou tentando deixar de fumar — falou, em tom de desculpas.

— É uma maneira estranha de tentar.

— Imaginei que, se acendesse um cigarro e desse uma tragada profunda, acabaria tossindo. Isso me faz pensar no que o cigarro está me causando e trato imediatamente de jogá-lo fora.

JeriLee não pôde deixar de rir.

— Tenho que me lembrar de dizer a papai para fazer essa tentativa.

— Ele fuma muito?

— Demais.

— O que ele faz?

— Trabalha num banco.

Ele sacudiu a cabeça, distraidamente, olhando para o mar. JeriLee acompanhou o olhar dele. O barco a vela estava voltando.

— Walter!

A palavra veio flutuando no vento. Eles olharam para trás. Havia uma mulher parada na beira da estrada, no alto da elevação acima da praia. Ela acenou. Thornton retribuiu o aceno.

— Minha secretária — explicou ele para JeriLee. — O que é?

— Londres está no telefone. Vim de carro para buscá-lo.

— Está bem. — Ele virou-se para JeriLee. — Tenho de ir agora. Vai aparecer por aqui outro dia?

— Provavelmente.

— Talvez possamos nos encontrar novamente.

— Talvez.

Ele fitou-a por um momento, com uma expressão estranha, murmurando:

— Espero que sim. — Parou, hesitante, antes de acrescentar: — Tenho o pressentimento de que me intrometi em seus pensamentos, que você queria ficar sozinha.

— Não há problema. Estou contente por tê-lo encontrado.

Ele sorriu e estendeu a mão.

— Até a vista.

O cumprimento dele foi firme e caloroso.

— Até a vista, Sr. Thornton.

Ele virou-se e começou a subir pela encosta, na direção da estrada. Parou no meio do caminho e olhou para trás.

— Não me disse seu nome.

— JeriLee, JeriLee Randall.

Ele ficou imóvel por um instante, registrando o nome, depois gritou para a secretária, na estrada:

— Diga-lhes que eu telefonarei mais tarde. — Tornou a descer para a praia, voltando para junto de JeriLee. Por que não me disse antes quem você era?

— Não me perguntou.

— Não sei o que dizer...

— Não precisa dizer nada.

— Não está zangada comigo?

— Não.

— O que meu filho fez foi imperdoável. Lamento profundamente.

JeriLee ficou calada.

— Se não quiser falar comigo, compreenderei.

— Não teve nada a ver com o que aconteceu, Sr. Thornton.

Além disso, gosto de nossas conversas. Afinal, é o único escritor de verdade que conheço.

Ele tirou outro cigarro do bolso e acendeu-o.

— Quer realmente tornar-se escritora?

— Quero, sim — disse JeriLee, fitando-o atentamente. —

Desta vez, não jogou o cigarro fora.

— Tem razão — disse ele, olhando para o cigarro. — Mas é que desta vez não tossi.

— Acho que não vai dar certo. Nunca vai conseguir deixar de fumar.

Ele sorriu, sentando-se na beira de uma pedra.

— Sei disso. Você falou que vinha até aqui para pensar.

Sobre o quê?

— Sobre as coisas.

— Eu estava querendo saber sobre o que veio pensar hoje.

JeriLee demorou a responder:

— Eu estava pensando em ir embora.

— Para onde?

— Não sei — murmurou ela, olhando para o mar. —

Qualquer lugar serviria. Quero apenas ir para bem longe daqui.

— Sempre se sentiu assim?

— Não.

— Só depois... que aconteceu tudo aquilo?

JeriLee pensou por um instante, fitando-o nos olhos.

— Exatamente. Port Clare é uma cidade engraçada. Não se pode conhecê-la, a menos que se tenha crescido aqui. Todo mundo vive inventando histórias.

— A seu respeito?

JeriLee assentiu.

— Pensam que eu...

Ela não terminou a frase. Walter Thornton ficou em silêncio por um minuto, antes de murmurar:

— Sinto muito...

JeriLee virou o rosto para o outro lado, mas ele notou as lágrimas escorrendo por suas faces. Pegou a mão dela.

— JeriLee...

Ela voltou a fitá-lo.

— Quero ser seu amigo. Pode falar tudo comigo.

— Não, não posso falar com ninguém. — As lágrimas agora escorriam livremente. — Não há nada que me digam que possa ajudar.

— Posso tentar, JeriLee. Devo-lhe pelo menos isso, depois do que meu filho fez.

— Não me deve nada.

— Fale comigo, JeriLee. Talvez isso a ajude.

Ela sacudiu a cabeça, em silêncio. Ainda segurando a mão dela, Walter levantou-se e puxou-a.

— Venha até aqui, menina. — Gentilmente, ele encostou a cabeça de JeriLee em seu ombro, sentindo os soluços sacudirem o corpo dela. Por muito tempo ficou imóvel, abraçando-a. Aos poucos, JeriLee foi parando de chorar. Finalmente, deu um passo para trás e fitou-o.

— É um homem muito bom, Sr. Thornton.

Sem responder, ele tirou novamente o maço de cigarros do bolso. Desta vez, ofereceu-o a JeriLee, que tirou um. Ele acendeu os dois cigarros. Deu uma tragada no seu, com um prazer visível.

— Gosto realmente de fumar. Acho que vou desistir de parar de fumar.

— É um homem engraçado, Sr. Thornton — falou ela, rindo.

— Nem tanto — disse ele, sorrindo. — Estou apenas sendo realista.

— Quer realmente me ajudar?

— Já disse que sim.

— Poderia ler uma coisa que eu escrevi?

— Claro.

— E vai dizer-me a verdade? Se não prestar, vai me dizer? Não quero que seja apenas delicado.

— Acho que escrever é algo tão importante que jamais sou insincero a respeito. Se não prestar, eu lhe direi. Mas se for bom, pode estar certa de que também lhe direi.

JeriLee ficou em silêncio por um momento.

— Há uma outra coisa que poderia fazer também.

— O que é?

— Se tiver tempo, é claro — disse ela, hesitante. — Seria ótimo se pudesse passar no banco e mostrar que não está zangado com eles, por causa de meu pai.

— É isso o que eles pensam? — perguntou ele, visivelmente surpreso.

JeriLee assentiu.

— Mas isso é um absurdo!

— Eu disse que ninguém conhece direito esta cidade, a menos que tenha crescido aqui. É exatamente isso que eles estão pensando. Minha mãe está preocupada com a possibilidade de papai perder o emprego, caso o senhor tire sua conta do banco. Foi por isso que ela não quis que se fizesse nada a respeito do que me aconteceu. Papai ficou furioso. Ele queria apresentar queixa à polícia, mas mamãe convenceu-o a não fazê-lo.

— Então por que ele acabou falando?

— Não podíamos deixar que Fred fosse para a cadeia, por uma coisa de que não tinha sido culpado.

Walter assentiu, lentamente. Estava começando a compreender o que JeriLee falara, que aquela era o tipo de cidade que não se podia conhecer, a menos que se tivesse crescido lá.

— Seu pai é daqui?

— Não — respondeu ela, sacudindo a cabeça.

Ele assentiu. Aquilo tinha sentido.

— Arrumarei um tempo para ir até o banco.

— Obrigada — falou JeriLee, com o rosto iluminado por um sorriso.

Subitamente, Walter sentiu vontade de encontrar-se novamente com o pai dela.

— Eu gostaria até de almoçar com seu pai, se não se incomodar.

— Por mim, não há problema. Mas ir ao banco já será suficiente.

— Gostaria de conhecer seu pai melhor, JeriLee. Ele me parece ser uma ótima pessoa.

JeriLee fitou-o nos olhos. E o que ela disse então saiu do fundo de seu coração:

— Ele é o homem mais bondoso e gentil que existe em todo o mundo.

Capítulo 18

Antes de o verão terminar, Port Clare tinha um novo tópico de conversas: JeriLee e Walter Thornton. A princípio, eles se encontravam na praia, onde ficavam sentados, conversando por horas a fio. Ele estava fascinado pela curiosidade de JeriLee e pelo extraordinário discernimento que a moça possuía das pessoas. O instinto de JeriLee levava-a a uma compreensão das motivações de cada um, muito além do que seria de se esperar em alguém tão jovem.

Quando o tempo esfriou demais para que fossem para a praia, JeriLee passou a ir de carro até a casa dele, uma ou duas vezes por semana. Ele leu o que JeriLee tinha escrito e fez algumas sugestões. Ela reescreveu a história e Walter explicou-lhe o que era bom e o que não era. Um dia, ele entregou a JeriLee uma cópia da peça que estava escrevendo.

A moça perguntou se podia levar, para ler sozinha. Walter concordou. JeriLee não apareceu na casa dele por três dias

consecutivos. No quarto dia, ao final da tarde, depois das aulas, ela foi visitá-lo, levando a cópia da peça.

Devolveu-a, sem fazer qualquer comentário.

— O que achou? — perguntou ele, descobrindo subitamente que a opinião de JeriLee era-lhe muito importante.

— Não sei direito — disse ela, lentamente. — Li duas vezes, mas não creio que tenha compreendido.

— Como assim?

— Não compreendi principalmente a moça. Acho que ela não tem muito sentido. Creio que tentou fazê-la como eu, mas acontece que ela não o é. Não sou tão esperta assim. E ela é esperta demais para ser tão ingênua.

Ao ouvir essas palavras, Walter sentiu um novo respeito por ela. A única coisa que ele não imaginara fora que JeriLee pudesse ter consciência de sua própria ingenuidade.

— Mas se ela não for capaz de manobrar as pessoas a seu redor, então não temos uma história, JeriLee.

— Talvez não haja nenhuma. Não vejo como um homem tão inteligente quanto Jackson possa apaixonar-se por uma moça que tem apenas um terço de sua idade. Não há realmente nada que possa atraí-lo, além da juventude dela.

— E não acha que isso é suficiente?

— Não pode ser apenas uma atração física. E muito menos uma atração sexual. Pelo que ele é, isso certamente lhe causaria aversão. Teria que ser algo mais. Mas se ela fosse uma mulher, uma mulher de verdade, eu poderia compreender. Acontece que ela não é.

— E o que acha que seria preciso para torná-la uma mulher de verdade?

— Tempo. Tempo e experiência. É a única maneira de as pessoas amadurecerem. É assim que eu mesma irei amadurecer.

— Não acha que ele poderia ter-se apaixonado pelo que ela poderá ser?

— Eu não tinha considerado essa possibilidade. Deixe-me pensar um pouco.

JeriLee ficou em silêncio por alguns minutos, depois acabou assentindo.

— É possível. Mas teria que haver uma indicação do que ela poderá ser, algo que o público possa sentir que é muito mais do que está vendo.

— Acho que você tem razão, JeriLee. Vou fazer uma revisão na peça.

— Estou me sentindo extremamente tola, como uma criança tentando ensinar um adulto a andar.

— Podemos aprender muita coisa com as crianças, se soubermos escutá-las.

— Não está zangado comigo pelo que eu disse?

— Claro que não. Pelo contrário, tenho de agradecer-lhe. Fez-me perceber uma coisa que poderia tirar toda a validade da peça.

— Jura que ajudei? — indagou ela com um sorriso, subitamente feliz.

— Claro — disse ele, sorrindo também — Juro. — Pegou o maço de cigarros. — A cozinheira está de folga esta noite. Acha que seus pais iriam objetar, se eu a levasse para jantar fora?

JeriLee ficou calada, uma expressão preocupada surgindo em seu rosto.

— Qual é o problema?

— Não creio que meus pais façam qualquer objeção. Papai o aprecia e respeita bastante. Mas acha que isso seria sensato?

— Está querendo dizer... ?

— Ainda estamos em Port Clare. Todo mundo iria comentar.

— Você tem razão, JeriLee. Não quero causar-lhe mais nenhuma infelicidade.

— Não é em mim mesma que estou pensando — falou ela, fitando-o nos olhos. — Estou preocupada por você. Pela maneira como eles pensam, só há uma razão para que um homem como você saia com uma garota como eu.

— Isso é muito lisonjeiro. — Ele sorriu. — Não sabia que eles pensavam assim a meu respeito.

— Você é um estranho aqui. É rico e divorciado. Vai a Hollywood e à Europa, convive com uma porção de pessoas diferentes. Só Deus sabe o que acontece, por lá e as coisas que você faz.

— Eu gostaria apenas que eles descobrissem como é monótono — disse ele, rindo. — Vou a esses lugares apenas para trabalhar.

— Isso pode ser verdade, mas jamais conseguiria fazer com que eles acreditassem.

— Se você está disposta, JeriLee, não me incomodo de

correr o risco.

Ela fitou-o em silêncio por um momento, depois acabou assentindo.

— Está bem. Mas, primeiro, vamos avisar meus pais.

Eles foram jantar no Port Clare Inn. Na manhã seguinte, exatamente como JeriLee previra, a notícia já se espalhara por toda a cidade. E pela primeira vez, desde os tempos de criança, ela e Bernie tiveram uma briga violenta.

Era a noite de folga de Bernie, e os dois foram ao cinema. Depois, seguiram no carro dele até o estacionamento em Point.

Bernie ligou o rádio e a música inundou o carro. Ele virou-se, estendendo os braços para ela. JeriLee recuou, afastando as mãos dele.

— Não, Bernie. Não estou com vontade hoje.

Ele fitou-a. JeriLee estava olhando pela janela, para o mar, que tremeluzia ao luar. Ele pegou um cigarro e acendeu-o. Continuaram calados. Finalmente, terminado o cigarro, Bernie jogou a ponta pela janela e ligou o carro. JeriLee olhou para ele, surpresa.

— Para onde estamos indo?

— Vou levá-la para casa — disse Bernie, com voz mal-humorada.

— Por quê?

— Você sabe por quê.

— Porque não estou com disposição de beijá-lo?

— Não é só isso.

— O que mais então?

Ele fitou-a sombriamente. Sua voz estava carregada de ressentimento:

— Ontem à noite, quando eu estava voltando para casa, depois do trabalho no clube, vi você com o Sr. Thornton. E você é que estava guiando.

— Mas é claro — falou JeriLee, sorrindo. — Ele não sabe guiar.

— Mas ele estava com o braço em cima do encosto, por trás de você. E você estava rindo. Nunca mais riu quando está comigo.

— Ele provavelmente estava dizendo alguma coisa engraçada.

— Não foi só isso. Reparei na maneira como você estava olhando para ele. Tinha uma expressão muito sensual.

— Oh, Bernie! — JeriLee sentiu que estava corando. Torceu

para que Bernie não reparasse, no escuro. Só naquele momento é que ela estava compreendendo como ficara excitada. Sabia que não conseguiria dormir, ao chegar a casa, até aliviar a sensação que ameaçava explodir dentro dela. Mas não relacionara o seu excitação com o Sr. Thornton.

— Não me venha com essa baboseira de "Oh, Bernie" — disse ele, bastante aborrecido.

— Você está com ciúmes. Mas não tem esse direito. Eu e o Sr. Thornton somos apenas bons amigos. Ele está me ajudando nos contos que escrevo.

— Claro, claro... Qualquer um pode compreender que um homem como ele queira perder tempo com uma garota metida a escritora.

— Mas é verdade, Bernie! Ele acha que escrevo muito bem. E até mesmo me fala sobre as coisas que escreve.

— Ele também lhe falou sobre as festas malucas de Hollywood?

— Ele jamais foi a qualquer festa dessas. Vai a Hollywood simplesmente para trabalhar.

— É mesmo?

JeriLee não respondeu.

— Eu já devia ter imaginado — murmurou Bernie, amargurado. — Primeiro, você teve uma queda pelo filho, agora está querendo pegar o velho. Talvez fosse ele que você queria desde o início. Ainda me lembro daquele dia em que você o conheceu no ônibus. Ficou com a calcinha toda molhada.

— Não é nada disso, Bernie!

— Claro que é. Só acho uma pena que eu não soubesse antes o que sei agora. Talvez, no final das contas, as pessoas não sejam tão estúpidas assim. Todo mundo na cidade vê a maneira como você fica provocando os homens, não usando sutiã e tudo o mais. De certa forma, não posso culpar Walt pelo que ele pensou.

Agora, JeriLee estava furiosa.

— É por isso que você sai comigo?

— Se é isso o que você pensa, então não quero mais vê-la.

— Pois está bem para mim — disse JeriLee, asperamente.

— E está bem para mim também! — Ele parou o carro diante da casa dela. A moça saltou, sem dizer uma palavra, batendo a porta violentamente.

— JeriLee! — chamou Bernie.

Ela entrou em casa, sem olhar para trás. O pai tirou os olhos do aparelho de televisão.

— Era Bernie, JeriLee?

— Era, sim.

Ele notou a expressão transtornada da filha e perguntou:

— Há algo errado?

— Não, papai. Bernie simplesmente bancou o estúpido, e eu não quero vê-lo nunca mais!

John ficou observando-a subir a escada, depois voltou a olhar para a televisão. Mas seus pensamentos não estavam realmente concentrados no programa. Ele tinha um problema terrível a resolver. Os peritos estaduais estavam para chegar a qualquer momento, a fim de examinar a contabilidade do banco. E em algum lugar, no meio do labirinto de contas, estavam faltando quase trezentos mil dólares, a maior parte da conta de Walter Thornton.

Capítulo 19

O Sr. Carson olhou atentamente para o papel à sua frente.

— Verificou todas as transferências, John?

— Sim, senhor.

— E as ordens de pagamento telegráficas?

— Também, senhor. Tudo confere.

— Então não estou entendendo.

— Eu também não, senhor. Estou terrivelmente preocupado desde que descobri.

— E quando foi isso?

— Há alguns dias.

— E por que não veio procurar-me imediatamente?

— Pensei que pudesse ser um equívoco meu. Assim, repassei novamente todas as contas. Mas encontrei o mesmo resultado.

— Não diga nada a respeito disso a ninguém. Deixe-me pensar no problema por alguns dias.

— Está bem, senhor. Mas se os auditores aparecerem...

Carson não o deixou terminar:

— Eu sei, eu sei — disse ele, impaciente. — Mas quero verificar os números pessoalmente, antes de tomarmos qualquer providência.

Ele esperou até que a porta se fechasse, à saída de John. Depois, pegou o telefone e discou. Uma voz cautelosa atendeu:

— Alô...

— O Sr. Gennutri, por favor. É Carson quem fala.

A voz tornou-se menos cautelosa.

— Aqui é Pete, Sr. Carson. O que podemos fazer pelo senhor hoje?

— Não sei... Em que pé estou?

— Saiu-se muito bem ontem. Aquele pangaré pagou seis e dez. Baixou sua dívida para onze mil dólares.

— E os outros dois cavalos?

— Eles perderam — disse o bookmaker, num tom de simpatia — Era impossível, mas eles perderam. Eu estava certo de que ia arrancar-me uma boa bolada.

Carson ficou em silêncio por um momento.

— Estou em dificuldades, Pete. Preciso de dinheiro.

— É um bom cliente, Sr. Carson. Posso emprestar-lhe dez mil.

— Preciso de muito mais, Pete. De um dinheiro grande mesmo.

— Quanto?

— Cerca de trezentos mil.

O bookmaker assoviou.

— É dinheiro demais para mim. Tem que procurar os caras lá de cima para conseguir isso.

— E pode entrar em contato com eles?

— Talvez — disse Pete, a voz novamente cautelosa. — O que tem para dar em troca do dinheiro?

— Como garantia?

— Exatamente.

— Nada que tenha liquidez imediata. Minha casa, minhas ações no banco.

— E quanto valem as ações no banco, Sr. Carson?

— Em torno de quinhentos ou seiscentos mil dólares. Mas elas são inegociáveis.

— Está querendo dizer que não pode vendê-las?

— Para vender, preciso ter a autorização do conselho consultivo do banco.

— E teria alguma dificuldade em conseguir essa autorização?

— Eu teria de explicar-lhes o motivo. E não posso fazê-lo.

— Então não vai ser fácil.

— Mas pode pelo menos tentar? Eu agradeceria.

— Está certo, Sr. Carson.

Os olhos do banqueiro se fixaram no jornal que estava ao lado do relatório de John Randall, em cima da mesa. A página aberta era a das corridas de cavalos.

— Pete...

— Pois não, Sr. Carson?

— Ponha mil em Red River, na ponta, no quinto páreo em Belmont.

— Certo.

Carson desligou, amaldiçoando-se. Sabia que aquilo era uma estupidez. Mas não conseguia controlar-se. O cavalo tinha uma boa possibilidade e o rateio seria muito bom. Ele tornou a olhar para o jornal, sentindo um frio súbito no estômago. De alguma forma, por melhores que fossem as possibilidades, parecia que os cavalos em que apostava nunca conseguiam ganhar, quando precisava deles. Prometeu a si mesmo que, se se livrasse agora, nunca mais voltaria a cair naquela armadilha.

JeriLee saiu da piscina de água quente. Walter largou o jornal, pegou uma toalha e colocou-a nos ombros dela.

— Obrigada — disse ela, sorrindo.

O escritor retribuiu o sorriso.

— O ar de outubro parece que a torna ainda mais bonita, JeriLee.

— Não sabe como lamento que o inverno esteja chegando. Não haverá então mais nada para fazermos.

— Você sempre poderá vir até aqui e ficar sentada ao lado da lareira acesa.

— Isso seria maravilhoso, mas... — Ela hesitou. — Sei que em breve terá de ir embora. Os ensaios da peça começarão dentro de poucas semanas.

— Se até lá conseguirmos reunir todo o elenco.
— Pensei que já estivesse tudo acertado.
— E está. Mas está faltando a moça. Conhece por acaso uma atriz de dezessete anos que possa fazer o papel de uma criança como se fosse uma mulher?

— Nunca pensei que esse problema pudesse existir. Sempre achei que deveria haver muitas atrizes disponíveis para o papel.

— Mas não há. O diretor deve vir até aqui a qualquer momento, para examinarmos o assunto. Vamos discutir diversas possibilidades.

— Se ele está para chegar, vou me secar e ir embora, para não atrapalhar.

— Não há pressa, JeriLee. E fique certa de que você não irá atrapalhar.

— Fala sério?

— Eu não diria isso, se não fosse verdade.

— De qualquer maneira, vou tirar o maiô e me vestir.

Walter ficou observando-a seguir até a cabana. Depois, pegou novamente o jornal. Mas não o leu. Estava pensando. A peça era algo diferente. Nela, ele tinha o controle absoluto. As personagens faziam apenas aquilo que ele lhes permitia. Mas a vida era diferente. Muito diferente...

Ouviu a porta da cabana se abrir e olhou. JeriLee estava usando os blue jeans desbotados e um suéter de lã. Ela percebeu o olhar dele e sorriu.

— Quer que lhe prepare um drinque?

— Seria ótimo — disse ele, sentindo o estômago se contrair.

— Um scotch com água, por favor.

— Está bem.

Walter ficou olhando-a até que ela desapareceu no interior da casa. A sensação que o invadira deixara-o quase trêmulo. Era a primeira vez que ele compreendia que se apaixonara por JeriLee.



— Está certo, Guy — falou Walter. — Se não encontrarmos a moça, não estaremos em novembro. Adiaremos para a próxima primavera.

— Mas não podemos fazer isso, Walter! — O diretor era um

homem magro, de óculos grandes, com um ar de confiança tranquila. — Perderemos Beau Drake, se adiarmos a estreia. Ele tem um compromisso de filmagem em maio. E sem ele, teríamos que começar tudo novamente. Temos que correr o risco e encenar a peça com a moça que nos parecer melhor.

— A peça é bastante difícil, Guy. — Walter sacudiu a cabeça. — Se a moça não for a atriz certa para o papel, teremos um fracasso nas mãos.

— Você sempre acertou, Walter. Por isso é que lhe digo que há meios de ajustar a peça à moça com que podemos contar.

— Não, Guy, não vou reescrever nada. Se eu quisesse que a moça fosse diferente, teria escrito a peça de outra maneira.

Guy fez um gesto de quem desistia.

— Está certo, Walter. A criança é sua. — Olhou para a piscina, além das portas corrediças de vidro. JeriLee estava sentada ali, lendo o jornal. — Quem é a garota? Uma amiga de Júnior?

Walter sentiu que corava.

— De certa forma.

Guy era bastante sensível.

— Mas que resposta mais estranha. Tem certeza de que ela não é amiga sua?

— Ora, Guy, deixe disso. Ela é apenas uma criança.

— Qual é a idade dela? Dezesete anos?

Walter não respondeu.

— Ela sabe representar? — perguntou o diretor.

— Você está doido! Ela é apenas uma colegial que sonha ser escritora.

— E tem algum talento?

— Acho que sim. Há algo de extraordinário nela.

Provavelmente ela não sabe, mas tenho a impressão de que há uma tigresa dentro dela, esperando o momento de ser solta.

— Você acaba de dar a descrição perfeita da moça que estamos procurando. Se ela souber representar...

Walter ficou calado.

— Peça a ela para dar um pulo até aqui.

Quando JeriLee passou pela porta, Guy teve um pressentimento súbito. Sem esperar pela apresentação, ele disse as frases iniciais da peça:

— Seu pai acaba de telefonar. Quer que você volte para

casa imediatamente. E disse, também que não quer que eu a veja nunca mais.

Ele acertou em cheio. JeriLee tinha lido a peça. Ela respondeu, dentro do roteiro:

— Meu pai está louco. Como ele não me pode ter, não quer que ninguém mais me possua.

— Anne! Isso não é maneira de falar sobre seu pai!

JeriLee fitou-o com um afetado sorriso inocente.

— Não fique tão chocado assim, Sr. Jackson. Nunca teve pensamentos incestuosos em relação à sua filha?

Guy virou-se para Walter, que ficara observando a cena, fascinado.

— O que acha, Walter?

Ele não disse nada, continuando a olhar para JeriLee.

— Ela é a moça, Walter.

— Mas do que estão falando, afinal? — perguntou JeriLee, aturdida.

Walter finalmente recuperou a voz:

— Ele quer que você faça o papel da moça.

— Mas não sou atriz!

— Para ser atriz, é preciso apenas ser atriz — disse Guy, com um sorriso.

— Não é tão fácil assim. Nunca pisei num palco, a não ser em algumas peças na escola.

— Compete a você conseguir convencê-la — falou Guy, virando-se para Walter.

O escritor ficou calado, olhando para JeriLee, com uma estranha expressão no rosto. Guy encaminhou-se para a porta.

— Vou voltar para Nova York. Telefone-me quando decidir o que vai fazer, Walter.

Ele não respondeu. Assim que o diretor saiu, percebendo o olhar fixo de Walter, JeriLee perguntou-lhe:

— Está zangado comigo?

Ele meneou a cabeça.

— Então o que é?

— É que, de repente, descobri que sou como o pai de minha própria peça. Estou com ciúmes, de você.



Carson olhou para o relógio. Eram quatro horas da tarde. Eles já deviam ter o resultado do quinto páreo. Ligou para o bookmaker. Gennutri atendeu, com a mesma voz cautelosa habitual.

— Alô...

— Pete? Qual foi o resultado do quinto páreo?

— Teve azar, Sr. Carson. Seu cavalo foi um dos últimos.

Carson levou alguns segundos para reagir ao choque.

— Conseguiu falar com seus amigos, Pete?

— Consegui, Sr. Carson. Mas eles não estão interessados.

— Mas têm que compreender. Não sou um apostador comum. Pagarei tudo, com juros.

— Não há nada de pessoal, Sr. Carson, mas é justamente isso o que todos dizem.

Carson olhou para o jornal sobre a mesa. Havia um cavalo no oitavo páreo que poderia ajudar.

— Está certo, Pete. Aposte dois mil dólares para mim em Maneater, no oitavo páreo.

— É impossível, Sr. Carson — disse Gennutri, com a voz subitamente, fria. — Já está me devendo doze mil dólares e não posso mais lhe dar nenhum crédito, enquanto não saldar sua dívida.

— Mas já fiquei devendo muito mais do que isso antes!

— Eu sei, Sr. Carson. Mas as coisas eram diferentes. O senhor não estava em dificuldades como agora.

— Então aposte mil dólares, Pete. Tem que me dar uma chance de descontar.

— Lamento muito, Sr. Carson.

O bookmaker desligou abruptamente. Carson ficou olhando por um momento para o fone mudo em sua mão, depois pousou-o no gancho. Continuou sentado em sua mesa por quase uma hora, até ter certeza de que todos já tinham ido embora. Abriu então a última gaveta da mesa, tirou um revólver, enfiou o cano na boca e estourou os miolos, jogando sangue e carne na parede, por baixo do retrato do Presidente Eisenhower.

Capítulo 20

Exausto, John Randall olhou para o relógio na parede. Eram três horas da tarde. O guarda do banco estava olhando para ele. John ergueu a mão, o guarda assentiu e virou-se para trancar a porta. No mesmo instante, os dois caixas fecharam seus guichês.

Frustrada, a multidão que ainda estava na fila diante dos guichês encaminhou-se para John. Ele se levantou. A notícia do suicídio de Carson atingira Port Clare como uma onda de choque.

John olhou para trás. A porta do gabinete do presidente estava fechada. Por trás dela, os auditores do Estado ainda estavam examinando as contas. Diversas outras irregularidades haviam sido encontradas, mas o total dos desfalques ainda não fora verificado. Carson agira meticulosamente. As transferências e retiradas haviam sido cuidadosamente falsificadas. Ninguém conseguia compreender como ele conseguira permanecer a salvo até aquele momento.

— Quando é que vamos receber nosso dinheiro? — gritou um cliente, furioso, do meio da multidão. — Por que estão fechando as portas na nossa cara?

— É a hora legal de encerrar o expediente do banco — disse John, pacientemente. — E todos vocês receberão seu dinheiro. Quaisquer prejuízos que possa haver serão integralmente cobertos pelo seguro.

— Como é que sabe disso? — gritou outro cliente. — Ainda me lembro que nos disseram a mesma coisa quando o Banco dos Estados Unidos faliu, em 32.

— As coisas eram diferentes naquela ocasião. Atualmente, as contas de poupança são garantidas pelo governo federal até dez mil dólares. E o banco tem seguro contra fraudes e desfalques. Todo o dinheiro será devidamente reposto.

— Isso é o que você diz! Mas não tem dinheiro em caixa para nos devolver os nossos depósitos neste momento, não é

mesmo?

— Não. E nenhum banco tem dinheiro em caixa, suficiente para pagar a todos os seus depositantes, num determinado dia. O dinheiro que você nos paga pela hipoteca de sua casa, nós emprestamos a outro. Multiplique isso por centenas e compreenderá como a coisa funciona. É apenas uma questão de bom senso.

— Não sou nenhum estúpido! — disse o homem. — Se eu não pagar a hipoteca, o banco toma minha casa. Mas se o banco não pagar nossos depósitos, o que podemos fazer?

— Todos vocês receberão o seu dinheiro.

— E se o banco fechar?

— Não vamos fechar. Temos bens suficientes para cobrir todos os nossos compromissos. Tudo o que precisamos é de um pouco de tempo para convertê-los em dinheiro. Se vocês nos derem esse tempo, posso garantir que ninguém terá o menor prejuízo.

— Por que deveríamos acreditar no que está nos dizendo, Sr. Randall, depois do que aconteceu?

John fitou o homem nos olhos. Falou devagar, pronunciando cada sílaba nitidamente, para que todos pudessem ouvir:

— Porque eu também, Sr. Sanders, como todos vocês, trabalhei a vida inteira para ganhar o pouco que tenho. E até o último tostão que consegui economizar neste mundo, está tudo depositado neste banco. Mas não estou preocupado com isso.

O homem ficou calado por um instante, depois virou-se para os outros.

— Eu confio no Sr. Randall. E vocês?

Houve um murmúrio de aprovação na multidão. A hostilidade começava a se dissipar. Aquilo era algo que eles podiam compreender: a palavra de um homem.

— Nós todos confiamos! — gritou um homem nos fundos da multidão.

Sanders estendeu a mão para John.

— Vai cumprir a promessa que nos fez, Sr. Randall?

John assentiu. Não confiava em si mesmo para falar, diversos outros clientes apertaram a mão dele. Silenciosamente, a multidão começou a deixar o banco, pela porta aberta pelo guarda.

Quando voltou para sua mesa, John viu que Arthur Daley e diversos outros membros do conselho consultivo do banco haviam saído do gabinete do presidente, onde tinham estado em

conferência com os auditores. E estavam todos olhando para ele. Arthur Daley sacudiu a cabeça, num gesto de aprovação, e eles voltaram, para o gabinete.

Três dias depois, John foi eleito presidente do Port Clare National Bank.



John levantou os olhos quando JeriLee entrou na sala, parando de tomar o café da manhã por um instante.

— Levantou-se cedo, querida. Especialmente hoje.

— O que há de tão especial no dia de hoje? Eu sempre me levanto cedo.

— Até nos sábados, quando não há aula?

— Estou com vontade de dar uma olhada nas lojas — disse ela, corando.

— Você? Pensei que detestasse fazer compras.

— É que amanhã é o aniversário do Sr. Thornton. Quero comprar um presente especial para ele.

— Quantos anos ele vai fazer?

— Quarenta e oito.

— Pensei que ele fosse mais velho — falou John, demonstrando surpresa na voz.

— É o que muita gente pensa. Acho que é porque a primeira peça dele foi encenada na Broadway quando ele tinha vinte e três anos.

— Mesmo assim, ele é mais velho do que eu. — John estava com quarenta e três anos.

— Não muito, papai. E o mais curioso é que ele não parece ser velho. Entende o que estou querendo dizer, não é?

John assentiu, tornando a pegar a xícara de café.

— Ele esteve no banco ontem. Tivemos uma longa conversa.

JeriLee serviu-se de café e sentou-se.

— E sobre o que conversaram?

— Principalmente sobre negócios. Ele foi muito

compreensivo com relação ao que aconteceu. Se quisesse, poderia ter-nos criado as maiores dificuldades. Se por acaso tivesse retirado sua conta, teria iniciado uma corrida que acabaria levando ao fechamento do banco.

— Mas ele não fez isso.

— Não, não fez. — Era curioso como as coisas aconteciam inesperadamente, pensou John. Será que JeriLee sabia que, se não fosse por Walter Thornton, ele talvez nunca se tivesse tornado presidente do banco?

Tudo acontecera na noite em que os auditores do Estado haviam terminado o levantamento. O conselho consultivo do banco fora procurar o Sr. Thornton. Ele tinha sido o cliente mais atingido; faltavam mais de duzentos mil dólares em sua conta. Havia-lhe pedido tempo para repor o dinheiro e que demonstrasse sua confiança no banco, não retirando o dinheiro.

Ele concordara imediatamente, impondo apenas uma condição. Mais tarde, Arthur Daley repetira para John as palavras exatas do Sr. Thornton:

"Continuarei cliente do banco, mas com uma única condição: que John Randall seja eleito presidente".

Como Arthur fizera questão de ressaltar, o conselho ficara aliviado. Todos já haviam chegado à conclusão de que essa era a melhor solução, e não houvera a menor dificuldade.

John ficou observando a filha passar manteiga numa torrada.

— Também falamos a seu respeito, JeriLee.

— É mesmo? E sobre o que falaram?

— Ele disse que você realmente pode ser escritora. E que deve tomar muito cuidado na escolha da universidade que irá cursar, depois que terminar o curso secundário.

— Ele me disse a mesma coisa.

— Quer mesmo ser escritora, JeriLee? E como será quando se casar e constituir uma família?

— Oh, papai! — JeriLee corou. — Ainda falta muito tempo para isso. Não conheci até hoje nenhum rapaz com quem tivesse vontade de namorar firme. Além do mais, escrever é uma coisa que se pode fazer independentemente da vida que se tem. Há muitas escritoras que são casadas e têm família.

— Ele disse também que você deve começar agora a tratar da matrícula na universidade que escolher. Afinal, daqui a pouco

estará terminando o curso secundário.

— O Sr. Thornton prometeu obter algumas informações sobre diversas universidades, para que eu pudesse tomar uma decisão.

— Ele também me falou nisso. E prometeu que se manteria em contato conosco.

— Como assim?

— Ele vai passar uma longa temporada longe daqui. Irá para Hollywood, depois para a Europa, e voltará a Hollywood.

JeriLee não disse nada por alguns segundos.

— Ele falou alguma coisa a respeito de uma peça na Broadway?

— Não, JeriLee. Ele não me falou nada a esse respeito.



JeriLee apertou a campainha da porta. Dentro da casa, o carrilhão tocou suavemente. Foi a secretária dele quem abriu a porta.

— Olá, JeriLee. Eu não a estava esperando. Estamos arrumando as malas. Vou dizer a ele que você está aqui.

A mulher foi para a biblioteca, fechando a porta na passagem. Depois de esperar um momento no vestíbulo, JeriLee atravessou a sala de estar e saiu para o terraço. A piscina já estava coberta para o inverno. O vento frio de novembro soprava pelo estreito. JeriLee estremeceu e aconchegou-se no casaco.

— JeriLee... — A voz dele vinha da porta. Ela virou-se, murmurando:

— Está ficando cada vez mais frio...

— Está mesmo. Mas venha cá para dentro, está mais quente. — Ela seguiu-o até a sala de estar. — Não esperava vê-la hoje, JeriLee.

— É que amanhã é seu aniversário — disse ela, estendendo-lhe o pequeno embrulho em papel de presente. — E eu queria dar-lhe isso.

Ele pegou o presente, constrangido.

— Abra-o — disse ela. — Espero que goste.

Rapidamente, Walter abriu o embrulho. Era uma pequena agenda e caderninho de telefones, com uma capa de couro. Do lado, presa por uma alça, havia uma pequena caneta de ouro.

— É lindo, JeriLee. Por que escolheu esse presente?

— Está sempre procurando números de telefone.

Ele se limitou a assentir.

— Feliz aniversário — disse ela.

— Obrigado, JeriLee — murmurou ele, forçando-se a sorrir.

— Estou ficando velho.

— Nunca vai ficar velho, Sr. Thornton. As coisas que escreve irão mantê-lo eternamente jovem.

— Obrigado. Muito obrigado mesmo. É a coisa mais maravilhosa que alguém já me disse — falou ele, sentindo a tensão interior aumentar.

JeriLee estava de pé, um pouco constrangida. Finalmente, voltou a falar:

— Acho que já vou, Sr. Thornton. Estão me esperando em casa para o jantar.

— JeriLee...

— Pois não, Sr. Thornton?

— Vou embora amanhã. — Seus olhos se fixaram na face dela.

— Eu já sabia. Papai me falou.

— Passarei muito tempo fora.

— Papai também me disse isso.

— Resolvi suspender a apresentação da peça, JeriLee.

Cheguei à conclusão de que ainda não está boa.

JeriLee ficou calada. Ele sorriu.

— Você é escritora — disse Walter. — E vai descobrir que isso acontece de vez em quando.

Ela limitou-se a assentir.

— A gente segue por um caminho errado e, de repente, descobre que não sabe sobre o que está falando.

— Ou que sabe demais. E não quer dizê-lo.

Ele baixou os olhos.

— Sinto muito, JeriLee.

Subitamente, a voz dela estava trêmula:

— Eu também sinto, Sr. Thornton.

JeriLee saiu da casa. Ele foi até uma janela e ficou observando-a entrar no carro e partir. A secretária chamou-o da

biblioteca:

— Walter, vai querer que eu leve também as anotações sobre aquela história de Chicago?

Lágrimas não derramadas fizeram arder os olhos dele. Não respondeu. O carro de JeriLee estava dobrando a esquina e desaparecendo.

— Walter, você... ?

— Já estou indo.. .

Capítulo 21

Fora há muito tempo atrás e, contudo, não estava tão longe assim. Dezesete anos... O que isso representava? Metade de sua vida até aquele momento. Tanta coisa acontecera desde então, e, no entanto, bastava apertar o botão certo de seu banco de memória para que tudo voltasse com a maior nitidez.

JeriLee olhou para o relógio na parede, por cima da cama de hospital. Eram quatro horas da tarde e as outras mulheres há muito já tinham voltado para casa. Ela era a única paciente que ficara.

O médico veio postar-se ao lado de sua cama e fitou-a através das lentes dos óculos, sorrindo.

— Como está se sentindo, JeriLee?

— Chateada. Quando é que vou sair daqui?

— Agora mesmo. Vou dar-lhe alta.

Ele pegou a prancheta que estava ao pé da cama, escreveu rapidamente uma anotação e depois apertou a campainha, chamando a enfermeira. Entrou uma enfermeira negra.

— Pois não, doutor?

— A Srta. Randall já pode ir embora. Ajude-a a se preparar.

— Está bem, doutor. — Ela virou-se para JeriLee e informou: — Há um cavalheiro à sua espera na recepção, desde o

meio-dia.

— E por que não me disse antes?

— Ele disse que não se importava de esperar. E que não queria incomodá-la. — A enfermeira foi até o armário embutido, tirou as roupas de JeriLee e colocou-as sobre a cadeira ao lado da cama. — Deixe-me ajudá-la a se levantar da cama, meu bem.

— Estou me sentindo bem — assegurou JeriLee. Mas assim que ficou de pé, sentiu-se estranhamente fraca e apoiou-se na mão que a enfermeira lhe estendia. — Obrigada.

— Vai se sentir melhor daqui a alguns minutos, meu bem. — A enfermeira sorriu. — É preciso algum tempo para recuperar o controle das pernas.

JeriLee foi para o banheiro. Ao voltar, o médico ainda a estava esperando.

— Quero vê-la dentro de uma semana.

Ela assentiu.

— E nada de sexo enquanto eu não autorizar — continuou ele.

Ela fitou-o e sorriu. Aquela seria a última coisa em que pensaria agora.

— Procure descansar o máximo por alguns dias, JeriLee. Não faça muito esforço.

— É o que pretendo fazer, doutor. Obrigada por tudo.

O médico saiu e ela começou a vestir-se. Ao acabar, a enfermeira estava de volta, empurrando uma cadeira de rodas. JeriLee olhou para a cadeira, hesitante.

— Tenho mesmo que ir nessa cadeira?

— É o regulamento. Irá nessa cadeira até a porta.

— Deixe-me primeiro passar um batom nos lábios. —

JeriLee contemplou-se no espelho. Um pouco de ruge em suas faces também não faria mal nenhum. A palidez de hospital não demorava muito a se instalar.

A princípio, ela não o reconheceu. Ele estava de óculos escuros e com um bigode falso, além de uma peruca castanha, cobrindo o rosto normalmente barbeado e os cabelos pretos encaracolados. Ela quase soltou uma risada. Afinal de contas, ele estava com uma aparência por demais ridícula.

— Como vai, JeriLee? — disse ele, em tom esganiçado, procurando disfarçar a voz normalmente grave.

— Estou ótima.

— O carro está ali fora, enfermeira — disse ele.

A enfermeira assentiu e empurrou a cadeira de rodas ate a entrada de carros, descendo pela rampa. Ele alugara um Continental, ao invés de usar o seu Corniche conversível. Abriu a porta e ajudou a enfermeira a acomodar JeriLee no banco da frente.

— Adeus — disse JeriLee à enfermeira. — E obrigada por tudo.

— Será sempre bem-vinda aqui, meu bem. Boa sorte.

Ele tirou do bolso uma nota de vinte dólares e entregou-a à enfermeira, dizendo também:

— Obrigado por tudo.

A enfermeira olhou para a nota e depois para ele, o rosto preto brilhante se abrindo num sorriso.

— Obrigada, Sr. Ballantine.

Ele ficou boquiaberto por um momento, virando-se em seguida para JeriLee:

— Como foi que ela me reconheceu?

JeriLee estava rindo, divertida.

— Você pode ser um grande astro, George, mas ainda não sabe coisa alguma de maquilagem.

Ele contornou o carro e foi sentar-se ao volante.

— Não queria que ninguém me reconhecesse.

— Não precisa ficar preocupado. Ela já viu todo mundo por aqui, indo e vindo. Não vai dizer nada.

— Não posso me dar ao luxo de mais nenhum falatório — disse ele, ligando o carro. — Assim como está, o estúdio não para de falar.

— Não se preocupe.

— E você, JeriLee, como está?

— Estou bem.

— É só o que tem a dizer?

— É, sim.

— Não se sente melhor, agora que tudo acabou?

— Você se sente?

— E muito. Era a coisa certa a se fazer.

Ela pegou um cigarro.

— Também não pensa assim? — perguntou George.

— Se é o que você pensa...

— Estou certo, JeriLee. — Ele estendeu o braço e afagou a mão dela. — Você vai ver. Amanhã de.manhã, ao acordar, vai

descobrir que eu estava com a razão.

— Amanhã de manhã, vou acordar tão atordoada que nem mesmo me lembrarei do que aconteceu hoje.

— O que há com você? O que deseja de mim?

— Nada, absolutamente nada. — Ela encolheu-se no canto do banco.

O que havia de errado com os homens que os levava sempre a sentirem que ela queria arrancar deles algo que não estavam preparados a dar? Especialmente quando ela nada pedia e nada queria. Eles simplesmente não conseguiam entender.

Havia dois homens na vida dela que jamais tinham assumido aquela atitude: seu pai e Walter Thornton. Tudo o que eles queriam era dar a ela o que tinham dentro de si. Talvez tivesse sido justamente por isso que ela lhes falhara. Ela simplesmente não sabia como receber.



— Ele é velho demais — disse a mãe. — É mais velho do que seu pai. E o que me diz do filho dele? Terá que se encontrar com o rapaz.

— Não, mamãe, isso não acontecerá. Ele foi viver na Inglaterra, com a mãe. Além do mais, nada disso importa, porque eu o amo.

Verônica olhou para a filha, irritada.

— O que você sabe do amor? Ainda é uma criança. Nem mesmo fez dezoito anos.

— O que é o amor, mamãe? Gosto dele, admiro-o, respeito-o, quero ir para a cama com ele.

— JeriLee!

— Se isso não é amor, então explique-me o que é.

— É tudo menos isso que você está pensando. Sexo! Deve se lembrar o que quase aconteceu com aqueles rapazes.

— E por causa disso eu deveria ficar com medo do amor?

— Não é isso que eu estava querendo dizer! — falou a mãe. E virou-se para o marido, em busca de ajuda. — Vamos, John, fale

com ela. Faça-a compreender.

— Não posso. — John sacudiu a cabeça. — O amor é o que cada pessoa pensa que é. O amor é o que duas pessoas concordam que é. E é diferente para cada pessoa que ama.

— Mas ela ainda é uma criança — falou Verônica.

— Então você não conhece sua filha. JeriLee deixou de ser criança há muito tempo.

— Ele estará com cinquenta anos antes de JeriLee chegar aos dezoito!

— Se isso virar um problema, será um problema deles. Tenho certeza de que ambos pensaram bastante e que terão de resolver isso.

— Ela vai precisar de minha assinatura na licença de casamento — disse Verônica, ainda obstinada. — E eu não assinarei.

— O que será uma pena, pois eu assinarei.

— Você não pode! Ela não é sua filha! — exclamou Verônica, furiosa.

JeriLee percebeu a mágoa no rosto do pai. Apesar disso, a voz dele permaneceu calma:

— Ela é minha filha, sim! Tanto minha quanto do pai verdadeiro. Eu a amo e a adotei. Isso é suficiente para satisfazer a lei.

— Vai deixar que todo mundo acredite que é verdade o que andaram comentando até agora?

— Não me importo com o que as pessoas digam, pensem ou acreditem. A única coisa que me interessa é a felicidade de minha filha.

— Mesmo sabendo que, a longo prazo, ela está cometendo um terrível erro?

— Não sei se será um erro e você também não sabe. Mas mesmo que ela esteja cometendo um erro, continuarei a amá-la e procurarei ajudá-la.

— Pela última vez, JeriLee, peço-lhe que me escute com atenção. — Verônica virou-se para a filha. — Haverá outros homens, mais moços, mais próximos de sua idade. Poderão crescer juntos, envelhecer juntos, ter filhos. E você jamais poderá fazer essas coisas com ele.

— Pelo amor de Deus, mamãe, ele não é um aleijado! — disse JeriLee, já exasperada. — Já fui para a cama com ele e quero

que saiba que é um amante maravilhoso!

— Ah, então é isso! As histórias que contavam eram verdadeiras!

As lágrimas afloraram aos olhos de JeriLee.

— Não, mamãe, não é verdade. A menos que você queira acreditar...

Ela virou-se e saiu correndo de casa. Com uma expressão de cansaço, John olhou demoradamente para a esposa, antes de murmurar, em tom desolado:

— Sabe, Verônica, às vezes me pergunto o que vi em você. Há ocasiões em que consegue ser de uma estupidez inacreditável!



George parou o Continental à entrada da casa dela.

— Não quer entrar para tomar um drinque? — perguntou ela.

— Prometi a meu agente que iria encontrar-me com ele no Polo Lounge, às cinco horas — disse ele, sacudindo a cabeça.

— Está certo. — JeriLee abriu a porta do carro e saltou. — Obrigada por ter ido buscar-me.

— Não foi nada. Sinto muito o que aconteceu, JeriLee. Eu não queria causar-lhe tantos transtornos.

— Não houve nenhum transtorno. Nunca lhe falaram? É mais fácil do que curar um resfriado. — JeriLee contornou o carro e ficou parada junto à janela em que ele estava, brincando por um instante com o bigode postiço. — Tem certeza de que não quer mesmo entrar?

— Bem... Acho que posso chegar meia hora atrasado. Meu agente não vai se importar.

JeriLee riu e arrancou o bigode postiço, grudando-o na testa dele.

— Oh, George, George... Por que você tem que ser um merda tão grande?

Depois, virou-se e, meio rindo, meio chorando, subiu o caminho para sua casa. Trancando a porta, encostou-se nela e deixou que as lágrimas lhe escorressem livremente pelo rosto. O

que será que havia nela que sempre parecia atrair os homens que não prestavam?

Nem sempre fora assim. Walter não era um merda. Era apenas um fraco. Precisava de mais garantias de segurança do que ela.

JeriLee atravessou a casa até seu quarto e caiu na cama, sem tirar as roupas. Ficou olhando para o teto, os olhos novamente secos. O telefone começou a tocar, mas ela não fez o menor movimento para atender. Depois de três toques da campainha, o serviço de recados telefônicos atendeu.

Estendeu a mão para uma caixa de cigarros na mesinha-de-cabeceira e tirou um. Acendeu-o e deu uma tragada, sentindo a fumaça invadir-lhe os pulmões. Apertou um botão e o toca-fitas começou a tocar, a música se espalhando pelo quarto. Deu mais duas tragadas no cigarro, jogou-o num cinzeiro e virou-se de bruços, cobrindo o rosto com as mãos. Novamente, surgiu diante de seus olhos a imagem da garotinha sentada no alto da escada, chorando. Mas logo desapareceu. Abruptamente, JeriLee sentou-se na cama. Não era mais aquela garotinha. Deixara de sê-lo há muito, muito tempo...

Desde o dia em que se casara com Walter e os dois haviam seguido para Nova York, onde subiram interminavelmente de elevador até o apartamento dele, no alto de um edifício que dominava a cidade.

LIVRO DOIS

Cidade grande

Capítulo 1

Era primavera em Nova York. O verde viçoso das folhas novas das árvores do Central Park adejava à brisa que soprava e as crianças brincavam no primeiro momento do calor de maiô. Passamos pelos bancos repletos de ociosos. Não nos falamos nem nos olhamos, juntos embora separados, cada um imerso em seus próprios pensamentos silenciosos.

Ele nada disse até sairmos na Avenue of the Américas, na altura da 59th Street. Ficamos esperando que o sinal abrisse. Como sempre, o tráfego estava congestionado nas duas ruas.

— Pode demorar o tempo que precisar para se mudar — disse ele. — Vou pegar o voo das dez da noite para Londres e não voltarei antes de um mês.

— Está bem. Eles me disseram que o apartamento já está quase pronto.

Ele segurou meu braço no momento em que um caminhão fez a curva e passou perto demais. Largou o braço rapidamente, ao pisarmos na calçada.

— Eu queria apenas que você soubesse.

— Obrigada, Walter. Mas vou passar o fim de semana em

casa e tenho certeza de que na segunda-feira já estará tudo resolvido.

O empregado que nos abriu a porta tinha uma expressão estranha.

— Olá, Sr. Thornton. Olá, Sra. Thornton.

— Olá, Joe — respondi. Eu tinha certeza de que ele sabia. A essa altura, todo mundo já sabia. Afinal, fora publicado em todas as colunas. Os Thornton estão se divorciando.

Subimos no elevador em silêncio, até a cobertura. Saímos para o corredor.

— Tenho a minha chave — disse Walter.

As malas dele já estavam prontas, no vestíbulo. Ele fechou a porta e ficou parado por um momento, em silêncio.

— Acho que estou precisando de um drinque — disse ele, finalmente.

— Vou preparar para você. — Automaticamente, encaminhei-me para o bar, na sala de estar.

— Pode deixar que eu mesmo faço.

— Não é trabalho nenhum. Para dizer a verdade, também estou precisando de um drinque.

Joguei algumas pedras de gelo em dois copos e despejei o scotch por cima. Ficamos nos olhando por cima do bar.

— Saúde! — disse ele.

— Saúde!

Ele tomou um gole grande, enquanto eu me limitava a um gole pequeno.

— Seis anos... Mal posso acreditar!

Não fiz qualquer comentário.

— Passaram tão depressa! Para onde será que foram?

— Não sei.

— Lembra-se da primeira vez em que eu a trouxe para cá?

Estava nevando naquela noite e o parque estava todo branco na escuridão.

— Eu era apenas uma criança nessa ocasião. Uma criança num corpo de mulher.

Uma expressão aturdida surgiu nos olhos dele.

— Quando foi que você cresceu, JeriLee?

— Um pouco a cada dia que passou, Walter.

— Não reparei.

— Eu sei, Walter — falei gentilmente.

Era justamente esse o problema. Mais do que qualquer outra coisa. Para ele, eu seria sempre a esposa-criança. Ele terminou o drinque e pôs o copo vazio em cima do bar.

— Tenho que subir para tentar tirar um cochilo. Nunca consegui dormir nesses voos noturnos.

— Está certo.

— O carro virá apanhar-me às oito e meia — disse ele. — Você estará aqui quando eu descer?

— Estarei.

— Não gostaria de ir embora sem dizer-lhe adeus.

— Eu também, não gostaria. — Foi então que as comportas se romperam e meus olhos ficaram cheios de lágrimas. — Oh, Walter, sinto muito!

A mão dele tocou a minha por um breve instante.

— Não há problema. Compreendo perfeitamente.

— Eu o amei muito, Walter. E você sabe disso.

— Eu sei, JeriLee.

Não havia mais nada a dizer. Ele saiu da sala e ouvi seus passos subindo para o quarto. Um momento depois, o barulho da porta se fechando ecoou pelos aposentos vazios. Enxuguei meus olhos com um lenço de papel e fui até a janela, onde fiquei olhando para o parque.

As folhas ainda estavam verdes, as crianças ainda estavam brincando, o sol continuava a brilhar. Era primavera. Mas que diabo! Se isso era verdade, então por que eu estava tremendo de frio?



O apartamento ficou vazio depois que ele partiu. Eu estava indo para a cozinha, a fim de arrumar alguma coisa para comer, quando o telefone tocou. Era Guy.

— O que você está fazendo?

— Nada. Eu estava apenas indo arrumar alguma coisa para comer.

— Walter já foi?

— Já.

— Você não deveria passar esta noite sozinha. Vou levá-la

para jantar fora.

— É muita gentileza sua. — Eu falava com toda a sinceridade. Guy era um excelente amigo nosso. Fora ele quem me dirigira na primeira peça em que eu atuara, a peça que Walter estava escrevendo quando nos conhecêramos. — Mas será que não podemos deixar para outra ocasião? Não estou com a menor vontade.

— Vai lhe fazer bem.

— Não, Guy. Obrigada.

— Então posso levar uns sanduíches? Passarei no Stage e comprarei alguma coisa.

Hesitei por um instante.

— Além disso, JeriLee, tenho algumas ideias sobre as alterações que deve fazer em sua peça. Poderemos conversar a respeito disso.

— Está certo.

— Assim é melhor. Levarei vinho também e teremos uma noite tranquila. Dentro de meia hora está bem?

— Está ótimo.

Desliguei o telefone e fui para o quarto. Abri a porta do armário para pegar uns blue jeans quando o telefone tocou novamente. Era minha mãe.

— JeriLee?

— Eu mesma, mamãe.

— Quando foi que você voltou?

— Esta tarde.

— Poderia ter me telefonado.

— Não tive tempo, mamãe. Fui do aeroporto direto para o escritório do advogado. Walter e eu ainda tínhamos que assinar alguns documentos.

— Quer dizer que o divórcio está consumado — disse ela, em tom de desaprovação. — Eu não sabia que os divórcios no México eram válidos em Nova York.

— Mas são, mamãe.

— Devia ter encontrado um jeito qualquer de me telefonar. Afinal de contas, sou sua mãe e tenho o direito de saber o que está acontecendo.

— Você sabia o que estava acontecendo. Expliquei-lhe tudo, antes de viajar para Juárez. Além disso, passarei o fim de semana aí e poderei contar-lhe todos os sangrentos detalhes.

— Não precisa contar-me nada, se não quiser.

Tentei controlar-me, para não ficar irritada. Não sei o que é, mas mamãe sempre teve a capacidade de me fazer ficar na defensiva. Olhei ao redor, à procura de um cigarro, mas não vi nenhum.

— Mas que diabo! — murmurei.

— O que foi que você disse, JeriLee?

— Não consigo encontrar um cigarro.

— Só por causa disso não precisa praguejar. Além do mais, você anda fumando muito.

— Tem razão, mamãe. — Encontrei finalmente um cigarro e acendi-o.

— A que horas pretende chegar?

— De manhã.

— Vou preparar um almoço para você. Não coma muito no café.

— Está bem, mamãe — disse eu, mudando em seguida de assunto. — Papai está aí?

— Está. Quer falar com ele?

— Gostaria.

— Como está a minha garotinha? — A voz dele era cordial e meiga ao telefone.

Foi o bastante. Senti as lágrimas novamente aflorarem aos olhos.

— A garotinha está crescida e muito triste, papai.

Toda a compaixão do mundo se expressou em duas palavras:

— Foi duro?

— Foi.

— Mas fique de cabeça erguida. Você ainda tem a nós.

— Eu sei.

— Vai dar tudo certo, JeriLee. Só que leva tempo. Tudo sempre leva algum tempo.

Eu já tinha recuperado o controle.

— Conversaremos amanhã. Estou morrendo de saudades.

— Eu também.

Eu tinha tempo apenas para tomar um banho de chuveiro e vestir-me, antes da chegada de Guy.

Ele ficou parado na porta, com um sorriso tolo no rosto, uma sacola de compras numa das mãos e um buquê de flores na outra.

Pôs as flores em minhas mãos e beijou-me no rosto. Antes mesmo que ele falasse, pude sentir, por seu hálito, que andara bebendo.

— Feliz, feliz... — murmurou ele.

— Você é doido, Guy. Por que essas flores?

— Para comemorar. Não é todos os dias que os melhores amigos de um sujeito se divorciam.

— Não vejo nada de engraçado.

— E o que você quer que eu faça? Desate a chorar?

Não respondi.

— Chorei no seu casamento, JeriLee. Por todo o bem que me fez. Agora, vocês estão divorciados e ambos se sentem felizes. Acho que isso merece uma comemoração.

— Você faz tudo ao contrário, Guy.

— E por que não? No final das contas, dá no mesmo. — Ele passou para a sala de estar e tirou uma garrafa de champanha da sacola de compras. — Pegue as taças, JeriLee. Dom Pérignon. Sempre o melhor.

Depois, levantando sua taça, disse:

— Vamos beber a tempos melhores.

Tomei um gole. As borbulhas fizeram-me cócegas no nariz.

— Beba tudo, JeriLee.

Esvaziei a taça e tornei a enchê-la.

— Outra vez.

— Você está tentando embriagar-me.

— Tem toda a razão. E garanto que não lhe vai fazer mal algum — disse ele.

O champanha desceu e subiu rapidamente. Comecei a sentir-me subitamente animada.

— Você é doido mesmo, Guy.

Os olhos de um azul muito pálido se fixaram nos meus, e percebi de repente que ele não estava tão embriagado quanto eu imaginara.

— Está se sentindo melhor?

— Estou.

— Ótimo. Agora, vamos comer. Estou faminto. — Ele começou a esvaziar a sacola em cima do bar. Vi-me cercada pelos odores maravilhosos de sanduíches de carne, pastrami e picles com alho. Minha boca se encheu de água.

— Vou pôr a mesa.

— Para quê? — Ele pegou um sanduíche e mordeu-o. E

com a boca cheia, disse: — Não precisa impressionar ninguém.

Com Walter, tudo tinha o seu lugar próprio. Jamais havíamos comido na cozinha. Guy tornou a encher minha taça.

— Beba, coma e seja feliz.

Peguei um sanduíche e dei uma mordida. Inesperadamente, meus olhos ficaram úmidos. Guy reparou.

— Não, por favor, não!

Eu tinha um nó na garganta. Não podia engolir. Não podia falar.

— Não chore, JeriLee. Eu a amo. — Ele sorriu e assumiu uma expressão maliciosa, acrescentando: — Isto é, eu a amo até o ponto em que uma boneca como eu pode amar uma garota.

Capítulo 2

Eu me sentia tonta e desligada, havia um zumbido agradável em meus ouvidos. Estava estendida no sofá. Olhei para Guy, que estava estendido no chão, a meus pés.

— Por que você não se levanta, Guy?

Ele rolou no chão e ficou deitado de costas, erguendo a mão para pegar um cigarro que estava entre meus dedos.

— Não sei se consigo — disse ele, dando uma tragada.

— Experimente. Eu o ajudarei.

— Para quê? Estou feliz aqui.

— Está bem. Sobre o que estávamos falando?

— Não me lembro.

— Sobre a peça. Você tinha algumas ideias para alterá-la.

— Não posso falar sobre isso agora. Estou me sentindo bem demais.

Olhei pela janela. O céu da noite, sobre o Central Park, estava cinza, do reflexo da iluminação.

— Será que o avião já decolou, Guy?-

— Que horas são?

— Quase meia-noite.

— Então, já partiu — disse ele.

Levantei-me e fui até a janela. Ergui a mão e acenei para o céu.

— Adeus, Walter, adeus... Faça boa viagem.

Comecei a chorar. Guy levantou-se e caminhou em minha direção.

— Ei, JeriLee, isto é uma comemoração! Não chore.

— Não consigo controlar-me. Estou sozinha agora.

— Mas claro que você não está sozinha — disse ele, passando o braço pelos meus ombros. — Eu estou aqui.

— Obrigada, Guy.

Ele me levou de volta ao sofá.

— Beba mais um pouco de champanha.

Tomei um gole da taça que ele pôs em minha mão.

Subitamente, já não tinha mais gosto algum. Eu estava nas últimas. Coloquei a taça em cima da mesinha de coquetel e fiquei olhando para a mancha úmida que se alastrou pela superfície envernizada. Normalmente, eu trataria de limpá-la rápido e poria a taça em cima de um descanso. Walter detestava manchas de copos em suas preciosas antiguidades. Mas agora não dei a menor importância.

— Acho que vou para a cama, Guy.

— Ainda é cedo — protestou ele.

— Mas estou muito cansada. Foi um dia longo. Às oito e meia da manhã, eu estava num tribunal no México. Às onze horas, já estava num avião, voltando para Nova York. Há dois dias que praticamente não descanso.

— O que fez com sua aliança de casamento, JeriLee?

— Ainda a estou usando. — Estendi a mão. A pequena aliança de ouro cintilava à luz. Guy sacudiu a cabeça, solenemente.

— Assim não dá, JeriLee. Você tem que se livrar dessa aliança.

— Por quê?

— É um símbolo. Não será livre enquanto não se livrar da aliança. — Guy estalou os dedos e acrescentou: — Tive uma ideia. Em Reno, há uma pequena ponte sobre um riacho. Quando as mulheres saem do tribunal, vão para a ponte e jogam a aliança na água. É isso o que temos de fazer.

— Mas não estamos em Reno!

— Não importa. Conheço o lugar certo para a gente fazer

isso. Pegue o casaco.

Alguns minutos depois, estávamos na calçada, fazendo sinal para um táxi.

— Vamos para o lago do Central Park — disse Guy ao motorista. — Pare no ancoradouro perto da garagem de barcos.

— Está louco, senhor? Eles não alugam barcos a esta hora da noite.

— Vá indo, meu bom homem — disse Guy, sacudindo a mão como um grão-senhor.

Ele afundou no banco no momento em que o carro arrancou, com um solavanco, fez o retorno e entrou no parque, pelos portões da Avenue of the Américas. Guy enfiou a mão no bolso e tirou outro cigarro, acendendo-o. Soprou a fumaça para o alto, satisfeito.

Não havia passado muito tempo e o táxi diminuiu a velocidade. O motorista olhou para trás e anunciou:

— Já chegamos.

— Pode parar o taxímetro — disse Guy, abrindo a porta. — Só vamos demorar um minuto.

— Este lugar não é muito seguro à noite — avisou o motorista.

— Já vamos voltar — disse Guy.

O motorista pegou uma barra de ferro que estava no chão do carro.

— Ficarei esperando. E que Deus ajude o negro que chegar perto de mim.

Subimos pelo caminho até o ancoradouro. Paramos, debruçando-nos sobre a balaustrada, olhando para as águas escuras. O lago estava absolutamente sereno, não havia uma única ondulação na superfície.

— Tire a aliança, JeriLee.

Puxei, mas a aliança não se mexeu. Meus dedos estavam inchados. Olhei para Guy, desolada.

— O que vamos fazer agora? — perguntei.

— Deixe comigo. — Ele pôs as mãos em concha ao redor da boca e gritou para o motorista do táxi: — Tem uma lima aí?

Na noite quieta, o barulho da voz dele foi como uma explosão. A voz do motorista ecoou em resposta:

— Está pensando o quê? Acha que meu carro é oficina de funileiro?

Guy virou-se para mim.

— Os táxis já não são mais o que eram. — Segurei minha mão e levou-me pelo ancoradouro. Descemos pela encosta de terra úmida do outro lado, até a beira da água. — Ponha a mão na água, JeriLee.

Ajoelhei-me e estendi a mão. Olhei para ele.

— Não consigo alcançar.

— Dê-me sua mão. Eu a segurarei.

Ele agarrou minha mão com firmeza e inclinei-me para a frente. A água estava bastante fria.

— Está bem assim?

— Está.

Depois de alguns minutos, meus dedos começaram a ficar entorpecidos.

— A água está congelando meus dedos, Guy.

— Está certo. Acho que já dá.

Largou minha outra mão e eu caí dentro da água. Não era fundo, mas a água estava gelada. Quando me levantei, a água batia em meus joelhos. Peguei a mão de Guy e saí do lago. Ele foi pedindo desculpas durante todo o caminho de volta ao táxi. Eu estava tão furiosa que não conseguia falar. O motorista ficou nos olhando, espantado, enquanto Guy abria a porta do táxi.

— Ela não pode entrar no meu táxi desse jeito.

— Eu lhe darei dez dólares extras.

— Está certo.

Entramos no táxi, que arrancou barulhentemente.

— É melhor sairmos daqui o mais depressa possível — disse ele, olhando pelo espelho retrovisor. — Eles metem na cadeia o pessoal que nada no lago.

Guy tirou o casaco e ajeitou-o em torno de meus ombros. Olhei para minha mão. A aliança ainda estava no dedo. Subitamente, comecei a rir, de tal forma que fiquei com lágrimas nos olhos. Guy não entendeu.

— Mas o que há de tão engraçado, JeriLee? Você pode pegar uma pneumonia.

Não consegui parar de rir.

— É que deveríamos ter jogado a aliança na água e não a mim!

Desci do quarto envolta num roupão felpudo. Guy estava sentado na beira do sofá e levantou-se rapidamente.

— Você está bem, JeriLee?

— Estou ótima — disse eu, olhando para o bar. — Será que sobrou algum sanduíche? Nadar sempre me dá fome.

— Há ainda muitos sanduíches. E fiz também um café. — Estávamos ambos sóbrios agora. — Desculpe, JeriLee.

— Não há do que se desculpar. Gostei de todos os minutos de nossa expedição. Se você não tivesse aparecido, eu provavelmente passaria a noite inteira me sentindo infeliz, com pena de mim mesma.

Guy sorriu e pegou sua xícara de café.

— Fico contente por isso, JeriLee.

Ficou me olhando, pensativo.

— Em que está pensando, Guy?

— Em você, na maneira como as coisas vão mudar, daqui por diante.

Fiquei calada.

— E vão mudar muito. Sabe disso, não é?

— Acho que sim. Mas ainda não sei exatamente até que ponto.

— Em primeiro lugar, você já não é mais a Sra. Walter Thornton. E isso fará uma grande diferença. As portas já não mais se abrirão para você com tanta facilidade.

— Já esperava por isso, Guy. Costumava perguntar-me se as pessoas gostavam de mim pelo que eu era ou por ser a esposa de Walter.

— Pelas duas coisas. Mas sendo você a mulher de Walter, isso tornava as coisas mais fáceis.

— Continuo a ser a mesma pessoa de antes. E ainda tenho o mesmo talento que tinha quando me casei com Walter.

— Tem razão...

— Você está tentando dizer-me alguma coisa. O que é?

Ele não respondeu. Tive uma intuição súbita.

— Fannon ainda gosta da minha peça e continua disposto a pagar pela opção, não é?

— Ele ainda gosta, mas só quer a opção depois que a peça for reescrita.

Fiquei calada, pensando. No início da semana, Fannon fizera tudo, exceto recorrer à força, para que eu aceitasse um cheque. Agora, a atitude dele mudara. Afinal, a notícia do divórcio saíra publicada nos jornais da manhã.

— Ele pensava, por acaso, que Walter ia reescrever a peça para mim?

— Não exatamente, JeriLee. Mas provavelmente pensava que Walter iria dar-lhe uma ajuda, em caso de necessidade.

Senti o ressentimento explodir.

— Mas que merda! Pois agora ele não vai ter a peça, por mais que queira!

— Quero que me escute, JeriLee, porque sou seu amigo e a amo. E acontece também que acredito em você. Assim, vamos à primeira lição. Fannon é o melhor produtor da cidade para a sua peça. E se ele a quiser, você entregará a peça.

— Ele não passa de um velho obsceno. Fico repugnada pela maneira como ele me despe com os olhos, sempre que nos encontramos.

— Esta é a segunda lição! você está num negócio que é controlado por velhos obscenos e bichas. Tem de dar um jeito de manejar.

— Não há mais nada além disso?

— Só Bridgeport.

— Já estive lá.

— Então sabe o que significa ser obrigada a se limitar a uma cidadezinha pequena. Estamos na cidade grande. Se conseguir alcançar sucesso aqui, poderá alcançá-lo também em qualquer outro lugar do mundo.

— Estou começando a me sentir apavorada. De certa forma, Walter fez com que tudo me parecesse a coisa mais fácil do mundo.

— Não precisa ter medo — disse Guy, pegando minha mão. — Você chega lá. Tem talento de sobra para isso. Agora, precisa é lutar.

— Não sei como. Nunca antes tive que lutar. Saí direto da casa de meus pais para a de Walter. E ele jamais quis deixar que eu crescesse.

— Esse sempre foi um dos problemas de Walter. Ele tentou reescrever a vida como fazia com suas peças. Mas as coisas estavam sempre lhe fugindo e ele não conseguia compreender por quê. E a prova disso é que você cresceu, apesar de tudo, não é mesmo?

— Agora já não tenho mais tanta certeza.

— Pois saiba que cresceu — disse ele, levantando-se. — Já passa das três horas. É melhor eu ir para casa, dormir um pouco.

Acompanhei-o até a porta.

— Apareça no meu escritório às dez da manhã de terça-feira, JeriLee. Faremos outra revisão na peça e depois eu lhe pagarei o almoço.

— Obrigada, Guy. Mas não precisa levar-me para almoçar, se tiver algo mais importante a fazer.

— Vamos à lição número três. Quando um diretor ou produtor se oferecer para levá-la para almoçar, limite-se a dizer "Sim, senhor".

— Sim, senhor.

Ele riu e beijou-me no rosto. Fechei a porta e voltei para a sala de estar. De certa forma, tudo aquilo agora me parecia estranho, diferente. E subitamente compreendi por quê.

É que eu não vivia mais ali.

Capítulo 3

O carro de meu pai estava bloqueando a passagem para a garagem, por isso estacionei no meio-fio, diante da casa. Tinha acabado de desligar o motor quando meu irmão saiu de casa e veio correndo em minha direção. Por um momento, foi difícil acreditar que fosse mesmo Bobby.

Ele estava alto, com mais de um metro e oitenta, e bem magro. O uniforme azul-claro da Força Aérea fazia-o parecer mais velho e mais alto do que os seus vinte anos. Contornou o carro e abriu a porta.

— Mas que beleza! — disse ele, metendo a cabeça para dentro do carro e examinando o painel revestido de madeira do Jaguar.

— Poderia primeiro dizer "alô".

— Uma irmã é uma irmã, mas um carro é uma alegria para sempre — disse Bobby, beijando-me no rosto.

— O que está fazendo nesse uniforme, Bobby? O pessoal da reserva agora tem autorização para usar o uniforme em casa?

— Não é nada disso. Estou na ativa. Eles me aceitaram como aspirante a piloto. E eu decidi não esperar, pois a guerra poderia terminar antes. Parto na segunda-feira para San Antônio.

— E o que mamãe acha disso?

— Como sempre, ela berrou um bocado.

— Só que desta vez está com a razão — disse eu, abrindo o porta-malas do carro. Ele tirou a minha valise e respondeu:

— Não comece você também. Já chega o que ouvi de mamãe.

Fechei o porta-malas e segui-o pelo caminho até a varanda.

— Não temos nada que fazer no Vietnam, Bobby. Mas enquanto eles puderem atrair garotos como você, aquilo lá nunca terá fim.

— Já está começando a falar como todos aqueles comunas de Nova York, JeriLee.

— Não é nada disso, Bobby. Apenas não me agrada a ideia de meu irmão caçula ser morto no meio de uma selva onde não temos nada que fazer.

— Eu não ficaria preocupado — disse ele. — O presidente falou que estará tudo terminado no Natal. E como terei de passar dois anos na escola de pilotos, não chegarei a entrar na brincadeira. — Parou diante dos degraus da varanda e virou-se para olhar o carro. — Não sabia que você estava de carro novo.

— Já tem quase um ano.

— Pois parece novo.

— Quase não se anda de carro em Nova York.

— É um belo carro. Custou muito caro?

— Cinco mil dólares.

Ele assoviou.

— E de quem é? Seu ou de Walter?

— Meu. Paguei com meu próprio dinheiro. Walter é do tipo que acha que não existe outro carro além do Cadillac.

— Isso significa que você ficará com ele.

— Claro.

— Lamentei muito o divórcio, JeriLee. Eu gostava de Walter.

— Eu também. Mas não estava dando certo. O divórcio era a melhor solução para nós dois.

Ele abriu a porta de casa e perguntou-me:

— Está planejando sair esta noite?

Eu sabia o que ele estava querendo.

— Quer o carro emprestado, Bobby?

— Tenho um encontro marcado para esta noite — assentiu.

— Uma espécie de despedida...

Entreguei-lhe as chaves.

— Peço apenas que tome cuidado, Bobby. É um carro muito veloz.

Um sorriso se estampou no rosto dele, e por um momento vi o garotinho que eu sempre conhecera.

— Obrigado, mana. E pode deixar que tratarei o carrinho com luvas de pelica.

Mamãe realmente não começou a sessão até o jantar acabar, quando me seguiu para a varanda. Ficamos em silêncio por um momento. Acendi um cigarro, vendo sua expressão de desaprovação.

— Seu apartamento já está pronto? — perguntou ela, finalmente.

— Já. Vou me mudar na segunda-feira.

— Espero que seja um prédio seguro. Todos os dias aparecem notícias nos jornais sobre as coisas que acontecem em Nova York.

— É um lugar seguro, mamãe.

— E tem porteiro?

— Não. Os porteiros de edifício são muito caros. Não me posso dar ao luxo de morar num prédio com porteiro.

— Estou surpresa de Walter ter permitido uma coisa dessas.

— Não é mais responsabilidade dele. Já se esqueceu de que estamos divorciados?

— Tenho certeza de que ele lhe daria mais dinheiro, se você tivesse pedido.

Percebi aonde ela estava querendo chegar.

— Por que não diz logo de uma vez o que está pensando, mamãe? Quer saber quanto Walter está me pagando de pensão, não é mesmo?

— Não precisa dizer-me. Afinal, isso não é da minha conta.

— Mas não me importo de dizer. Ele não está me dando nada.

— Nada? — repetiu ela, incrédula. — Mas como ele pôde fazer uma coisa dessas? É terrível!

— Pois não acho. E fui eu mesma que não quis receber nada.

— Mas você me falou sobre o dinheiro que ele estava pagando a ex-esposa. Por que você não deveria receber também?

— Porque não quis, mamãe.

— Mas vocês estiveram casados durante seis anos! E como é que vai viver agora?

— Posso trabalhar. Tenho uma peça que talvez seja produzida e estou me candidatando a papéis em diversos espetáculos.

— Mas se não conseguir nada, como é que vai arrumar dinheiro?

— Tenho algum dinheiro. Walter nunca me deixou gastar o dinheiro que ganhei. Está tudo guardado no banco.

Ela ficou calada, esperando.

— Quer saber quanto tenho, mamãe?

— Não precisa dizer-me. Não é da minha...

— Eu sei que não, mamãe — falei, em tom sarcástico. — Não é da sua conta, mas mesmo assim vou dizer-lhe. Devo ter em torno de onze mil dólares no banco.

— Só isso? Pensei que estivesse ganhando setecentos e cinquenta dólares por semana, enquanto atuava naquela peça. O que fez com todo esse dinheiro?

— Os impostos levaram a maior parte. Walter está numa categoria de imposto muito alta, e fazíamos uma declaração conjunta. O resto, gastei com o carro, móveis e roupas.

— Talvez seja melhor você vender o carro. Aliás, não vejo para que precisa de um carro em Nova York. E especialmente um carro tão caro.

— Mas eu gosto dele, mamãe. Não o teria comprado, se não gostasse.

— Gostaria que você conversasse com seu pai e comigo antes de fazer qualquer coisa.

Fiquei calada.

— Walter era uma ótima pessoa. Não deveria tê-lo deixado desse jeito.

— Descobri que não o amava mais, mamãe. E não seria justo continuar a viver com ele, sabendo disso.

— Está apaixonada por outro homem?

— Não.

— Então não deveria tê-lo deixado. Não se acaba com um bom casamento por causa de simples capricho.

— Não foi um capricho, mamãe. E se eu tivesse continuado a viver com ele, acabaríamos nos odiando. Dessa maneira, continuamos amigos.

— Acho que nunca vou conseguir compreendê-la, JeriLee. Sabe, por acaso, o que está procurando na vida?

— Sei, mamãe. Estou procurando a mim mesma.

Ela ficou genuinamente surpresa.

— Mas que espécie de resposta é essa?



Eu estava cansada e fui deitar-me cedo. Mas assim que me deitei, descobri que não conseguiria dormir. Saí da cama e fui sentar-me junto à janela, com um cigarro na mão. Nem mesmo estava pensando. Recordei-me de estar sentada naquela mesma janela, olhando para aquela mesma rua, desde que eu era garotinha.

A imagem surgiu de novo em minha mente. A garotinha estava sentada no alto da escada e chorava. A garotinha era eu. Mas eu não era mais uma garotinha. Por que então estava chorando?

Bateram na porta.

— Está acordada, querida? — sussurrou meu pai.

Abri a porta. O rosto dele, emoldurado pela luz do corredor às suas costas, estava mais magro e mais enrugado.

— Não consegue dormir, querida?

Sacudi a cabeça, confirmando.

— Se quiser, posso buscar-lhe um copo de leite quente.

— Não precisa, papai.

— Espero que sua mãe não a tenha aborrecido. Mas quero que saiba que ela só age assim porque se preocupa com você.

— Eu sei. E ela não me aborreceu.

— Ela tem uma porção de preocupações no momento, JeriLee. Está mais perturbada com o alistamento de Bobby do que admite.

— E agora ainda há o problema do meu divórcio.

— Daremos um jeito. Tudo o que queremos é que vocês

dois sejam felizes. — Hesitou por um momento, depois acrescentou: — Quero que saiba que, se precisar de alguma coisa, o que quer que seja, basta nos telefonar.

Inclinei-me e beijei-o no rosto. Ele afagou meus cabelos gentilmente:

— Não gosto de vê-la sofrendo, JeriLee.

— A culpa foi minha, papai. E eu mesma é que terei de sair disso. Mas as coisas vão melhorar, agora que tenho uma chance.

Ele me fitou em silêncio por um momento, antes de assentir.

— Tenho certeza que sim. A última coisa no mundo de que você precisava era de outro pai.

A surpresa transpareceu em meus olhos. Ele não esperou que eu dissesse coisa alguma.

— O problema de Walter era igual ao meu. Nenhum de nós dois queria acreditar que você estava crescendo. — Um sorriso afetuoso iluminou-lhe o rosto, e ele continuou: — Percebi isso no momento em que a vi atuar na peça dele. Walter gostaria de mantê-la eternamente como a mocinha daquela peça. Mas a diferença entre a vida e o teatro é que a vida muda, enquanto o teatro permanece inalterado. Aquela mocinha da peça ainda tem hoje a mesma idade que há cinco anos. Mas você não.

Senti as lágrimas escorrendo pelo rosto. Ele puxou-me a cabeça de encontro ao seu peito. Sua voz tinha um tom pensativo quando ele falou.

— Não fique tão desesperada, JeriLee. Podia ter sido pior. Algumas pessoas jamais conseguem crescer.

Capítulo 4

Fiquei observando meu pai percorrer o corredor até o quarto dele, antes de fechar a porta. Acendi outro cigarro e voltei para a janela.

A moça da peça nunca chegava a crescer. Mas tinha sido eu a moça da peça. Ainda seria aquela mesma moça? Não seria uma ilusão todo o amadurecimento que eu julgava ter tido? Ainda me lembrava daquela tarde, na segunda semana de ensaios, quando meu amadurecimento começara.

Eu não queria atuar na peça. Continuava dizendo a mim mesma que não era uma atriz. Mas Walter e Guy me pressionaram e eu finalmente cedi. A princípio, senti-me estranha e constrangida. Uma amadora entre profissionais. Mas, pouco a pouco, fui aprendendo. Ao final da primeira semana, já podiam ouvir minha voz no balcão. Todos se mostravam gentis, atenciosos. Comecei a sentir-me mais à vontade, mais segura. Até aquela tarde, quando tudo me surgira do nada.

Beau Drake viera de Hollywood para fazer sua primeira aparição num palco de Nova York desde que partira de lá, quinze anos antes. Ele era um astro e sabia disso. Era um profissional e não deixava que ninguém se esquecesse disso, especialmente eu. Conhecia a fundo sua profissão e recorria a todos os truques. Metade do tempo eu estava representando de costas para a plateia, outras vezes estava quase que totalmente escondida por trás dos seus ombros largos ou num canto distante do palco, enquanto as atenções se focalizavam no outro lado.

A princípio, eu não sabia o suficiente para me incomodar com tais coisas. Mas, à medida que comecei a perceber o que ele estava fazendo, fui ficando cada vez mais furiosa. Eu não queria ir além do meu papel na peça, mas achava que tinha direito pelo menos a isso. Comecei a reagir, da única forma que podia. A essa

altura, eu já tinha percebido que Beau Drake se deixava guiar unicamente pelas frases de deixa. A menor variação no texto, e ele ficava totalmente descontrolado. E assim comecei a mudar as falas que Walter escrevera para mim, falando as coisas na minha própria linguagem.

Aconteceu numa tarde da segunda semana de ensaios. Estávamos no clímax do segundo ato, na cena que antecedia o fechamento das cortinas. Subitamente, Beau Drake explodiu:

— Mas que diabo!

Ficamos paralisados. Dan Keith, que fazia o papel de meu pai, olhou primeiro para ele e depois para mim. Jane Carter, nos bastidores, esperando o momento de entrar em cena, ficou boquiaberta. Beau caminhou furiosamente até o centro do palco e inclinou-se sobre as luzes da ribalta.

— Não estou ganhando dinheiro bastante para bancar um Stanislavsky — gritou ele para Guy e Walter. — Se eu quisesse dirigir uma escola de representação para garotas deslumbradas com o palco, poderia dar-me muito melhor em Hollywood. Se não conseguirem convencer a Sra. Thornton a dizer as falas que foram escritas para ela, então podem procurar outro ator para o papel. Eu caio fora!

Virou-se e saiu do palco. Não houve o menor ruído ou movimento até ouvirmos a porta do camarim dele ser fechada violentamente. Todos começaram então a falar ao mesmo tempo.

— Quietos! — A voz de Guy era firme. Ele subiu ao palco, seguido por Walter. Olhou para Dan e Jane e disse: — Vamos suspender os ensaios por meia hora.

Eles assentiram e deixaram o palco, silenciosamente. Guy e Walter ficaram olhando para mim, sem dizer nada. Naquele momento, senti-me como uma criança desafiando os pais.

— Vocês viram o que ele estava fazendo! Não era justo. Estava fazendo tudo para me colocar como uma estúpida. — Não tinha mais nada a dizer, por isso comecei a chorar. — Está bem, está bem... Eu nunca disse que era uma atriz. Por isso, vou embora.

A voz de Guy era tranquila:

— Quem decide se você sai ou não sou eu. Afinal, o diretor desta peça sou eu.

— Mas é a melhor coisa para a peça! — disse eu, soluçando. — Ele me odeia. E vocês não terão nenhum problema

com outra moça.

— Beau está certo — disse Guy. — Você estava mudando suas falas. Por quê?

— Ele não tinha o direito de fazer o que estava fazendo!

— Você não respondeu à minha pergunta.

— E você não respondeu à minha!

— E nem preciso responder. Não era eu que estava adulterando o texto do autor.

— Se tinha alguma objeção a isso, por que não disse nada?

— Porque não era o momento apropriado. Mas agora estou querendo saber por que você fez isso.

— Era a única maneira que eu tinha de conseguir que ele me deixasse representar o meu papel!

Guy e Walter trocaram um olhar significativo.

— Não é uma razão suficientemente boa — disse Guy.

Subitamente, eu não me sentia mais intimidada.

— Quer saber de outra? É que não havia condição de eu dizer aquelas falas e continuar a ser a menina de dezessete anos que querem que eu seja. Aquelas falas foram escritas para uma mulher de trinta anos. Não conheço nenhuma moça que fale daquele jeito.

Por um momento, houve silêncio absoluto. Depois, vislumbrei o rosto angustiado de Walter.

— Oh, Walter, sinto muito! Eu não queria...

— Não há problema — disse ele, com a voz muito tensa.

Abruptamente, ele virou-se e saiu do palco. Eu já ia segui-lo, quando Guy me deteve.

— Deixe-o ir.

— Mas que história é essa? É meu marido que está saindo daqui!

— Não, aquele não é o seu marido. Aquele é o escritor.

— Eu o magoei. Tenho que ir procurá-lo.

— Não vá. Ele é um profissional e saberá superar o ressentimento.

— Não estou entendendo...

— Alguém tinha de dizer-lhe. As falas não estavam boas. A cada dia que passava, isso se tornava mais óbvio. Se o diálogo estivesse certo, Beau não teria qualquer possibilidade de fazer o que fez, de tão ocupado que estaria representando o seu próprio papel.

Por cima do ombro de Guy, vi o rosto de Beau vindo dos bastidores. Ele parecia relaxado. Aproximou-se de nós e perguntou, em tom sereno:

— Tudo bem?

— Está ótimo agora — respondeu Guy, como se nada tivesse acontecido.

Foi então que compreendi tudo e senti a raiva crescer dentro de mim.

— Vocês dois me forçaram a isso, porque não tinham coragem de dizer-lhe a verdade!

— Você era a única de quem ele aceitaria a verdade — disse Guy. — Agora, ele vai reescrever a peça, até que as falas fiquem perfeitas.

— Você não presta!

— Eu nunca disse que era um santo.

— Será que nenhum de vocês tem coragem de dizer a verdade? Por que têm sempre de manipular os outros para fazerem o trabalho sujo de vocês, quando seria muito mais simples dizer logo a verdade?

— Estamos no show business — disse Guy, tranquilamente.

— Pois saiba que não gosto nada disso!

— É melhor ir se acostumando, se deseja continuar nisso.

— Não tenho a menor intenção de continuar!

— Se quer continuar casada com Walter, é melhor se acostumar, quer goste ou não. Pois ele vai continuar metido nisso, por muito e muito tempo. É o único tipo de vida que ele conhece e deseja. — Guy se encaminhou para os bastidores, sem esperar por uma resposta. Virando ligeiramente a cabeça, gritou para nós: — Teremos um novo ensaio amanhã, às duas da tarde.

Beau e eu ficamos sozinhos no palco. Ele sorriu.

— Ficamos só eu e você, boneca.

— Não vejo nada de engraçado.

— Desculpe. Eu não quis ser grosseiro.

Como eu não respondesse, uma expressão de arrependimento se estampou no rosto dele.

— Não pude fazer nada. Acho que sou melhor ator do que pensava.

Isso quebrou o gelo. Comecei a sorrir.

— Você é muito bom, mas é também um descarado.

— Já fui chamado de coisas piores. — Ele riu. — Mas fiz

isso por uma boa causa. Posso pagar-lhe um drinque para mostrar que não há ressentimentos?

— Não bebo. Mas pode pagar-me um café.

Tudo funcionou exatamente como eles haviam planejado. Quando cheguei a casa naquela noite, Walter estava trabalhando na peça. Passou a noite toda acordado. Na manhã seguinte, quando desci para tomar café, encontrei um bilhete dele sobre a mesa:

"Querida,

*Fui tomar café com Guy, para revisarmos as novas falas.
Vejo-a no ensaio. Com todo o amor,
Walter.*

P.S. Por favor, perdoe-me, mas aproveitei as falas que você improvisou. Eram melhores do que qualquer coisa que pude imaginar.

W."

Senti um tom de aprovação afetuosa no bilhete. Mais tarde, no ensaio, descobri que todas as alterações já tinham sido incorporadas. Pela primeira vez, estávamos todos de acordo.

Só muito depois é que compreendi o que aquela tarde havia me custado. A essa altura, Beau e eu já tínhamos recebido os nossos Tonys, como melhor ator e melhor atriz coadjuvante, apesar de o prêmio pela melhor peça ter sido conferido a outro autor. Aconteceu na semana em que a peça encerrou sua carreira na Broadway, depois de um ano de apresentações.

Eu tinha uma sugestão a fazer sobre a nova peça que Walter estava escrevendo e fui ao gabinete dele. Ele me escutou impassivelmente. Quando terminei, pegou o roteiro que ainda estava em minha mão.

— Você não deveria ter lido isso.

— Eu não sabia, Walter. Encontrei a cópia no quarto e achei que não havia mal algum em lê-la.

— Eu simplesmente a tinha esquecido lá.

— Eu estava apenas querendo ajudar.

— Quando eu quiser sua ajuda, pode deixar que pedirei.

Foi só então que compreendi que eles haviam encontrado a única maneira de persuadir Walter a fazer as alterações. Ele não se importava com a verdade tanto quanto os outros que estavam naquele negócio. Todos eles estavam interessados exclusivamente em seus próprios egos.

— Desculpe, Walter. Isso não vai acontecer novamente.

— Não quis ser tão rude. Mas você não pode saber o que é escrever, até que o faça também. Talvez tenha uma ideia de como é difícil, pois já tentou ser escritora.

— E acho que vou tentar novamente. Agora que a peça acabou e terei algum tempo vago, vou tentar desenvolver uma ideia que tive.

— Ótimo. Se tiver alguma dificuldade, pode falar comigo.

Não respondi. Mas quando deixei a sala, já havia tomado uma decisão. Ele seria a última pessoa do mundo a quem eu iria pedir ajuda.

Isso tinha acontecido quatro anos antes e fora o princípio do fim de nosso casamento. Depois disso, de mil maneiras sutis, comecei a perceber que Walter se sentia desafiado. Agora estava tudo terminado. E eu esperava que ele não se achasse mais ameaçado.

Ouvi o telefone tocar lá embaixo e olhei para o relógio. Eram duas horas da madrugada. Eu estava sentada junto à janela há mais de uma hora. Um impulso levou-me a descer para atender. Meus pais eram antiquados o bastante para acharem que extensões telefônicas eram uma extravagância desnecessária.

A voz ao telefone era áspera e pareceu-me estranhamente familiar.

— Verônica?

— Não. Aqui é JeriLee.

— Olá, JeriLee. Eu não sabia que você estava em casa.

Aqui é o chefe Roberts. Você tem um Jaguar azul?

Meu coração disparou, mas procurei manter a voz calma:

— Tenho, sim.

— Houve um acidente.

— Oh, não!

Meus pais apareceram subitamente às minhas costas. Meu pai tirou o fone de minha mão.

— John Randall falando.

Ele escutou por um momento, empalidecendo.

— É melhor nos vestirmos depressa — disse ele, desligando. — Houve um acidente e Bobby está no hospital, em Jefferson.

Capítulo 5

Meu irmão nunca foi para o Vietnam. O carro tinha saído da estrada na mesma curva que matara meu pai, quinze anos antes. Ele viveu apenas o suficiente para pedir desculpas à minha mãe.

— Perdoe, mamãe — sussurrou ele, por entre o labirinto de tubos que entravam e saíam de seu corpo. — Acho que eu tinha bebido demais...

Depois, virou a cabeça para o lado e começou a dormir. E nunca mais acordou.

Mamãe ficou completamente atordoada. Para ela, deve ter sido como um pesadelo revivido. Não importa o que disséssemos ou tentássemos fazer, não obtínhamos qualquer resposta. Ela fez apenas uma pergunta ao chefe Roberts:

— Ele estava sozinho no carro?

— Estava, Verônica. Tinha deixado Anne em casa, quinze minutos antes. Ela disse que pediu a ele para saltar e tomar uma xícara de café, antes de voltar para casa. Mas Bobby falou que queria levar logo o carro de JeriLee de volta, para que a irmã não ficasse preocupada.

Mamãe assentiu, sem dizer mais nada.

— Anne disse que eles estavam planejando se casar, antes de Bobby seguir para o campo de treinamento. Sabia que ela está grávida?

Mamãe limitou-se a olhar fixamente para o chefe Roberts.

— Ele não nos contou nada — falou papai.

— Anne disse que Bobby ia contar-lhes tudo esta manhã.

— Falou com ela? — perguntou papai.

— A notícia do acidente foi transmitida pelo rádio de Jefferson. Anne telefonou imediatamente e eu falei com ela. A pobre moça está bastante abalada.

— Coitada dela... — murmurei. — Deve estar profundamente chocada.

Mamãe virou-se para mim, com uma expressão irada.

— Não tenha pena daquela sem-vergonha! Bem que avisei a Bobby de que ela era capaz de fazer qualquer coisa para agarrá-lo!

— Não conheço a moça, mamãe, mas não pode ser...

— Pois eu conheço — interrompeu-me mamãe, com a voz extremamente fria. — E quase me sinto contente por Bobby estar agora fora do alcance das garras dela.

Senti o coração estofar e quase me sufocar. Subitamente, percebi algo que nunca antes notara. Eu nunca tinha visto minha mãe chorar. Nem mesmo agora. Não pude conter as palavras:

— Você não sabe chorar, mamãe?

Ela me fitou por um momento, depois virou-se para papai. O tom era quase normal, como se eu não tivesse dito coisa alguma:

— Temos que tomar as providências para o enterro, John...

Não aguentei mais. Forcei o caminho para ficar entre eles e fitei-a nos olhos. As lágrimas escorriam pelo meu rosto.

— Bobby está morto, mamãe. Seu único filho está morto. Será que não pode derramar algumas lágrimas por ele?

A voz de mamãe era fria e calma:

— Você não tem o direito de falar-me desse jeito, JeriLee. Foi por sua culpa que isso aconteceu. Não deveria ter-lhe emprestado o carro.

Era demais para mim. Em lágrimas, virei-me e desci o lance de escadas para o andar térreo, saindo em seguida para a rua.

A madrugada vinha surgindo a leste. O ar da manhã era frio. Estremeci, mas não era de frio. Tirei um cigarro da bolsa e já ia acendê-lo quando uma mão grande e calosa estendeu-me um fósforo aceso. Era o chefe Roberts.

— Sinto muito, JeriLee. — A compaixão em seu tom de voz era autêntica.

— Obrigada.

— Não queria incomodá-la num momento como este, mas preciso saber de algumas coisas.

— Compreendo. Pode perguntar o que desejar.

— O carro estava segurado e registrado em seu nome?

— Estava.

— Terá que comunicar à companhia de seguros. Determinei que o carro fosse rebocado para a garagem de Clancy, na Main Street.

Fiquei calada e ele acrescentou:

— O estrago é total. Eles não poderão fazer nada.

Continuei em silêncio.

— Poderei passar por sua casa mais tarde e levar o registro do acidente para você assinar. Assim não terá que voltar à delegacia.

— Obrigada.

Ele já ia se afastando quando o chamei :

— Chefe Roberts...

— O que é, JeriLee?

— Essa moça, Anne... diga a ela para me telefonar. Talvez haja alguma coisa que eu possa fazer.

— Está certo, JeriLee. Eu a conheço há tanto tempo quanto conheço você. É uma boa moça.

— Não podia deixar de ser, se meu irmão a amava.

Ele assentiu, depois levantou os olhos para o céu.

— Vai fazer um lindo dia hoje.

— Vai, sim.

Fiquei observando o vulto atarracado se afastar, metido no uniforme azul-claro. Olhei também para o céu e vi que ele estava certo. Ia fazer um lindo dia. Não havia uma única nuvem.



O enterro foi na terça-feira. Walter mandou flores de Londres e Guy veio segurar minha mão. Quando voltamos para casa, mamãe subiu direto para seu quarto e fechou a porta.

— Acho que vou fazer as malas — falei para papai. — Guy ofereceu-se para levar-me de volta a Nova York, no carro dele.

— Está bem. — Ele parecia extremamente cansado. Eu sabia que não fora fácil para ele, pois também amava Bobby.

— Se quiser que eu fique, papai, não há problema.

— Não, JeriLee. Poderemos dar um jeito. Vai ficar tudo bem.

— E você, papai, será que também vai ficar bem?

Ele percebeu a insinuação na minha voz. Hesitou por um momento.

— Não se preocupe comigo. E peço que não fique muito

zangada com sua mãe. Ela está sofrendo muito.

— Não estou zangada com ela. Apenas, não consigo compreender.

— Então seja caridosa. Não brigue com ela. Você agora é tudo o que resta à sua mãe.

— Não consigo dar-me bem com ela, papai. Você sabe perfeitamente quantas vezes eu tentei. Mas não pensamos nem nos sentimos da mesma forma em relação a nada.

— Continue tentando, JeriLee. O amor é justamente isso.

Aproximei-me dele e abracei-o.

— Você nunca para de tentar, não é mesmo, papai? Deve amá-la muito.

— E amo-a mesmo, JeriLee. Conheço os defeitos dela. Mas acho que não têm importância. Conheço também suas qualidades, a força e a coragem que demonstrou, quando ficou sozinha, com duas crianças, depois da morte de seu pai. Sabe que ela me disse que não se casaria comigo, a menos que vocês concordassem? E disse também que jamais faria coisa alguma que pudesse deixá-los infelizes.

— Eu não sabia disso.

— Sua tia e seu tio queriam ficar com você e Bobby, a fim de que ela pudesse reconstituir a vida sozinha. Mas ela não quis. Disse a eles que vocês eram filhos dela, responsabilidade dela, que iria tomar conta de vocês, custasse o que custasse. A primeira coisa que ela me perguntou, quando a pedi em casamento, foi como eu me sentia em relação a vocês.

Beijei-o no rosto. Ele era um homem maravilhoso. E muito ingênuo. Mas amava minha mãe. Ele mesmo o dissera. Assim, como eu poderia esperar que ele percebesse que todas aquelas coisas maravilhosas que ela dissera e fizera não fora porque nos amasse, mas sim porque achava que eram as coisas certas a fazer? Beijei-o novamente.

— Procurarei não esquecer o que acaba de me dizer, papai. O telefone tocou. Ele atendeu, depois passou para mim.

— É para você.

Peguei o fone.

— Poderia oferecer um drinque a Guy, papai? Tenho a impressão de que ele está morrendo de sede.

— Estou bem — disse Guy, rapidamente.

Papai pegou o braço dele e levou-o para a sala de estar.

— Acho que eu também gostaria de tomar um drinque.

— Alô? — falei ao telefone.

— Sra. Thornton? — A voz era suave e juvenil, parecendo muito cansada.

— Ela mesma.

— Sou Anne Laren. O chefe Roberts deu-me seu recado. Estou telefonando para agradecer-lhe.

— Eu falei sério. Se houver alguma coisa que eu possa fazer...

— Não, não há nada. — Ela hesitou por um momento, antes de acrescentar: — Correu tudo bem? Minhas flores chegaram?

— Saiu tudo direito. E suas flores eram lindas. — Eu me lembrava das flores. Rosas amarelas, com um pequeno cartão com o nome dela.

— Eu queria ir, mas o médico achou que não deveria sair da cama.

— Você está bem?

— Agora, estou. — Novamente um momento de hesitação.

— Sabe, perdi o bebê...

— Sinto muito.

— Talvez tenha sido melhor assim. Pelo menos, é o que todo mundo está dizendo.

— Talvez estejam certos...

— Mas eu queria o bebê! — Ela começou a chorar. — Não sabe como eu amava Bobby!

— Posso imaginar.

Ela parou de chorar. Senti que havia recuperado o controle.

— Desculpe. Sei que está sofrendo muito e não quero agravar sua dor. Eu queria apenas agradecer-lhe.

— Anne, quando estiver se sentindo melhor, telefone e vá visitar-me em Nova York. Poderemos almoçar juntas. Eu adoraria conhecê-la.

— Eu também gostaria. E pode estar certa de que irei mesmo.

Minha mãe estava parada ao pé da escada quando desliguei.

— Com quem estava falando, JeriLee?

— Com Anne.

Ela cerrou os lábios ligeiramente.

— Agradeceu-lhe as flores?

— Achei que você trataria disso, mamãe..
— Se ela o amava tanto como disse, por que não foi ao enterro?
— Por que não perguntou a ela?
— Telefonei. — Os olhos de mamãe se encontraram com os meus. — Mas ela não quis falar comigo. Acho que estava envergonhada demais do que fizera.
— Não foi esse o motivo, mamãe.
— Então qual foi?
— Ela provavelmente estava passando mal. Perdeu o bebê. O rosto de minha mãe ficou subitamente pálido e ela pareceu cambalear. Estendi a mão para ampará-la.
— Oh, JeriLee, não tem ideia de como lamento...
Eu não disse nada. Lentamente, a cor foi retornando ao rosto de minha mãe. Ela era uma mulher muito forte.
— Agora, ele realmente se foi para sempre — disse ela.
Ficamos olhando uma para a outra durante um longo momento. Depois, hesitante, minha mãe deu um passo em minha direção. Abri os braços. E mamãe se jogou em meus braços como se fosse uma criança, as lágrimas finalmente lhe escorrendo pelo rosto.

Capítulo 6

Era quarta-feira, dia de matinê. O Sardi's já estava apinhado, com as senhoras dos subúrbios.

O bar também estava apinhado, mas quase que totalmente com os clientes habituais. Cumprimentei diversos. O maître aproximou-se de mim, fazendo uma medida.

— É um prazer vê-la novamente, Sra. Thornton. O Sr. Fannon já está esperando-a.

Segui-o até a mesa habitual de Fannon. Ficava junto à parede, separando o restaurante do bar — a localização mais

importante da casa. Todos os que entravam ou saíam podiam ver ou ser vistos. Tinham-me dito que Fannon não faltava a um almoço ali, durante os dias úteis, há mais de quinze anos, a não ser quando fora parar num hospital ... e mesmo nessa ocasião haviam despachado as refeições dele para lá.

Estava sentado num banquinho. Quando me aproximei, tentou levantar-se, mas a barriga protuberante, comprimindo-se contra a mesa, forçou-o a ficar numa posição meio encurvada, até que eu me sentasse a seu lado. Voltou a afundar no banco, com um suspiro de alívio, beijando-me no rosto.

— Você está linda, minha querida — disse ele, com sua voz rouca.

— Obrigada, Sr. Fannon.

— Adolph, minha querida. Chame-me de Adolph. Afinal de contas, somos velhos amigos.

Assenti. Havia quase dois anos que nos conhecíamos. Na Broadway, isso é muito tempo, mesmo para uma amizade.

— Obrigada, Adolph.

— Um coquetel de champanha para a Sra. Thornton. — O garçom afastou-se e ele virou-se para mim, radiante. — Para você, tem que ser sempre o melhor.

Eu gostava de champanha, mas os coquetéis de champanha sempre me deixavam enjoada. Não obstante, sorri.

— Obrigada, Adolph.

Quando o garçom voltou com o coquetel, Fannon disse:

— Prove para ver se está bom.

Comecei a levantar o copo.

— Espere um instante. Temos que fazer um brinde. —

Pegou seu copo, que parecia estar cheio de vodca com gelo, como era sua intenção aparentar, embora todos soubessem que era apenas água. Ele não bebia álcool, por causa de suas úlceras. — À sua peça, minha querida.

Assenti e tomei um gole. O coquetel doce e enjoativo embrulhou-me o estômago, mas consegui sorrir.

— Está ótimo.

Uma expressão séria se estampou no rosto dele. Pondo a mão em meus joelhos, ele disse:

— Tenho uma comunicação muito importante a lhe fazer.

— Pois não, Adolph — falei, sem tirar os olhos do rosto dele.

— Decidi encenar sua peça. — A mão dele estava agora no

meio de minha coxa. — Começaremos os ensaios em agosto. Eu gostaria de estreá-la em Nova York em outubro.

Subitamente, esqueci por completo a mão dele em minha coxa.

— Está falando sério?

— Claro que estou. Adorei a peça com as modificações que você fez. Já enviei uma cópia para Anne Bancroft.

— E acha que ela vai aceitar?

— Creio que sim. Não encontrará outro papel melhor. Além disso, ela sempre quis atuar numa peça sob a direção de Guy.

— É ele quem vai dirigir?

— Exatamente. Telefonei para ele na Califórnia, esta manhã. E ele concordou.

A mão dele já percorrera o resto do caminho. Com duplo sentido intencional, eu disse então:

— Adolph, nunca conheci ninguém que agisse tão depressa. Ele tossiu, embaraçado.

— Quando gosto de uma coisa, gosto mesmo. E não acredito em ficar com rodeios.

— Eu também não. Mas já estou toda molhada, e se você não tirar a mão imediatamente, vou acabar gozando aqui mesmo.

— Desculpe. — Ele corou e pôs a mão em cima da mesa. — No meu entusiasmo, esqueci tudo o mais.

— Não foi nada. Acontece apenas que sou muito excitável. E nunca antes conheci um homem como você.

— É mesmo?

— Você é diferente de todos os outros. Num negócio cheio de pessoas hesitantes, você tem a força de suas convicções.

— Eu sei tomar decisões — disse ele, parecendo satisfeito. — Como acabei de lhe dizer, sou um homem que sabe o que quer.

— É isso o que mais admiro em você.

— Vamos ver-nos com bastante frequência, daqui por diante. Não sou do tipo de produtor que deixa tudo nas mãos do diretor. Sempre me envolvo a fundo com as minhas peças.

— Eu sei. E é justamente por isso que estou contente por você ter resolvido encenar minha peça.

— É preciso fazer mais algumas alterações no roteiro. Vamos ter que começar a trabalhar nisso imediatamente. Eu gostaria de lhe expor minhas ideias, antes de Guy voltar da Califórnia.

— É só me avisar quando, para que eu possa cancelar outros compromissos.

— Ótimo. — Ele estava visivelmente deliciado com o rumo dos acontecimentos. Calculisticamente, eu lhe dissera tudo o que ele estava querendo ouvir. A mão dele pousou novamente em meu joelho. — Meu escritório já está preparando o contrato. Achei que um adiantamento de dez mil dólares seria justo. É mais do dobro do que costumo dar por uma peça de estreia.

E era mesmo. Tanto Guy como meu agente haviam-me dito que não deveria esperar mais do que três mil e quinhentos dólares.

— Isso é ótimo, Adolph. Muito obrigada.

— Você merece — disse ele, sorrindo. — Além disso, pelo que ouvi dizer, está precisando do dinheiro. Parece que Walter não lhe deu nenhuma pensão.

— Eu não quis — apressei-me em dizer.

— A maioria das garotas neste negócio jamais faria tal coisa.

— É problema delas. Posso trabalhar e cuidar de mim mesma.

— É por isso que eu a respeito, minha querida. — A mão dele começou outra vez a viajar.

— Estou ficando com fome — disse eu, tentando distraí-lo. — Ainda não comi nada hoje.

— Nesse caso, vamos logo pedir.

Mas antes que ele pudesse chamar o garçom, Earl Wilson, do Post de Nova York, entrou e nos viu. Seu rosto redondo se abriu num sorriso.

— Adolph, JeriLee. O que vocês dois estão tramando?

— Tenho um furo para você, Earl. Vou encenar a nova peça de JeriLee.

— E qual é o tipo de papel que você vai representar desta vez, JeriLee?

— Ela não vai atuar na peça, Earl — disse Fannon. — JeriLee é que escreveu.

Earl assoviou, visivelmente impressionado.

— É um furo dos bons — disse ele, sorrindo para mim. — Teve alguma ajuda do seu ex, JeriLee?

— Walter não tem nada a ver com a peça — disse Fannon, rapidamente. — JeriLee já era escritora antes de se tornar atriz. Ela só subiu no palco porque Walter queria que atuasse na peça dele.

— Tem alguém em mente para o papel principal? —
perguntou o colunista.

— Anne Bancroft.

— Como se sente? — perguntou Earl, virando-se para mim.

— Sinto-me emocionada!

Quase pulei da cadeira para provar que era verdade. Afinal, a mão de Fannon estava novamente explorando as chamadas partes íntimas.



A notícia foi a primeira da coluna de Earl Wilson, na edição do Post do dia seguinte:

"Adolph Fannon, conhecido produtor da Broadway, revelou-nos ontem, no Sardi's, que está planejando apresentar uma nova peça na Broadway, na próxima temporada. A peça é de autoria da ex-esposa de Walter Thornton. Ele contou-nos também que Anne Bancroft está sendo convidada para o papel principal".

A ex-esposa de Walter Thornton... Embora já estivéssemos divorciados há dois meses, meu nome nem sequer fora mencionado.

Deixei o jornal na mesa da cozinha e fui para a sala de estar, no momento em que o telefone começava a tocar. Era Guy, respondendo a meu telefonema, da Califórnia.

— Parabéns, JeriLee.

— Eu queria agradecer-lhe, Guy. Se não fosse pelo trabalho que você teve para fazer as alterações na peça, Fannon jamais a teria comprado.

— Apenas fiz algumas sugestões, JeriLee. Quem escreveu foi você.

— Estou feliz porque você vai ser o diretor.

— E eu também.

— Fannon mandou o roteiro para Anne Bancroft.

— Ele lhe disse isso? — perguntou Guy, em tom cético.

— Sim. E disse-o também para Earl Wilson, que publicou a notícia em sua coluna.

— Não acredite nisso. — Guy riu. — Aposto dez contra um como Anne Bancroft não sabe de nada.

— Então, por que ele ia dizer uma coisa dessas?

— É um balão de ensaio. Fannon é muito esperto. Sabe que Anne Bancroft tomará conhecimento da notícia e pedirá a seu agente para lhe arrumar uma cópia. Dessa maneira, ela é que estará pedindo e não ele.

— Oh, Deus!

— Já assinou o contrato?

— Meu agente telefonou esta manhã. Já está tratando de tudo. Por falar nisso, vou receber um adiantamento de dez mil dólares.

— Mas isso é maravilhoso! Como os pagamentos estão programados?

— Não sei. Por quê?

— Fannon nunca paga mais de três mil e quinhentos dólares, até a peça estrear na Broadway. Você provavelmente receberá mil dólares na assinatura do contrato, outros mil quando começarmos os ensaios, mais mil e quinhentos quando iniciarmos as apresentações em tournée e o restante quando e se a peça for lançada em Nova York. Portanto, não vá gastando o dinheiro, enquanto não o receber.

— Mas ele me falou num adiantamento de dez mil dólares!

— Tudo o que você receber antes da estreia da peça na Broadway é considerado adiantamento. Verifique com seu agente.

— É o que vou fazer. Quando é que você vai voltar, Guy?

— Provavelmente dentro de um mês.

— Volte depressa, por favor. Estou sentindo muito sua falta.

Depois que Guy desligou, telefonei para o meu agente. O pagamento seria feito exatamente como Guy explicara. Eu ainda tinha muito que aprender.

Sentei novamente à mesa da cozinha, com o meu talão de cheques. Mesmo com os três mil e duzentos dólares que eu recebera da companhia de seguros pelo carro, meu saldo não ia além de quatro mil dólares. Gastara muito mais dinheiro do que imaginara para mobiliar o apartamento.

Fiz algumas contas. O apartamento me custava cerca de mil e cem dólares por mês, incluindo o gás, luz, telefone e uma empregada duas vezes por semana. Faltando cinco meses para a estreia na Broadway, eu ficaria quase sem dinheiro. E se a peça por

acaso não chegasse à Broadway, eu estaria quebrada.

Não havia escapatória. Eu não podia ficar sentada, de braços cruzados, esperando que a peça se transformasse num sucesso. Precisava de algum trabalho como atriz, para atravessar o verão. E tinha que cuidar disso imediatamente.

Capítulo 7

Cheguei em cima da hora para o encontro marcado com George Fox, às dez horas da manhã seguinte. Fui introduzida no gabinete dele quase que imediatamente. George era vice-presidente da Artists Alliance, Inc. Walter era cliente pessoal dele.

Era um homem baixo e elegante, de cabelos grisalhos e sorriso fácil. Contornou a mesa e beijou-me no rosto.

— Parabéns, JeriLee. Fannon está realmente entusiasmado com sua peça.

— Obrigada — disse eu, sentando-me na cadeira diante da mesa. — Mas estou um pouco desapontada com os pagamentos. Eu esperava receber tudo adiantado.

— Eles nunca fazem assim. Cuidei pessoalmente do seu contrato, e pode ter certeza de que fez um ótimo negócio para uma peça de estreia. E o que é mais importante: você está com o produtor mais quente da cidade.

— Sei disso, George. Mas isso não impede que eu continue a ter problemas financeiros. Tenho que encontrar algum trabalho, se quiser sobreviver até a estreia da peça na Broadway.

— Posso emprestar-lhe algum dinheiro.

— Não há necessidade. Posso dar um jeito. O que estou precisando é de encontrar algum trabalho.

— Tem alguma coisa em mente?

— Não. Pensei que talvez pudesse arrumar alguma coisa nos espetáculos de verão.

— Acho difícil. — Ele assumiu uma expressão de dúvida. — Todos os espetáculos já estão acertados. Eles começam a recrutar os elencos em janeiro.

— Ou talvez alguns roteiros. Soube que estão começando a filmar os programas de televisão para o próximo outono.

— Também já é muito tarde para isso. Os programas geralmente já estão definidos também em janeiro.

— Ou talvez algum papel de atriz num programa qualquer. Afinal, tenho experiência de palco. E li em Variety, na semana passada, que estão procurando caras novas para a televisão.

— Eles sempre dizem isso, mas preferem mesmo é ficar com as atrizes já experientes e conhecidas do público. Não gostam de correr riscos. Além disso, quase todas as filmagens são feitas na Califórnia, e eles jamais pagariam sua passagem, mesmo que a quisessem. E há mais uma coisa: costumam pagar muito mal.

— Se houvesse uma possibilidade de arrumar alguns papéis, eu mesma pagaria minha passagem.

— Não sei... Para dizer a verdade, não sei muito bem como está a situação. — Ficou pensando por um momento, depois acrescentou: — Já sei o que vamos fazer. Vou pô-la em contato com um jovem do nosso escritório, que sabe de tudo o que está acontecendo. Tenho certeza de que ele arrumará alguma coisa para você. — Pegou o telefone e disse: — Peça a Harry Gregg para vir até aqui.

Harry Gregg chegou alguns minutos depois. Era alto e magro, os cabelos despenteados. Usava o terno preto, a camisa branca, a gravata preta e a expressão reservada que pareciam ser o uniforme da agência.

— Harry, deixe-me apresentá-lo a um importante talento novo da agência, além de amiga pessoal minha. Jeri Lee Thornton... isto é, Randall. JeriLee, este é Harry Gregg, um dos mais brilhantes e bem-informados jovens de futuro de nossa agência.

Harry sorriu e apertamo-nos as mãos.

— Quero que faça tudo o que for possível por ela, Harry. Estou lhe entregando a responsabilidade pessoal de cuidar de JeriLee. Já fechamos um contrato com Fannon para produzir uma peça que ela escreveu, mas quero que você explore outros setores

em que possamos ajudá-la.

Antes que eu compreendesse o que acontecia, já estava fora do gabinete de George e sentada no minúsculo cubículo de Harry.

— Aceita um café? — perguntou ele, empurrando uma pilha de papéis para um lado da mesa.

Assenti.

— Dois cafés — disse ele ao telefone. — Como vai querer o seu?

— Puro e sem açúcar.

Um minuto depois, a secretária dele entrou no cubículo com duas xícaras de plástico. Era muito diferente do gabinete de George. Lá, o café era servido de um bule de prata, em xícaras de porcelana.

— Foi George quem fechou o negócio com Fannon para você? — perguntou Harry.

— Não. Eu mesma trabalhei para fechar o contrato, mas o principal responsável foi Guy Jackson. Sem ele, minha peça jamais seria produzida.

— Era o que eu imaginava.

— Como assim?

— George não é um negociador. Ele cuida dos pacotes. — Tomou um gole de café antes de perguntar: — É Guy quem vai dirigir a peça?

— É, sim.

— Isso é ótimo. Gosto muito dele. Você mantém relações cordiais com o seu ex? — Ele notou minha expressão contrariada. — Não estou querendo me intrometer em seus assuntos pessoais, mas tenho que saber qual é a situação.

— Por quê?

— Walter é um dos mais importantes clientes da agência. Se ele estiver contra você, a agência não lhe dará a menor importância, só lhe arrumará porcarias.

Subitamente, simpatizei com Harry. Pelo menos, ele era franco.

— Eu e Walter continuamos amigos.

— E George sabe disso?

— Não sei.

— Ajudaria muito, se ele soubesse. Tornaria meu trabalho muito mais fácil. Neste momento, ele provavelmente não sabe como

estão as coisas entre você e seu ex.

— É por isso que estou aqui embaixo?

— Não vá dizer que fui eu quem falou, mas é isso mesmo.

— Entendo — falei, levantando-me. — Adianta, alguma coisa continuarmos a conversar?

— Sente-se, sente-se... O que não adianta é você sair daqui irritada. Já fechou o contrato de sua peça por nosso intermédio. Assim, pode muito bem deixar que cuidemos de todo o resto. Podemos ter sorte.

Sentei novamente e tomei um gole de café. Sempre detestei o gosto do café em xícaras de plástico.

— O que você está procurando? — perguntou Harry.

— Trabalho. Qualquer coisa. Representar, escrever ...

— Por quê?

— Tenho que me sustentar.

Ele ficou em silêncio por um momento. Eu não sabia se acreditava ou não em mim.

— Está certo — disse ele finalmente, num tom profissional.

— Temos que começar por alguma coisa. Tem por acaso um portfolio?

— Mais ou menos. — Tirei um envelope pardo da bolsa. —

Mas não é muito bom. Todas as fotografias foram tiradas quando atuei na peça de Walter, há quatro ou cinco anos.

Ele examinou rapidamente as fotografias.

— Vamos precisar de novas fotos. Você está parecendo uma criança nestas aqui.

— Era o papel que eu fazia.

— Vamos precisar de closes, fotos de perfil, de corpo inteiro. Você tem um fotógrafo?

— Não. Mas conheço alguns.

— Acha que um deles poderia tirar as fotografias para você?

— Não sei. Mas posso pedir.

— Caso contrário, temos um excelente fotógrafo, que pode fazer exatamente o que estamos precisando, por duzentos dólares. E se você deixar que ele tire umas fotografias suas para revistas, não lhe irá cobrar nada e talvez até lhe dê alguns dólares extras.

— Que espécie de fotografias?

— Do tipo Playboy. Estão pagando mil e quinhentos dólares.

— Tenho que pensar nisso. Não acha que uma coisa dessas poderia arruinar minha carreira?

— Sua opinião é tão boa quanto a minha. As atitudes estão mudando. Os estúdios já não são mais tão rígidos quanto antigamente.

— Será que ele faz o portfolio por duzentos dólares, mesmo que eu não queira posar para a revista?

— Claro.

— Neste caso, vamos usá-lo. Estou em condições de pagar.

— Certo. Vou cuidar disso. Você tem uma cópia da peça para que eu possa lê-la?

Tirei da bolsa grande uma cópia e entreguei-lhe.

— Há algum papel que você possa representar na peça?

— O papel principal. Mas Fannon prefere Anne Bancroft.

— Vou ler a peça. Isso me dará uma ideia de como você escreve.

— Eu disse a George que poderia ir para a Califórnia, se me arrumassem alguns papéis lá.

Nesse momento, o telefone tocou. Ele escutou por um momento, dizendo em seguida:

— Ponha-o na linha. Olá, Tony.

Ficou escutando por outros dois minutos, até voltar a falar:

— Qual é a idade dessa garota que está querendo?

A voz do outro lado falou mais um pouco.

— Acho que estamos com sorte, Tony. Acabei de pegar uma nova cliente. Lembra-se de JeriLee Randall? Isso mesmo, a ex-esposa de Walter Thornton. Ela atuou durante um ano na Broadway, numa peça dele. Tem a idade certa, vinte e três anos. E posso garantir-lhe que a aparência dela é sensacional. Só temos um problema, Tony: não sei se ela vai querer fazer um papel desse tipo. É uma garota de classe.

Ele escutou por mais alguns minutos, voltando a interromper seu interlocutor:

— O melhor é você me mandar o roteiro, Tony. Falarei com ela e verei o que posso fazer.

Uma nova pausa, e ele disse firmemente:

— Não, Tony. Já lhe disse que ela tem classe. Não é do tipo de aceitar entrevistas em coquetéis.

Mais um minuto de silêncio e ele tornou a falar, olhando para mim:

— Como ela é? É sensacional, Tony. Toda certinha, como você nem pode imaginar, mas com muita classe. É uma espécie de

combinação de Ava Gardner com Grace Kelly. É do tipo que, ao entrar em seu escritório, vai-lhe dar vontade de ajoelhar-se e beijar-lhe a pomba de pura reverência. Mande-me o roteiro e verei o que posso fazer.

Desligou o telefone e disse-me:

— Desculpe eu ter que falar desse jeito, mas essa é a única linguagem que o filho da mãe entende. Ele acha que pode ir para a cama com toda atriz que aparece em seu gabinete.

— Quem é ele?

— Tony Styles. Tem um papel disponível num filme que vai começar a rodar aqui em Nova York na semana que vem. A garota com quem ele contava para o papel arrumou um bom trabalho na Califórnia.

Eu já tinha ouvido falar nele. Se não estava enganada, já me encontrara com ele uma vez, numa festa em Hollywood, aonde fora com Walter. Era um homenzinho vulgar, de boca suja. Mas ele e o irmão faziam filmes que davam bom dinheiro. Os Irmãos Styles.

— Que espécie de papel é?

— Duas semanas de trabalho. A história de uma call-girl de alta classe de Nova York, que passa toda a história a tirar e pôr as roupas. Ele disse que o papel tinha boas falas, mas só saberei com certeza depois de ler o roteiro. Mas ele está desesperado e talvez concorde em pagar dois mil e quinhentos dólares pelas duas semanas de trabalho.

— Posso ler o roteiro, depois que você acabar?

— Claro. — Olhou para o relógio. — Oh, Deus, já está na hora do almoço! Tem algum compromisso?

— Estou livre.

— Ótimo. Vou lhe pagar o almoço e poderemos conversar mais um pouco.

O almoço também foi diferente. Comemos sanduíches na sala dele.

Capítulo 8

Eles eram gêmeos, mas ninguém acreditaria, ao vê-los. Tony Styles tinha um metro e sessenta de altura, era atarracado e vulgar, O irmão, John, tinha um metro e oitenta, era magro, simpático e muito quieto. A própria descrição que Tony fez era provavelmente a melhor forma de descrever a ambos:

— John é o artista da família. Ele tem tudo: bom gosto, boas maneiras, classe. Eu sou a ovelha negra. Mas trabalhamos bem juntos. Cuido de todas as porcarias, enquanto John cuida dos filmes.

Sentei no sofá no escritório dele, com Harry a meu lado. Tony estava sentado do outro lado da sala, atrás de sua escrivaninha. John estava encostado na parede. Além do cumprimento usual, John não tinha dito mais nada. Mas percebi que seus olhos estavam atentos.

— Gostou do roteiro? — perguntou Tony.

— Ela adorou — disse Harry, rapidamente.

John falou pela primeira vez:

— Gostou mesmo?

Não me agradou o tom da voz dele. Era como se ele duvidasse de que alguém de bom gosto pudesse gostar daquilo. Infelizmente, ele tinha razão. Fitei-o nos olhos e declarei:

— Para dizer a verdade, não gostei muito.

Harry, a meu lado, não fez qualquer comentário.

— O que achou realmente do roteiro? — insistiu John.

Consolei-me com o pensamento de que, de qualquer maneira, não iria conseguir o emprego.

— É uma porcaria. Provavelmente uma porcaria comercial. Mas nem por isso deixa de ser uma porcaria.

Tony olhou para o irmão, com um sorriso triunfante.

— Está vendo? Eu lhe disse que ela ia gostar!

Não pude deixar de rir. Ele devia ser completamente doido. Vi os olhos de John sorrindo comigo. Tony voltou a olhar para mim:

— Acha que poderia fazer o papel?

Assenti, sabendo que qualquer garota com um corpo bonito poderia representar bem aquele papel.

— Podemos acrescentar mais alguns diálogos. Sabe como é, fazer você aparecer mais, tornar o papel mais interessante.

— Isso seria ótimo.

— Importa-se de ficar em pé?

Levantei-me.

— Poderia tirar os sapatos, por favor?

Não eram sapatos de saltos altos, mas tirei-os assim mesmo. Ele virou-se para o irmão:

— Acha que é alta demais?

John sacudiu a cabeça.

— Esses peitos são de verdade? — perguntou-me Tony. — Não está usando enchimentos?

— Não estou usando nem sutiã, e ponto final.

Tony enfrentou o meu olhar furioso com um sorriso.

— Eu tinha que perguntar.

— Eu sei — disse eu. Meu papel no filme previa como traje básico calcinha e sutiã.

— Trouxe biquíni?

Assenti novamente, sem falar.

— Pode mudar de roupa ali dentro — disse ele, apontando para uma portinha do outro lado da sala.

Era um pequeno banheiro particular. Mudei de roupa rápido e voltei para a sala. Desfilei na frente da escrivanhinha. Ficou me observando atentamente. Virei-me devagar e parei.

— Está ótimo — disse ele. — Só mais uma coisa. Filmamos mais algumas cenas separadamente, para a versão estrangeira. Eles não são tão moralistas quanto nós, americanos. Tem objeção a um pouco de nudez artística?

Fiquei olhando para ele, em silêncio. Ele tratou de acrescentar:

— Não tem nada de vulgar. Tudo muito discreto. De bom gosto. Mas bem sensual. Algo assim como Bardot ou Lollobrigida. Da maior qualidade.

Harry levantou-se abruptamente.

— Não há a menor possibilidade! — disse ele, virando-se em seguida para mim. — Vá se vestir, JeriLee. Nós vamos embora.

Fui para o banheiro. Através da porta fechada, pude ouvir Tony protestando. Quando voltei à sala, já estava tudo novamente calmo.

— Já acertei tudo, JeriLee — disse Harry. — Não terá que filmar as tais cenas de nudez.

— Mudei de ideia — disse eu. — Não quero mais fazer o filme, em hipótese alguma.

Harry ficou me olhando, boquiaberto. Virei-me para Tony.

— Foi um prazer conhecê-lo. E boa sorte com seu filme.

Peguei minha bolsa e saí da sala. Harry alcançou-me na porta do elevador. Ele estava aturdido.

— Não estou entendendo mais nada, JeriLee. Eu já tinha conseguido três mil e quinhentos dólares para você e de repente diz que não quer mais fazer o filme.

— Não sou um pedaço de carne. Se é isso o que ele está querendo, pode ir procurar no açougue mais próximo.

A porta do elevador se abriu e ele entrou junto comigo.

— Está certo. E o que vamos fazer agora?

— Você é que tem de me dizer. Afinal, é o meu agente.

— Procurarei pensar em alguma coisa.

Quando cheguei a casa, encontrei um recado do meu serviço telefônico. Ligar para John Styles. Hesitei por um instante, mas acabei ligando. John Styles atendeu.

— Aqui é JeriLee Randall. Pediu que eu telefonasse.

— Lamento que meu irmão a tenha aborrecido, Srta.

Randall. — A voz dele era serena. — Eu gostaria que fizesse o papel. Peça-lhe para reconsiderar sua decisão.

— Para quê? Sabe perfeitamente o que penso do roteiro.

— É apenas um roteiro, Srta. Randall. Mas os filmes são criações do diretor. Os roteiros podem ser alterados livremente, na hora das filmagens. E eu sou o diretor.

Eu ainda estava cética.

— Está querendo dizer que vai reescrever o roteiro por minha causa?

— Não, Srta. Randall — disse ele, gentilmente. — Vou mudar a história por minha causa.

— Mas meu papel não é importante o bastante para isso!

— Tem razão. Mas, dentro do contexto do filme, pode ser bastante válido. E acho que é a pessoa certa para que o papel passe a ter valor.

— Pode dar-me algum tempo para pensar?

— Não muito. Precisamos de sua resposta até amanhã de manhã. Vamos começar as filmagens na segunda-feira.

— Eu lhe telefonarei pela manhã.

— Obrigado, Srta. Randall.

— Eu é que lhe agradeço, Sr. Styles.

Desliguei e telefonei imediatamente para Harry, pela linha

direta dele.

— John Styles acaba de me telefonar, Harry.

— Eu sei. Ele ligou para mim primeiro. Deixei que ele me convencesse a dar o número do seu telefone.

— Por que fez isso?

— Por duas razões. Primeiro, seu preço foi aumentado para cinco mil dólares pelas duas semanas de trabalho. Segundo, John garante que você será tratada condignamente e acredito nele. John tem boa reputação.

— E o que devemos fazer agora?

— Aceitar a proposta.

— Está certo.

E o contrato foi fechado.



John Styles fez algo muito especial com o que começou como um simples papel estereotipado. Subitamente, a call girl transformou-se numa moça assustada e desesperada, tentando sobreviver na sociedade, com os únicos talentos que tinha à sua disposição. Mesmo assim, era um papel pequeno. Como eu não tinha muito o que fazer, passei boa parte do tempo a andar pelo set, assistindo às filmagens.

John era bom. À sua maneira, ele mantinha tudo em movimento e sob controle. Não havia confusões, pânico ou pressões desnecessárias. Filmava cena por cena, com a maior tranquilidade, montando aos poucos o seu filme. Assim que terminei de filmar minha última cena, ele veio falar comigo.

— Você esteve ótima, JeriLee. Obrigado.

— Você é que tornou isso possível. Por isso, eu é que lhe agradeço.

— Você era a pessoa certa para o papel. — Sorriu. — Eu não podia deixar meu irmão afugentá-la.

— Estou contente de que isso não tenha acontecido.

— Quer jantar comigo esta noite? Amanhã não vai haver filmagem.

— Aceito — respondi, espantada. Ele não dera o menor sinal de um interesse especial por mim, durante todo o tempo em que trabalháramos juntos.

— Posso apanhá-la por volta das oito horas.

— Está ótimo.

— Vamos ao 21? — perguntou ele, assim que entrei no táxi.

— Será maravilhoso.

Eu não ia lá desde o divórcio. Chuck recebeu-nos na porta.

— Boa noite, Sr. Styles. — Só depois é que ele me viu e arregalou os olhos. — Olá, Sra. Thornton. — Chuck chamou um maître, dizendo-nos: — Temos uma mesa para o Sr. Styles no salão principal, lá em cima.

— Mas eu reservei no bar — disse John.

Chuck corou, embaraçado.

— Está muito cheio o bar, Sr. Styles. Ficarão mais à vontade lá em cima.

— Vamos logo, Chuck, diga qual é o problema — intervim.

— Seu ex está no bar, Sra. Thornton. E a única mesa disponível fica em frente à dele.

John olhou para mim.

— Não me importo, se você não tem nenhuma objeção — disse eu.

O bar estava de fato apinhado. Seguimos o garçom até nossa mesa. Walter estava com George Fox. Ele só nos viu depois que sentamos. Levantou-se imediatamente e veio até nossa mesa.

Estendi meu rosto para que ele o beijasse e depois apresentei-lhe John. Eles se apertaram as mãos com uma exibição de frieza profissional. Minhas pernas estavam tremendo. Walter sorriu-me.

— George me disse que você está indo muito bem, o que me deixa muito satisfeito.

— Tenho tido sorte,

— O que você tem é talento. Nunca me cansei de dizê-lo. — Olhou para John e perguntou: — Como está indo o filme?

— Muito bem. Já terminamos as filmagens aqui e vamos voltar para a Califórnia no início da semana.

— Vai também, JeriLee?

— Não. Terminei minhas cenas hoje.

— Nesse caso, não quer almoçar comigo num dia qualquer da próxima semana?

— Seria ótimo,

— Telefone para você — disse ele, sorrindo. — E agora, divirtam-se.

Ao vê-lo voltar para sua mesa, achei-o um pouco cansado. Mas ele parecia estar sempre cansado. Era como se fosse uma condição de sua existência.

— E por que não vai? — perguntou John, interrompendo meus pensamentos.

— E por que não vou o quê?

— Para a Califórnia conosco.

— Mas isso é uma ideia ridícula. O que eu iria fazer lá?

— Escapar daqui. Acho que está precisando de uma mudança de ares.

— Não é má ideia, Mas não posso ir no momento. Tenho de ficar aqui mesmo e tratar de arrumar outro emprego.

— Há muito trabalho por lá também.

— Meu agente acha que tenho mais possibilidades aqui. Ele não quer que eu saia de Nova York, a não ser com um trabalho garantido.

— Os agentes costumam manter seus clientes debaixo de seu tacão.

— Preciso de uma razão melhor do que essa.

— Está certo. Que tal esta? Quero que você vá.

Fiquei calada, olhando para ele.

— Não estou impondo nenhuma condição. Não sou como meu irmão.

Sacudi a cabeça.

— Agora, não. — Tomei um gole de água. Minha boca ficara subitamente ressequida. — Talvez mais tarde, quando tiver certeza de que poderei controlar algumas coisas.

— Por exemplo...

— A mim mesma.

— Eu diria que está se saindo muito bem.

— Ainda não tenho certeza.

— Chuck é mais inteligente do que nós, JeriLee. Teria sido muito melhor se tivéssemos ido lá para cima.

Senti a pressão das lágrimas por trás de meus olhos, mas consegui sorrir.

— Sabe de uma coisa, John? Você está com toda a razão. Ambos rimos. Depois disso, não foi tão mau assim.

Capítulo 9

Era uma hora da madrugada quando o telefone tocou. Eu tinha acabado de cochilar e peguei o fone, ainda em meio ao nevoeiro do início do sono.

— Você está sozinha?

Era Walter. Saí imediatamente do nevoeiro.

— Estou.

— Eu precisava ligar para você. — Fez uma pausa e pude ouvir o chiado de sua respiração. Ele ainda estava fumando demais.

— Havia tantas coisas que eu queria dizer-lhe quando a vi no restaurante...

Peguei um cigarro e acendi-o. O isqueiro fez um estalido alto.

— Está mesmo sozinha?

— Estou, sim.

— Pensei ter ouvido alguma coisa.

— Foi o isqueiro.

Eu estava começando a ficar irritada. Um dos problemas mais difíceis do nosso relacionamento fora o desejo insaciável de Walter de saber tudo o que eu fizera e pensara, a cada minuto do dia.

— Estou cansada, Walter. Você me acordou. O que há de tão importante para fazê-lo telefonar-me de madrugada? — Eu sabia que ele tinha voltado para Nova York há quase um mês.

— Eu queria apenas saber de uma coisa. Você está dormindo com John Styles?

— Não. — Respondi sem pensar. Depois, fiquei furiosa. — Além do mais, que diferença faz para você se estou ou não? O que faço ou deixo de fazer não é mais da sua conta.

— Faz diferença, sim. Não gostaria que você fosse usada.

— Ninguém está me usando, Walter. Só porque jantei com

John não significa que eu esteja dormindo com ele.

— Não é o que eles estão comentando. Dizem que John pagou a você o dobro do que costumam oferecer por um papel como o que representou.

— Quem são eles, Walter? — perguntei, sarcasticamente.
— George Fox?

Ele não respondeu.

— George é um idiota. Ele está querendo fazer média com você. Acho que não entra na cabeça dele que talvez John tenha achado que eu valho duas vezes mais do que qualquer outra.

— Conheço John Styles. Não é essa a reputação que ele tem.

— Acho que você o está confundindo com o irmão dele, Tony.

— Não, JeriLee, não estou. Ouvi dizer que John é pior, naquele seu jeito tranquilo.

— Acreditarei nisso quando acontecer. Até hoje, ele tem se portado comigo como um perfeito cavalheiro. — Apaguei o cigarro, furiosa. — E se essa é a única razão que teve para me acordar, então deixe-me voltar a dormir. Estou muito cansada.

— Desculpe, JeriLee.

— Não há de quê.

— Ainda podemos almoçar na próxima semana?

— Podemos. Ligue para mim depois do fim de semana.

— Até lá, JeriLee.

Desliguei e recostei a cabeça no travesseiro. Mas sabia que não adiantaria mais tentar dormir. Estava completamente desperta. Saí da cama e fui até o armário de remédios do banheiro. Queria um Librium ou um Valium, mas nada encontrei. Voltei ao quarto.

Corri os olhos pela cama de casal. Instintivamente, estendi a mão para o lugar em que Walter estaria. Retirei a mão, rapidamente. Walter nunca mais estaria ali.

Não consegui deixar de recordar o tempo em que estávamos juntos. O sexo era melhor quando estávamos um pouco altos. Walter não parecia tão tenso e levava mais tempo. Normalmente, ele gozava quase no mesmo instante em que entrava em mim, ou então tinha dificuldades em ficar com ereção. Mas mesmo isso não tinha muita importância. Eu o amava e era feliz. E quando ficava tensa demais, podia aliviar-me sozinha. Era algo em que eu podia confiar, algo que vinha fazendo desde os quinze anos

de idade.

Corri os olhos novamente pela cama vazia. Eu não podia deixar de ter algum problema. Outras garotas conseguiam sem a menor dificuldade. Mas isso não acontecia comigo. Eu chegara mesmo a tornar uma nova pílula anticoncepcional, lançada um ano antes, pensando que isso me libertaria das inibições. Mas de nada adiantara.

Eu sabia que era atraente. Todos diziam que eu era sensual, mas ninguém tomava a iniciativa, ninguém me tocava. Havia alguma coisa em mim que repelia os homens. Até mesmo Beau Drake, que fazia amor com toda mulher que passasse na sua frente, jamais me pusera as mãos.

Lembrei-me de uma tarde, durante o café, no intervalo entre as apresentações da tarde e da noite, quando Beau fizera uma descrição detalhada do que faria comigo, se estivéssemos a sós. A descrição fora tão nítida que, ao chegar a meu camarim, descobri que minha calcinha estava toda molhada. Aliviei um pouco a tensão com um banho, de chuveiro frio, mas atravessei toda a apresentação noturna num estado de excitação sexual.

Ao chegar a casa, naquela noite, eu estava em fogo. Havia um bilhete de Walter, na mesinha-de-cabeceira, informando que ele estava jantando no 21, com George Fox e um produtor.

Não pude esperar. Tirei as roupas, estendi-me nua na cama e peguei na mesinha-de-cabeceira o pequeno "Besouro Verde". .. o nome que dávamos ao vibrador. Liguei-o. O ruído familiar encheu o quarto e pus a mão entre as pernas.

Não sei quanto tempo fiquei deitada assim. Mas, subitamente, percebi que Walter tinha entrado no quarto. Abri os olhos. Ele estava de pé ao lado da cama, olhando para mim, com uma expressão estranha no rosto.

— Walter... eu. ..

— Não pare.

— Eu... quero... — Não pude acabar, pois tive outro orgasmo. Ele se ajoelhou ao lado da cama, o rosto muito perto de mim, mas sem me tocar.

— Por que ficou tão acesa, JeriLee?

— Não sei. Estava pensando em você. Eu... queria...

— Então é isso — disse ele, suavemente.

— Eu quero você, Walter! Dê-me seu pau, Walter, por favor! Ele levantou-se lentamente e ficou olhando para mim.

Baixei o zíper da calça dele e puxei-o para fora. Beije-o gentilmente, mas, por mais que eu fizesse, nada aconteceu. Depois de algum tempo, ele segurou minha cabeça entre as suas mãos.

— Sinto muito, JeriLee. Estou cansado e bebi demais.

Fiquei calada.

— Às vezes sinto que sou velho demais para você. Eu não a culparia, se arrumasse outro homem.

— Não, Walter, não! — Enterrei o rosto na calça dele. — Eu quero você e mais ninguém!

Comecei a chorar. Distraidamente, ele afagou-me os cabelos.

— Está bem, querida. Compreendo...

Mas ele realmente não compreendia. Sabia apenas o suficiente para manipular o meu sentimento de culpa. E, no final, eu compreendi até isso.

Mas que droga! Olhei para a cama vazia, depois toquei-me, sentindo os terminais nervosos do corpo. Meu companheiro, o "Besouro Verde", chamou-me, da mesinha-de-cabeceira:

Ei, boneca! Estou sempre pronto, à sua disposição.

Eu disse em voz alta:

— Mas você não é de verdade. Não está vivo.

Não exagere, boneca. Você não pode ter tudo.

— E por que não? Eu quero, tudo!

Isso também não é humano, boneca.

Sacudi a cabeça. Devia estar maluca, para conversar com um vibrador. Subitamente, eu estava sozinha. O apartamento estava vazio. Não sentia mais nada.

Saí da cama, acendi um cigarro e fui para a sala de estar. Olhei pela janela, mas não havia nada para ver, exceto os prédios de apartamentos do outro lado da rua. Não era como o meu antigo apartamento, de onde eu descortinava o Central Park e a cidade a se estender pela noite afora.

Olhei para o relógio. Eram duas horas da madrugada. O problema de se estar sozinha é não se ter com quem conversar. Perguntei-me se, por trás das janelas às escuras espalhadas pela cidade, não haveria outras pessoas como eu. Sozinhas, sem ninguém com quem conversar.

Eram onze horas na Califórnia. Guy devia ainda estar

acordado. Fiz a ligação. Mas ninguém atendeu no quanta dele. Guy ainda não voltara do jantar.

Fiquei sentada ali, com o telefone na mão. De repente, sem pensar, disquei um número. No segundo toque da campainha, eu tinha mudado de ideia e já ia desligar, quando ele atendeu.

— Desculpe telefonar a esta hora. Eu o acordei?

— Não — disse John. — Eu estava lendo.

— Sua oferta ainda está de pé?

— Está.

— Está achando que sou louca?

— Claro que não.

— De repente, senti que preciso sair de Nova York de qualquer maneira.

— Fico contente por isso.

— Quando vamos partir?

— No voo de meio-dia, no domingo. Passarei para apanhá-la às dez e meia.

— Pode fazer uma reserva para mim no Beverly Hills Hotel?

— Para quê? Você vai ficar em minha casa.

— Não quero incomodá-lo.

— Não é incômodo algum. Tenho uma casa grande e uma empregada que não tem nada que fazer.

Quando desliguei, meu coração estava disparando, como se eu tivesse acabado de subir cinco lances de escada. Mas quando voltei para o quarto e deitei-me novamente, dormi no mesmo instante, profundamente, como um bebê.

Capítulo 10

A casa ficava numa elevação, em Malibu, alguns quilômetros ao norte da colônia mais exclusiva. Uma escada estreita, talhada na rocha, levava até a praia, cerca de trinta metros abaixo. A praia era uma enseada estreita, entre duas formações rochosas, tornando-a quase inacessível ao banhista errante. Na beira do penhasco, cercada por flores, ficava a piscina. Dentro dela, tinha-se a impressão de se estar nadando no céu.

Um carro do estúdio tinha nos apanhado no aeroporto e levado até a casa. Fomos recebidos na porta pela empregada dele, uma mulher pequena e sorridente, de ascendência mexicana. Ela não demonstrou a menor surpresa pela minha chegada. John disse algo a ela em espanhol. Ela assentiu e levou-me para um quarto.

Era um quarto de quina, com uma visão do mar por dois lados. Estava decorado ao estilo mexicano. A cama era imensa, ao melhor estilo de Hollywood, parecendo ter sido construída para caberem seis pessoas. A mulher colocou minha mala numa mesinha encostada na parede e disse-me algo que não entendi.

Assim que ela se retirou, John apareceu na porta.

— Gosta?

— Adoro. É simplesmente maravilhoso.

— É tudo muito simples — disse ele, parecendo satisfeito com a minha reação. — Fui eu que escolhi tudo. E é exatamente o que sempre desejei.

— Já tem esta casa há muito tempo?

— Há dois anos. Desde que me separei. Minha esposa e as crianças ficaram na casa em Bel Air.

Fiquei olhando para ele, em silêncio.

— Eu tinha de contar-lhe, JeriLee. Queria que soubesse qual é a situação.

— Obrigada. — Gostei da honestidade dele.

— O telefone, o rádio e o controle remoto da TV estão do lado da cama. — Ele encaminhou-se para uma pequena porta que havia do outro lado do quarto. — O banheiro é aqui.

Passei pela porta que ele abriu para mim. Era um banheiro grande, de pia dupla, banheira afundada no chão, boxe de chuveiro, vaso e bidê. Olhei para a porta oposta àquela pela qual havíamos entrado.

— Aquela porta dá para o outro quarto de hóspedes. Mas, para todos os efeitos, o banheiro é todo seu. Fiz desse jeito para que as crianças possam partilhar o banheiro, quando ficam aqui.

— Quantos filhos você tem?

— Três. Dois meninos e uma menina. A menina está com catorze anos e os meninos, gêmeos, com doze. Você está no quarto dela.

Assenti e segui-o de volta ao quarto. Ele virou-se para mim.

— Sugiro que tire um cochilo antes do jantar. A mudança de horário é sempre cansativa.

— Não estou me sentindo cansada.

— Mas vai sentir-se. O cansaço geralmente aparece na hora do jantar. — Foi até a porta do quarto. — Vamos jantar às oito horas, se você concordar.

— Por mim, está ótimo.

— Até já — disse ele, sorrindo.

Quando abri os olhos, o quarto estava banhado por luzes de tons púrpura e violeta. Olhei para o meu relógio. Ainda estava marcando a hora de Nova York. Dez horas. Acertei-o e saí da cama. Ele tinha razão. A mudança de horário me deixara cansada.

Fui para o banheiro e abri a água da banheira. Fiquei olhando para o jato de água. Pus um pouco de sais de banho. Depois, tirei as roupas e entrei na banheira, no momento em que as duchas automáticas começaram a funcionar.

Era delicioso. Um dos jatos parecia estar dirigido diretamente para a região entre as minhas pernas. Era maravilhoso, muito melhor do que o "Besouro Verde".

De repente, percebi que o telefone estava tocando, no banheiro. Ergui-me e atendi.

— Alô?

— Você está acordada?

— Estou, sim. E na banheira.

— Não há pressa. O jantar será servido quando você estiver

pronta.

— Talvez eu decida jantar na banheira — falei, não podendo conter o riso.

— Está gostando?

— E como! As duchas são maravilhosas. Talvez eu acabe me casando com elas.

— Divirta-se. — Ele riu também. — Ficarei esperando.

Repus o fone no gancho. Mas a água já estava fria e decidi sair da banheira. Peguei uma toalha tamanho gigante e enxuguei-me alegremente. Tudo na Califórnia era grande — as camas, as banheiras, até mesmo as toalhas. Perguntei-me se isso não significaria alguma coisa. Mas desisti de pensar no assunto, vesti uma calça comprida e uma blusa e desci.

A mesa estava posta ao lado da porta aberta do pátio. Havia um prato de madeira, com salada, no meio da mesa. Lá fora, havia um fogo de carvão na churrasqueira. Parei no meio da sala, farejando.

— O que é isso?

— Batata assada no carvão. Espero que goste.

— Vamos ter um churrasco? Adoro!

Ele sorriu e foi para o bar. Ligou a coqueteleira automática.

— Tenho duas especialidades. Preparo o melhor margarita e também o melhor churrasco do mundo. — Tirou os copos de coquetel do balde de gelo e rapidamente passou sal nas bordas. Depois, parou a máquina e encheu os copos.

— Seja bem-vinda à Califórnia — disse ele, no momento em que peguei o copo.

O margarita desceu como um fogo líquido, espalhando uma onda de calor por meu corpo.

— Mas é incrível! — murmurei. Ele não podia saber que eu nunca antes bebera um margarita.

— Vou pôr os bifes na churrasqueira. Quando terminarmos a segunda dose, eles já estarão no ponto.

Como que por uma deixa, a empregada entrou na sala nesse momento, trazendo uma travessa de madeira, com dois bifes imensos, entregando-a a John.

— Buenas noches — disse ela.

Sorri e sacudi a cabeça, enquanto ela se retirava.

— Normalmente ela está de folga aos domingos — disse John. — Só ficou hoje para que saísse tudo direito.

Segui-o até a churrasqueira e fiquei observando-o pôr os bifes sobre a grelha. Houve um silvo quando a gordura caiu nos carvões em brasa.

— Os bifes foram marinados em azeite, vinagre e alho — informou John. — Isso dá um sabor especial. Gosta malpassado?

Assenti.

— Ótimo. Eu também.

Quando os bifes ficaram no ponto, eu me sentia muito bem, um pouco inebriada, mas perfeitamente lúcida. Suspirei de alívio ao sentar-me à mesa. Fiquei observando-o acender as velas e servir o vinho. O copo de vinho era muito pesado e tive dificuldades em levantá-lo. Depois da tequila, o vinho tinto era bastante suave.

— Delicioso — murmurei, pondo o copo de vinho em cima da mesa.

— Acho que exagerei nos margaritas — disse ele.

— Nada disso.

— Está se sentindo bem?

— Muito bem. Só estou um pouco embriagada.

— Vai sentir-se melhor depois de comer alguma coisa.

Ele tinha razão. O bife, a salada e as batatas assadas estavam deliciosos. Na hora do café, eu já estava novamente sóbria.

— Você fuma? — perguntou ele, depois que tomamos o café.

Disse que sim.

— Fume um destes. É estrangeiro. Vai muito bem com conhaque. É forte, não se incomoda?

— Você já me viu tonta antes.

Segui-o até o sofá. Ele abriu uma caixa de madeira que estava sobre a mesinha. Acendeu o cigarro e entregou-me, enquanto ia buscar o conhaque. Dei uma tragada longa e deixei a fumaça penetrar pelos pulmões.

— É forte, John!

— O melhor que existe. — Pegou o cigarro e deu uma tragada. Observei-o empurrar a fumaça pela garganta abaixo com o conhaque. — Experimente fazer desse jeito, JeriLee.

Segui o exemplo dele. Era dinamite pura. Comecei a rir.

— Qué pasa? — perguntou ele.

— Ainda não estou acreditando.

— Acreditando em quê?

— Que estou aqui. Você. Eu.

Ele pegou o cigarro da minha mão. Uma tragada, um gole de conhaque. Devolveu-me.

— Não é tão difícil assim de acreditar.

— Nunca fui antes a lugar nenhum com outro homem que não o meu marido. E aqui estou eu agora, depois de voar pelo país inteiro com você.

— Está arrependida?

— Não.

— Não quero que fique.

— E não estou.

— Assim é que eu gosto — disse ele, rindo.

— Estou me sentindo maravilhosamente bem — murmurei, recostando-me nas almofadas. — Você sabe como tratar uma garota.

Ele não disse nada.

— Sinto-me relaxada, preguiçosa...

— Se ficar cansada, pode ir deitar-se. Não se preocupe comigo.

— Você é um homem maravilhoso, John Styles. — Obrigado.

— Um perfeito cavalheiro...

Ele ficou calado. De repente, senti calor. Olhei para a piscina lá fora e levantei-me.

— Posso nadar um pouco?

— Faça o que quiser. Há alguns biquínis no vestiário. Deve encontrar um do seu tamanho.

— E é preciso? — perguntei, fitando-o nos olhos.

Ele meneou a cabeça, em silêncio.

Saí da sala, tirei as roupas ao lado da piscina e mergulhei. A água estava fria, refrescante. Quando subi à tona, ele ainda estava lá dentro, sentado no sofá.

— Venha também, John. Está delicioso.

Ele se aproximou da piscina, hesitou por um momento, depois despiu-se também e entrou na água.

— Não está achando maravilhoso, John? Parece que estou flutuando no céu.

Dentro da casa, o telefone começou a tocar. Olhei para ele. O telefone tocou novamente. Ele começou a sair da piscina.

— Não precisa atender, John — falei.

— Eu estava esperando esse telefonema. É o meu diretor administrativo, para me dar a programação de amanhã.

Fiquei observando-o sair da piscina e correr para o telefone, pingando água. Ele ficou ao telefone durante quase quinze minutos.

— Meu dia amanhã vai começar às seis horas — disse ele.

— Quer ir para a cama?

— Acho melhor. Caso contrário, vou passar o dia inteiro com sono, sem conseguir pensar direito.

Saí da piscina e meti-me em outra das imensas toalhas da Califórnia, que ele enrolou em mim, tão cuidadosamente como se eu fosse um bebê. Peguei minhas roupas, enquanto ele se enrolava também numa toalha. Subimos a escada.

Parei diante da porta do meu quarto e virei-me para ele. John inclinou-se para a frente e beijou-me no rosto.

— Durma bem. Deixei as chaves no conversível para você. Se precisar de alguma coisa, basta pedir a Maria. Vou sair de casa às cinco horas da manhã. Assim, só voltarei a vê-la quando voltar para casa de noite.

Fiquei parada na porta, observando-o percorrer o corredor, entrar em seu quarto e fechar a porta.

Fui para o banheiro, deixei cair a toalha, acendi um cigarro e contemplei-me no espelho. Tinha que haver alguma coisa errada comigo. Eu não compreendia. Podia compreender a frieza de um homem, mas a dele era demais. Tinha que ser eu.

— Diabo! — disse para a minha imagem no espelho. Voltei para o quarto e tirei o "Besouro Verde" da mala. Corri os olhos ao redor, procurando uma tomada. Encontrei uma atrás da cama. Mas não houve jeito de conseguir alcançá-la. Isso resolvia o problema.

Joguei o vibrador em cima da cama, saí do quarto e atravessei o corredor. Abri a porta do quarto dele, sem bater. Ele saiu do banheiro, com a toalha ainda enrolada na cintura, e ficou olhando para mim.

Vislumbrei minha imagem, parada na porta, nua, no espelho da parede do outro lado.

— Será que há alguma coisa errada comigo? — perguntei, não esperando resposta para acrescentar: — Ou será que devo acreditar que me trouxe de avião através do país, por quase cinco mil quilômetros, só para não dormir comigo na Califórnia?

Capítulo 11

Dentro do quarto, havia uma pequena luz acesa do outro lado. Fora, havia a escuridão da noite e o barulho constante e tranquilo das ondas. Eu estava do lado da cama mais próximo da janela aberta. Ele estava do lado da parede, meio oculto nas sombras.

— Que horas são, John?

— Quatro horas. — A ponta do cigarro luziu na escuridão. — Está na hora de eu me levantar.

— Desculpe.

— Desculpe o quê?

— Por mantê-lo acordado. E você ter que ir trabalhar sem dormir.

Ele ficou calado por um momento.

— Não há problema. Um banho de chuveiro e um café podem produzir resultados maravilhosos.

— É engraçado, mas não estou com sono. E estava exausta quando saltamos do avião. Agora, não sinto o menor cansaço.

— Isso se chama juventude — disse ele, com um sorriso.

— Isso é tudo?

— Não sei.

— É sempre assim?

Ele se virou para mim, mas não lhe pude ver os olhos.

— Sempre assim como?

— A primeira vez. A noite toda.

— Não.

Tirei o cigarro da mão dele, depois ri e o devolvi.

— Por que você riu?

— Por causa do hábito. Eu realmente não estava com vontade de fumar, mas costumava tirar o cigarro de Walter, fingindo que queria, porque ele não deve fumar. —

— Hum, hum...

— Ele tem enfisema.

John saiu da cama, sem dizer nada.

— Está zangado comigo porque falei sobre Walter?

— Não.

— E está arrependido de ter me trazido com você? —
perguntei, sentando-me na cama.

— Você está arrependida de ter vindo?

— Não. Mas você não respondeu à minha pergunta.

— Não estou arrependido.

— Foi tudo direito? Isto é, foi bom para você?

— Não me ouviu fazer nenhuma queixa — falou, sorrindo.

— Quero que seja tão bom para você quanto é para mim.

O sorriso dele se ampliou.

— Se ficar ainda melhor, acabarei indo parar num hospital
em menos de uma semana.

— Nunca imaginei que pudesse ser tão bom. Não queria
mais parar.

— Percebi que você não se satisfazia há muito tempo.
Quando foi o seu divórcio?

— Já faz quase cinco meses.

— É muito tempo para uma garota tão sensual como você.
Não houve nenhum homem desde então?

— Não. — Não disse a ele que também não tivera muito
sexo durante meu casamento. Walter era inflexível em suas rotinas.
E eu não conhecia nada melhor.

— Acho bom eu começar a me vestir — disse ele, seguindo
para o banheiro.

— Vou descer e preparar um café.

— Sabe onde fica a cozinha?

— Encontrarei.

Voltei para o meu quarto, pus um roupão e desci. A
empregada há muito que já tinha ido embora. A cozinha estava
arrumada, impecável. A cafeteira estava pronta para ser usada. Abri
a geladeira. Quando John desceu, eu já tinha posto na mesa ovos
com bacon e torradas, além do café.

— Não precisava fazer isso, JeriLee.

— Mas eu quis fazer.

Ele quase não comeu, mas eu comi como um motorista de
caminhão. Estava faminta.

— O que pretende fazer hoje? — perguntou ele.

— Não sei. Dormir um pouco. Talvez tomar um pouco de sol.

— Quer jantar em casa ou num restaurante?

— Vamos jantar aqui mesmo e ir cedo para a cama.

Ele sorriu. Senti que fiquei corada e procurei corrigir-me:

— Você precisa descansar um pouco. Não pode passar a vida sem dormir.

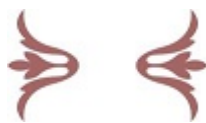
— Deverei estar de volta em torno das oito horas. —

Levantou-se. — Tenho que dar uma olhada em alguns roteiros esta noite.

— Estarei esperando-o — disse eu, começando a levantar-me também.

— Não precisa acompanhar-me. Até de noite.

Fiquei observando-o partir, depois terminei meu café e empilhei os pratos na cozinha. Subi para o quarto. Caí no sono no instante mesmo em que encostei a cabeça no travesseiro.



O telefone ao lado da cama estava zumbindo, zumbindo, zumbindo... Rolei na cama e abri os olhos. Fechei-os imediatamente, diante do clarão ofuscante do sol. O telefone continuou a tocar. Fui abrindo os olhos lentamente, acostumando-me à claridade. Finalmente, atendi.

— Alô?

— Senorita, para usted. — A voz da empregada era jovial.

— Obrigada. — Olhei para o telefone, imaginando que devia ser mamãe, ansiosa em falar comigo. Apertei o botão. Mas não era mamãe e sim Harry Gregg.

— O que está fazendo aí? — perguntou ele, abruptamente.

— Estava dormindo quando você me acordou — respondi, sarcasticamente. — Como é que soube onde eu estava?

— Pelo amor de Deus! São três da tarde aí! Que diabo andou fazendo a noite toda?

— Trepando, se isso é da sua conta! — Eu estava começando a sentir que tudo o que diziam a respeito dos agentes era verdade. Assim que arrumavam um trabalho para um cliente,

achavam-se donos dele. — Como foi que descobriu onde eu estava?

— Seu serviço de recados telefônicos informou-me que você não estava em Nova York. Por isso, telefonei para sua mãe e ela me disse. — Ele fez uma pausa. Quando tornou a falar, sua voz tinha um tom de conspiração: — Acabei de receber um telefonema de Fox. Ele queria saber onde você estava. Seu ex está à sua procura.

— E daí?

— Não disse nada a ele. Acha que sua mãe poderia contar?

— Não. Minha mãe jamais faria tal coisa. Ela nunca iria admitir que sua filhinha atravessara o país na companhia de um homem. E mesmo que contasse, que diferença isso podia fazer? Walter não tem nenhum direito sobre mim. Foi por isso que me telefonou?

— Não — disse Harry, a voz voltando ao normal. — Arrumei outro trabalho para você. E é ótimo que já esteja na Califórnia.

— Não estou entendendo.

— Arrumei-lhe um papel de atriz convidada em O Homem de Virgínia. Estão à sua espera na Universal, esta tarde. São três mil e quinhentos dólares por uma semana de trabalho.

— Como foi que isso aconteceu?

— Eles viram algumas das cenas que você filmou em Nova York na semana passada.

— Já é muito tarde, Harry. Terei que me aprontar, fazer o cabelo, maquiagem e tudo o mais. Não vai dar. Será que não posso deixar o encontro para amanhã?

— Insistiram para que seja hoje. Telefonaram-me de manhã bem cedo, pedindo que a embarcasse no primeiro avião para a Califórnia. Disseram que ficarão esperando por você, no estúdio, até oito da noite.

Fiquei calada.

— É uma boa oportunidade. A Universal faz uma porção de filmes. Se gostarem de você, não lhe faltará mais trabalho.

— Está certo. A quem devo procurar?

Ele deu-me a informação e depois sua voz voltou a assumir o tom de conspiração:

— O que devo dizer a Fox? Amanhã de manhã, ele já terá sabido que você esteve na Universal.

— Imagine alguma desculpa. Mas não me importo absolutamente com o que ele possa dizer a Walter.

— Pois é melhor se importar. George vai tornar as coisas muito difíceis para você, se Walter ficar furioso.

— Diga-lhe que o estúdio conseguiu falar comigo antes de você e que vim para cá imediatamente.

Desliguei o telefone e só então comecei a ficar com raiva. Eu não gostava de ser intimidada. Decidi telefonar de volta para Harry.

— Alguma coisa errada, JeriLee?

— Há, sim. Não gosto de ser pressionada por ninguém. Nem por Walter, nem por George, nem por você. Nem por ninguém. E não devo explicações a ninguém.

— Ei, vamos com calma! Não precisa ficar zangada comigo. Afinal, estou do seu lado.

— Pois então diga-lhes a verdade. E se eles não gostarem, que vão para o diabo!

Senti-me melhor depois que desliguei. Vesti-me cuidadosamente e cheguei ao estúdio por volta das seis e meia.

Durante as três horas seguintes, sete homens entraram no gabinete do produtor para falar comigo. Ao final desse tempo, a única coisa que eles ainda não sabiam era que eu tinha uma pinta no alto da nádega esquerda. Finalmente, todos se sentaram na sala, de frente para mim, formando um semicírculo.

O figurão em cuja sala estávamos disse finalmente:

— Acho que ela vai servir. O que me dizem, rapazes?

Houve um coro de assentimento.

— Mas que tipo de papel vou fazer? — consegui perguntar.

— Um papel muito bom. Emocionante, entende? Um papel de verdade.

— Posso ler o roteiro?

— Claro que pode. Nós lhe daremos uma cópia amanhã de manhã.

— Mas estão querendo que eu comece a trabalhar amanhã de manhã!

— Exatamente.

— Como então poderei decorar minhas falas?

— Terá tempo suficiente para isso. Sua primeira filmagem será de tarde. Poderá ler o roteiro enquanto estiver na seção de Vestuário e na de Maquagem.

— Por que não posso ver o roteiro agora?

Uma expressão contrariada surgiu no rosto dele.

— Creio que ainda não recebemos as cópias finais.

— Posso ler uma anterior. Assim, pelo menos terei uma ideia da personagem que irei representar.

— É um bom papel — disse ele, na defensiva. — Não quer aceitar minha palavra?

— Claro que aceito.

— Assim é que se faz — disse ele, levantando-se. — Esteja aqui às sete horas da manhã e apresente-se no Vestuário.

— Não.

Ele ficou boquiaberto.

— Como?

— Eu disse não. Acho que tenho o direito de ler o roteiro, para saber se é um papel que eu possa e queira representar, antes de aceitar.

— Ninguém está querendo lhe tirar esse direito. Acontece que estamos numa emergência. Precisamos iniciar as filmagens e por isso temos que resolver tudo esta noite.

— Então, arrume-me um roteiro, Eu leio depressa.

Os olhos dele ficaram subitamente frios.

— É muito independente, não é mesmo, Srta. Randall?

— Absolutamente. Apenas acho que tenho direito à mesma consideração que lhe dispensei. Não concordaria em me dar o papel se eu não viesse até aqui e o deixasse examinar-me. Vim até aqui porque compreendi isso. Para mim, é uma questão de simples cortesia.

Ele me olhou furioso por um momento, depois sorriu e virou-se para o homem a seu lado.

— Vá buscar um roteiro para ela, Dan. — Dirigindo-se aos outros, disse em seguida: — Muito bem, rapazes, a reunião está terminada.

Enquanto eles saíam da sala, olhei para o homem atrás da escrivaninha e falei:

— Posso sair para ler o roteiro lá fora, se tiver algum trabalho a fazer.

— Pode ficar. Não vai atrapalhar-me.

Li o roteiro rapidamente. Meu instinto não me falhara. O papel era o de uma garota índia e eu seria o tipo menos indicado para representá-lo. Era um desses papéis com muitas cenas, mas

praticamente sem diálogos. Na verdade, eu nem mesmo sabia por que eles precisavam da moça na história. Ela não tinha nenhuma função definida, e teria sido melhor se ficasse de fora.

— Acho que não vai dar — declarei, levantando-me.

Ele me fitou com uma expressão de desafio.

— Não é um papel dos mais importantes, mas vai ficar uma porção de tempo diante das câmaras.

— Nem ao menos tenho cabelos e olhos pretos.

— Isso não é problema. Uma peruca e lentes de contato podem corrigir esse detalhe.

— Não, obrigada.

— Pense só na publicidade. Vinte milhões de pessoas irão vê-la numa só noite.

— Eu não me sentiria à vontade no papel.

— Mas é uma grande oportunidade. Não a desperdice. Há muito trabalho por aqui. Sabe quantas garotas dariam qualquer coisa para estar em seu lugar?

— Posso fazer uma ideia. E tenho certeza de que muitas delas seriam mais apropriadas para o papel do que eu.

— Mas é você que eu quero. Tive que me esforçar ao máximo para arrumar esse papel para você, pois achei que poderia dar-lhe um toque especial.

— Obrigada. Pode estar certo de que me sinto profundamente grata pela lembrança.

— Olhe, já é bem tarde. Por que não vamos jantar juntos e conversamos a respeito?

— Sinto muito, mas já tenho um compromisso.

— Quer dizer então que não aceita mesmo?

— Não. — Coloquei o roteiro em cima da mesa, diante dele.

— Posso telefonar para chamar um táxi?

Ele me olhou como se já tivesse se esquecido da minha presença.

— Claro, claro. Peça à minha secretária. Ela chamará um táxi para você.

— Obrigada. E boa noite.

Ele se limitou a assentir, em silêncio, enquanto eu saía da sala.

Já eram dez horas da noite quando voltei para a casa na praia. A essa altura, tudo saía errado.

Capítulo 12

A porta foi aberta pelo assistente de direção que nos acompanhara nas filmagens em Nova York.

— Olá, JeriLee.

Em Nova York, ele me chamava de Srta. Randall.

— Olá. — Tentei recordar o nome dele, mas não consegui. Entrei na casa. Quando eu já ia me afastando, ele avisou:

— Vá devagar com ele. O chefe hoje está uma pilha. — Seu tom de voz deixava implícito que nos compreendíamos mutuamente, éramos aliados. — Saiu tudo errado hoje. Acho que não conseguimos fazer nem dois minutos do filme. E ele ficou ainda mais furioso quando chegou a casa e não a encontrou.

— Por quê? Deixei um bilhete explicando para onde ia.

— Não sei se ele o recebeu.

— Explicarei a ele pessoalmente. Você vem comigo?

— Não Eu já estava de saída.

— Está bem. Boa noite.

John estava sentado no sofá, com um drinque na mão. Levantou os olhos quando entrei na sala. Inclinei-me e beijei-o no rosto.

— Olá, John. Desculpe ter chegado tão tarde.

— Onde diabo você estava?

— Na Universal. Deixei um bilhete.

— Pois não o recebi. E o que foi fazer lá?

— Expliquei tudo no bilhete. Eles telefonaram para me oferecer um papel.

— Telefonaram para cá?

Eu estava começando a ficar irritada com a infantilidade dele.

— Não. Recebi a mensagem através de um pombo-correio.

— A quem mais você deu o meu telefone?

— Não dei seu telefone a ninguém. Meu agente descobriu

sozinho onde eu estava.

— Então como é que todo mundo já sabe? Nas duas horas desde que voltei para casa, já atendi a meia dúzia de telefonemas para você. De sua mãe, de seu ex-marido, duas vezes de seu agente e duas vezes da Universal.

— Pois eu não dei seu telefone a ninguém.

— Então como é que todo mundo sabe?

— Não tenho a menor ideia. Peço que me desculpe. Eu não queria incomodá-lo.

— Mas que droga! — Levantou-se e foi até o bar, tornando a encher seu copo. — Era justamente isso o que eu estava precisando agora!

Fiquei observando-o tomar outro gole, sem dizer nada. Eu ainda não o tinha visto daquele jeito.

— A esta altura, toda a cidade já deve saber que você está aqui comigo.

— E que diferença isso pode fazer? Ninguém tem nenhum direito sobre nós.

— Sobre você, talvez não. Mas você se esquece que eu ainda sou casado.

— Você disse que era separado.

— Mas não divorciado. Sempre tomei todo o cuidado para não dar nenhum motivo para minha esposa processar-me.

— Sinto muito. Nunca desejei criar-lhe nenhum transtorno.

— Você não se lembra, mas eu lhe disse qual era a minha situação.

— Claro que disse. Mas só depois que cheguei aqui. Por que não me falou nada em Nova York? — Respirei fundo e respondi eu mesma, sem esperar que ele o fizesse: — Porque sabia que, se me dissesse antes, eu não teria vindo.

— Eu não imaginava que o mundo inteiro fosse começar a telefonar para você.

— Acho melhor você chamar um táxi para mim. — Olhei furiosa para ele. — Será melhor, para nós dois, se eu for agora mesmo para um hotel.

Nesse momento, o telefone tocou. John atendeu, depois estendeu o fone para mim.

— É para você.

Era Harry.

— Que diabo você andou fazendo lá na Universal? Eles

estão fervendo de raiva!

— Não fiz nada, Harry. Apenas disse a eles que nunca tinha ouvido falar em uma índia de olhos azuis.

— Eles querem você de qualquer maneira. Estão mudando o papel, para que você seja a filha adotiva do chefe da tribo, a única sobrevivente de uma caravana.

— Mesmo assim, o papel continua não prestando.

— Eles estão loucos por você. Prometeram também lhe arrumar outros papéis, se aceitar este,

— Sinto muito, Harry, mas não quero.

— Mas que diabo deu em você? — gritou ele, perdendo a paciência. — Algumas semanas atrás, você estava implorando por trabalho. Disse que precisava de dinheiro. E agora, que conseguiu trabalhar duas semanas, age como se estivesse podre de rica!

— Não vou fazer aquele papel só para satisfazer o ego de algum produtor. Eles podem arrumar alguma outra garota que goste de aparecer em cena com uma blusa índia toda rasgada e cara de boba.

— Já é uma hora da madrugada aqui. Estou morto de cansaço e vou dormir. Pense no assunto. Eu lhe telefonarei de manhã.

No momento em que pus o fone no gancho, a campainha tocou novamente. John atendeu com um berro:

— Alô! — No mesmo instante, sua voz mudou: — Como vai, Chad?

Ele escutou por um momento, depois olhou para mim, antes de falar:

— Você está absolutamente certo, Chad. Ela é uma garota e tanto. E também uma boa atriz.

Compreendi que ele estava falando a meu respeito e escutei o resto da conversa com uma espécie de fascinação aturdida. Era quase como se eu fosse propriedade dele.

— Não posso culpá-lo por isso, Chad. Ela parece perfeita para o papel... Claro que falarei com ela. Mas você sabe como são essas atrizes de Nova York. Elas têm ideias próprias... Claro, ela está bem aqui. Vou chamá-la. — Estendeu o fone para mim.

— Quem é? — perguntei.

— Chad Taylor.

— E quem é ele?

— Essa não! Você passa algumas horas na sala dele na

Universal e depois não sabe nem quem é!

Peguei o telefone.

— Pois não?

— Já falou com Harry Gregg, JeriLee?

Ao sair da sala dele, eu ainda era a Srta. Randall.

Aparentemente, de lá para cá havíamos virado velhos amigos.

— Já, Sr. Taylor.

— Ele lhe contou como resolvemos o seu problema?

Eu não sabia que o problema era meu.

— Contou, Sr. Taylor.

— É uma ideia infernal. O que achou?.

— Continuo a achar que o papel não presta, Sr. Taylor.

— Por que está sendo tão difícil, JeriLee?

— Não estou sendo difícil, Sr. Taylor. Apenas sei o que posso e o que não posso fazer.

— Se você não tomar nenhuma decisão precipitada — disse ele, em tom quase suplicante —, terei um roteiro revisto para você ler, amanhã de manhã.

Subitamente, senti-me muito cansada. Já tivera discussões demais para um único dia.

— Está certo, Sr. Taylor.

— Pode estar aqui por volta das onze horas? Mandarei um carro buscá-la.

— Não precisa preocupar-se. Posso pegar um táxi.

Desliguei. John me disse então:

— Você deve aceitar.

— Por quê? Leu por acaso o roteiro?

— Não. Mas a publicidade vai ser ótima para você. O público conhecerá seu nome. Talvez, assim, eu possa convencer meu irmão a aumentar seu nome nos créditos.

Outra lição. Eu estava aprendendo uma porção de coisas naquele dia. A publicidade é ótima, porque aumenta as possibilidades comerciais de outro produtor. Como eu não tinha mais nada a dizer, virei-me para sair da sala.

— Para onde você está indo? — perguntou ele.

— Vou fazer a mala.

— Espere um instante. Para que tanta pressa?

— Não quero que você seja processado — respondi, sarcasticamente.

— Eu disse isso só porque estava furioso. Debbie e eu

temos um acordo. Ela não espera que eu leve uma existência virginal.

— Oh, merda!

— Mas que dia terrível eu tive! — murmurou ele. — Nada deu certo.

Não respondi.

— Vou preparar uns drinques para nos Depois, vamos tirar os sapatos e relaxar um pouco. — Ele foi até o bar e de lá anunciou: — Maria fez um arroz con pollo. Aposto que você nunca provou nada tão gostoso em toda a sua

Continuei calada. Ele ligou a coqueteleira. O zumbido suave se espalhou pela sala.

— Você não tem ideia daquilo por que passei hoje.

— Não é fácil.

Ele não percebeu o sarcasmo.

— Vamos jantar e depois iremos direto para a cama.

— Será que terei tempo para tomar um banho primeiro?

— Claro. Mas essa é uma pergunta estranha. Por que quer saber?

— Porque me sinto suja.

Ele também não compreendeu.

Entrou no meu quarto cerca de uma hora depois de eu ter ido para a cama.

— Fiquei esperando por você — disse-me ele.

— Você vai ter que trabalhar amanhã bem cedo. Achei que seria melhor que dormisse um pouco.

— Não consigo dormir. Estou aceso demais.

— Sinto muito.

Ele fechou a porta e veio sentar-se na beira da cama.

— O que está fazendo, JeriLee?

— Nada. Estou apenas deitada aqui. Pensando.

— Em quê?

— Nas coisas. Nada de especial.

— Não está com vontade de conversar, não é mesmo?

Peguei um cigarro e vi o reflexo da luz do fósforo nos olhos dele.

— E você está? — perguntei.

— Você está zangada comigo.

— Não, não estou.

— O que há então?

— As coisas simplesmente não estão dando certo. Não estão seguindo o rumo que eu imaginava.

— Você não deveria ter saído. Estávamos muito bem ontem. Era exatamente o tipo de coisa que Walter teria dito. Não fiz qualquer comentário.

— É isso mesmo. Se você não tivesse saído, eu teria oportunidade de absorver a situação. Não seria apanhado de surpresa.

— Não pensei que estivesse fazendo algo errado.

— Afinal de contas, você é minha hóspede. Fui eu quem a trouxe para cá.

Eu estava começando a entender. De certa forma, tinha sentido. Não um sentido real, mas sim um sentido absurdo. Tinha algo a ver com direitos de propriedade. Porque ele pagara o frete, eu lhe pertencia. Ele era mais parecido com Walter do que eu imaginara.

— Está entendendo o que quero dizer?

— Estou.

— Ótimo — disse ele, num tom satisfeito. Em seguida levantou-se. — Agora, esqueçamos tudo isso e vamos para a cama.

— Já estou na cama.

Um tom de raiva surgiu na voz dele:

— Não gosto de ser usado.

— Deixarei um cheque para cobrir a passagem do avião, antes de ir embora, amanhã de manhã. — Achei que tinha sido muito mais usada do que ele.

— Não se incomode — disse ele, com voz fria. — Já paguei muito mais a uma prostituta por uma noite de cama.

Ao sair, ele bateu a porta com toda a força. Lutei para conter as lágrimas, sentindo-me magoada demais para ficar com raiva. Não era justo. Simplesmente não era justo. Por que ele tinha que fazer uma coisa daquelas?

Não fui à Universal pela manhã. Em vez disso, peguei um avião de volta para Nova York, naquela mesma noite.

Capítulo 13

Harry viu-me através da divisória de vidro de seu cubículo e levantou-se abruptamente, sacudindo a cabeça.

— Você conseguiu, JeriLee. Você realmente conseguiu.

— Pensei bastante no assunto. Não ia mesmo querer o trabalho, não importava o que eles me dissessem.

— Você se estrepou completamente. Em apenas dois dias, conseguiu fazer o que a maioria das pessoas leva a vida inteira para conseguir. Você realmente se estrepou. — Havia um curioso tom de admiração na voz dele.

— Tudo o que fiz foi recusar um trabalho, Harry. Cheguei mesmo a ligar para o estúdio, comunicando que não iria comparecer ao encontro.

— Oh, Deus! A Universal começa a espalhar que com você é impossível fazer negócio e logo em seguida recebo um telefonema frenético de Tony Styles, dizendo que você arruinou o filme dele.

— Tony Styles? Mas nem o vi durante todo o tempo em que estive na Califórnia!

— Ele disse que você deixou o irmão dele transtornado. Foi obrigado a paralisar as filmagens durante dois dias, para John poder ficar de cama, recuperando-se. Tony falou que vai eliminá-la completamente do filme, mesmo que precise filmar novamente algumas das cenas, com outra garota.

— Não estou entendendo mais nada.

— O que aconteceu entre você e John?

— Apenas não entramos em acordo e eu vim embora.

— Oh, Deus! — Ele pegou um pedaço de papel em cima da mesa e mostrou-me. — Recebi este memorando pouco antes de você chegar. George quer conversar comigo, a seu respeito.

— Se George quer falar comigo, basta ele dizer.

— Você não está entendendo. Não é mais responsabilidade direta dele. É agora responsabilidade minha. Ele me comunicará o que quer que deseje que seja feito ou dito e eu transmitirei a você.

— O que significa isso?

— George não gosta de confusões. George é o Sr. Bom Rapaz com todo mundo... com a Universal, com os irmãos Styles, com seu ex, até com o próprio Deus.

— E daí?

— E daí que estamos metidos na maior encrenca. George deve ter apanhado as sobras e não quer que ninguém fique com raiva da agência.

— Isso significa que ele está a fim de me largar?

— Não sei. Mas se você tem alguns amigos a quem ele possa escutar, está na hora de pedir ajuda.

— Mas temos um contrato assinado!

— Devia ler todas as cláusulas atentamente. Eles podem largá-la no momento em que bem quiserem.

Fiquei calada.

— Será que seu ex intercederia a seu favor?

— Não quero procurá-lo. Levei muito tempo para sair de baixo das asas protetoras dele.

— Algum outro amigo?

— Guy Jackson — falei, depois de pensar por um momento.

— George o odeia. — Harry sacudiu a cabeça. — Ele assinou contrato com outra agência, depois que George fez tudo para trazê-lo para nós.

— Então não há ninguém.

— Acho melhor acabar com isso logo de uma vez — disse Harry, levantando-se.

— Quer que eu fique esperando?

— Tanto faz. — Deu de ombros. — Se ficar, pelo menos saberá da notícia ainda quentinha, saída do forno.

Quando ele voltou, meia hora depois, eu já tinha acabado meu maço de cigarros e estava começando a fumar do dele. Harry fechou a porta, foi para trás de sua escrivaninha e desabou na cadeira.

— Oh, Deus! — Parecia ser o seu comentário predileto naquele dia.

— Conte logo de uma vez, Harry.

— Eles vão romper o seu contrato como atriz, mas continuarão com o contrato como escritora, apesar de todas as minhas tentativas para que cancelassem esse também.

— Pensei que fosse meu amigo, Harry — falei, sarcasticamente. — Afinal, meio pão é melhor do que nada.

— Você ainda tem muito que aprender. Se eles rompessem também o contrato como escritora, você teria algo para oferecer a outro agente. Você tem uma peça sendo produzida, que poderia proporcionar-lhe algum dinheiro. Mas, dessa maneira, nós ficamos

com todo o dinheiro e você fica sem nada para usar como arma.

— Mas isso não é justo!

— Eu não disse que era.

— Vou subir para falar com ele.

— Não vai adiantar. Nunca conseguirá passar além da secretária de George. Ele transformou as manobras de esquiva numa verdadeira arte.

— Há alguma coisa que eu possa fazer?

— Só posso imaginar uma coisa, mas tenho certeza de que você não aceitaria.

— O que é?

— É humilhar-se. Ligue para Chad Taylor, na Universal.

Explique que estava naquele período difícil do mês ou alegue qualquer outra desculpa bem feminina. Diga que pensou muito no assunto e decidiu que adoraria fazer o papel. Sei que eles ainda não escolheram ninguém para o lugar.

— Tem certeza?

— Tanta certeza quanto a de estar sentado aqui.

— Isso é ideia sua ou foi o que George mandou que me dissesse? — Percebi que ele estava corando.

— Foi ideia de George.

— E se eu não fizer isso, estarei liquidada aqui?

Ele assentiu, em silêncio. Senti-me encurralada. Era um jogo, e todos eles estavam no mesmo time. Eu jamais conseguiria vencer.

— Está bem, Harry. Peça a ligação para mim, por favor.

Eu era melhor atriz do que pensava. Não apenas me humilhei, como também me refestelei na humilhação. E naquela noite, no avião que me levava para a Califórnia, senti uma náusea no estômago, que não me deixava esquecer o que fizera.



Havia um carro no aeroporto para pegar-me e levar-me ao hotel. Antes mesmo de eu pegar minha bagagem, o motorista já me havia entregue um bilhete de Taylor.

"Cara JeriLee,

*Prepare-se para o jantar. Será às oito e meia, com o roteiro.
Vista-se para o Chasen's. Saudações,*

Chad."

Sucinto e objetivo. Não havia dúvida sobre quem estava no comando. A essa altura, porém, eu já não me importava com isso. Estava tão cansada que queria apenas meter-me na cama e dormir.

O motorista levou-me a um hotel chamado Regency, no Hollywood Boulevard, entre Fairfax e o Laurel Canyon. Fiquei numa pequena suíte de dois aposentos, no segundo andar, dando para a piscina.

— Sempre trazemos o pessoal de Nova York para cá — explicou o motorista. — Há um atalho para o estúdio, por cima do Laurel Canyon.

Agradei-lhe, enquanto ele deixava minha bagagem no quarto. Assim que ele saiu, tirei as roupas e fechei as cortinas, vedando a passagem do sol. Depois, fui para a imensa cama e pedi à telefonista que me acordasse às sete e quarenta e cinco. Eu estava começando a dormir, quando o telefone tocou. Era Chad Taylor.

— Está tudo bem?

— Está, sim.

— Ótimo — disse ele, parecendo satisfeito. — Vista-se bem bonita esta noite. Haverá gente da imprensa presente. É importante.

— Está bem.

— Até às oito e meia.

Ele desligou. Virei de lado e fechei os olhos. Mas o telefone tocou novamente. Atendi, desesperada.

— Alô?

— JeriLee? Aqui é John. — Não havia o menor indício de raiva na voz dele. Era como se nada tivesse acontecido.

— Sim?

— Fico contente por ver que recuperou o juízo. Eu já estava começando a ficar preocupado com você.

— Estou muito bem.

— Achei que poderíamos jantar juntos. Lembrei-me de que você gosta de churrasco aos domingos.

— Já tenho um compromisso. O Sr. Taylor vai trazer-me o roteiro esta noite.

— E o que você vai fazer depois?

— Vou dormir. Estou exausta. — Voar de um lado para o outro do país não era propriamente a minha ideia de diversão.

— Tenho que vê-la, mesmo que seja só por um minuto.

— Vamos para o Chasen's. O Sr. Taylor disse que haverá gente da imprensa lá. Não sei a que horas poderei voltar.

— Temos que aparar algumas arestas entre nós.

— Isso pode esperar até amanhã. Se eu não dormir um pouco, vou acabar morrendo.

— Está Certo — disse ele, finalmente. — Enquanto isso, há alguma coisa que eu possa fazer por você?

— Não — falei, mudando de ideia logo em seguida. — Isto é, há, sim. Pode pedir a seu irmão para parar de falar mal de mim para todo o país.

Desliguei. Mas, a essa altura, eu estava excitada demais para dormir. Tomei um Librium e fiquei esperando que fizesse efeito. Enquanto isso não acontecia, enchi a banheira e deitei-me nela. Senti a lassidão voltando. Enxuguei-me rapidamente e fui para a cama. Dessa vez, consegui dormir. Mas não por muito tempo. Menos de uma hora depois, o telefone voltou a tocar. Era a telefonista me acordando, conforme eu pedira.

Tonta de sono, tomei um estimulante e meti-me debaixo do chuveiro frio. Depois, iniciei o lento processo de voltar a ser eu mesma.

A campainha da porta tocou exatamente às oito e meia. Abri a porta.

— Entre, Sr. Taylor. Estarei pronta dentro de mais alguns minutos.

— Trouxe o roteiro comigo.

— Fique à vontade.

Eu estava ainda de roupão. Comecei a voltar para o quarto, a fim de vestir-me. Ele acompanhou-me até a porta.

— Minhas flores já chegaram?

— Não vi.

— Elas deveriam estar aqui quando você chegasse. Diabo de secretária! Importa-se que eu use o telefone?

— À vontade.

Ele voltou para a sala, enquanto eu entrava no banheiro. Pus dois cílios postiços, passei sombra nos olhos e contemplei-me no espelho. Não estava nada mal, para um trabalho feito às pressas. Quando voltei para o quarto, ele estava novamente parado na porta.

— Ela disse que encomendou.

— Não se preocupe. As flores acabarão chegando. De qualquer forma, obrigada.

— Ninguém faz mais nada certo atualmente. A gente tem que viver em cima dos outros, se quer que alguma coisa saia direito.

Ele não saía da porta, e algo me disse que não pretendia fazê-lo. Abri a porta do armário e fiquei atrás, enquanto punha o vestido. Era um vestido preto comprido, de seda, que se colava no corpo. Quando saí de trás da porta, ele deixou escapar um assovio.

— Nada mau...

— Acho que estou horrível.

— Pois não parece.

— Obrigada. — Tirei da mala minha estola branca de angorá e ajeitei-a nos ombros. — Já estou pronta.

Ficou me olhando, com uma expressão crítica.

— Algo errado? — perguntei.

— Você não tem uma pele?

— Tenho. Mas gosto do angorá branco com a seda preta.

— Use a pele. Afinal, vamos para o Chasen's.

Fitei-o em silêncio por um minuto, depois tirei a estola e pus um casaco de chinchila.

— Assim está melhor — disse ele. — Classe é tudo.

Vi o roteiro na mesa diante do sofá quando íamos saindo.

— Não quer levar o roteiro? — indaguei. — Poderemos discuti-lo durante o jantar.

— Haverá gente demais lá — disse ele, meneando a cabeça. — Examinaremos o roteiro quando voltarmos. — Não me deu oportunidade de responder, acrescentando imediatamente: — O carro está parado bem em frente.

— Gosta? — perguntou, ao abrir a porta do carro.

— É lindo.

— É um clássico. — Sorriu. — Um Bentley-Continental 55, conversível. Só fizeram quinze iguais a este. E há apenas cinco em

perfeitas condições. Este é um deles.

— É espetacular.

Era uma noite de terça-feira e o Chasen's estava repleto. Mas tínhamos reservado uma mesa grande, perto da porta, onde poderíamos ser vistos por todos os que entrassem ou saíssem. Notei que havia só dois lugares postos a mesa.

— Pensei que haveria outras pessoas presentes, pelo que me disse — comentei, ao sentar-me.

— O restaurante está cheio. Não dá para se falar de negócios. Mas todo mundo vai parar aqui. Você vai ver.

Ele tinha razão quanto a isso. Se tivesse me exibido numa vitrina da Macy's, não teria sido tão vista.

— O melhor prato daqui é costela apimentada. Mas como acaba logo, tratei de pedir de antemão. E pedi também um prato de chili. O que acha?

— Para mim, está ótimo. — Àquela altura dos acontecimentos, eu seria capaz até de comer a toalha da mesa.

Ele fez sinal para o garçom. Primeiro, comemos siri com mostarda e molho de tomate, depois a costela. Entre os vinhos e o estimulante que eu tomara, minha cabeça estava girando. Mas, de alguma forma, consegui manter a conversa pelo menos razoavelmente inteligível. Porém, provavelmente não teria feito a menor diferença se eu só dissesse asneiras. Ele não parava nunca de falar sobre sua carreira e o fato de que a Universal jamais teria conseguido crescer sem sua participação.

Tomamos três cafés irlandeses. Quando nos preparamos para ir embora, à uma da madrugada, eu mal conseguia ficar de pé. Assim que voltamos para a suíte, ele acomodou-se no sofá e pegou o roteiro.

— Agora, podemos começar a trabalhar.

Eu não podia acreditar em meus ouvidos.

— Melhoramos bastante o roteiro — disse ele. — Mas isso não é o importante. Tenho outros planos para você. Planos grandes. Está me entendendo?

Pude apenas sacudir a cabeça. Não estava entendendo.

— No momento em que você entrou no meu gabinete compreendi que era a garota que estava procurando. — Fez uma pausa para deixar que eu sentisse a excepcional importância de sua declaração. — Não pretendo ficar apenas Neste filme de TV. Estou preparando um filme. Um grande filme. O negocio já está

quase fechado.

— Parabéns — consegui balbuciar.

— E você é a garota para o meu filme. O papel principal. O protótipo da mulher moderna. Independente. Dura. Sensual. Inteligente. Por isso é que é tão importante que eu a encaixe nesse filme de TV. Eu tinha que mostrar a eles o que posso fazer com você.

Fiquei calada. Havia um zumbido cada vez maior em minha cabeça. Ele abriu o roteiro.

— Agora, vamos examinar isto aqui.

Havia martelos batendo freneticamente em meu crânio.

— Chad... Sr. Taylor...

Ele me olhou, com uma expressão perplexa. Procurando falar o mais claramente possível, murmurei:

— Não é que eu não me sinta grata... estou realmente ... e muito... mas se não me deixar ir para a cama.. . vou acabar desmaiando aqui mesmo...

A expressão dele se desanuviou. Com um sorriso triste, ele se levantou.

— Mas é claro! Eu tinha esquecido o dia terrível que você teve.

Acompanhei-o até a porta.

— Eu a verei amanhã de manhã — disse ele. Eu estava cada vez mais tonta.

— Não precisa preocupar-se com a ida para o estúdio.

Mandarei um motorista vir buscá-la de carro, às sete horas.

Consegui dizer que sim.

Ele me deu um beijo rápido no rosto.

— Boa noite — falou, dando um passo para trás e me contemplando. — Da próxima vez em que sairmos para jantar, não use um vestido tão decotado. Eu mal me aguentava, e na metade do tempo nem sabia o que estava dizendo.

Fechei a porta e senti a náusea subir pela garganta. Mal consegui chegar ao banheiro a tempo. Depois, ainda vestida, joguei-me em cima da cama e apaguei.

Capítulo 14

Eu estava nua e todos estavam me olhando, como se eu fosse uma posta de carne. Tentei esconder-me por trás das mãos. Mas, para qualquer lado que me virasse, não conseguia escapar aos olhos deles. Os refletores implacáveis me iluminavam de todos os lados.

Entre todos os homens ali reunidos, eu não me importava muito com os estranhos, mas sim com aqueles que conhecia. Não parecia importar-me nem mesmo com a maneira como todos eles estavam vestidos, em uniformes de futebol americano, de capacete, protetores de rosto, camisas vermelhas com os números em preto. E todos eles estavam usando o mesmo número: 1. Talvez o mais estranho de tudo fosse o fato de as calças acolchoadas do uniforme não terem frente, os membros imensos pendendo para fora, até quase os joelhos.

Subitamente, todos eles se reuniram num bloco compacto. Tentei escutar o que estavam sussurrando, mas as palavras se perdiam ao vento. Depois, eles se dispersaram e entraram em formação clássica para o início da partida. O único homem que reconheci na linha de frente foi Harry Gregg, bem no centro. Por trás dele, eu podia ver os rostos dos que estavam mais atrás, George Fox, Chad e John, e até mesmo Walter, como fullback.

George empertigou-se e gesticulou furiosamente na minha direção, apontando em seguida para Harry. Reagindo a uma compulsão que não entendi, adiantei-me na direção da linha do meio de campo, fiquei de joelhos e depois rastejei por entre as pernas de Harry. Enroscando-me como uma bola fetal, comprimi os joelhos contra o peito e pus o rosto encostado nas coxas.

Ouvi Harry resmungar, ao abaixar-se ainda mais, forçando as mãos imensas entre os meus braços, até que cada uma delas estivesse apertando firmemente meus seios. Ele cutucou minhas nádegas com os joelhos e eu me ergui ligeiramente. Ele resmungou novamente e senti seu aríete entrar em mim por trás. Era estranho, mas não senti nada. Nem surpresa, nem ressentimento, nem excitação. Depois, ele explodiu dentro de mim e senti o sêmen escorrendo pelas pernas. George gritou "Upa!", numa voz rouca, muito estranha.

Abruptamente, fui lançada para trás, por entre as pernas de

Harry, para as mãos de George. Eram mãos rudes e calosas, muito diferentes das mãos macias e bem-cuidadas que eu sabia que ele possuía. Eu estava ainda enrascada na posição fetal. Senti suas mãos pesadas me agarrarem os seios, forçando-me de encontro a seu pênis. Depois, ele estava correndo, o pênis a entrar e sair de dentro de mim a cada movimento. Um momento depois, ouvi a voz de Walter gritando:

— Livre-se dela! Mas que diabo! Livre-se dela!

O orgasmo de George jorrou dentro de mim, disparando-me para o ar como um foguete. Senti-me girando de lado, interminavelmente, o ar muito frio de encontro à minha pele.

Eu estava agora flutuando acima deles e sentia-me livre.

Havia muitas vantagens em subir tão alto quanto um passarinho. Nada podia tocar-me, a não ser o vento. E o vento me amava. Eu estava segura. Foi então que comecei a cair.

Olhei para baixo. Chad e John estavam correndo na direção do centro do campo.

Senti o medo me embrulhar o estômago. Podia ouvir-me gritando, dentro da cabeça, mas nenhum som saía. Desejei que o vento continuasse a me manter no alto. Mas continuava a cair, na direção deles, até poder ver-lhes os rostos sombrios, por trás dos protetores. O grito finalmente saiu-me da garganta:

— Não! Não! Isto não é um jogo! Não sou uma bola!

Foi então que acordei, suando frio, tremendo, as lágrimas escorrendo-me pelo rosto. Por um momento, fiquei imóvel, olhando para a escuridão. Depois, ainda tremendo, estendi a mão e acendi o abajur.

Os fantasmas do meu sonho fugiram diante da luz. Olhei-me. O vestido estava totalmente amarrotado e a saia, rasgada do lado, pois se prendera no salto do sapato, enquanto eu dormia.

Olhei para o relógio. Quase cinco horas. Mais duas horas e o carro chegaria para levar-me ao estúdio. Eu sentia a boca muito seca. Saí da cama e fui para o banheiro.

Meus olhos estavam inchados, o rosto estava pálido e vincado. Contemplei-me, desolada. Levaria pelo menos duas horas para fazer-me apresentável. Abri a água da banheira e peguei um pote de creme para remover a maquilagem.

Percebi que minhas mãos ainda estavam tremendo. Sem pensar, estendi a mão para pegar um tranquilizante. Parei no meio do gesto. Entre as pílulas e a bebida, eu me lançara naquele

estado. Não havia qualquer outra explicação para o meu pesadelo absurdo.

Deixei o tranquilizante no vidro. Tinha que haver uma maneira melhor de aguentar.



Passei duas horas na Maquilagem e no Penteado. Escureceram o louro dos cabelos e das sobrancelhas e cobriram meu corpo com uma maquilagem escura, deixando minha pele com uma cor de cobre fosca. Depois, veio a seleção do meu traje: um vestido largo de camurça, com algumas contas coloridas. Chamavam o traje de Debra Paget. Ela o usara pela última vez quando representara o papel da mãe de Cochise, num velho filme de Jeff Chandler. Às dez horas, fui levada para os fundos do estúdio, onde estavam realizando as filmagens.

Chad aproximou-se do carro no momento em que saltei. Ele beijou-me no rosto e disse:

— Você está sensacional. Dormiu bem?

Assenti.

— Ótimo.

Chad apresentou-me então ao homem que vinha chegando para junto de nós.

— Este é seu diretor, Marty Ryan., JeriLee Randall.

Ryan estava usando uma camisa azul desbotada e blue jeans de vaqueiro. Seu aperto de mão era bastante firme.

— Prazer em conhecê-la, JeriLee — disse ele, com o sotaque anasalado do oeste.

— O prazer é meu.

— Está pronta para o trabalho?

Assenti novamente.

— Ótimo. Já estamos prontos para filmar sua primeira cena.

Senti um momento de pânico.

— Mas só recebi o roteiro ontem à noite! Ainda não tive oportunidade de lê-lo. Não conheço minhas falas.

— Não há problema. Você não tem mesmo nenhum diálogo nas cenas que vamos filmar. Venha comigo.

Eu o segui até o caminhão de filmagens, parado diante do acampamento índio. Diversos homens, vestidos de índios, estavam sentados em torno de um caixote de madeira, jogando cartas. Perto do curral, dois vaqueiros estavam cuidando dos cavalos.

— Ei, Terry, traga o cavalo dela até aqui! — gritou o diretor.

O vaqueiro menor tirou um imenso cavalo branco do meio dos outros e começou a puxá-lo para o lugar em que eu estava. O diretor virou-se novamente para mim.

— É uma cena bem simples. Você vem daquela tenda ali, olha ao redor por um momento, depois corre até o cavalo, pula em cima dele e sai a galope.

Fiquei olhando para ele, aturdida demais para conseguir falar. Ele interpretou meu silêncio como confusão e explicou gentilmente:

— Parece mais complicado do que é na realidade.

— Alguém cometeu um tremendo erro — murmurei, sacudindo a cabeça.

— Como assim? — perguntou ele, atônito.

— O roteiro que eu li não falava em nenhuma cena a cavalo.

— Nós reescrevemos o roteiro para aumentar o seu papel.

Agora, você tem um dos papéis principais. É praticamente a chefe da tribo. Está no comando, porque seu pai foi ferido.

— Parece ótimo. Só há um problema: eu não sei montar.

— O que foi que disse?

— Eu não sei montar.

Ficou me olhando com uma expressão atarantada. Chad aproximou-se, sentindo que alguma coisa estava errada, e perguntou:

— Qual é o problema?

O diretor virou-se para ele.

— Ela não sabe montar.

— Você não sabe montar? — disse Chad, olhando para mim.

— Nunca montei um cavalo — respondi, sacudindo a cabeça.

— Mas que merda! — explodiu Chad. — Por que diabo não me disse nada?

— Nunca me perguntou. Além do mais, o roteiro que eu li não fazia a menor menção de cenas a cavalo.

— O que vamos fazer agora? — perguntou o diretor a Chad.

— Vamos usar doublé.

— Não há a menor possibilidade — disse o diretor, firmemente. — Estamos filmando para a televisão. Todas as cenas são praticamente em primeiro plano. Não há condição de disfarçar.

Chad virou-se para o vaqueiro.

— Quanto tempo acha que levaria para ensiná-la a montar?

O pequeno vaqueiro fitou-me com os olhos semicerrados, passou o naco de fumo de um canto para o outro da boca e cuspiu no chão.

— Se ela for capaz de aprender depressa, em uma semana poderei ensinar-lhe tudo o que o roteiro exige.

— Estamos perdidos! — gritou o diretor, desolado, afastando-se em seguida.

— Eu sabia! — gritou Chad. — Eu sabia! No momento em que você entrou em meu gabinete, senti o cheiro de encrenca.

— Não me culpe! — reagiu imediatamente, furiosa. — Para começar, eu não queria esse maldito papel. Mas você não pôde aceitar um "não" como resposta.

— Como diabo eu ia adivinhar que você não sabe montar?

— Os únicos cavalos que já vi na vida estavam parados diante do Plaza Hotel, em Nova York, atrelados em charretes.

— Oh, Deus, mas que azar! — exclamou Chad.

— O que quer que eu faça com a Queenie? — perguntou o vaqueiro.

Chad lançou-lhe um olhar que não deixava a menor dúvida sobre o que gostaria que o vaqueiro fizesse. Virei-me para o vaqueiro.

— Esse cavalo é manso?

Queenie é como um bebê. Ama todo mundo.

— Então ajude-me a subir. Quero ver como é.

Ele abaixou-se ao lado do cavalo, unindo as duas mãos em concha.

— Ponha seu pé esquerdo aqui e passe a perna direita por cima do lombo.

— Está certo.

Segui as instruções dele e estava tudo indo muito bem, até que o cavalo andou, no momento em que me encarapitei em seu lombo. Continuei no impulso e fui cair numa poça de lama do outro lado.

— Você está bem? — perguntou-me Chad, com a voz

assustada.

Soergui-me, apoiada no cotovelo. Meu rosto e o vestido estavam completamente sujos de lama. Olhei para eles e disse:

— Sinto muito, pessoal. — Compreendi, então, todo o absurdo da situação e desatei a rir. Pensando que eu estivesse tendo um ataque histérico, eles rapidamente me ajudaram a levantar.

— Chamem um médico! — berrou Chad, virando-se em seguida para mim. — Não se preocupe. Por favor, não se preocupe. Vai ficar tudo bem.

Mas não consegui parar de rir. Naquela noite, estava definitivamente fora do filme.

Capítulo 15

Chad levou-me de volta ao motel. No caminho, parou numa mercearia e comprou uma garrafa de scotch. Uma hora depois de chegarmos a meu quarto, ele já consumira metade da garrafa. Eram quase oito horas quando ele finalmente se levantou, oscilando perigosamente.

— É melhor arrumarmos alguma coisa para comer.

Ele não estava em condições de guiar, e por isso sugeri:

— Talvez seja melhor pedirmos alguma coisa aqui mesmo.

— Eles não têm nada para comer. Acha mesmo que o estúdio iria colocá-la num lugar em que pudesse aumentar a conta com o serviço da copa?

Não respondi.

— Vamos sair para comer algo.

— Não quero que você guie.

— Podemos ir a pé. Há alguns restaurantes neste quarteirão, lá no Sunset.

— Vamos, então.

Fomos para um restaurante do lado norte da rua, em frente a uma drugstore. Era um lugar mal-iluminado, como a maioria dos restaurantes da Califórnia, com um pianista sentado na área do bar, perto da entrada. Umass poucas pessoas sentadas em torno do piano, curtindo seus drinques. Passamos por elas e um maître levou-nos até uma mesa.

— O contrafilé está muito bom — disse ele.

Chad olhou para mim e eu assenti.

— Traga dois. Mas, primeiro, quero um scotch duplo, só com gelo.

A carne estava realmente muito boa, como o homem garantira. Mas Chad deixou seu prato intocado, preferindo beber em vez de comer.

— Não está comendo, Chad.

— Não banque a mulher para cima de mim.

Fiquei calada até terminar de comer. O garçom trouxe café e Chad tomou um gole.

— Quais são seus planos agora? — perguntou ele.

— Provavelmente voltarei para Nova York amanhã.

— Tem algo em mira para fazer lá?

— Começarei novamente a perseguir meu agente.

— Lamento muito o que aconteceu.

— Não foi nada.

— Quero agradecer-lhe por haver tentado montar aquele cavalo. Se não o tivesse feito, eu estaria perdido.

Não entendi, mas não fiz qualquer pergunta.

— Foi uma saída perfeita para nós. O médico classificou aquilo de acidente. O seguro cobriu o atraso nas filmagens. Assim, o estúdio não perdeu um tostão e todo mundo ficou feliz.

Continuei calada. Ele me fitou nos olhos.

— Exceto eu. Ainda sinto que poderíamos ter feito grandes coisas juntos.

— Talvez ainda façamos, algum dia...

— Não — disse ele, meneando a cabeça tristemente. — Não é assim que a coisa funciona. A pressão é muito grande. A cada semana, é preciso ter um espetáculo novo. Não se pode parar.

— E aquele filme sobre o qual me falou? Talvez ainda possamos tentar isso.

— Talvez. Mas era justamente por isso que eu queria você na televisão. O estúdio gosta de aproveitar as pessoas de suas próprias produções.

— Sinto muito.

— Não foi culpa sua. Você bem que tentou.

O garçom voltou e tornou a encher nossas xícaras.

— Já esteve alguma vez em Las Vegas? — perguntou Chad.

— Não.

— Por que então não fica mais um pouco? Temos uma turma que vai para lá amanhã de noite, a fim de assistirmos à estreia de Sinatra. Poderemos divertir-nos um pouco e você pegará um avião lá para voltar a Nova York.

— Acho que não vou.

— Não se preocupe. Não vou querer fazer nada com você. Ficará sozinha num quarto.

— Não, obrigada. Não estou com a menor disposição. Vou voltar para casa e passar os próximos dias na cama.

— Há algo mais sério entre você e John? — perguntou ele, após uma pequena pausa.

- Não.
- Não precisava responder. Não era da minha conta.
- Mas já respondi.
- Não quero que você vá embora.
- Por quê?
- Se você for, sentirei que fracassei. E não gosto de

fracassar.

Eu estava começando a ficar irritada.

— Está querendo dizer-me que não quer que eu parta enquanto não dormir comigo, não é mesmo?

— Não exatamente. Ou melhor, talvez. Não sei direito.

— Por que não pode dizer exatamente o que está pensando? Ou será que é assim que os homens daqui costumam agir?

— Não estou querendo insinuar nada — falou ele, na defensiva.

— Então, o que está pensando?

— Não vejo nenhuma razão pela qual eu deva ser inquirido desse jeito. Não estou em julgamento.

— Tem toda a razão. Peço desculpas.

— Não precisa pedir desculpas. — Ele relaxou e sorriu. — Você tinha toda a razão. O que eu queria mesmo era dormir com você.

Como eu não respondesse, ele fez um sinal pedindo a conta. De volta ao motel, ele seguiu-me até o quarto e começou a tirar o casaco. Detive-o.

— Somos amigos?

— Somos.

— Poderia compreender se eu lhe dissesse que minha cabeça ainda não está preparada para você? Tenho muita coisa na cabeça e preciso livrar-me de tudo, antes de ir para a cama com você.

Ele ficou calado por um minuto, pensando.

— Não está me enganando?

— Estou sendo franca. Gosto de você. Apenas ainda não estou preparada.

Ele voltou a enfiar o braço na manga do casaco.

— Vão pensar que estou louco, mas acredito em você.

— Obrigada, Chad.

— Posso visitá-la, se eu for a Nova York?

— Ficarei triste se não o fizer — disse eu acompanhando-o até a porta.

— Vê-la-ei então — falou Chad, beijando-me de leve.

O telefone começou a tocar quase no instante mesmo em que fechei a porta. Era John.

— Telefonei a noite inteira, JeriLee.

— Acabei de voltar do jantar.

— Tenho que vê-la de qualquer maneira.

— Estou fazendo as malas. Vou voltar para Nova York no primeiro voo da manhã.

— Soube do que aconteceu no estúdio. Quero apenas alguns minutos, JeriLee. Não pode ir embora sem me dar uma oportunidade de explicar.

— Quanto tempo demorará para chegar até aqui? — falei, após um momento de hesitação.

— Um minuto. Estou aqui na portaria.

Ele estava batendo na porta no instante em que repus o fone no gancho.

— Entre, John.

Seguiu-me até o quarto. Apontei para a garrafa de scotch pela metade que Chad deixara.

— Aceita um drinque?

— Aceito, sim, obrigado.

Tirei alguns cubos de gelo da geladeira e servi-lhe um drinque reforçado. Ele parecia cansado, o rosto vincado. Tomou um grande gole e um pouco de cor voltou-lhe ao rosto. Apontei para o sofá e sentei-me na poltrona em frente a ele.

— Não sei o que deu em mim, JeriLee. Normalmente, não sou assim.

Fiquei calada.

— Quero pedir-lhe desculpas.

— Não precisa. Foi tanto culpa minha quanto sua. Eu não conhecia as regras do jogo.

— Não era um jogo. Gosto de você. Gosto de verdade. Não havia nada que eu pudesse dizer. Ele tomou outro gole de scotch.

— Não quero que você volte amanhã. Quero que volte para a praia comigo, a fim de podermos recomeçar tudo. E desta vez prometo que dará tudo certo.

— Não, John. Não vai dar certo — disse eu, gentilmente. — Sei disso agora.

— Vai dar, sim, JeriLee. — A voz dele tornou-se mais determinada. — Tenho certeza de que vai dar certo. Lembra-se de como foi maravilhoso naquela primeira noite? Pois será sempre assim, se você quiser dar-me uma chance.

Fiquei olhando-o, pensando que havia muitas coisas que ele jamais compreenderia. Tudo de que ele conseguia lembrar-se era como se sentira naquela noite. Por alguma estranha necessidade de evasão, ele parecia ter apagado completamente tudo o que acontecera depois.

Mas eu não poderia fazer a mesma coisa. Tudo o que acontecera entre nós somava-se na maneira como eu o via agora. E o que eu sentia por ele mudara completamente. Mas vendo-o tão abatido, compreendi que não adiantava dizer-lhe a verdade. Só serviria para deixá-lo ainda mais abatido. Por isso, decidi mentir.

— Tenho que voltar, John. Fannon e Guy tem algumas ideias sobre as quais querem que eu comece a trabalhar imediatamente. Eles vão tentar estreitar a peça um mês antes do que haviam planejado.

Ele respirou fundo. Percebi que um pouco da tensão deixava seu rosto. Aquele era o tipo de rejeição que ele podia aceitar. Era por causa de negócios, nada pessoal.

— Também foi maravilhoso para você, JeriLee?

— Foi, John, também foi maravilhoso para mim — respondi, ficando de pé.

Ele levantou-se também e estendeu os braços em minha direção. Pus a mão no braço dele, detendo-o.

— Não, John.

Ele fitou-me inquisitivamente.

— Estou exausta. Eu não seria nada boa esta noite. — Lembrei-me de meu pesadelo e acrescentei: — Tenho corrido tanto de um lado para outro, nos dois últimos dias, que me sinto como uma bola de futebol.

Ele não disse nada.

— Está me compreendendo, não é, John? Não sou uma máquina. Sou humana. E preciso ter algum descanso.

— Estou sempre esquecendo — assentiu ele. — As mulheres não se adaptam à mudança de horário tão depressa quanto os homens.

Aquilo não tinha o menor sentido. Mas, àquela altura, tudo o que eu queria era ir para a cama. Por isso, concordei.

— Vou deixá-la então descansar um pouco, JeriLee.

Ele beijou-me. Não senti nada, mas ele aparentemente não percebeu.

— Ficaremos em contato, JeriLee.

— Isso mesmo.

— Fico contente por podermos conversar desse jeito — disse ele, sorrindo.

— Eu também.

— Telefone-me quando tiver tempo.

Ele beijou-me novamente e saiu. Fechei a porta, fui até o banheiro e olhei para a garrafa de uísque. Peguei-a e larguei-a na cesta de papéis. Depois, voltei para o quarto e despi-me. Aninhei-me nua por baixo dos lençóis e fechei os olhos. Lembro-me ainda do último pensamento que tive antes de cair no sono.

Oh, merda!

Homens...

Capítulo 16

A neve ainda caía quando saímos do teatro às escuras. Max, o gerente da companhia, baixo e gordo, veio correndo em nossa direção, através do saguão.

— O Sr. Fannon voltou com a limusine para o hotel. Tinha que dar alguns telefonemas importantes. E disse que mandaria o carro apanhá-los imediatamente. — Max estava resfolegando com o exercício. — O carro não deve demorar.

— Está com disposição para andar? — perguntei a Guy.

— A neve vai acabar nos cobrindo.

— Mas que diabo, Guy! São apenas três quarteirões. Além disso, acho que irá me fazer bem.

— Está certo — disse Guy, virando-se em seguida para Max. — Segure o carro para o elenco.

— Pois não, Sr. Jackson.

De cabeça abaixada, andamos quase dois quarteirões sem trocarmos nenhuma palavra. Um trator passou por nós, tirando a neve da rua e espalhando-a nas calçadas. Paramos na esquina e ficamos esperando que o trator passasse.

Mentalmente, eu ia reconstituindo tudo, o eco das vozes dos atores no teatro quase vazio, as risadas que nunca soaram, as falas

que pareceram ocas, os olhos dos críticos se desviando de nós ao saírem.

— A peça não presta, Guy.

— Não está sendo justa consigo mesma. Pense só no que tivemos de enfrentar nesta estreia. A pior tempestade de neve em cinco anos.

— Não estava nevando dentro do teatro. Nada deu certo. E o elenco ainda se deu ao luxo de perder as deixas, uma depois da outra.

— Eles estavam nervosos. Mas amanhã de noite será melhor. É por isso que nunca lançamos os espetáculos novos diretamente na Broadway. É preciso tempo para corrigir as falhas. Estávamos quase chegando ao hotel.

— A peça é longa demais, Guy. Se eu tirasse cinco minutos de cada ato, acho que ajudaria bastante.

— Tire dez minutos do primeiro ato. É aí que está o nosso grande problema. Não prendemos a atenção do público desde o início.

Abrimos a porta e fomos atingidos pela lufada de ar quente que saiu do saguão.

— Está com disposição para trabalhar esta noite? — perguntou ele, ao seguirmos para o balcão a fim de pegarmos as chaves.

— É por isso que estou aqui.

— No seu quarto ou no meu? — perguntou ele, sorrindo.

— No seu. Levarei a máquina de escrever.

Diretores e estrelas tinham direito a suítes. Os autores estavam embaixo do totem e só mereciam quartos simples. A menos que fossem como o meu ex-marido. Seguimos para o elevador.

— Vou pedir alguns sanduíches e café, JeriLee.

— Dê-me meia hora para tomar um banho de chuveiro e vestir roupas secas.

— Está bem.

Ao entrar no quarto, a primeira coisa que vi foi a imensa corbeille de flores, em cima da cômoda. Li o cartão:

"Amor e sucesso.

Estamos orgulhosos da nossa garotinha.

Mamãe e papai".

Olhei pela janela, para a cortina de neve que caía. Depois,

voltei a olhar para as flores. E comecei a chorar.

Estávamos trabalhando há quase três horas quando bateram na porta. Era Max.

— Lamento incomodá-lo, Sr. Jackson, mas o Sr. Fannon quer vê-lo imediatamente, na suíte dele.

— Diga-lhe que já vou — disse Guy.

— O que será que ele está querendo a esta hora?

— Não tenho a menor ideia. Provavelmente quer me dizer que a peça precisa de modificações, e o que deve ser modificado.

— Guy vestiu um casaco de lã. — Termine essas mudanças no primeiro ato, JeriLee. Acho que já o melhoramos bastante. Voltarei num instante.

Meia hora se passou antes que ele voltasse. A essa altura, eu já terminara de reescrever o primeiro ato e estava trabalhando no segundo. Ao ver o rosto dele, compreendi que trazia más notícias.

— Ele quer suspender a peça, JeriLee.

— Mas ele não pode fazer isso! Temos direito a mais do que uma única noite!

— Ele é o produtor e pode fazer o que bem quiser. É ele quem controla o dinheiro.

— Mas por quê? Ainda nem vimos as primeiras críticas!

— Ele já sabe de todas elas. Tem espiões nos jornais.

Recebeu provas tipográficas de todas as críticas, exatamente como sairão nos jornais da manhã.

— E o que dizem as críticas?

— São uma carnificina. Todas elas. Uma carnificina sangrenta.

— Você disse a ele o que estávamos fazendo?

— Disse. Mas ele falou que deveríamos ter pensado nisso antes da estreia. Consegui arrancar uma única coisa dele. Pedi-lhe que não tomasse uma decisão definitiva enquanto não conversasse com você. Afinal, a peça é sua.

— Ele quer falar comigo agora?

Guy assentiu.

— E o que devo dizer a ele?

— Explique-lhe novamente o que estamos fazendo. Tem que convencê-lo de que a peça tem uma chance. Você sabe que estamos no caminho certo. Não o deixe parar-nos no meio do caminho. Temos que levar a peça até Nova York.

— E se ele não quiser me atender? — perguntei, levantando-me da cadeira.

Pela primeira vez, em todos aqueles anos em que eu o conhecia, vi a verdadeira natureza de Guy se revelar. Ele repuxou os lábios por cima dos dentes, num sorriso desdenhoso. Inconscientemente, sua voz tornou-se um pouco mais estridente:

— Pelo amor de Deus, JeriLee! Se ele gostasse de homem, eu daria um jeito para fazer com que a peça fosse levada à Broadway. Tem que valer pelo menos isso para você. Não se esqueça de que você é mulher. Apenas por esta vez, tente usar a xoxota em vez da cabeça.

A caminho da suíte presidencial, onde Fannon estava hospedado, as palavras de Guy foram martelando-me a cabeça. Para mim, não era apenas o dinheiro. Se a peça continuasse em cartaz, eu estaria viva na agência. Sem ela, eu estava morta.

Fannon abriu a porta. Usava um roupão de veludo vermelho que eu pensava só existir nos filmes antigos.

— Olá, minha querida.

Inclinei-me ligeiramente, a fim de que ele não tivesse que se esticar todo para beijar-me o rosto.

— Adolph...

— Tenho uma garrafa de champanha gelada. Descobri que sempre ajuda a levantar um pouco o ânimo, quando se tem de enfrentar os fatos da vida.

Segui-o para o quarto, sem dizer nada. O champanha estava num balde de gelo, ao lado da janela. Solenemente, ele encheu duas taças, entregando-me uma.

— A nós!

Bebemos.

— Dom Pérignon — disse ele. — Eu me contento facilmente com o melhor.

— Guy lhe falou das modificações que estamos fazendo? — perguntei.

— Falou. Mas não creio que adiante. Comédia não dá certo numa casa vazia. É por isso que, na televisão, eles usam trilhas sonoras de risadas. É uma pena que não possamos fazer a mesma coisa no teatro. — Ele tornou a encher as taças. — Você não está sendo realista. Acredite em mim, minha querida. Tenho muitos anos de experiência. As coisas nunca correm bem depois de uma estreia como esta.

— Mas sei que vai dar certo, Sr. Fannon. Tenho certeza absoluta. Guy e eu estamos reescrevendo. Já tiramos todos os defeitos do primeiro ato e podemos enxugar os outros também.

Ele tomou outro gole de champanha. Perguntei-me se ele teria ouvido o que eu dissera.

— Tem que nos dar uma chance!

Foi então que, contra a vontade, desatei a chorar. Ele levou-me para o sofá, pegou alguns lenços de papel em cima da mesa e os colocou na minha mão.

— Calma, calma, minha querida, Não deve encarar as coisas tão tragicamente. Deve pensar nisto como experiência. Afinal de contas, é a sua primeira peça. Haverá outras.

— Mas vai dar certo! Eu sei que vai! — falei, sem conseguir parar de chorar.

Ele sentou-se no sofá a meu lado e puxou minha cabeça de encontro ao seu peito. Afagou meus cabelos gentilmente.

— Escute com atenção as palavras de um homem com idade quase suficiente para ser seu pai. Sei como você se sente. Afinal de contas, eu também não estou me sentindo nada bem. Não gosto de perder oitenta mil dólares. Mas é melhor do que levar a peça para Nova York e perder outros setenta mil. Um homem tem que saber quando deve reduzir seu prejuízo. E, de certa forma, é também isso o que você está fazendo. Ninguém se lembrará das críticas que você teve em New Haven, quando sua próxima peça for encenada. Mas se você tiver críticas adversas em Nova York, eles jamais esquecerão.

— Não me importo! Sei que a peça vai fazer sucesso!

Ele continuou a afagar meus cabelos, enquanto o braço em torno da minha cintura ia subindo lentamente na direção dos seios. Virei-me e deixei que meus seios ocupassem totalmente a mão dele.

— Adolph, acho que não sabe o quanto sempre admirei sua coragem como produtor. Foi o único homem que sempre achei que jamais me abandonaria.

— E não a estou abandonando — disse ele, tossindo ligeiramente. — Estou apenas procurando ser prático.

Deixei que ele me tateasse ambos os seios. O rosto dele ficou cheio de curiosas manchas vermelhas. Subitamente, ele se levantou. Pegou as taças de champanha e entregou-me uma.

— Beba.

Havia algo na voz dele que eu nunca ouvira antes. De repente, compreendi que aquele pequeno monstro era, no fundo, um homem. Esvaziei minha taça.

— Quero ir para a cama com você, JeriLee. E sei que está disposta a fazer o mesmo comigo. Mas ainda estaria disposta, se eu suspendesse a produção?

— Não — respondi, fitando-o nos olhos.

Ficou me olhando em silêncio por um instante, depois esvaziou sua taça. De repente, sorriu e afagou-me o rosto

— Gosto de você, JeriLee. Pelo menos, é franca.

— Obrigada. E o que me diz do espetáculo?

— Vou cancelá-lo. Mas uma coisa lhe prometo. Se você escrever outra peça, traga-a para mim. Faremos outra tentativa.

Levantei-me. Subitamente, eu já não me sentia mais vulgar e barata.

— Obrigada, Adolph. Você é um cavalheiro de verdade.

Ele abriu a porta para que eu passasse. Baixei o rosto para o beijo de despedida dele e depois desci para o meu quarto. Não havia motivo algum para que eu fosse ver Guy.

O espetáculo foi encerrado em New Haven.

Capítulo 17

— Móveis modernos não valem nada no mercado de segunda mão — disse o homem.

Não respondi. Todos os negociantes de móveis usados haviam feito o mesmo comentário, ao chegar ao meu apartamento.

— Os tapetes lhe pertencem?

Assenti. Ele olhou para baixo, com uma expressão desaprovadora.

— Branco e bege... Péssimas cores. São difíceis de se manter limpas.

Eu também já tinha ouvido antes aquele comentário. O telefone tocou. Fui atender, na esperança de que fosse meu novo agente, para falar sobre a entrevista que estava tentando arrumar para mim com um produtor italiano.

Era da companhia telefônica, cobrando a conta, que já estava quase dois meses atrasada. Eles se mostraram muito gentis,

mas disseram que teriam de desligar o aparelho, se não recebessem um cheque até a manhã seguinte. Falei que já havia despachado o cheque pelo correio e desliguei. Não era verdade, mas isso não tinha a menor importância. No dia seguinte, de qualquer forma, eu não estaria mais morando ali.

O negociante de móveis usados estava saindo do quarto.

— Já tirou alguns móveis — disse ele, em tom acusador. — Pude ver pelas marcas no tapete. E também não vi prataria, louça ou painéis.

— O que está aqui é o que está à venda. — Perguntei-me se ele não estaria pensando que eu iria viver dentro de uma valise. As coisas de que eu precisava já estavam no pequeno apartamento-estúdio que eu alugara, no West Side.

— Não sei... — disse ele. — É uma mercadoria difícil de vender.

— A mobília está praticamente nova. Só tem um ano de uso. E comprei o melhor. Custou-me nove mil dólares.

— Deveria ter ido procurar-nos. Poderíamos fazer com que economizasse uma porção de dinheiro.

— Eu não os conhecia naquela ocasião.

— Esse é o problema com as pessoas. Nunca aprendem, até já ser tarde demais. — Fez um gesto na direção do sofá. — Quanto quer por tudo?

— Cinco mil dólares.

— Nunca vai conseguir.

— Então faça uma oferta.

— Mil dólares,

— Esqueça — disse eu, encaminhando-me para a porta. — Obrigada por ter vindo.

— Espere um instante. Teve uma oferta melhor?

— Tive. Muito melhor.

— Melhor em quanto? Em cem dólares? Em duzentos?

Não respondi.

— Se Hammersmith esteve aqui, ele não lhe deve ter oferecido mais do que mil e duzentos dólares.

Ele conhecia a concorrência. Fora exatamente essa a quantia que me fora oferecida.

— Corrirei o risco — disse ele. — Eu lhe darei mil e trezentos dólares. E nem um tostão a mais.

— Não, obrigada — respondi, fitando-o firmemente e

mantendo a porta aberta.

Ele avaliou a sala outra vez, rapidamente.

— Quando posso pegar a mercadoria?

— Por mim, pode levá-la imediatamente.

— Esta tarde?

— Se quiser.

— Não há penhor, nenhuma prestação em atraso? A mercadoria está livre, sem qualquer ônus? Pode assinar um documento?

— Claro.

Ele deixou escapar um suspiro relutante.

— Meu sócio vai achar que fiquei doido, mas lhe darei mil e quinhentos dólares. E, definitivamente, essa é a minha última oferta.

Eram mais trezentos dólares do que qualquer outra oferta que eu já recebera anteriormente. E ele era o quarto negociante que me procurava.

— Em dinheiro vivo — falei. — Não quero cheque. — Um cheque não cobriria minha conta no banco a tempo do desconto do cheque com que eu fizera o pagamento do aluguel e do depósito do novo apartamento.

— Claro — disse ele.

— Está vendido.

— Posso usar seu telefone? Meu caminhão poderá estar aqui dentro de uma hora, se quiser esperar.

— Esperarei.



Cheguei ao banco pouco antes das três horas. Depois de fazer o depósito, saí para a tarde agradável de maio. Como não havia recebido qualquer notícia de meu agente, decidi que iria visitá-lo. No ônibus, fiz alguns cálculos. Depois de pagas todas as minhas contas, ainda me restariam cerca de oitocentos dólares.

O ruidoso escritório de Lou Bradley, no Brill Building, era muito diferente do primoroso escritório da Artists Alliance.

E Lou não era exatamente o tipo de agente que eu teria preferido. Mas não tivera alternativa. Visitara todos os grandes agentes, William Morris, A. F. A., C. M. A., antes de ir procurá-lo. Haviam se mostrado atenciosos, mas não estavam interessados.

Era como se eu de repente me tivesse transformado numa intocável. Tentei encarar a situação de maneira realista. Afinal de contas, ninguém queria ligar-se ao fracasso. E quer fosse culpa minha ou não, o fato é que eu tinha três fracassos a meu crédito. E dos bons. Apesar do que John me garantira, o irmão dele efetivamente reduzira ao máximo o meu papel no filme. Depois, havia o episódio da Universal. E por último, embora não o menor, havia também a peça.

Era a peça que mais doía, não apenas porque fora retirada de cartaz depois de uma única apresentação, como também porque Guy estava atribuindo toda a culpa a mim, espalhando pela cidade que eu não quisera cooperar e me recusara a fazer as alterações que ele sugerira. Tentei falar com ele pelo telefone, convencida de que poderia fazê-lo parar de falar. Mas ele simplesmente não me atendera. Logo depois de minha volta a Nova York, eu havia recebido um comunicado da Artists Alliance, cancelando meu contrato.

Fiquei aturdida. Harry Gregg nada me dissera a esse respeito. Peguei o telefone e liguei para ele. Sua voz era cautelosa.

— O que deseja?

— Deve haver um erro. Acabei de receber um aviso de que meu contrato foi cancelado. E você não me tinha falado nada a esse respeito.

— Essa não é minha função. O pessoal lá de cima é que resolve esses assuntos.

— Mas você sabia?

— Sabia — respondeu ele, após um instante de hesitação.

— Então por que não disse nada? Pensei que fosse meu amigo.

— E sou. Mas também tenho um emprego aqui. Não me meto em assuntos que não me dizem respeito.

— Mas fizemos tantos planos, conversamos sobre as coisas que iríamos fazer... E durante todo o tempo você sabia que não ia fazer nenhuma daquelas coisas!

— O que esperava que eu dissesse? Não me chateie, boneca, que você vai ser chutada?

— Poderia ter dito alguma coisa.

— Está bem. Então vou dizer agora. Não me chateie, boneca, que você foi chutada.

O telefone ficou mudo em minha mão. Eu estava magoada e

com raiva, mas não tinha tempo para lágrimas. Precisava de outro agente e de outro trabalho, o mais depressa possível.

Mas não encontrei nenhum dos dois tão rapidamente quanto desejava. O dinheiro do último pagamento da peça acabou muito antes que eu percebesse. Acho que meus pais devem ter sentido que alguma coisa estava errada, porque, no meu vigésimo quinto aniversário, mandaram-me de presente um cheque de dois mil e quinhentos dólares. Foi então que chorei.

Tive que esperar meia hora para que Lou largasse o telefone. Sob esse aspecto, ele não era diferente de nenhum outro agente. Eram todos maníacos por telefones. Finalmente, a secretária dele me avisou que podia entrar na sala.

Ele fitou-me com seus olhos azuis, muito claros, encravados num rosto magro.

— Olá, boneca. Estive pensando em você. Sabe, ainda não consegui pegar o filho da mãe no telefone. — Ele gritou pela porta aberta: — Ei, Shirley, tente novamente DaCosta para mim. — Em seguida sua voz baixou para um sussurro confidencial: — Acho que ele está com os rapazes.

Fiquei perplexa.

— Quem? .

A voz dele se tornou ainda mais baixa:

— Sabe muito bem o que estou querendo dizer. Os rapazes! Big Frank, Joe. Onde pensa que esses produtores bisonhos conseguem arrumar dinheiro?

— Está se referindo aos gângsteres?

— Psiu! Não usamos essa palavra por aqui. Os rapazes são todos ótimas pessoas. Amigos. Está me entendendo...

O telefone tocou e ele disse jovialmente:

— Ei, Vincenzo, como tem passado?

Escutou por um momento, depois tornou a falar:

— Parece mesmo muito bom. A propósito, está aqui no meu escritório aquela jovem de quem lhe falei. Será que você não poderia marcar um encontro com ela?

Olhou para mim e assentiu para o telefone.

— Acha que eu iria dar-lhe um palpite errado? E ela é uma beleza. Tem muita experiência. Broadway, filmes, Hollywood, tudo, tudo!

Cobriu o bocal com a mão.

— Ele disse que está ocupado nos próximos dois dias. E

depois vai voltar para a Itália. Você está livre para jantar esta noite?
Hesitei.

— Não precisa preocupar-se com ele. É um perfeito cavalheiro.

Assenti. Mesmo que eu não conseguisse trabalho, o jantar seria melhor do que comer um hambúrguer sozinha.

— Ela diz que está livre — disse Lou ao telefone, logo voltando a cobrir o bocal com a mão. — Ele quer saber se você tem algum amigo.

Sacudi a cabeça.

— Ela disse que não. Mas não se preocupe. Mandarei alguém. Está certo. Às oito horas, na sua suíte no Saint Regis.

— Tem muita sorte — disse ele solenemente, depois de desligar. — Um cara como ele geralmente não sai de seus hábitos para receber ninguém. Ele tem à sua disposição todas as atrizes italianas que desejar. Loren, Lollobrigida, Mangano. O único problema é que o inglês delas não é bom.

— Que tipo de papel é?

— Como diabo vou saber? Não se pede a produtores e diretores estrangeiros que mandem o roteiro. Eles pensariam que enlouquecemos ou algo assim. A maioria desses caras faz seus filmes sem roteiro nenhum. E acabam ganhando todos os prêmios.

— Talvez eu não seja o tipo que ele está procurando.

— Você não é americana?

Assenti.

— Não é atriz?

Assenti novamente.

— Então você é perfeita para o papel. Exatamente o que ele me pediu: uma atriz americana. — Lou levantou-se e, segurando-me o braço, conduziu-me até a porta. — Agora vá para casa, tome um banho quente e faça-se o mais bonita possível. Use um vestido longo, bastante sensual. Esses caras jantam todas as noites vestidos a rigor. — Ele abriu a porta que dava para o corredor externo. — Não se esqueça. Oito horas, na suíte dele, no Saint Regis. Não chegue atrasada. Esses caras são muito pontuais.

— Certo. Mas você está se esquecendo de uma coisa.

— O que é?

— De dizer-me o nome dele.

— Oh! DaCosta, Vincent DaCosta,

DaCosta... O nome era-me vagamente familiar, mas não

consegui lembrar-me de onde já o ouvira antes.

Capítulo 18

A medida que eu avançava pelo corredor atapetado, na direção da suíte, o barulho ia se tornando mais alto. Era um barulho vulgar, em meio à nobreza esmaecida dos corredores do Saint Regis. Parei diante da porta dupla e bati. Os gritos continuaram. Pude distinguir uma voz de mulher. Mas não compreendi o que ela estava dizendo, porque falava em italiano. Pensando que não tinham me ouvido, bati novamente.

A porta foi aberta quase imediatamente por um jovem alto e bem-apessoado, de cabelos pretos, usando um terno escuro conservador, camisa branca e gravata também branca. Não havia o menor sinal de que ele estivesse esperando por alguém.

— Sr. DaCosta?

Ele assentiu.

— Sou JeriLee Randall. O Sr. Bradley pediu-me que estivesse aqui às oito horas.

O rosto dele se desanuviou, abrindo-se num sorriso, de dentes muito brancos e iguais.

— Foi Luigi quem a mandou! Vamos, entre. — Não havia o menor vestígio de sotaque no inglês dele.

Segui-o através do pequeno vestíbulo até a sala de estar bastante grande. Havia dois homens sentados no sofá, mas não olharam para mim. Estavam contemplando a mulher numa combinação muito fina, que gritava com um velho calvo.

Fiquei parada à entrada da sala por um momento, sem saber se deveria ou não entrar. Subitamente, reconheci a mulher: Carla Maria Perino. Apenas dois anos antes, ela ganhara um prêmio da Academia por seu desempenho em Refugos de Guerra. Depois, reconheci o homem calvo que estava no sofá. Era o marido dela, Dino Paoluzzi, que produzira e dirigira o filme.

De repente, os olhos de Paoluzzi brilharam e ele se levantou. Era uma cabeça mais baixo do que ela, mas desprendia-se dele uma estranha sensação de poder, que o fazia parecer mais alto do que qualquer um dos presentes. Sua mão moveu-se velozmente. Houve o estalo agudo da bofetada no rosto dela e o som áspero e gutural da voz dele gritando:

— Putana!

Abruptamente, ela se calou e depois desmanchou-se em lágrimas. Ele virou-se e atravessou a sala, em minha direção. O outro homem levantou-se também do sofá e seguiu-o.

DaCosta interpôs-se entre nós.

— Este é o Sr. Paoluzzi, o famoso diretor — disse ele, dirigindo-se a mim. — Ele não fala nenhuma palavra de inglês. — Olhou para o diretor e disse: — Io presento JeriLee Randall.

Paoluzzi sorriu e estendi-lhe a mão. Ele fez uma mesura e beijou-me a mão, de tal forma que seus lábios pareceram roçar a sua própria mão, que cobria a minha.

Olhando para mim, DaCosta estalou os dedos.

— Eu a conheço! — disse ele, excitado. — Você não ganhou um Tony, há cerca de cinco anos?

Assenti.

— Vi aquela peça. Você esteve fantástica. Virou-se para Paoluzzi e começou a falar rapidamente em italiano. Pude compreender apenas umas poucas palavras Broadway. Tony. Walter Thornton.

Paoluzzi assentiu e fitou-me com uma expressão de respeito. Disse alguma coisa em italiano. DaCosta traduziu:

— O maestro diz que já ouviu falar de você. Sente-se honrado em conhecê-la.

— Obrigada.

DaCosta apresentou-me ao outro homem, que era alto, de cabelos grisalhos e barrigudo.

— Piero Guercio.

Novamente, o estranho beijo de mão.

— Como tem passado? — disse ele, num inglês com forte sotaque.

— O Signor Guercio é o consigliere do maestro — disse DaCosta. Ao notar a expressão de perplexidade em meu rosto, apressou-se a explicar: — O advogado.

— Gino!

A voz dela era um grito lamentoso. Era quase como se eles tivessem esquecido que ela continuava na sala. O marido disse alguma coisa para ela. A mulher sacudiu a cabeça e olhou-me com uma expressão avaliadora. Paoluzzi voltou a falar. Dessa vez, adivinhei que ele estava lhe falando a meu respeito. Depois de um momento, ela aproximou-se de nós.

— Mia sposa — disse-me ele.

Apertamo-nos as mãos. Fiquei surpresa com a força que havia nos dedos esguios dela. Virei-me para DaCosta.

— Diga-lhe que sou sua admiradora. Adorei o desempenho dela no filme.

DaCosta traduziu e ela sorriu.

— Grazie.

Depois, Carla saiu da sala.

— Ela estava furiosa porque a empregada queimou-lhe o vestido, quando o estava passando a ferro — explicou-me DaCosta.

Se isso era o suficiente para provocar uma explosão daquelas, então eu não gostaria de estar por perto quando realmente algo grave acontecesse.

— Aceita um drinque? — perguntou-me DaCosta. — Temos de tudo.

— Um copo de vinho branco?

— Certo.

Peguei o copo que ele me estendeu e sentei-me no sofá, no lugar indicado. Os homens sentaram-se em cadeiras, formando um semicírculo à minha frente.

— Está trabalhando neste momento em alguma coisa? — perguntou-me DaCosta, traduzindo as palavras de Paoluzzi.

— Não, mas estou estudando algumas propostas.

Paoluzzi assentiu, como se tivesse compreendido.

— Prefere teatro ou cinema? — perguntou DaCosta, novamente traduzindo Paoluzzi.

— Não posso dizer. Nunca fiz realmente um filme em que julgasse o meu papel satisfatório.

Paoluzzi assentiu, depois tornou a falar. DaCosta traduziu :

— O maestro diz que Hollywood destruiu a indústria cinematográfica americana, com a ênfase dada à televisão. Houve um momento em que eles lideraram o mundo, mas agora a liderança passou para a Europa. Os europeus são os únicos que fazem filmes com valores reais ou artísticos

Tomei um gole de vinho e ficamos sentados num silêncio constrangedor por alguns instantes, até que houve uma batida na porta. DaCosta levantou-se imediatamente e foi até o vestíbulo. Voltou em companhia de uma mulher alta, de cabelos ruivos, usando um vestido de noite verde, cheio de contas, com uma comprida estola preta de marta. Os homens se levantaram e

repetiram o mesmo ritual de beija-mão, como haviam feito comigo. Depois, DaCosta olhou para mim.

— Marge Small, JeriLee Randall.

Havia uma expressão de antagonismo nos olhos dela.

— Olá — disse ela.

— Olá.

— Você fica com o consigliere — disse-lhe DaCosta, apontando para Guercio.

Ela assentiu, indiferente.

— Está bem.

O advogado sorriu para ela.

— Aceita um drinque?

— Aceito. Tem champanha?

Ele assentiu e ela seguiu-o até o bar. Guercio encheu duas taças, uma para ela e outra para si. Os dois ficaram lá, conversando em voz baixa. Perguntei-me o que estariam dizendo. DaCosta interrompeu meus pensamentos:

— O maestro quer saber se já cogitou alguma vez de trabalhar na Itália.

— Ninguém jamais me convidou.

— Ele diz que você se dará muito bem lá. É justamente o tipo que estão procurando.

— Diga-lhe que estou disponível.

Paoluzzi sorriu, depois se levantou e desapareceu rapidamente no quarto ao lado. DaCosta pegou o telefone.

— Portaria, por favor. Diga ao motorista do Sr. Paoluzzi que desceremos dentro de dez minutos.

— Há quanto tempo está com Lou? — perguntou-me, ao desligar.

— Há uma semana.

— Não sei como o filho da mãe consegue, mas está sempre arrumando uma vencedora — disse ele, com um sorriso.

— Estou um pouco confusa. O Sr. Bradley disse-me que o senhor era produtor.

— Ele nunca entende as coisas direito. — DaCosta riu. — Sou um representante de produtor. Paoluzzi é que é o produtor.

— Entendo — falei, embora realmente não estivesse atendendo. — Sobre o que é o filme?

— Não tenho a menor ideia. A cada reunião, ele nos conta uma história diferente. Estou quase apostando que nenhuma delas

é a que ele vai terminar filmando. Ele tem medo que alguém lhe roube a ideia, se contar a verdadeira história. E posso afirmar-lhe que isso não facilita nada a minha vida.

— Por quê?

— Tenho a incumbência de levantar financiamento americano para ele, e os nossos homens do dinheiro simplesmente não aceitam esse esquema de trabalho. Querem saber exatamente aquilo em que estão se metendo.

— É italiano?

— Não, sou americano. Meus pais são italianos.

— É de Nova York mesmo?

— Brooklyn. Meu pai e meus irmãos ainda estão no negócio lá.

De repente, lembrei-me por que o nome dele me parecera familiar. A família DaCosta. Eles certamente estavam em atividade no Brooklyn. Eram os donos do cais. Uma das cinco famílias entre as quais Nova York estava dividida. Agora eu compreendia o que Bradley quisera dizer.

Ele sorriu, como se estivesse lendo meus pensamentos.

— Sou a ovelha negra da família. Não quis entrar no negócio. Todos eles pensam que sou muito estúpido por ficar desperdiçando o meu talento no show business.

Simpatizei com ele. Tinha uma franqueza direta que era muito atraente.

— Pois eu não acho — falei.

A porta do quarto se abriu e os Paoluzzi saíram. Não pude deixar de contemplá-la, quase boquiaberta. Nenhuma das fotografias que eu tinha visto lhe fizera justiça. Sem qualquer sombra de dúvida, ela era a mulher mais linda que eu já conhecera.

Reparei no olhar rápido e avaliador que ela lançou para Marge Small. No momento seguinte, virou-se para mim e compreendi que Marge fora descartada de seus pensamentos como se nunca tivesse existido.

— Desculpe a demora — disse ela, numa voz suave e agradável, com um ligeiro sotaque.

— Não foi nada.

DaCosta seguiu na frente até o carro e abriu a porta. O carro era uma limusine. DaCosta sentou-se na frente, ao lado do motorista. O advogado e Marge ficaram nos banquinhos laterais. O maestro sentou-se entre mim e a esposa. Fomos para o Romeo

Salta's, um restaurante que ficava a apenas dois quarteirões do hotel.

Durante o jantar, não havia como se equivocar sobre quem era a estrela. Ocupamos a melhor mesa e Carla Maria ficou no melhor lugar. Ela recebeu o mesmo tratamento em El Morocco, para onde fomos depois do jantar. Misteriosamente, fotógrafos apareciam em todo lugar aonde íamos. De maneira curiosa, aquilo me pareceu bom, mesmo sabendo que não era para mim. Fazia muito tempo que eu não me via envolvida naquele tipo de excitação do show business.

— Quer dançar? — convidou-me DaCosta.

Fomos para a pequena e apinhada pista de danças. A música era serena. Só depois de uma hora da madrugada é que eles começavam a tocar rock. Ele me apertava firme, enquanto nos movíamos lentamente, ao som de um disco de Sinatra, no sistema estereofônico.

— Está gostando? — perguntou ele.

Assenti.

— Tem realmente alguns trabalhos em vista?

— Não.

— Era o que eu pensava.

— Por que diz isso?

— Você não estaria com Luigi se tivesse. Normalmente, ele é uma área de desespero. Mas você tem talento, talento de verdade. O que saiu errado?

— Não sei. — Hesitei por um instante. — Tudo. É como. .. Um dia estava tudo ali e no dia seguinte.. . nada.

— Isso acontece de vez em quando.

Fiquei calada.

— Carla Maria simpatizou com você.

— Também simpatizei com ela — disse eu, satisfeita. — É realmente uma mulher fantástica. Pode lhe falar que eu disse isso.

— O maestro também simpatizou com você.

— Ótimo. Ele deve ter um imenso talento.

DaCosta encontrou uma brecha entre a multidão e guiou-me até um canto da pista de danças, perto da parede.

— Ele gostaria de saber se você estaria interessada em fazer uma cena com Carla Maria.

— Claro que sim — respondi, rapidamente. Olhei então para o rosto dele e compreendi que não estávamos falando sobre a

mesma coisa. Senti que estava ficando vermelha. Não sabia o que dizer.

— Não há problema — disse ele, finalmente. — Você não tem nada que fazer.

— Estou surpresa. É que simplesmente não estava esperando por isso.

— Eles têm ideias próprias sobre diversões. Estou apenas dando o recado.

— Isso faz parte também do seu trabalho?

— Isso e uma porção de outras coisas.

Quando voltamos para a mesa, Guercio e a outra mulher não estavam mais lá. Surpreendi um sinal furtivo, trocado entre DaCosta e Paoluzzi. Depois, o produtor levantou-se e disse algo em italiano. DaCosta olhou para mim.

— O maestro pede desculpas, mas já está na hora de partir. Ele tem compromissos bem cedo, amanhã.

Todos nos levantamos, o que quase causou uma colisão entre maîtres e garçons, correndo para afastar a mesa do caminho. Carla Maria e o marido seguiram na frente, DaCosta e eu na retaguarda.

A limusine se aproximou no momento em que saímos pela porta. DaCosta perguntou-me:

— O maestro deseja saber se podemos deixá-la no caminho de volta ao hotel.

— Obrigada, mas não é possível. Moro no West Side. Diga-lhe que pegarei um táxi. E que lhe agradeço muito por uma noite maravilhosa.

DaCosta repetiu minhas palavras em italiano. Paoluzzi sorriu, fez uma reverência e beijou-me a mão novamente. Depois, fitou-me nos olhos e disse alguma coisa. DaCosta traduziu:

— Ele diz que espera ter a sorte de algum dia trabalhar com você.

— É o que também espero.

Estendi a mão para Carla Maria. Ela sorriu e disse:

— Não é assim que nos despedimos na Itália. Inclinou-se para a frente, apertando o rosto contra as minhas duas faces e fazendo ruídos de beijos.

— Ciao — disse ela.

— Ciao.

Eles entraram na limusine. DaCosta acompanhou-me até o

táxi e pôs uma nota em minha mão. — Para pagar o táxi.

— Não, obrigada — disse eu, tentando devolver-lhe o dinheiro.

— Fique com o dinheiro. É da conta de despesas. — Ele fechou a porta do táxi antes que eu pudesse protestar novamente. — Boa noite.

— Boa noite — respondi, no momento em que o táxi se afastou do meio-fio.

— Para onde vamos, senhora? — perguntou o motorista. Dei-lhe o endereço.

— Era Carla Maria Perino quem estava entrando naquela limusine?

— Era, sim.

A voz dele se encheu de admiração:

— Não acha que ela é uma mulher e tanto?

— Acho, sim — respondi, falando sinceramente. Recordei-me então da nota que tinha na mão. Ao olhá-la, por um momento não pude acreditar em meus olhos.

Eu nunca vira antes uma nota de quinhentos dólares.

Capítulo 19

Telefonei-lhe às nove horas da manhã seguinte. Ele parecia sonolento.

— Aqui é JeriLee Randall. Não pretendia acordá-lo.

— Não há problema.

— Queria apenas informar que deixei o dinheiro que me deu num envelope na portaria, em seu nome. De qualquer forma, obrigada.

— Ei, espere um instante! — disse ele, parecendo agora inteiramente desperto. — De onde é que você está telefonando?

— Aqui do saguão.

— Não saia daí! Descerei dentro de um minuto. Podemos tomar um café ou comer alguma coisa.

— Não quero incomodá-lo.

— Preciso falar com você.

Desliguei e fiquei esperando. Menos de três minutos depois, ele saiu do elevador. Não estivera dormindo como eu pensava. Já estava barbeado e vestido. Não me disse nada até estarmos sentados no restaurante, com café à nossa frente.

— Não precisava ter feito isso — disse ele.

— Nem você.

— Acho que não está entendendo. Isso faz parte do negócio.

— Só que não é esse o meu negócio.

— Você é realmente uma moça antiquada, não é?

— Ao contrário. Sou até muito avançada. Não acredito em aceitar dinheiro que não tenha ganho com o meu trabalho.

— E o que pretende fazer para encontrar trabalho?

— Continuar procurando.

— Conversarei com Luigi a seu respeito. Para assegurar que ele não a deixe de lado.

— Não vou voltar para ele. — Hesitei por um instante, mas

terminei perguntando: — Paoluzzi pretende realmente produzir um filme para o qual necessita de uma atriz americana?

— Paoluzzi está interessado apenas em fazer filmes com a esposa.

— Então não existe nenhum trabalho para mim?

— Não.

— Foi a conclusão a que só agora cheguei. Acho que sou estúpida demais.

— Esse é um negócio por demais estúpido. Há milhões de garotas à procura e bem poucas oportunidades. Até mesmo as que possuem talento raramente conseguem alguma coisa.

— Pois eu conseguirei. Já consegui uma vez.

— Você não foi casada com Walter Thornton?

Eu sabia aonde ele estava querendo chegar.

— Eles me deram o Tony pelo meu trabalho e não porque meu marido escreveu a peça.

— Mas todo mundo precisa de um amigo. Pelo menos assim se consegue passar além das secretárias.

— Aonde está querendo chegar?

— Paoluzzi me fez ficar acordado a noite inteira, falando a seu respeito. Ele disse que poderá conseguir mais trabalho do que terá condições de aceitar, na Itália... desde que tenha o patrocinador certo.

— Ou seja, ele próprio?

DaCosta assentiu.

— Não, obrigada.

Comecei a levantar-me. Ele pôs a mão em meu braço, para deter-me.

— Não seja tola. Eu poderia dizer os nomes de meia dúzia de estrelas que começaram desse jeito, inclusive a própria Carla Maria. E ela tinha apenas dezessete anos quando Paoluzzi a conheceu, há cerca de doze anos, em Nápoles.

— Não é o meu estilo. Cheguei muito perto uma vez e isso deixou-me com o sentimento de que posso ser um ser humano ao menos pela metade.

— A independência já não é uma qualidade tão exaltada como antigamente. A maioria das pessoas independentes que conheço está na pior.

— E o que me diz de você? Pelo que sei, não quis entrar no negócio da família.

— Isso é diferente — falou ele, um tanto vermelho.

— E por que é diferente?

— Porque eu sou um homem e você é mulher. Posso tomar conta de mim mesmo melhor do que você.

— Talvez esteja com a razão, neste momento. Mas vou aprender. E quando o fizer, não haverá a menor diferença.

— O mundo não vai mudar. Se você for esperta, tratará de arrumar um bom sujeito, irá casar-se com ele e terá um casal de filhos.

— É a única resposta que tem para mim?

— Ou esta ou a outra. E já disse que não está interessada na outra.

— O que está dizendo, em suma, é que uma mulher só pode tornar-se uma esposa ou uma prostituta. Acha mesmo que não tenho nenhuma outra chance?

— Praticamente nenhuma. Talvez uma chance em um milhão.

— É assim mesmo que eu gosto. Obrigada pelo café.

— Gosto de você — disse, segurando minha mão. — E gostaria de tornar a vê-la.

— Eu também gostaria de vê-lo novamente. Mas com uma condição.

— Qual?

— Não vamos tratar de negócios.

— Está combinado. — Sorriu. — Como posso entrar em contato com você?

Dei-lhe o telefone e seguimos juntos para o saguão.

— Eu lhe telefonarei na semana que vem, depois que eles forem embora de Nova York.

— Ficarei esperando.

Apertamo-nos as mãos e saí do hotel. O sol estava brilhando, o dia era quente. De repente, sem saber por quê, eu me senti mais animada.

Não tornei a vê-lo durante três meses. A essa altura, as coisas já estavam bastante diferentes para ambos. Meu pai morreu naquele verão e, pela primeira vez na vida, senti o que realmente significava estar sozinha.

Não encontrei trabalho naquele verão, nem mesmo no elenco dos espetáculos de curta duração. Todos os dias eu fazia a ronda das agências de empregos, lendo o Casting News e

comparecendo a todas as chamadas. Mas, sem um agente, eu não tinha condições de arrumar coisa alguma. Até mesmo para os comerciais de televisão era preciso contar com um agente, para se passar pela porta das agências de publicidade.

Todas as noites, eu voltava exausta para o meu pequeno apartamento. Mas depois de umas poucas horas de sono, despertava e não conseguia mais dormir. Trabalhava em minha nova peça, mas isso também não estava indo muito bem. Tudo o que eu escrevia parecia forçado e artificial. Depois de algum tempo, deixei até mesmo de escrever. Ficava sentada diante da máquina de escrever, olhando pela janela para a rua escura, sem nem mesmo pensar.

De algum modo, meu pai sentiu o que estava acontecendo. E um dia, sem dar qualquer explicação, enviou-me um cheque de cem dólares. E a partir desse momento, passei a receber um cheque todas as segundas-feiras. Sem isso, eu não teria conseguido sobreviver.

Um dia tentei conversar com meu pai a esse respeito, mas ele se recusou a falar no assunto, dizendo apenas que era uma coisa que ele e minha mãe queriam fazer, porque me amavam e tinham fé em mim. Quando fui agradecer a minha mãe, ela me fitou friamente e disse:

— É ideia de seu pai. Acho que você deve voltar para casa e viver conosco. Não me agrada a ideia de uma moça vivendo sozinha em Nova York.

Tornei-me ainda mais determinada, só para mostrar a mamãe. Ataquei a máquina de escrever com renovada disposição. Mas de nada adiantou. Não consegui produzir nada bom.

Eu me sentia totalmente sozinha. Não tinha amigos, nem do sexo masculino nem do feminino. A famosa camaradagem do show Business não parecia existir no nível em que eu me encontrava... ou pelo menos não para mim. E então, subitamente, descobri algo mais, e de maneira brutal: que eu não era mais jovem.

Compareci a um chamado de moças que representariam pequenos papéis e seriam extras em cenas de praia de um filme que estava sendo realizado em Long Island. O teste foi realizado no salão de bailes Roseland, na Broadway. Todas nós deveríamos nos apresentar de maiô e biquíni. Eu era quase a última numa fila de trinta moças. Fiquei esperando o momento de desfilar diante do diretor de elenco e do produtor, torcendo para que ainda restasse

uma vaga, quando chegasse a minha vez.

Eu sabia que sempre tivera um corpo bonito. E para conservá-lo assim, todas as manhãs fazia meia hora de ginástica. Ouvi meu nome ser chamado e fui até o centro do palco.

Ali, parei e virei-me lentamente, como fôramos instruídas a fazer. Depois, afastei-me deles, remexendo sugestivamente os quadris. Já tinha quase chegado à extremidade do palco quando ouvi o produtor sussurrar:

— Não.

— Mas ela tem um corpo espetacular e um traseiro sensacional — murmurou o diretor de elenco.

O produtor estava tentando sussurrar, mas pude ouvi-lo nitidamente. Havia um tom decisivo em suas palavras:

— É velha demais. Já deve ter pelo menos vinte e cinco anos.

Fui ao vestiário para me vestir. As outras moças conversavam alegremente, mas nenhuma delas parecia ter qualquer coisa para me dizer. Eram todas mais jovens do que eu, nos seus dezessete e dezoito anos, ainda viçosas e imaculadas.

De repente, comecei a me perguntar o que estava querendo, ao tentar viver num mundo para o qual eu já era velha demais.

A Broadway quase se derretia ao calor de julho, mas mesmo assim decidi voltar a pé para o meu apartamento.

Ao chegar à minha rua, estava exausta e suando bastante. Entrei numa mercearia e comprei uma garrafa gelada de vinho branco da Califórnia. Subi para o meu apartamento e comecei a beber. Uma hora depois, já estava completamente atordoada. O vinho causava um efeito maior no estômago vazio, e eu nada comera naquela manhã, pois não queria que a barriga estivesse saliente, quando me enfiasse no biquíni.

Sentei junto à janela, olhando para as ruas quentes. Mas que droga! O que havia de errado comigo?

O telefone começou a tocar. Não estava esperando nenhum telefonema e decidi não atender. Mas o telefone continuou a tocar insistentemente e acabei atendendo.

Era minha mãe. Pelo controle rígido de sua voz, compreendi imediatamente que alguma coisa estava errada.

— JeriLee? Onde é que você estava? Estou tentando falar com você o dia inteiro!

Fiquei furiosa, embora também um pouco assustada.

— Pelo amor de Deus, mamãe! Eu estava procurando emprego. O que acha que podia estar fazendo?

O controle da voz dela ainda era rígido quando me disse:

— Seu pai sofreu um ataque cardíaco esta manhã. Morreu antes de chegar ao hospital.

A dor pareceu apertar implacavelmente meu coração.

Depois, recuperei a voz o suficiente para balbuciar:

— Irei imediatamente para casa, mamãe.

Capítulo 20

Parecia que toda a cidade havia comparecido ao funeral. Muitas lojas fecharam durante a manhã e a multidão na igreja se derramou pela rua. As palavras do sacerdote foram levadas aos que estavam do lado de fora pelos alto-falantes.

— John Randall era um bom homem. Dedicou sua vida e seu tempo ao bem-estar dos vizinhos. Muitos de nós, aqui reunidos hoje, enriqueceram graças à ajuda dele e a seus conselhos sempre generosos. Vamos sentir sua falta. E jamais o esqueceremos.

Depois, o caixão cheio de flores foi levado ao carro fúnebre e transportado para o cemitério. Mais tarde, depois que os vizinhos e amigos se retiraram, mamãe e eu ficamos sozinhas.

— Vou preparar uma xícara de chá para você, mamãe.

Assentiu. Tomando o chá, ela contou:

— Ele não estava se sentindo bem naquela manhã, na hora de sair para o trabalho. Disse-lhe que ficasse em casa, descansando. Mas seu pai insistiu que tinha muito o que fazer. A secretária me contou que ele estava ditando uma carta, quando, de repente, caiu em cima da mesa. Ela pediu ajuda imediatamente, mas já não havia mais nada que se pudesse fazer.

— Procure não pensar mais nisso.

Os olhos dela se encontraram com os meus.

— Às vezes, penso que não dei o bastante a ele. Talvez ele quisesse ter um filho, mas nunca me disse nada. Sabia o quão ocupada eu era com vocês dois.

— Ele a amava, mamãe. E sentia-se feliz.

— Espero que tenha sido assim mesmo. Eu não gostaria de pensar que possa ter lhe negado algo que ele desejasse.

— Tudo o que ele sempre desejou foi você, mamãe.

Ficamos caladas por um longo tempo. Finalmente, ela disse:

— Acho que sabe que muitas coisas terão que mudar, a

partir de agora. Sem a renda de seu pai, teremos que reduzir as despesas ao máximo.

Não fiz qualquer comentário.

— Eu estava pensando que seria uma boa ideia, se voltasse a viver aqui em casa.

— Mas o que eu poderia fazer aqui, mamãe? Não há nenhum trabalho para mim.

— Não poderei continuar a mandar-lhe os cem dólares por semana.

— Compreendo, mamãe. Mas darei um jeito.

— Como?

— Certamente vou conseguir arrumar algum trabalho. E já estou quase terminando minha nova peça. Fannon prometeu que a produziria.

— E se a nova peça for um fracasso, como a outra?

— Tentarei novamente.

Ela levantou-se.

— Acho que vou subir e deitar-me um pouco. — Foi até a porta, onde parou e virou-se, acrescentando: — Quero que saiba que sempre terá um quarto à sua disposição nesta casa, se as coisas não correrem como espera.

— Eu sei, mamãe. Muito obrigada.

Fiquei observando-a subir a escada, lentamente. Ela ainda era uma mulher bonita. As costas eram eretas, a cabeça erguida. Subitamente, senti uma grande admiração por minha mãe. E desejei ser parecida com ela. Mamãe sempre parecia saber exatamente o que devia fazer.

Meu apartamento estava quente e mofado. Abri as janelas. Mesmo com o barulho do tráfego, era melhor do que o cheiro de mofo dos aposentos fechados.

Peguei a correspondência que se acumulara na semana em que estivera fora. Quase todas as cartas eram contas.

Distraidamente, abri o último exemplar do Casting News. Dei uma olhada nos avisos de convocação de elencos. Não havia nada para mim. Foi então que um anúncio atraiu minha atenção:

Precisam-se! atrizes, modelos, coristas! trabalhem nas horas de folga. Conheçam gente importante. se você está sem trabalho no momento, tem mais de 21 anos, altura não inferior a 1,65m, bom corpo e sabe conversar, podendo dar-nos pelo menos

quatro noites por semana, então temos um trabalho que pode lhe interessar. salário inicial de 165 dólares por semana, inclusive todos os benefícios da previdência social e seguro-desemprego, além de trajes e gorjetas. Aumentos depois de três meses. semana de 40 horas.

Se está interessada, procure-nos: Torchlight Club, East 54^a street, perto da Park Avenue, de segunda a sexta, entre 2 e 5 horas da tarde.

** Importante! não aceitamos vigaristas! todas as candidatas deverão apresentar carteira profissional.*

Reli o anúncio lentamente, calculando que devia ser um clube novo. Eu conhecia apenas dois, o Playboy e o Gaslight. Na minha situação financeira, cento e sessenta e cinco dólares por semana eram uma oferta tentadora. E eles pareciam ter boas intenções, pois exigiam carteira profissional. O horário era bastante apropriado para mim, pois sobraria tempo para escrever e procurar qualquer outro trabalho que aparecesse.

Olhei para o relógio. Era quase meio-dia. E já estávamos na quinta-feira. O anúncio já saíra há dias. Se eu quisesse arrumar alguma coisa, teria que agir com a máxima rapidez. Depois de tomar a decisão, fui para o banheiro, despejei um vidro inteiro de sais de banho na banheira e abri a água. Enquanto a banheira enchia, alinhei todos os meus artigos de maquilagem na prateleira em cima da pia, inclusive os cílios postiços. Estava decidida a me apresentar o melhor possível.



Era um prédio largo e cinzento, de pedras, com porta dupla, pintada de preto. Nos dois lados da porta havia lampiões de carruagem antigos, combinando com a placa de latão na porta. As letras esculpidas na placa diziam simplesmente: Torchlight". Vi uma campanha quase invisível, por baixo da placa.

Quando a apertei, a porta abriu-se automaticamente. Entrei. Havia um forte cheiro de tinta e pude ver, em salas ao redor do vestibulo, diversos homens trabalhando, martelando e prendendo

cortinas diante das janelas. Um dos operários me viu e apontou para a escada, dizendo:

— Lá em cima. Na sala da frente.

A moça sentada atrás da escrivaninha fitou-me com uma expressão entediada.

— Vim em resposta ao anúncio.

— Todas as vagas já foram preenchidas — disse ela, sem alterar sua expressão.

— O anúncio falava em entrevistas durante toda a semana.

— Não posso fazer nada. Recebemos mais de quatrocentas moças, nos dois primeiros dias. — Estendeu-me um pedaço de papel e acrescentou: — Isto aqui virou um verdadeiro hospício. Pode deixar seu nome e endereço. Se houver uma vaga, nós a chamaremos.

O telefone sobre a mesa começou a tocar. Ela atendeu.

— Pois não, Sr. DaCosta. Vou providenciar imediatamente, Sr. DaCosta.

Assim que desligou, ela fitou-me de novo e disse impacientemente:

— E então, vai ou não deixar seu nome e telefone?

Resolvi confiar na minha intuição.

— Diga ao Sr. DaCosta que JeriLee Randall está aqui.

A expressão dela alterou-se imediatamente.

— Por que não disse logo de uma vez? Já o ouvi mencionar seu nome. — Ela pegou o telefone outra vez e informou: — Sr. DaCosta, JeriLee Randall está aqui e deseja falar-lhe.

Escutou por um momento, desligou e disse-me:

— No terceiro andar, primeira porta à direita.

Ele estava parado na porta aberta, à minha espera, com um sorriso no rosto.

— Como foi que soube que eu estava aqui?

— Eu não sabia. Mas ouvi a moça lá embaixo falar no nome DaCosta e achei que podia ser você.

— Pensei em procurá-la por diversas vezes, mas sempre acabava acontecendo uma coisa ou outra que me levava a adiar o telefonema.

— Não tem importância.

— Como estão indo as coisas?

— Não muito boas. Vim em resposta ao anúncio. Mas a moça me disse que todas as vagas já foram preenchidas.

O rosto dele tornou-se subitamente sério.

— Tem alguma ideia do que seja o emprego?

— Apenas o que li no anúncio.

Ele foi até atrás da escrivaninha.

— Estamos criando uma espécie de Playboy Club, supercaro. Vamos oferecer algumas coisas extras, como sauna, piscina e massagem, além de bar e restaurante. Haverá também uma discoteca, no porão.

— Parece ser um negócio de vulto.

— E é. Temos oitocentas pessoas que já pagaram seiscentos dólares cada uma pelo título de sócio. Procuramos garotas de muita classe, para servirem como hostesses. Elas precisam ser de um tipo muito especial, pois darão o tom do negócio, assim como as "coelhinhas" fazem no Playboy.

— E em que as suas hostesses serão diferentes?

— Em primeiro lugar, não terão que usar aqueles uniformes idiotas. Cada uma das nossas hostesses usará um traje especial desenhado para a sala em que trabalhar. Em segundo lugar, elas terão que saber conversar, devem mostrar-se cordiais sem ser exageradas.

— Parece uma boa ideia.

— E é mesmo. Gostaria de ver alguns dos trajes?

Assenti. Ele foi até um armário no canto da sala e tirou dois trajes. Um era uma túnica grega, ondeante, bastante decotada. O outro era um vestido ao estilo antigo, de chiffon estampado, com um decote quadrado e também grande. Ele segurou os dois trajes diante da janela. Eram quase transparentes.

— As moças usarão isso... e mais nada.

Fiquei calada.

— Não usarão sutiã nem calcinha, nada mais além de sapatos de salto alto. — Tornou a guardar os trajes no armário e voltou para trás da escrivaninha. — O que acha?

— Não pensei que o emprego fosse para trabalhar num jardim de infância.

Devia ter havido algo em minha expressão que o levou a aproximar-se de mim subitamente. Ele pôs as mãos nos meus braços e fitou-me nos olhos.

— O que aconteceu, JeriLee?

-- Meu pai morreu... — As lágrimas me surgiram nos olhos subitamente e enterrei o rosto no peito dele. — e pela primeira vez

na vida sinto medo.

Capítulo 21

Olhei para o relógio na parede. Já passava das onze horas. A mudança de turno das dez horas já deveria estar concluída. Estava na hora de começar a verificação. Contemplei-me no espelho de corpo inteiro da porta do meu pequeno gabinete.

O vestido longo e em estilo antigo aderiu suavemente ao corpo. Fiquei satisfeita. Nos primeiros dias, eu me sentira um tanto embaraçada ao usá-lo. Mas logo descobri que ninguém parecia prestar atenção e parei de pensar nisso.

Desci os sete andares de elevador, até a discoteca no porão. Meu trabalho era verificar que todos os postos estivessem guarnecidos e que sempre houvesse alguém à mão para substituir as ausências eventuais, além de distribuir os encargos. O clube era uma ideia de Vincent e obtivera um sucesso além das expectativas dele. Seis meses depois da inauguração, a fila de candidatos a sócio já se estendia por dois anos. Não era o que Vincent realmente desejava fazer na vida, mas a família dele começara a pressioná-lo, depois de permitir que durante dois anos tentasse entrar na indústria cinematográfica, com negócios que sempre pareciam evaporar-se no último instante. Depois que o negócio com Paoluzzi fracassara, o pai de Vincent oferecera ao filho duas opções. Ou ele se metia num negócio considerado apropriado pela família ou passava a trabalhar com eles. Vincent escolhera o menor dos dois males. O clube custara à sua família mais de dois milhões de dólares, mas eles não se haviam importado. O dinheiro era insignificante. O importante era que o filho ingressasse num negócio apropriado.

A música alta ecoava pela discoteca não muito cheia. Ainda era um pouco cedo para que houvesse grande movimento ali. Dino, o atarracado maître, aproximou-se de mim, dizendo:

— Está tudo calmo por aqui. Desça um pouco mais tarde.

— Está certo.

Ele me entregou a relação das garotas que estavam trabalhando ali e subi para o bar, no andar térreo. Ângelo estava na escrivaninha, no canto.

— O movimento está bem razoável esta noite.

Peguei a lista dele e subi outro lance de escada, para o restaurante. Os clientes estavam começando a se retirar. Carmine veio imediatamente ao meu encontro.

— Vou precisar de duas garotas extras na noite de sábado.

— Falarei com Vincent.

— Obrigado, boneca. Temos que manter os padrões. Não podemos deixar o serviço cair.

Todos os andares acima do terceiro eram reservados exclusivamente aos sócios. Decidi dar uma olhada na seção de tratamento de saúde. Havia alguns homens na piscina elevada. Umas poucas garotas estavam sentadas na borda da piscina, parecendo entediadas. Não davam a menor atenção ao fato de os homens estarem nus. Tony saiu de seu pequeno escritório.

— Tudo tranquilo — informou ele. — Não há ninguém na sauna nem no banho a vapor.

O andar acima, onde ficavam o ginásio e o salão de massagens, também estava praticamente vazio. Somente uma das pequenas cabinas estava com a cortina fechada. Rocco, o instrutor, veio me dizer:

— Acho que ninguém ficou com tesão esta noite. Todos os homens decidiram ficar em casa, com as esposas.

Não pude deixar de rir. Mas o rosto de Rocco permaneceu sério.

— Não vejo nada de engraçado. As meninas estão começando a praticar umas nas outras. Surpreendi Toan fazendo uma massagem em Sandy.

~ Não pode permitir que isso aconteça, Rocco — disse-lhe eu, com expressão impassível. — Tem que fazer o sacrifício de deixar que elas pratiquem em você.

Ele me fitou com uma expressão de incredulidade.

— Mas minha esposa me matará!

Ri novamente e subi mais um andar. Não estava acontecendo absolutamente nada no sexto andar, que tinha quartos particulares para os sócios que desejassem passar a noite.

Gianni e suas duas garotas estavam jogando gin rummy.

Acenei para eles e subi para os escritórios.

Coloquei as listas na caixa onde os contadores as pegariam, acendi um cigarro e fui para a sala de Vincent. Ele ainda não chegara. Isso era bastante estranho. Quando eu saíra do apartamento dele, pouco antes das oito horas, Vincent me dissera que chegaria por volta das dez horas. Como não havia mais nada para eu fazer no momento, achei que poderia descer até a discoteca para dar uma olhada no novo discotecário. Um bom profissional fazia toda a diferença. A música certa, para as pessoas certas, garantia o sucesso da casa.

Mas não fiz qualquer movimento para descer. Não estava realmente com disposição. Não sentia vontade de conversar com ninguém. Não era fácil ter que sorrir para as pessoas durante todo o tempo, fingindo estar interessada no que me diziam.

Apaguei o cigarro. O que eu realmente desejava era ficar atordoada. Mas nem isso poderia fazer. Os regulamentos eram rigorosos. Não se permitia o uso de drogas dentro do clube.

— Não podemos correr o menor risco — dissera Vincent. — Todo mundo estará procurando um motivo para acabar conosco, e não podemos dar-lhes a menor chance.

Mas no apartamento dele era diferente. Vincent dispunha de todos os tipos de drogas imagináveis, e às vezes eu me perguntava como as drogas chegavam ao apartamento, mas nunca indaguei a ele. Havia algumas coisas sobre as quais eu jamais conversava com Vincent, entre elas a sua família.

Recordei a única ocasião em que vira o pai e os dois irmãos mais velhos de Vincent. Eles haviam aparecido no clube uma noite, pouco depois da inauguração, acompanhados por outros dois homens. Vincent levava-os diretamente para o seu gabinete. Cerca de meia hora depois, eles haviam saído e Vincent lhes mostrara todo o clube.

Eu por acaso estava na entrada, no momento em que eles saíam. Vincent viu-me, mas não fez a menor menção de apresentar-nos. O pai era um homem pequeno, de aspecto gentil, com cabelos grisalhos e olhos pretos impenetráveis. Vincent inclinou-se e beijou-o nas duas faces. O velho sorriu, afagou gentilmente o rosto de Vincent e disse:

— Está ótimo, meu filho. Estamos orgulhosos de você. — Virou-se então e foi embora, seguido pelos outros.

Vincent olhou para mim e, sem dizer uma palavra, pesou o

elevador e subiu para o seu gabinete. Eu o segui alguns minutos depois. Havia uma garrafa de scotch em cima da mesa e ele estava enchendo um copo no momento em que entrei. Nunca antes eu o tinha visto beber durante o trabalho.

— Está tudo bem — disse ele, rapidamente. — Está tudo bem.

Mas notei que sua mão estava tremendo, quando levava o copo aos lábios. Ele tomou um gole do scotch e murmurou:

— Estou com vontade de ir para a cama com você.

Havia uma expressão estranha nos olhos dele. De certa forma, eu sabia que ele estava com medo da minha resposta.

— Está bem.

— Agora.

— Quer que eu tranque a porta?

— Aqui, não. No meu apartamento. Vá mudar de roupa.

Minutos depois, estávamos a caminho. Não trocamos uma só palavra até entrarmos no apartamento dele, a alguns quarteirões do clube, na Sutton Place, de frente para o rio. Ele acendeu a luz e seguiu direto para o bar que havia no outro lado da sala, perguntando-me:

— Você fuma?

Assenti. Ele acendeu um cigarro para mim e outro para si.

— Venha — disse ele.

Segui-o para o quarto. Ele virou-se para mim, tirando o paletó.

— Tire a roupa.

Pus o cigarro num cinzeiro e comecei a despir-me. Abaixei-me para tirar os sapatos. Quando tornei a me erguer, ele já estava nu, e segurou-me. Sua boca era rude, e senti suas mãos agarrando-me brutalmente pelos braços. Tropeçamos e caímos em cima da cama. Senti seus dentes a me morderem os seios, machucando os mamilos. Gemi de dor e ele levantou a cabeça. Os olhos fitaram os meus.

— Sou louco por você. Sabe disso, não é? — disse ele, em tom quase de raiva, e empurrou minhas pernas para trás, deixando-me com os joelhos quase encostados no peito; tomou posição à minha frente, de joelhos. Todo o seu corpo parecia uma tensa mola de aço.

Havia uma expressão distante e vidrada em seus olhos.

Antes que eu tivesse tempo de ficar assustada, caiu-me por

cima e eu o senti entrando em mim.

Minha cabeça pareceu explodir com o afluxo de sangue e calor ao cérebro, no momento mesmo em que o orgasmo dele começava. Subitamente, ele saiu de cima de mim, agarrando o colchão com toda a força. Os olhos estavam fechados, o rosto contorcido.

— Não! Oh, Deus, não! — ele quase gritou.

Puxei-o para junto de mim. Ficou quieto, o peito arfando. Em seguida, começou a chorar, em soluços terríveis. Mantive sua cabeça encostada em meus seios, afagando-lhe os cabelos.

— Está tudo bem... está tudo bem...

Ele ergueu a cabeça e olhou para mim, os olhos marejados de lágrimas.

— Você não entende! Gostaria que eles fossem para o inferno!

Fiquei esperando que ele continuasse.

— Finalmente conseguiram o que desejavam — murmurou Vincent. — Queriam que eu entrasse para o negócio da família, de qualquer jeito. E agora, quer eu goste ou não, estou metido nele!

— Não precisa dizer nada. Tudo vai acabar bem.

— Não vai, não. O clube deveria ser só meu. Eles me emprestaram o dinheiro para montá-lo. E agora não querem o dinheiro de volta. Viramos sócios. Afinal de contas, somos uma família, não é mesmo?

A sua voz era extremamente amargurada. Fiquei impressionada.

— Foi por isso que eles estiveram no clube esta noite?

— Teria sido melhor que o clube quebrasse — disse ele, assentindo. — Pelo menos, eles acabariam esquecendo a história. Seria mais uma das ideias malucas de Vincenzo.

— Nunca imaginei que eles fossem assim. Pelo que ouvi dizer, as famílias italianas sempre cumprem o que prometem entre si. Não importa o que possa acontecer.

— Exceto quando se trata de dinheiro e poder. "Cosa nostra" é uma expressão apenas para os jornais. Meu pai livrou-se do próprio irmão, a fim de tornar-se o chefe da família. E quando ele morrer, meus irmãos vão se matar entre si, para ver quem ocupa o lugar dele.

— E o que vai acontecer agora? — perguntei, após um momento.

— Nada. Continuo a dirigir o clube da mesma forma que antes. Só que agora os lucros serão divididos em quatro partes iguais.

— E os dois milhões de dólares que eles lhe emprestaram? Terá que pagá-los?

— Claro que não. Agora, é um negócio da família. E eles receberão o dinheiro de volta com a sua participação nos lucros.

— Então você está levando vantagem. Meu par era banqueiro e lembro-me de que ele me disse uma vez que qualquer empréstimo que não se precisasse pagar pessoalmente era lucro líquido. Você acaba de ganhar meio milhão de dólares.

Finalmente, ele começou a sorrir.

— Você é uma garota muito estranha — disse ele, pondo as pernas para fora da cama. — Quer um drinque?

— Não. Mas se você tiver outro cigarro, eu aceitaria.

Ele voltou para o quarto com uma caixa cheia. Acendi um cigarro, recostei-me nos travesseiros e disse:

— Venha para a cama. Você ficou me devendo.

Ele se deitou, e dessa vez fizemos amor de verdade. No dia seguinte, mudei para o apartamento dele, levando todas as minhas coisas, à exceção da máquina de escrever e dos meus papéis. Não quis desfazer-me do apartamento, pois achei que deveria mantê-lo permanentemente, como um lugar onde poderia trabalhar em paz.

Capítulo 22

Quando tornei a descer para a discoteca, o salão estava repleto. Na pista, havia espaço suficiente apenas para as pessoas se mexerem ao compasso da música. O resto do salão estava ocupado por pessoas sentadas em torno de pequenas mesas, separadas por poucos centímetros. Dino aproximou-se de mim com um sorriso no rosto.

— O novo discotecário é muito bom, JeriLee. Mantém todo mundo em constante movimento.

Olhei para o lugar em que o novo discotecário estava trabalhando, numa plataforma ligeiramente acima do chão, diante de dois toca-discos. Era um rapaz preto, esguio, usando um traje bizarro: chapéu de safári de abas muito largas, blusão de camurça feito sob medida, uma calça com a boca imensa. Segurou um fone no ouvido enquanto punha um disco no segundo prato, assinalando a faixa que desejava tocar. Ao terminar, pôs o fone em cima da mesa, olhou para mim e sorriu.

Havia algo vagamente familiar naquele sorriso. Meneei a cabeça em resposta e abri caminho por entre a multidão até a plataforma. Quando parei diante dele, o rapaz voltou a sorrir e disse timidamente:

— Olá, JeriLee.

Não pude disfarçar a surpresa.

— Fred! Fred Lafayette!

O sorriso dele aumentou.

— Você se lembrou!

Estendi-lhe a mão.

— Não posso acreditar, Fred.

— Mas é verdade. Aqui estamos nós, de volta ao lugar em que começamos; eu em cima do tablado e você na pista, trabalhando.

— Mas você deixou de cantar! Por quê, Fred?

— Sabe, menina, os cantores suaves ao estilo de Nat King Cole já não estão mais fazendo sucesso. O mundo está dominado pelo rock. — Ele largou finalmente a minha mão e perguntou: — Há quanto tempo foi, JeriLee? Dez anos?

— Mais ou menos isso.

— Eu costumava ler notícias a seu respeito nos jornais.

Depois, não soube de mais nada. Está divorciada, não é?

Assenti.

— Você está muito bem. E ficou até mais bonita.

— Sinto-me velha.

— Não diga uma coisa dessas. Você ainda é uma criança.

— Eu bem que gostaria que isso fosse verdade. Meu pai morreu.

— Lamento muito. Ele era um ótimo sujeito.

— Obrigada.

— Eu a vi quando vim acertar o meu trabalho aqui e pensei tê-la reconhecido.

— E por que não me procurou?

— Quando indaguei a seu respeito, para confirmar, disseram-me que ficasse longe de você, pois era a garota do patrão. — Os olhos dele se fixaram nos meus, inquisitivamente.

— E sou mesmo, Fred. Mas isso não impedia que viesse procurar-me. Afinal de contas, somos velhos amigos.

Antes que ele pudesse responder, Dino estava ao meu lado, dizendo:

— Vincenzo acaba de chegar. Ele quer vê-la imediatamente.

— Já vou. — Virei-me novamente para Fred e disse-lhe: — Espero que goste daqui. Talvez possamos tomar um café juntos qualquer dia desses.

— Claro — respondeu ele, pondo o fone novamente nos ouvidos e começando a colocar outro disco no primeiro prato. — Basta avisar-me, quando quiser.

Tornei a abrir caminho por entre a multidão e saí da discoteca. Subi para os escritórios. Vincent estava muito tenso por algum motivo. Tinha um brilho estranho nos olhos. Quando me falou, a voz estava irritada:

— Que diabo você estava fazendo lá embaixo de mãos dadas com aquele negro?

— Estávamos nos apertando as mãos e não ficando de mãos dadas. Ele é um velho amigo. Salvou minha vida, muito tempo atrás.

— Não quero saber o que ele fez ou deixou de fazer! Vou despedir o filho da mãe imediatamente.

— Você é quem manda. E aproveite para me despedir também.

Fred acertara em cheio quando dissera que estávamos de volta ao lugar por onde começáramos. Parecia que eu ia fazê-lo novamente perder o emprego. Mas Vincent acalmou-se subitamente.

— Ele realmente salvou sua vida?

— Salvou. Dois rapazes estavam me surrando e tentando violentar-me. Ele apareceu e me salvou, no último instante.

— Quantos anos você tinha nessa ocasião? — perguntou Vincent, após algum tempo.

— Dezesseis.

— Então acho que não há problema. Vocês são realmente apenas velhos amigos.

Não respondi.

— Mude a roupa, JeriLee. Vamos sair.

— E para onde vamos?

— Para o El Mo. Estou para fechar um grande negócio.

Vamos nos encontrar com algumas pessoas lá.

— O que está pretendendo fazer?

— Vamos acertar os detalhes de um filme. Quanto tempo acha que eu conseguiria ficar nesta espelunca nojenta, sem enlouquecer?

— Sua família sabe alguma coisa sobre isso?

— Não. E estou pouco ligando! Agora, mude logo de roupa e pare de me fazer essas perguntas estúpidas!



Entramos no El Morocco e foi como uma volta à primeira vez em que lá estiváramos. Os Paoluzzi estavam na melhor mesa. Só havia uma única diferença. Em vez do advogado italiano, o terceiro homem na mesa era um tipo corpulento, de estatura mediana, que me foi apresentado simplesmente como Frank.

Paoluzzi beijou-me a mão à sua estranha maneira e Carla Maria comprimiu o rosto contra o meu.

— Já está tudo acertado? — perguntou Vincent, quando nos sentamos.

— Você receberá meu cheque de um milhão de dólares pela manhã — disse Frank.

— Isso exige um drinque — falou Vincent, com um sorriso. Chamou o maître. — Traga outra garrafa de champanha.

— Já passou da minha hora de ir para a cama. — Frank levantou-se. — É melhor eu me retirar. — Apertou a mão do produtor e de Carla Maria formalmente, depois disse algo em italiano, a que eles reagiram com acenos de cabeça e sorrisos. — Boa noite, jovem — disse-me ele, em seguida. — Foi um prazer conhecê-la.

— O prazer foi meu.

— Boa noite, Vincent. Não se esqueça de dar lembranças minhas a seu pai.

— Não esquecerei, tio Frank — disse Vincent, levantando-se. — Boa noite.

Fiquei observando-o caminhar até a porta. Aquele homem irradiava um estranho poder. Até mesmo os maîtres pareciam curvar-se com mais deferência que o habitual. Ele subiu os poucos degraus para o vestibulo do restaurante. Dois homens vieram ao pequeno bar e foram ao encontro dele. Os três saíram juntos.

— Ao filme — disse Vincent, erguendo sua taça de champanha. Tomou um gole e virou-se para mim. — E você vai participar dele, JeriLee. Vai ficar com o segundo papel mais importante, logo abaixo de Carla Maria.

— Você está brincando...

— Não estou, não. É parte do acordo.

— Mas como conseguiu obter o financiamento?

— Muito simples — disse ele, rindo. — Como não consegui arrumar o dinheiro em parte alguma, resolvi eu mesmo entrar com ele.

— E como foi que conseguiu? — Só então é que compreendi. — Era sobre esse dinheiro que seu tio Frank estava falando?

— Dei minha parte no clube como garantia.

— E seu pai sabe disso?

— Que diferença isso faz? Tenho o direito de fazer o que bem quiser com a minha parte.

Fiquei calada. Ele tornou a encher minha taça.

— Pare de pensar nisso e tome champanha, boneca. Você vai ser uma estrela.

Passava um pouco das três horas da madrugada quando saímos do El Morocco. Vincent empurrou-me na direção da limusine, dizendo:

— Vá para o hotel com eles. Vou até o clube, para ver se está tudo correndo bem, e depois irei encontrar-me com vocês.

— Estou exausta. Eu preferia ir para casa, a fim de dormir um pouco, se não houver problemas.

Ele estava sorrindo, mas seus olhos indicavam claramente que estava irritado.

— Claro que há problema. Vá com eles. Tenho que acertar algumas coisas com Dino e precisa ser esta noite, de qualquer maneira.

Eu sabia que era melhor não discutir quando ele estava

daquele jeito. Entrei no carro. Ele me acenou e começou a se afastar, a pé, enquanto o carro avançava pela First Avenue.

Carla Maria sorriu-me.

— Fico contente por ver que finalmente você vai ficar conosco.

— Eu também. É como um sonho que se transforma em realidade, fazer um filme com vocês dois.

Ela se inclinou por cima do marido e afagou-me à mão.

— Vocês, americanas, são muito engraçadas. Quando penso nesta noite... — Ela riu. Ao ver minha expressão perplexa, perguntou: — Vincent não lhe contou que vamos passar a noite juntos?

Sacudi a cabeça.

— Ele disse que iria encontrar-se conosco mais tarde, no hotel.

Ela disse algo ao marido em italiano e depois voltou a falar-me:

— Vamos telefonar para Vincent do hotel e acertaremos tudo.

— Não — disse eu, estendendo a mão e batendo no ombro do motorista. — Poderia parar o carro aqui, por favor?

O carro estacionou junto ao meio-fio. Nenhum dos dois disse nada quando eu saltei. Fiz sinal para um táxi e fui para o apartamento que partilhava com Vincent.

Eu tinha acabado de me despir quando ele chegou, furioso. Parou na porta do quarto, pondo-se a berrar:

— Sua imbecil! Como é que pôde fazer uma coisa dessas, depois de todo o trabalho que tive para convencê-los a concordar com a sua participação no filme?

— Você deveria ter me dito o que tencionava fazer.

— Pois agora que você já sabe, vista-se e vá para o hotel!

— Não. Eu já lhe disse uma vez que a minha jogada não é essa.

— Acha melhor ficar vagando pelas ruas implorando emprego e morrendo de fome?

Não respondi.

— Lembra-se de como estava no dia em que apareceu no clube? Estava nas últimas, quando a tirei das ruas. E agora está querendo cuspir no prato em que comeu!

— Não estou fazendo nada disso.

— Está, sim! O negócio todo pode ir por água abaixo só porque você não está querendo cooperar!

— O milhão de dólares que você arrumou para Paoluzzi é que é importante, não eu.

— Você também faz parte do negócio!

— Você não tinha o direito de prometer tal coisa sem falar nada comigo.

— E também não tinha o direito de comprometer o dinheiro. Mas acontece que o fiz. Agora, se você não quiser cooperar, eu acabarei morto em alguma sarjeta!

Fitei-o, espantada com tal declaração. Ele desabou subitamente numa cadeira, cobrindo o rosto com as mãos. Depois de um momento, baixou as mãos e olhou para mim. Havia lágrimas nos seus olhos.

— A única coisa que minha família respeita é o sucesso. Se o filme der certo, estará tudo bem.

Continuei calada.

— Por favor... Só esta vez! Depois, você pode fazer o que bem quiser. É a única chance que eu tenho de escapar deles!

Não me mexi.

— Eles vão acabar comigo, se o negócio não der certo. Há anos que meu pai e tio Frank não se falam. Não posso deixar que tio Frank fique com a minha parte no clube.

— Já deixou.

— Se o filme for produzido e fizer sucesso, isso não acontecerá. Tio Frank prometeu não contar nada, até o filme ficar pronto e ele receber o seu dinheiro de volta, com juros.

Ele voltou a esconder o rosto atrás das mãos e começou a chorar. Olhei-o durante um longo minuto. Depois, vesti-me novamente. Ele me deteve quando me encaminhei para a porta, e então inclinou-se e beijou meus lábios frios.

— Muito obrigado, JeriLee. Não se esqueça de que eu a amo imensamente.

Virei-me e saí do apartamento. Naquele momento, eu já sabia que nunca mais voltaria.

Dez minutos depois, estava na suíte dos Paoluzzi. Carla Maria abriu-me a porta com um sorriso.

— Não sabe como estou contente por ter vindo — disse-me ela.

Desatei a rir. Não era apenas pelo inglês que ela falava,

mas também porque toda a história começava a parecer terrivelmente ridícula. Acendi um cigarro e tomei rapidamente umas taças de champanha.

Quando fomos para o quarto, eu estava alta a ponto de nada mais me importar. Para minha surpresa, comecei até a gostar. Nunca tinha imaginado que as carícias de uma mulher pudessem ser tão suaves e excitantes. E os truques que Carla Maria sabia fazer com a língua reduziam a um simples brinquedo de criança tudo o que experimentara antes. Era como se todo um mundo novo se abrisse à minha frente.

E quando acordei pela manhã, ao lado dela, vendo como era bonita, compreendi que tinha adorado cada momento.

Capítulo 23

Esperei até depois do meio-dia, hora em que Vincent deveria estar no clube, para verificar o movimento da noite anterior. Só então voltei ao apartamento para pegar minhas roupas. Fui direto para o quarto. Eu me enganara. Ele estava no quarto, ainda dormindo.

Comecei a sair, o mais silenciosamente possível. Mas ele acordou e sentou-se na cama, esfregando os olhos.

— Bom dia — disse ele, sorrindo.

Não respondi.

— Ora, por que está assim? Não foi tão ruim como pensava, não é mesmo?

— Não.

Ele agora estava completamente desperto.

— Ela a beijou toda?

— Beijou.

— E você a beijou também?

— Beije, — Senti que ele estava ficando excitado.

— E o que Gino fez durante todo o tempo em que vocês

duas estavam na cama?

— Em determinado momento, ele entrou no quarto e ficou assistindo.

— Ele trepou com ela?

— Não sei.

— E com você?

— Também não sei. Lembro-me que foi com uma de nós, mas não posso dizer com qual. .

— E o que ele fez depois?

— Voltou para o quarto e dormiu.

— E o que vocês duas ficaram fazendo?

— Continuamos na cama e não paramos um momento sequer.

— Oh, Deus! — Ele se levantou. Verifiquei então que acertara em cheio. Ele estava mesmo excitado. — Eu gostaria de ter visto tudo. Deve ter sido um show.

Eu não disse nada.

— Vamos trepar.

— Não! — Respirei fundo antes de acrescentar: — Não aguento mais nada.

— Há sempre tempo para mais uma trepada.

— Não. — Dirigi-me ao guarda-roupa e apanhei minhas malas.

— E o que veio fazer aqui? — perguntou ele.

— Vim pegar as minhas coisas.

— Para quê? — Ele parecia genuinamente espantado.

— Porque vou embora. Por que diabo acha que eu iria pegar minhas coisas?

— Ora, pelo amor de Deus! Não precisa ficar desse jeito. Você mesma confessou que gostou.

— O que não tem nada a ver com minha decisão. Não gosto de mentiras e você mentiu para mim.

— Ora, boneca, deixe disso. É um negócio da maior importância, e você poderia ter estragado tudo, se não fosse.

— Na verdade, está querendo dizer que eu poderia ter estragado o negócio para você. Nunca houve nada para mim no acordo.

Ficou me olhando, sem dizer nada.

— Aquela história que você contou ontem à noite sobre a minha participação no filme não passa de pura invenção. Carla

Maria disse-me esta manhã que não tinha a menor ideia sobre o que você tinha falado. Não há nenhum papel para mim no filme. Por que não me contou a verdade?

— Eu não estava mentindo sobre a possível reação da minha família. Meu pai poderia... — Ele parou de falar, ao notar minha expressão.

— Estava mentindo sobre isso também. Carla Maria contou-me que Frank e seu pai são sócios no negócio, que cada um está aplicando meio milhão de dólares no filme.

— Ora, querida, já acabou. — Aproximou-se de mim. — E tudo deu certo. Você sabe como eu a amo!

— Tem razão. Já acabou. Por isso, pode parar de mentir para mim. — Comecei a tirar minhas roupas do armário e a metê-las na mala. — Deixe eu fazer as malas em paz.

— Para onde você vai?

— Para o meu apartamento.

— Vai mesmo voltar para aquela pocilga?

— Ficaria mais contente se eu lhe dissesse que estou indo para a Itália com Carla Maria?

— Eu não acreditaria.

Abri a bolsa e entreguei-lhe a passagem de avião.

— Será que isso o convence?

— Essa não! Sou mesmo um filho da puta...

— Ora, ora, está finalmente começando a dizer a verdade — comentei, pegando novamente a passagem.

— E pensar que você se transformou numa lésbica — disse ele, sacudindo a cabeça.

Não pude deixar de rir.

— Garotos pequenos não deviam brincar com fogo, pois podem queimar os dedos. Mas não precisa ficar preocupado. Eu já disse a Carla Maria que não vou. Não tenciono virar uma prostituta, para ninguém.

— Passou por momentos difíceis — falou ele, visivelmente aliviado. — Por que não se deita e descansa um pouco? Pode até tirar a noite de folga.

— É exatamente o que vou fazer, assim que chegar ao meu apartamento. E não se preocupe em me dar esta noite de folga, pois acabei de pedir demissão do emprego.

— Não seja estúpida. Podemos continuar amigos.

— Talvez você possa, mas eu não.

— E de que você vai viver? — perguntou ele, alguns minutos depois.

— Economizei algum dinheiro. E tenho uma peça para terminar. Não tenho tido muito tempo para trabalhar nela, ultimamente.

— Você não tem tanto dinheiro assim.

— Quando o dinheiro acabar, encontrarei outro emprego. Mas não vou parar de escrever. Nunca mais.



Duas noites depois, a campainha da porta tocou. Sai da frente da máquina de escrever e fui abrir a porta.

— Olá — disse Fred. — Passei por aqui e resolvi ver se você estava em casa.

— Como foi que descobriu meu endereço?

— A garota lá do escritório é que me deu.

— Você não deveria estar trabalhando a esta hora?

— Fui despedido — disse ele, com um sorriso. — E espero que não tenha sido pela mesma razão por que a despediram.

— Não fui despedida. Pedi demissão. — Só então compreendi que ele ainda estava parado no corredor. — Entre, Fred.

Percebi os olhos dele examinando a sala.

— Desculpe a confusão, mas é que eu estava trabalhando.

— Não quero perturbá-la.

— Não, está tudo bem. Foi bom que você viesse. Eu estava precisando de um descanso, e tenho vinho branco na geladeira.

Disse-lhe para tirar a jaqueta, mas ele não demonstrou intenção de fazê-lo.

— Se ainda não jantou, poderíamos sair para comer alguma coisa.

— Acaba de me convencer — falei, com um sorriso. — Dê-me só um minuto para mudar de roupa.

— Não ponha nada muito elegante. Tenho um gosto de homem rico, mas o bolso de homem pobre.

— Posso ir de blue jeans?

— Seria ótimo.

Vesti os jeans e uma blusa limpa, por trás da porta do armário.

— Está bom assim, Fred?

— Está ótimo.

— Agora, se me der mais um minuto para escovar os cabelos e arrumar o rosto, poderemos ir.

Dez minutos depois, saí do banheiro e encontrei-o ainda parado no lugar em que o deixara.

— Você poderia ao menos ter se sentado, Fred.

— Nem pensei nisso. Estava me sentindo feliz em pé mesmo.

O ar frio da noite estava bastante agradável. Eu passara o dia inteiro trancada no apartamento.

— Conhece algum bom restaurante chinês por aqui, JeriLee?

— Existe um na 72nd Street, perto da Broadway. Podemos ir até lá a pé.

Conversamos durante todo o caminho e durante a refeição, de croquete de ovo, costeleta de porco, sopa e lagosta cantonesa com arroz frito. De volta ao meu apartamento, ele parou na porta do prédio.

— Ainda tenho um pouco de vinho na geladeira, Fred.

— Não quero incomodá-la mais.

— Pelo contrário, está me dando um imenso prazer. Vamos subir.

Eram duas horas da madrugada quando Fred finalmente se levantou.

— É melhor eu deixá-la dormir um pouco. Já estou me sentindo terrivelmente culpado por tê-la mantido tanto tempo longe do trabalho.

— Foi uma noite maravilhosa — disse eu, abrindo a porta.

— Obrigado, JeriLee.

Fiquei na ponta dos pés para dar-lhe um beijo de boa-noite. Os lábios dele encostaram nos meus, gentilmente. Foi então que, inesperadamente, alguma coisa aconteceu. Um calor intenso nos envolveu e lancei-me nos braços dele. Puxei-o de volta para dentro do apartamento e fechei a porta com o pé.

Mais tarde, muito mais tarde, quando estávamos nos braços um do outro, sua voz suave sussurrou em meu ouvido:

— Sabe, JeriLee, eu sempre a amei. Desde aquele dia , em que nos conhecemos.

— Não precisa dizer isso, Fred, se não é o que está sentindo. Já me sinto feliz o bastante só de estar em sua companhia.

— Mas estou dizendo a verdade, JeriLee.

— Não precisa mentir para mim. Já estou cansada de ouvir as pessoas dizendo coisas que não sentem.

— Não estou mentindo, JeriLee — disse ele, pacientemente.
— Eu a amei naquela ocasião e continuo a amá-la agora. E, de certa forma, acho que sempre a amarei.

Senti que ele estava dizendo a verdade e comecei a chorar. Dois dias depois, Fred mudou-se para o meu apartamento.

LIVRO TRÊS

Qualquer cidade antiga

Capítulo 1

O sonho estava presente. Aliás, estava sempre presente. A garotinha no alto da escada... Mas, na fração de segundo entre o sono e o despertar, o sonho se foi. JeriLee ouviu o murmúrio suave de uma canção, do outro lado da porta fechada do quarto, e virou-se preguiçosamente. Uma dor intensa, como a dor de cabeça de uma ressaca, dilacerou-lhe as têmporas.

Era o efeito posterior da anestesia, como o médico lhe avisara que poderia sentir.

Depois de um momento, a dor cessou e ela saiu da cama. Foi até o banheiro, engoliu duas cápsulas de Bufferin e sentou-se no vaso. Sentia-se congestionada e inchada, como se precisasse evacuar. Alguns minutos depois, como nada acontecesse, ela desistiu e resolveu simplesmente mudar o tampão.

Olhou-o com curiosidade, antes de jogá-lo no vaso. Não estava tão ensanguentado como pensava que estaria, não mais que numa menstruação comum. Até aquele momento, pelo menos, o médico acertara em todas as suas previsões.

A voz gentil de Angela soou do outro lado da porta fechada do banheiro:

— Você está bem, JeriLee?

— Estou, sim.

— O café está pronto. E já terei preparado alguma coisa para você comer quando sair do banheiro.

— Obrigada, Angela. Ainda vou demorar alguns minutos. Quero tomar um banho de chuveiro.

— Está certo. Não há pressa alguma.

Ao entrar no box do chuveiro, JeriLee pensou que já fazia mais de um mês que Angela não aparecia. E agora, entre todos os dias, ela fora escolher justamente aquele.

Ao sair do banheiro, JeriLee encontrou café e suco de laranja à sua espera, na mesinha-de-cabeceira. Os lençóis estavam frios e duros, e JeriLee compreendeu que Angela os mudara, enquanto ela estava no banheiro. JeriLee empilhou os travesseiros às suas costas, tomou o copo de suco de laranja e estava se servindo da primeira xícara de café quando Angela voltou, trazendo uma bandeja com ovos mexidos, bacon e torradas.

— Eu não sabia que estava com tanta fome, Angela.

Os olhos gentis de Angela sorriram.

— Pois então coma tudo. Se quiser mais, posso ir preparar.

Angela sentou-se na cadeira ao lado da cama e serviu-se de uma xícara de café.

— Não vai comer nada, Angela?

— Quero apenas tomar café — disse ela, sacudindo a cabeça.

— Por que decidiu vir até aqui hoje?

— Achei que você poderia precisar de ajuda.

— Você soube?

— Todo mundo sabe. — Angela assentiu. — George não sabe ficar de boca fechada, e seu agente também não é muito melhor.

Não havia segredos em parte alguma, pensou JeriLee, comendo mais uma garfada dos ovos mexidos.

— Não foi trabalhar hoje, Angela?

— Não. Já gravamos todos os espetáculos para a próxima semana. Só terei que voltar ao estúdio na segunda-feira.

Angela era a ingênua de um espetáculo diário de televisão. As estrelas nunca caem. Todas as tardes, às duas horas, as donas-de-casa do país inteiro ligavam seus receptores para assistir ao programa. Era provavelmente o melodrama de maior sucesso da história. Nos cinco anos em que Angela fazia o programa, era o de

maior audiência em seu horário.

JeriLee limpou o prato com um pedaço de torrada.

— Estava delicioso, Angela.

— A comida sempre ajuda.

— Minha mãe sempre disse isso — falou JeriLee, com um sorriso.

Angela pegou a bandeja e encaminhou-se para a porta.

— Se quiser mais alguma coisa, é só me chamar.

— Angela...

A moça olhou para trás.

— Obrigada, Angela.

Os olhos de Angela ficaram marejados de lágrimas, e ela saiu rapidamente do quarto, fechando a porta com o pé. JeriLee ficou olhando para a porta fechada. Angela gostava dela, preocupava-se com ela. Ela sempre soubera disso. E gostava também de Angela. A diferença era que ela amava Angela, ao passo que Angela estava apaixonada por ela.

Angela, alta, esguia, bonita, tão fria por fora, mas tão assustada e angustiada por dentro... Por que aquilo tivera que acontecer? Deveria ter sido muito mais fácil para ela. Mas não havia coisa alguma que lhe trouxesse uma satisfação verdadeira. A procura de amor que ela empreendia era interminável e não retribuída.

Não obstante, a busca de Angela devia ter começado em algum lugar. Assim como a sua busca também devia ter começado em algum lugar. Mas era difícil determinar exatamente onde. Somos a soma total de nossas experiências, até determinado momento. E esse momento está sempre mudando.

Para JeriLee, tudo começara em algum lugar entre Port Glare, Nova York e Los Angeles, e em todos os pontos intermediários, como Pittsburgh, Gary, Chicago, Des Moines, Phoenix, Las Vegas. Ela estivera em todos esses lugares. E em todos eles se sentira desesperada, quase que a caminho do hospício.

Era estranho que tudo aquilo lhe voltasse agora aos pensamentos. JeriLee sentiu um calafrio de medo. Será que isso significava que ela estava retornando àquele velho mundo povoado de medo, onde cada pessoa era sempre uma estranha?

Não, pensou ela. Não iria voltar. As coisas nunca mais voltariam a ser assim. Nunca mais ela se deixaria ser usada, por

ninguém, por nenhum motivo, nem mesmo por amor. Daria apenas o que pudesse dar. Muitas vezes ela tentara ser o que os outros queriam que fosse. E não dera certo. Não podia ser todas as coisas que todas as pessoas desejavam. Não podia nem mesmo ser todas as coisas que uma única pessoa desejasse. E só depois de ter compreendido isso e de descobrir suas próprias limitações é que ela começara a aceitar a si mesma e a perder um pouco de seu sentimento de culpa.

Sabia que não podia correr uma milha em quatro minutos nem alçar voo como uma gaivota, à brisa da manhã. Houvera manhãs em que o dia à sua frente parecia estar repleto de desastres. Mas sempre haveria dias assim. Se ela os encarasse não como sinais de fracasso e fraqueza, mas sim como parte de sua humanidade básica e de seu direito de ser imperfeita, então nunca mais teria que sentir medo.

Fora essa a única coisa que ela aprendera, e ajudava bastante. Pelo menos, agora podia ficar sozinha, sem precisar agarrar-se a algum ponto de apoio. Apesar disso, seria bom se houvesse alguém. Não era nada agradável estar sozinha.

Acendeu um cigarro e recostou-se nos travesseiros. Era justamente esse o problema. Solidão. Sempre, para todos, homens e mulheres. Quando tudo terminava e os outros iam embora, voltava-se sempre a ficar só. Mas ela sabia que, além da janela, havia um mundo repleto de pessoas.

O que fora mesmo que Angela lhe dissera numa manhã de domingo, quando ambas estavam deitadas na cama, com os jornais espalhados entre as duas?

— Você nunca parece querer coisa alguma, JeriLee. Nunca pede a ninguém para fazer coisa alguma por você, nem mesmo para lhe trazer uma xícara de café. Apenas uma vez, eu gostaria que me pedisse para fazer algo por você. Pelo menos assim, eu me sentiria necessária.

— É isso o que você quer... sentir-se necessária?

— De que outra maneira posso ter certeza de que represento alguma coisa para você? — perguntou Angela, assentindo.

— Não é suficiente estarmos juntas, termos passado a noite inteira fazendo amor? Será que isso não significa nada?

— Isso é sexo. Sei que não sou a única com quem você vai para a cama e não há nada que faça comigo que não possa fazer

também com as outras pessoas. Mas eu quero algo mais, quero ser importante para você.

— Você se sentiria melhor se eu não conseguisse fazer coisa alguma sem você?

Angela não respondeu. Subitamente, JeriLee ficou furiosa, mais consigo mesma do que com Angela.

— Por acaso menti para você? Não lhe disse exatamente como seriam as coisas entre nós?

Angela assentiu, com uma expressão desolada, balbuciando:

— Disse, JeriLee.

— O que mais então está querendo de mim?

— Quero que me ame.

— Não posso amá-la da maneira como você gostaria. Posso apenas amá-la a meu jeito.

— Não fique zangada comigo, JeriLee.

Ela caminhou até a janela e olhou para o sol brilhante da Califórnia. Lá embaixo, o tráfego na Strip estava começando a se intensificar.

— Há um mundo inteiro lá fora, Angela. Em algum lugar, há alguém que irá amá-la da maneira como você deseja ser amada. Tudo o que você precisa fazer é dar uma oportunidade a esse mundo.

Angela veio também até a janela e ficou parada ao lado dela.

— Será que também existe lá fora alguém para você?

JeriLee sentiu-se invadida por uma terrível angústia, pela consciência do sofrimento de Angela e do seu próprio. Era como se fossem irmãs, mais do que irmãs. Subitamente, elas se abraçaram e suas lágrimas se misturaram.

— Espero que haja mesmo alguém para mim, Angela. Eu detestaria pensar que não há.

Depois, as duas voltaram para a cama e fizeram amor. E na suave agonia do sexo, redescobriram como eram iguais e ao mesmo tempo tão separadas. Ao terminar aquele domingo, ambas sabiam que o caso entre elas terminara, muito embora ainda houvesse de permanecer um resíduo de amor.

Na manhã seguinte, quando Angela foi trabalhar, levou uma valise com as suas roupas. Mas nunca devolveu a chave do apartamento de JeriLee. E foi só então que ela compreendeu como

Angela entrara no apartamento, naquela manhã, a primeira depois que voltara do hospital. Mas estava cansada demais para pensar nisso agora. Sua pélvis latejava de dor, uma recordação do dia anterior.

O telefone tocou e ela atendeu.

— Como está se sentindo? — perguntou o médico.

— Muito bem. A dor acaba de recomeçar, mas não tive uma hemorragia tão grande quanto receava.

— Vai ter uma pequena hemorragia, mas não precisa ficar assustada. — A voz dele era impessoal. — Continue a tomar aspirina para aliviar a dor. Fique na cama pelo máximo de tempo possível. Se precisar de alguém para cuidar de você, posso mandar-lhe uma enfermeira.

— Não é necessário. Uma amiga minha está aqui, fazendo-me companhia.

— Ótimo. Passarei por aí esta tarde, ao sair do hospital.

— Obrigada.

Um momento depois, a porta se abriu e Angela perguntou:

— Está tudo bem?

— Está, sim. Era o médico. Ele vai passar aqui esta tarde.

— Posso ajudar em alguma coisa?

— Não preciso de mais nada, Angela. De qualquer forma, obrigada. O médico acabou de me dizer que devo continuar na cama e procurar descansar. — JeriLee acomodou-se nos travesseiros e acrescentou: — Acho que vou tentar dormir um pouco.

JeriLee ficou olhando para a porta fechada. Qual seria o sentimento mais forte: precisar de alguém ou sentir-se necessária? Ela não sabia a resposta. E provavelmente jamais a saberia. Subitamente, recordou-se do que Fred lhe dissera havia muitos anos:

— Nós somos feitos um para o outro, meu bem, porque, neste momento, estamos precisando um do outro.

Ela concordara com ele na ocasião. Mas nenhum dos dois soubera realmente quais eram as suas necessidades. E, ao final, JeriLee havia descoberto que estava simplesmente se dando.

Capítulo 2

O matraquear da máquina de escrever cessou. Ela ficou sentada diante da pequena escrivaninha, olhando para as palavras no papel, o som delas ainda ecoando em sua mente:

"Eu o amo. Eu não o amo. Como diabo posso saber como me sinto?"

Ela se levantou e foi até a janela. A rua estava escura e deserta, exceto por um caminhão de lixo que recolhia os refugos do restaurante do outro lado da rua. O rádio-relógio informava que eram duas e meia da madrugada. Ela voltou para a mesa, deu uma tragada profunda no cigarro e apagou-o no cinzeiro já transbordando de guimbas. Sem se sentar, ela bateu nas teclas, formando a palavra final: pano.

Quase que com raiva, arrancou o papel da máquina de escrever e colocou-o na caixa, por cima das outras páginas impecavelmente datilografadas. Estava terminado.

A raiva momentânea passou e ela sentia-se agora esgotada e vazia. O amanhã, com as realidades que ela fora protelando dia a dia, enquanto se concentrava na peça, assomava agora à sua frente. Amanhã ela teria que pensar em dinheiro, teria que pensar em como pagar as contas. Amanhã, ela teria que ir além de suas próprias muralhas, teria que voltar ao mundo dos homens, voltar ao mercado onde emitiriam um julgamento sobre sua obra.

Sentiu o nervosismo crescer por dentro e começou a tremer. De que você tem medo, JeriLee?, perguntou a si mesma, Não fez nada de errado. Esteve trabalhando. Tinha uma razão para não sair do casulo.

Mas as mãos continuavam a tremer, a tal ponto que não conseguia mantê-las juntas. Foi até o banheiro e pegou o vidro de Valium no armário de remédios, tomando uma cápsula azul de dez miligramas, que engoliu com a ajuda de um gole d'água.

Olhou novamente para o relógio. Duas e trinta e cinco.

Fred ainda demoraria uma hora e meia para voltar para casa. Ele conseguira arrumar uma vaga num bar da West 49th Street, para o fim de semana, e não ficaria livre antes das três

horas. JeriLee sentiu que a tensão começava a desaparecer da boca do estômago. Estava se sentindo melhor. Começava a recuperar a confiança.

Estava feito. Ela conseguira acabar a peça. Amanhã, ela poderia retomar o contato com a vida. Não havia nada que devesse temer a não ser o que havia em sua própria cabeça.

A primeira providência a tomar seria levar a peça para Fannon. Ele prometera que a leria. A providência seguinte seria ir a um salão de beleza. Não! Ela iria primeiro ao salão de beleza e depois é que iria procurar Fannon. Queria estar com a melhor aparência possível, quando entrasse no escritório dele.

Começou a separar os originais das cópias a carbono. Em poucos minutos, já tinha tudo impecavelmente arrumado, cada cópia dentro de sua pasta. O trabalho não estava nada mau. O serviço de datilografia não poderia ter feito melhor... e cobrando cem dólares por cinco cópias. Rapidamente, ela empilhou as cópias na prateleira, pôs a capa na máquina de escrever e levou-a para o armário. A sala parecia agora estranhamente vazia. Era a primeira vez, em seis meses, que a máquina de escrever não era o objeto dominante.

Sentiu-se invadida por uma sensação de júbilo. Aquele era um momento importante. Uma ocasião para comemorar. Era uma noite para champanha e caviar. Ela abriu o armário. Tinha chablis Gallo e amendoins Planter. Isso também não era nada mau.

Pôs a garrafa de vinho no congelador, estendeu uma toalha sobre a mesinha, colocou duas velas e despejou os amendoins numa tigela de vidro. Arrumou rapidamente o resto da sala, até mesmo esvaziando a cesta de todas as páginas refugadas da peça. Não restava agora o menor indício do trabalho. Acendeu as velas e apagou a luz, dando um passo para trás, a fim de contemplar o efeito. O clarão amarelo e bruxuleante das velas enchia a sala de aconchego.

Satisfeita, foi para o banheiro e tirou a calça comprida e a blusa. Ainda tinha tempo para um banho de chuveiro e para ajeitar os cabelos, antes que Fred voltasse. Afinal de contas, era uma noite especial, e ela queria estar com uma aparência especial.



Apesar dos bravos esforços dos aparelhos de ar condicionado, o ar continuava impregnado pelo cheiro nauseante de fumaça de cigarro, de cerveja e suor. Fred olhou para o relógio. Quinze para as três. Só faltavam quinze minutos para ele sair. Olhou para o teclado branco do piano. Não havia a menor emoção em tocar e cantar daquele jeito. Ninguém escutava. E mesmo que alguém quisesse escutar, não conseguiria, com tanto barulho.

De seu estrado, no fundo da sala, ele olhou para o bar. As garotas estavam bastante animadas. Era uma boa noite. Talvez cinquenta por cento dos clientes estivessem de uniforme. Agora, Fred podia compreender por que os donos da casa se esforçavam tanto em não infringir nenhuma regra, a fim de não deixar que o estabelecimento entrasse na lista negra das Forças Armadas. Sem os soldados, não haveria negócios.

— Fred...

Ele virou-se e viu Licia parada a seu lado. Ela era uma garota alta, cor de mel, com uma peruca lustrosa, ao melhor estilo Nancy Wilson. Oficiosamente, era a chefe das garotas do bar. Tinha um ar tranquilo, que não combinava com a dureza interior. Por qualquer que fosse a razão, o fato é que ninguém se metia com ela, nem as outras garotas nem os fregueses. Ela conversava com todos, tomava drinques com os fregueses. Mas quando o bar fechava, sempre voltava para casa sozinha.

— Tem algum pedido para o pianista? — perguntou Fred, batendo de leve numa tecla.

— Tenho, sim. O homem quer que você fique até as quatro horas.

— Mas que droga! — disse Fred, continuando a tocar. — Estou cansado. Há cinco horas que estou batucando neste piano.

— Vai ganhar em dobro pela hora extra.

Seriam mais dez dólares. Fred estava recebendo vinte e cinco dólares pelas cinco horas de trabalho.

— Por que o homem está querendo que eu continue?

— Olhe para essa multidão. Ele sabe que todos vão pensar que a noite acabou, assim que você sair do piano. E começarão a ir

embora.

Fred perguntou-se se JeriLee estaria acordada, à sua espera. Provavelmente ela já fora para a cama e estava dormindo.

— Está certo — disse ele, finalmente.

Os dez dólares extras vinham a calhar. Era o primeiro bom trabalho que ele conseguia, em mais de três semanas.

JeriLee olhou para o relógio. Já passava das três e meia. Fred já deveria ter chegado. Ela começou a sentir a tensão interior ressurgir.

Isso era uma estupidez. Ela tinha que aprender a controlar-se melhor. Não havia motivo nenhum para ficar nervosa. Já acabara a peça.

Um cigarro ajudaria, pensou. Foi buscar um e acendeu-o. Deu uma tragada funda e sentiu a tensão diminuir. Estava se sentindo melhor. Olhou novamente para o relógio. Três e quarenta e cinco. Não era tão tarde assim...

Subitamente, ela sentiu sede. Tirou o vinho da geladeira e encheu um copo. Bebeu. Sentiu-se logo um pouco alta. Fred ficaria surpreso quando chegasse e a visse daquele jeito.

Geralmente, ela estava dormindo, irrequieta, ou curvada sobre a máquina de escrever, muito tensa. Não devia ser nada agradável para ele, mas Fred só se queixara uma única vez.

— Olhe, meu bem, parece que você se esqueceu de como se divertir. Não pode viver permanentemente nessa tensão.

Fora um dia terrível, e JeriLee se pusera a gritar:

— Como diabo você pode saber como me sinto? Arruma um emprego, ou não arruma nada, vai levando a vida de qualquer maneira. Não precisa arrancar nada de dentro de si, sem saber se vale ou não alguma coisa, se é bom ou ruim, certo ou errado. Vai trabalhar, se encontra emprego. Se não tem nada em vista, fica sentado aqui o dia inteiro, tomando cerveja, fumando e olhando para mim. Vá para o diabo! Não tem que se angustiar com coisa alguma!

Ele a fitara por um longo momento, em silêncio, depois fora para o banheiro e trancara a porta. Pouco depois, ela ouvira o barulho do chuveiro. Quando Fred finalmente saiu do banheiro, ela já recuperara a calma e sentia-se arrependida.

— Desculpe. Eu não tinha a menor intenção de gritar com você daquele jeito.

Ele assentira, sem dizer nada, indo para o quarto e voltando

um instante depois com um cigarro aceso.

— Sei Como deve estar se sentindo, JeriLee. Mas tenho certeza de que estará tudo bem quando terminar a peça.

Pois agora a peça estava terminada e ela se sentia bem. Deu outra tragada e tomou mais um gole de vinho. Sentia-bem e liberta pela primeira vez em muitos meses. Sentiu um calor se espalhar por dentro dela e tocou-se, muito excitada. Estava toda molhada. Isso não acontecia há muito tempo. Oh, Deus, como ela estava excitada! Não podia esperar o momento do retorno de Fred. Ele não sabia, mas iria ter uma das noites mais sensacionais de sua vida.

Capítulo 3

O bar fechou às quatro horas. Menos de dez minutos depois, todos os fregueses e a maioria das garotas já tinham ido embora. Os atendentes não perdiam tempo. Quando algum freguês dava sinais de que pretendia demorar-se com seu drinque, descobria subitamente que o copo desaparecera de cima do balcão.

Cansado, Fred reuniu suas músicas e colocou-as na pasta de couro, seguindo então para a caixa registradora junto à porta, a fim de receber seu pagamento. O caixa estava de costas para ele, conferindo a fêria. Fred ficou esperando pacientemente, até que ele terminasse. Sabia que era melhor não interromper o homem.

Licia apareceu subitamente ao lado dele.

— O homem quer lhe pagar um drinque.

— Ótimo. Vou querer um bourbon com água — disse Fred, profundamente grato.

— Jack Daniel's com água — gritou Licia.. — O uísque do bar não vale nada. Metade é água.

— Obrigado.

O homem da caixa pôs o drinque diante dele e voltou a contar a fêria. Fred tomou um gole e murmurou: — Muito bom...

— O homem gosta de você. Diz que você conhece a sua

música direitinho.

— Agradeça a ele por mim. — Fred sentiu-se grato. Fazia muito tempo que ninguém lhe dizia nada elogioso sobre sua música.

— Quais são os seus planos? — perguntou Licia, abruptamente.

— Como assim?

— Em matéria de trabalho.

— Descobrir algum outro bar onde possa tocar durante a noite.

— Não tem nenhum emprego durante o dia?

— Não. Vivo apenas da minha música. Não sei fazer mais nada.

— E o que faz durante o dia inteiro?

— Fico procurando um lugar onde possa tocar de noite. E trabalho também em algumas canções.

— Você compõe?

Fred assentiu.

— O único problema é que não consigo encontrar ninguém disposto a ouvir minhas canções. As gravadoras estão absorvidas pelos figurões, e em matéria de novidades querem saber apenas de rock. Basta aparecer algum garoto vestido de hippie, barbado e com uma guitarra nas mãos, que eles ficam logo querendo contratá-lo.

— Talvez o homem possa ajudá-lo. Ele tem bons contatos com algumas companhias — disse ela. — Espere aqui um instante, enquanto vou falar com ele.

Fred ficou observando-a encaminhar-se para o fundo do bar e desaparecer no escritório, entre o banheiro dos homens e o das mulheres. Tinha certeza de que nada resultaria daquilo, mas pelo menos estava agradecido pelo interesse de Licia. Durante o tempo todo em que vivia com JeriLee, o assunto das composições dele nunca fora abordado. Ela estava absorvida demais em sua peça. Não tinha lugar em seus pensamentos para mais nada.

Ao voltar, Licia disse-lhe:

— Ele mandou dizer que tem um piano no apartamento dele. Se quiser ir até lá, terá o maior prazer em escutar suas canções.

— Agora? Mas já passa de quatro horas da madrugada.

— O homem é da noite. Para ele, isso é o meio da tarde. Ele não sai da cama antes das sete da noite.

Fred pensou por um momento. Certamente, àquela altura, JeriLee devia estar profundamente adormecida. Ele realmente não levava muita fé naquela audição, mas alguma chance, por menor que fosse, era melhor do que nenhuma.

— Está certo — disse então.

— Dê trinta e cinco dólares a Fred — disse Licia.

O homem da caixa contou rapidamente o dinheiro. Fred guardou-o no bolso, dizendo:

— Obrigado.

— Vamos indo — falou Licia. — Meu carro está estacionado na garagem de Radio City. O homem me disse para levá-lo até o apartamento dele.

O carro era um Cadillac conversível, prateado, com estofamento de couro preto e capota também preta. Fred afundou-se no banco ao lado dela e respirou fundo. Havia duas coisas que sempre o deixavam excitado: o cheiro de um carro novo ou o de uma garota nova. De certa forma, as duas coisas sempre pareciam surgir juntas em sua cabeça. E aquele carro cheirava a novo.

Ela ligou o toca-fitas quando entraram na 49th Street. Era Nat King Cole cantando Too young, um dos seus maiores sucessos.

— Nunca haverá outro igual a King — comentou Fred.

— King está morto — disse Licia, calmamente.

Ela entrou na Avenue of the Américas, calculando a velocidade habilmente, de maneira a pegar todos os sinais abertos. Seguiram pela Park Avenue.

— Belo carro — disse Fred.

— Gosto muito dele — respondeu ela, sem qualquer inflexão na voz.

Saíram da Park Avenue na 72nd Street e logo entraram na York Avenue. Ela seguiu até um edifício novo, de esquina, e desceu com o carro pela rampa da garagem. Parou lá embaixo e saltou, sem esperar pela chegada do garagista.

— O elevador fica ali — disse ela.

O ascensorista parecia conhecê-la. Tocou a testa com a mão, cumprimentando-a:

— Bom dia.

— Bom dia — respondeu ela.

O ascensorista sabia para onde eles estavam indo. Parou o carro no sétimo andar, sem que ela dissesse nada. Fred seguiu-a pelo corredor atapetado. Ela devia ser muito íntima do homem. Nem

mesmo havia telefonado para informar a chegada deles, como sempre costumavam fazer naqueles edifícios de luxo. Viu-a parar diante de uma das portas e tirar uma chave da bolsa. Era isso mesmo, pensou Fred. Ela era íntima do homem. Íntima de verdade. Tinha até uma chave do apartamento dele.

As luzes do apartamento estavam acesas. Fred seguiu-a pelo vestibulo grande, passando para um living ainda maior. A sala estava cercada de janelas imensas, permitindo uma boa visão do East River, com a Ponte de Triborough lá longe e a Ponte de Queensboro mais próxima, na altura da 59th Street. Perto das janelas do canto, havia um piano de cauda, todo branco. Fred parou, numa admiração silenciosa. Ele só vira pianos assim no cinema.

— O homem tem um apartamento e tanto — disse ele.

Licia fitou-o, sem fazer qualquer comentário. Depois, perguntou:

— Vai querer um Jack Daniel's com água?

Ele assentiu. Ela preparou o drinque e ficou esperando que ele provasse.

— Está bom assim?

— Está ótimo — respondeu Fred.

Ele virou-se, ao ouvir o ruído de passos. Uma garota branca, de cabelos castanhos compridos e olhos azuis, entrou na sala, usando um roupão branco.

— Eu estava dormindo, mas ouvi vozes — disse ela para Licia.

— Lamento termos acordado você, querida. Mas Fred veio até aqui para tocar um pouco para nós. — Virou-se para ele e acrescentou: — Fred, essa é Sam, abreviatura de Samantha. Sam, esse é Fred... — Ela o fitou com uma expressão inquisitiva.

— Lafayette — disse ele, rapidamente. — Fred Lafayette — repetiu Licia.

A jovem estendeu-lhe a mão.

— Prazer em conhecê-lo.

— O prazer é meu. — A mão dela era fria. Fred tornou a virar-se para Licia. — O homem já chegou? Posso começar a tocar na hora em que ele quiser.

Licia fitou-o, firmemente.

— Pode começar a tocar agora.

Ele olhou para ela, espantado. E então, subitamente,

compreendeu tudo. Trabalhara pelo menos quatro vezes no bar e nunca vira o homem.

— Você?

Havia um tom de espanto na voz dele. Licia assentiu. Ele pôs o copo em cima de uma mesinha e disse:

— Acho melhor eu ir embora. Não gosto de ser enganado.

A voz de Licia era bastante firme:

— Ninguém o está enganando. Disse que não encontra ninguém disposto a ouvir sua música. Pois eu posso ouvir se achar que vale alguma coisa.

Ele a fitou nos olhos.

— Faz isso sempre?

— É a primeira vez.

— E por que logo eu?

— Estudei música na universidade. Mas não tenho o menor talento. Posso imitar os outros, mas não tenho a coisa verdadeira dentro de mim. Sei, porém, reconhecer uma música de verdade, quando a ouço. E fiquei prestando atenção à sua música lá no bar. Possui um estilo todo pessoal. Dava a impressão de que era o autor daquelas canções.

— É a gerente do bar? — perguntou Fred, após um momento.

— Sou a dona. E caso esteja pensando que estou interessada em você como homem, pode ir tirando a ideia da cabeça. Estou feliz com o que tenho. Apenas gostei de sua música. E se você tiver mesmo o talento que desconfio, talvez todos nós possamos ganhar algum dinheiro com isso.

Fred olhou primeiro para ela e depois para a jovem de olhos azuis. Compreendeu que não estava muito bom, naquela noite, para perceber as coisas.

— O que vai querer ouvir? — perguntou ele, finalmente. — Algo bem rápido ou lento? Baladas? Música pop? Blues?

— Toque simplesmente o que lhe vier na cabeça. Ficarei escutando.

— Vou voltar para a cama — disse a garota, de repente.

— Está bem, querida — falou Licia, com voz suave.

A moça saiu da sala, sem dizer boa-noite.

— Posso voltar amanhã, se preferir — disse Fred.

— Não há motivo para isso. Eu o trouxe até aqui para tocar.

Portanto, comece a tocar.

Licia seguiu-o até o piano. Fred sorriu, dando vazão a seus sentimentos represados. Há muito tempo que ele não tinha oportunidade de tocar a música que estava em sua cabeça.

Ele ainda estava nos primeiros compassos da primeira canção quando Licia compreendeu que acertara em cheio no seu pressentimento. A música dele possuía uma magia de verdade.

Capítulo 4

JeriLee adormecera no sofá, mas foi acordada pelo barulho da chave na fechadura. Sentou-se rapidamente. A sala estava agora banhada pela luz do sol e girou por um momento, enquanto ela sentia um estranho zumbido nas têmporas.

Olhou para a garrafa de vinho vazia, entre as duas velas totalmente queimadas. Não quis acreditar que bebera toda a garrafa sozinha.

Fred parou na porta, surpreso ao vê-la no sofá.

— Não pensei que estivesse acordada, JeriLee.

— Tentei ficar acordada, à sua espera, mas acabei caindo no sono. Que horas são?

— Quase nove. — Fred reparou na garrafa de vinho e nas velas. — Você andou comemorando. Qual é a ocasião especial?

— Acabei a peça.

Ele ficou calado por um instante, digerindo a informação. Depois sorriu e disse:

— Parabéns, querida. Isso bem que merece uma comemoração.

— Você não me disse que ia passar a noite toda fora. — JeriLee não tinha intenção de fazer com que a frase parecesse uma censura, mas foi exatamente o que aconteceu.

— Eu também não sabia, JeriLee. Foi totalmente inesperado.

— Podia ter telefonado.

— Achei que estava dormindo — disse ele, inclinando-se na

direção do sofá e beijando-a. — Também tenho boas notícias a lhe dar.

Ela sentiu o cheiro do Jack Daniel's.

— Você andou bebendo.

— Um pouco.

— E que boas notícias são essas?

— Dei uma audição para a dona do bar em que estou trabalhando. Ela vai me ajudar a encontrar um editor e uma gravadora para as minhas músicas.

— Que músicas?

— Tenho algumas músicas que venho fazendo há anos.

— Nunca me disse nada.

— Você nunca me perguntou. Além disso, estava ocupada demais com a sua peça. E minhas músicas também não serviam para nada. Até esta noite.

JeriLee sentiu uma pontada de ciúmes.

— O dono do bar é uma mulher?

Fred assentiu.

— Você ficou lá depois que o bar fechou e tocou para ela?

— Não. Ela me levou até seu apartamento. Tem um piano de cauda lá.

— Ahn... — JeriLee levantou-se. Tinha um gosto amargo na boca. Subitamente, sentia-se bastante deprimida. O excitamento de concluir a peça desaparecera por completo. — Vou escovar os dentes e depois irei deitar-me.

Ele seguiu-a até a porta do banheiro.

— Não houve nada disso que você está pensando, JeriLee.

— E como sabe o que estou pensando? — perguntou ela, fitando-o pelo espelho do banheiro.

— Não aconteceu nada.

— Claro, claro — disse JeriLee, sarcasticamente. — Você passou seis horas no apartamento dela, depois do trabalho, apenas tocando piano.

— Exatamente.

Ela espremeu o tubo da pasta de dentes, cuidadosamente.

— Não precisa mentir para mim, Fred. Não me deve nenhuma explicação.

— Não estou mentindo.

— Não quero mais falar sobre isso.

JeriLee começou a escovar os dentes. Quando ela voltou

para o quarto, Fred perguntou:

— O que vai fazer agora?

— Levar uma cópia da peça para Fannon. — Ela deitou-se, pegou o despertador e ajustou-o para tocar ao meio-dia. — Mas primeiro quero ir ao salão de beleza, para lavar e cortar o cabelo.

— Acho que está muito bem,

— Mas não está. Faz meses que não corto o cabelo. — Ela ajeitou os travesseiros e acrescentou: — E agora, se me dá licença, tenho que dormir um pouco.

Fred saiu do quarto, fechando a porta. O aposento ficou subitamente imerso na escuridão. JeriLee ficou olhando para a parede, pensando. Não gostava da maneira como estava se comportando, mas simplesmente não conseguia controlar-se. Fred não tinha a menor ideia de como ela estava tensa, de como a peça era importante para ela. Ele nunca demonstrara curiosidade suficiente para querer ler o que ela escrevera. JeriLee tinha a impressão de que o trabalho dela não significava coisa alguma para ele. O único ponto de contato entre eles era o sexo.



O despertador arrancou-a de um sono profundo. O barulho perturbou seus nervos e suas mãos trêmulas tatearam à procura do despertador, para desligá-lo. Ela acendeu o abajur da mesinha-de-cabeceira, pegou um cigarro e começou a fumar. Estava se sentindo um pouco mais calma quando o telefone tocou. Era uma voz de mulher.

— Posso falar com Fred, por gentileza?

— Espere um momento.

Fred estava dormindo no sofá. JeriLee sacudiu-lhe o ombro.

— Telefone para você, Fred.

— Quem é?

— Não perguntei.

Ele atendeu na extensão ao lado do sofá, enquanto JeriLee voltava para o quarto. Ela fechou a porta e desligou a extensão. No banheiro, contemplou-se no espelho e não gostou do que viu. Seu rosto possuía a palidez de quem não saía de casa, e rugas de

tensão em torno da boca e dos olhos, as quais ela nunca antes havia notado.

Pensou na voz de mulher que ouvira ao telefone. Quem quer que fosse, não restava a menor dúvida de que era uma mulher que tinha um controle perfeito. Como seria ela? Que idade teria? JeriLee conteve um impulso de ir escutar a conversa na extensão.

Mas que diabo estava acontecendo com ela? Não era de pensar assim, jamais seria capaz de fazer tal coisa. Não havia imposições entre ela e Fred. Ele não lhe devia coisa alguma, ela não devia absolutamente nada a ele. Estavam juntos apenas porque desejavam estar. A qualquer momento que um deles quisesse ir embora, tinha plena liberdade para fazê-lo. Mas há seis meses que viviam juntos, e tal intimidade, às vezes, podia deixar as pessoas com pensamentos estranhos.

JeriLee desejou não ter atendido ao telefone. Mas, nesse caso, Fred também não teria atendido. Ele nunca o fazia, por causa da mãe dela.

A mãe ficara furiosa ao descobrir que eles estavam vivendo juntos. Nunca aprovara a maneira como JeriLee vivia, mas morar com um negro era demais. Ela não tinha o menor constrangimento em dizer aos dois o que sentia e pensava. Para ela, não havia a menor dúvida de que Fred destruíra completamente a vida de JeriLee.

Em determinada ocasião, chegara até mesmo a ameaçar a filha de prisão, só deixando de falar nisso quando JeriLee ressaltara que não tinha mais o pátrio poder sobre ela. Desde então, a comunicação entre mãe e filha cessara por completo. Fazia quatro meses que JeriLee não via a mãe pessoalmente e várias semanas que não se falavam pelo telefone.

Talvez estivesse precisando de um psiquiatra, pensou JeriLee. Mas não teria condições de pagá-lo. Portanto, era melhor nem pensar nisso.

JeriLee examinou as prateleiras do armário de remédios. As pílulas não eram tão caras quanto um psiquiatra. Pegou o vidro de Quaalude 500 mg. Exatamente o que estava precisando. O Librium relaxava-lhe os músculos, o Valium ajudava-a a dormir. Mas o Quaalude tanto a acalmava como a fazia sentir-se bem-disposta. Ela engoliu a pílula e meteu-se debaixo do chuveiro, abrindo a água fria ao máximo.



Envolta numa toalha de banho, sentou-se na beira da cama e ligou para o escritório de Fannon.

— Produções Adolph Fannon — disse uma voz de mulher.

— O Sr. Fannon, por favor. É JeriLee Randall quem está falando.

— Um momento, por favor.

Subitamente, JeriLee sentiu o coração disparar. Fazia mais de um ano. Será que ele ainda se lembrava dela e da promessa que fizera? Houve um clique e depois ela ouviu a voz de Fannon:

— JeriLee! Mas que bom ouvi-la de novo!

Ela procurou fazer com que sua voz soasse tranquila e normal:

— O prazer é meu em voltar a conversar com você, Adolph.

— Faz muito tempo... — murmurou ele, efusivamente, para logo depois acrescentar, em tom mais profissional: — Terminou a peça?

— Terminei — disse ela, aliviada, ao constatar que ele ainda se lembrava.

— Quando poderei vê-la?

— Posso levá-la à hora em que quiser.

— Não é essa a maneira pela qual velhos amigos fazem negócios. Você vai jantar comigo. Conversaremos sobre a peça e depois eu a levarei para casa e a lerei.

JeriLee sorriu. Sabia que a peça seria lida por diversos assistentes de Fannon, antes que ele se dignasse a dar uma olhada. Mesmo assim, era muito melhor entregá-la durante um jantar do que simplesmente deixá-la no escritório.

— Seria ótimo — disse ela. — E quando poderá ser esse jantar?

— Que tal esta noite? Tem algum compromisso?

— Nada de importante.

— Ótimo. Então vamos nos encontrar no Sardi's às oito e meia. O movimento do pessoal do teatro já deverá ter acabado e poderemos conversar sossegados.

— Oito e meia — repetiu ela. — Estarei lá.

Só depois de desligar é que compreendeu como estava nervosa. As mãos estavam tremendo novamente. Ela precisaria tomar outro Quaalude, antes de seguir para o jantar. Era muito importante que se controlasse.

Capítulo 5

Quando ela voltou para o apartamento, depois do jantar, Fred não estava. Eram quase onze horas. O bilhete em cima da mesa era curto e objetivo: "Fui a uma reunião. Devo estar de volta cerca de meia-noite".

JeriLee sentiu-se um tanto aborrecida. Ela só saíra para o jantar às oito horas e Fred não falara nada sobre uma reunião. Amassou o bilhete e jogou-o na cesta de papéis. Inquieta, foi para o quarto e trocou de roupa, vestindo jeans e uma blusa. Agora que a peça estava terminada, o apartamento parecia subitamente uma prisão.

Ficou andando a esmo pelo living, depois foi para a cozinha e serviu-se de um copo de vinho branco. Tinha que começar a pensar em arrumar um emprego.

— Creio que terei de voltar a trabalhar — dissera ela a Fannon, quando ele perguntara quais eram os seus planos. — Tem alguma coisa para mim em algum dos seus espetáculos?

— Creio que não. A temporada não foi muito boa. Não tenho nenhum espetáculo neste verão.

— Nesse caso, terei que procurar alguma outra coisa.

— Quem é o seu agente agora?

— Não tenho nenhum. Praticamente, deixei tudo o mais de lado, enquanto trabalhava na peça.

Ele a fitou sem fazer qualquer comentário. JeriLee sabia que ele estava a par de tudo o que acontecera.

— Agora que terminei a peça, estou pensando em ir procurar William Morris.

— Pode dizer a eles que estou interessado em sua peça, se isso ajudar em alguma coisa.

— Obrigada, Adolph — disse ela, sentindo-se realmente grata.

— Se eu puder ajudá-la em alguma coisa, basta me telefonar — disse ele, a mão subindo pela coxa dela.

— Telefonarei mesmo.

Ele a pusera dentro de um táxi, na frente do restaurante. Quando o táxi virara a esquina, entrando na Broadway, ela pedira ao motorista que a deixasse na esquina da 42nd Street. Pegaria o metrô ali, para voltar a seu apartamento. Os táxis eram um luxo que não podia mais ter.

Era estranho como as coisas haviam mudado, pensou JeriLee. Por muito tempo, os táxis tinham sido o seu meio de transporte exclusivo em Nova York. Mas isso parecia ter acontecido há muito tempo atrás. Até o Sardi's estava diferente agora.

Pouco mais de um ano antes, quando ela entrava no restaurante, parecia que todos a conheciam.

Daquela vez, no entanto, o maître fitara-a com uma expressão impassível, mesmo depois que ela perguntou pela mesa de Fannon. Ficou imaginando se mudara tanto assim.

Quando Fannon perguntou ao maître se ele não se recordava da Srta. Randall, o homem respondera com um sorriso profissional:

— Mas, claro, a Sra. Thornton! Pensei tê-la reconhecido, mas não tinha certeza. É que mudou o penteado. Seja bem-vinda de volta.

De volta? E por onde será que pensava que ela andara? Pelo círculo Ártico? Odiando as palavras no instante mesmo em que as pronunciou, ela disse:

— É um prazer estar de volta.

A mesma coisa aconteceu com outras pessoas que pararam na mesa, para falar com Fannon. Ela teve que ser apresentada a cada uma e percebeu, pelas expressões, que seu nome não despertava nenhuma recordação. Não havia a menor dúvida de que a Broadway não possuía uma memória das melhores.

Ela estava quase terminando o vinho quando o telefone tocou. A voz de Fred soou alegremente em seu ouvido:

— Como foi o jantar, querida?

— Muito bem.

Pelo tom de sua voz, JeriLee sentiu que ele andara bebendo.

— Ele vai produzir a peça?

— Não sei ainda. Ele tem que lê-la primeiro.

— Estamos fazendo uma comemoração aqui, querida. Acabei de assinar um contrato de agenciamento com Licia, e ela abriu uma garrafa de champanha de verdade. Pegue um táxi e venha até aqui.

— Talvez seja melhor eu não ir — disse JeriLee, hesitante. — Já é muito tarde.

— Venha, sim, querida. Só estamos eu, Licia e o advogado dela. — JeriLee ouviu alguém mais falar. Fred ficou em silêncio por um instante, depois riu e disse a ela: — Mudança de planos, querida. Fique esperando aí que iremos buscá-la. Vamos fazer uma pequena comemoração esta noite.

Fred desligou. Talvez fosse melhor assim, pensou JeriLee. Sem o trabalho para fazer, o apartamento era deprimente.



O Arthur's estava lotado. A música ecoava pelos alto-falantes e eles precisavam gritar para ser ouvidos. Havia uma grande fila na porta, quando eles chegaram. Mas, sem hesitar, Licia saltou do carro e deixou-o para o porteiro estacionar. Depois, como que por um passe de mágica, a porta foi aberta e haviam imediatamente providenciado uma boa mesa para eles. Licia parecia conhecer a todos na discoteca.

Só ao saltarem do carro é que JeriLee percebeu como Licia era alta. Devia ter pelo menos um metro e setenta e cinco. Havia nela uma impressão de força, que sobressaía pela maneira como ela se mexia e andava. Em comparação, a garota Sam, com seu arzinho petulante e egoísta, parecia extremamente suave. Marc, o advogado, era um jovem com uma expressão astuta de judeu, que gerava imediatamente uma sensação de desconfiança.

Logo depois que se sentaram à mesa e a garçonete se afastou com os pedidos, o advogado e Sam se levantaram para dançar. Um momento depois, os dois estavam perdidos em meio à multidão compacta que ocupava a pista de danças. Fred, sentado entre Licia e JeriLee, sorriu.

— Tenho certeza de que vão gostar uma da outra — disse ele. — São ambas mulheres independentes.

Ao fitar a outra nos olhos, JeriLee teve a impressão de que ela e Licia já se conheciam. Havia uma espécie de reconhecimento, que ia além da palavra falada. Ela sentiu que corava. Licia sorriu e disse:

— Tenho certeza disso.

— Também tenho — murmurou JeriLee.

Quando a garçonete voltou com os drinques, Licia pegou seu copo de suco de laranja e disse:

— Ao nosso músico!

Fred riu, ao baterem com os copos.

— Espero que nenhuma das duas fique desapontada comigo.

— Não creio que isso aconteça — disse Licia, olhando para JeriLee.

Esta sentiu que corava novamente e acrescentou:

— Jamais ficaremos.

— Por que vocês dois não vão dançar? — sugeriu Licia. — Não se preocupem comigo. Ficarei muito bem aqui sozinha.

Fred olhou para JeriLee.

— O que me diz, querida?

Ela assentiu e levantou-se. A pista estava apinhada. Depois de um minuto, JeriLee entregou-se ao ritmo da música. Ela adorava dançar, especialmente o rock. Havia nisso algo de exibicionista, que a atraía intensamente. Era uma forma de dançar que parecia ter sido criada especial-mente para ela. Fred inclinou-se na direção dela.

— O que achou de Licia, querida?

— Parece ser uma mulher muito especial.

Fred assentiu, sacudindo o corpo dentro do ritmo.

— E é também muito inteligente. Tem participação em diversos negócios, além do Green Bar. Parece que é sócia de lojas de discos, companhias musicais e alguns clubes, em outras cidades.

— Parece que o negócio é grande.

— E é mesmo. Não precisaremos mais contar tostões. Licia está me garantindo cento e cinquenta dólares por semana, pelo menos durante o próximo ano.

— E o que ela vai ganhar em troca?

— Seremos sócios em partes iguais. Vamos registrar minhas canções numa companhia editora. Tudo o mais, inclusive os

direitos das gravações e as apresentações que eu fizer, irão para essa companhia, e depois dividiremos os lucros.

— E com que mais ela entra no negócio, além do dinheiro?

— Com os contatos que tem. Ela conhece todo mundo que está no negócio. E com os interesses que controla, possui muita influência. Não há quem não queira lhe agradar.

— Parece um bom negócio.

— E é mesmo.

JeriLee fitou-o nos olhos, sem dizer nada. — Não há mais nada entre nós dois, querida, além dos negócios. Sam é que é a namoradina dela.

Subitamente, as coisas se ajustaram em seus lugares.

JeriLee sentira que havia algo em Licia que a fazia lembrar-se de outra pessoa. Agora ela sabia quem era essa outra pessoa. Não era a semelhança física, mas sim a maneira como Licia a fitara, quando haviam sido apresentadas. Carla Maria emitira as mesmas vibrações sutis. Talvez tivesse sido essa experiência que lhe proporcionava agora aquele conhecimento. Através de uma brecha na multidão, ela viu Licia fitando-a, com uma expressão significativa. JeriLee sentiu que corava novamente.

Licia sabia, assim como Carla Maria também o soubera.

Será que ela estava irradiando alguma mensagem, sem o sentir? Seria possível que houvesse um lesbianismo latente dentro dela, esperando o momento de emergir?

JeriLee estava tão imersa em seus próprios pensamentos que não prestou atenção ao que Fred estava dizendo. Finalmente, conseguiu concentrar-se nele novamente.

— O que disse, Fred? Não consegui entender, com todo esse barulho.

— Ela quer que eu compre um guarda-roupa novo. Está me adiantando o dinheiro para isso. Quer que eu me vista com a maior classe.

JeriLee assentiu, sem dizer nada.

— Vamos gravar algumas fitas e depois irei com Marc para Detroit, para falar com alguns figurões de lá. Licia acha que posso começar minha carreira por aquela cidade.

Pela primeira vez, JeriLee percebeu como ele era jovem. Não em idade, pois nos anos vividos era mais velho do que ela, mas em ingenuidade. Os sonhos dele eram os mesmos que ela tivera há muitos anos atrás.

Subitamente, JeriLee sentiu-se velha e deprimida, com vontade de tomar um drinque. Tocou de leve no ombro de Fred e os dois saíram da pista. Ao voltarem para a mesa, Sam também estava de volta, sozinha.

— Marc me deixou sozinha na pista — disse ela, fazendo beicinho. — Disse que tinha visto alguém com quem precisava falar urgentemente. E ainda estou com vontade de dançar.

— Marc não muda nunca — comentou Licia, sorrindo. — Por que não dança com ela, Fred?

— Claro.

JeriLee sentou-se, tomando a precaução de manter o lugar de Fred entre ela e Licia.

— Um lindo bando de malucos que está aqui esta noite — comentou Licia.

JeriLee limitou-se a assentir.

— Uma parte está dopada e os outros vieram exhibir-se, só porque este é um lugar em moda.

— Em que metade você se situa?

— Em nenhuma das duas. Gosto realmente de observar. E, depois, estou aqui a trabalho.

— Tem algum interesse nesta casa?

— Estou pensando em abrir uma casa como esta, quando chegar o momento propício.

— E quando será isso?

— Dentro de um ou dois anos. Assim que esta casa tiver fechado. Só dá para haver uma única casa deste tipo, de cada vez.

JeriLee ficou calada.

— Fred já lhe falou a respeito dos nossos planos?

— Já.

— E o que achou?

— Fico feliz por ele. Fred merece uma oportunidade.

— Está apaixonada por ele?

— Não.

— Mas ele está apaixonado por você. E quer casar-se com você.

— Foi ele quem lhe disse isso?

Licia assentiu.

— Mas que droga!

JeriLee pegou seu drinque. As coisas não deveriam ter chegado àquele ponto. Como se lesse os pensamentos dela, Licia

perguntou-lhe:

— O que uma mulher como você está pretendendo ao se envolver com um rapaz como ele?

— É melhor do que ficar sozinha. Além do mais, é muito difícil encontrar homens de verdade disponíveis.

Licia estendeu o braço e apertou a mão de JeriLee. No mesmo tom de voz da outra e sem retirar a mão, JeriLee disse:

— E o que uma mulher como você está fazendo ao se envolver com uma garota como aquela?

Os olhos de Licia ficaram arregalados de surpresa. Depois ela riu, retirando a mão.

— É melhor do que ficar sozinha. Além do mais, é muito difícil encontrar mulheres de verdade disponíveis.

Subitamente, as duas ficaram à vontade. JeriLee riu e disse:

— Gosto de você. Pelo menos, é franca.

— Também gostei de você.

— Mas há uma coisa que não entendo. Por que está fazendo tudo isso por ele?

— Em parte pelo dinheiro. Mas isso não é tudo.

Licia hesitou por um instante. JeriLee insistiu:

— E qual é o resto?

— Você não compreenderia.

— Experimente, para ver.

A voz de Licia era suave, mas dava para se sentir a dureza por baixo:

— Este é um mundo dos homens e subi o mais alto que uma mulher pode chegar e continuar a ser tolerada. Os homens não gostam de mulheres que querem fazer tudo sozinhas.

— Ainda não estou entendendo o que Fred tem a ver com isso.

— Vou transformá-lo num grande sucesso, porque ambos precisamos disso, por motivos diferentes. Com ele na frente, ninguém mais irá deter-me. Irei para onde quiser.

— Ainda não estou entendendo. O que está querendo dizer ao falar "com ele na frente"?

Licia segurou novamente a mão de JeriLee.

— Desculpe. Eu não quis ser obscura. É que vou me casar com Fred.

Capítulo 6

JeriLee dobrou a última camisa e colocou-a cuidadosamente na mala. Era uma mala nova e cara, um presente de Licia, parecendo completamente deslocada ali na cama.

— Acho que não falta mais nada, Fred.

— É mesmo.

— Acabe de vestir-se. Marc deve estar chegando.

— Está certo. — Ele abotoou o colarinho da camisa e foi postar-se diante do espelho, a fim de dar o nó na gravata. Ao terminar, vestiu o paletó e virou-se para JeriLee sorrindo. — Como estou?

— Lindo!

Ele aproximou-se e beijou-a.

— E isso é apenas o início. Quando eu voltar, Licia quer que mudemos para um apartamento melhor, onde possamos ter um piano.

JeriLee fechou a mala, sem dizer nada.

— Ei, não fique tão desanimada, JeriLee! Não vou viajar tanto assim. Irei apenas a Detroit, Nashville e Los Angeles, ficando uma semana em cada lugar.

Ele simplesmente não podia entender.

— Enquanto eu estiver viajando, JeriLee, você podia começar a procurar outro apartamento. Assim, quando eu voltar...

— Não!

— Qual é o problema, querida? — perguntou ele, desconcertado.

— Não vou me mudar deste apartamento.

— Ora, deixe disso. Está na hora de sairmos desta pocilga.

— Não vou me mudar.

— Mas estamos em condições de pagar algo melhor, querida.

— Você está.

— E que diferença isso faz? Nunca discutimos por causa das contas. — Fred passou o braço pelos ombros dela e acrescentou: — Além do mais, boneca, está na hora de nos

casarmos.

JeriLee enterrou o rosto no peito dele, murmurando, a voz abafada pelo paletó:

— Não...

Fred afastou-a um pouco, fitando-a por longo tempo. Estava genuinamente espantado.

— E por que não?

JeriLee piscou, tirando as lágrimas que lhe atrapalhavam a visão.

— Porque não daria certo.

— Só porque sou preto?

— Você sabe que não.

— Tenho minhas dúvidas. Há garotas que não se incomodam de ir para a cama com um preto, mas jamais se casariam com um deles. — Havia uma ponta de irritação em sua voz.

— Você sabe perfeitamente que não é isso, Fred.

— O que é então? Sei que você gostou quando me mudei para cá. Servimos muito bem um para o outro.

— Tem toda a razão, Fred. Foi ótimo... naquela ocasião. Mas as coisas não permanecem as mesmas eternamente. Agora, a situação é diferente.

— A única diferença é que agora passarei a trazer dinheiro para casa. Poderei cuidar de você de maneira condigna.

JeriLee escolheu as palavras cuidadosamente,. Gostava muito dele para querer vê-lo magoado.

— Fico contente por vê-lo a caminho do sucesso, Fred. Você merece muito mais do que isso. Mas espero que compreenda que eu também quero fazer sucesso. E tenho que fazê-lo por mim mesma.

— Não vou impedi-la, querida. Quero apenas tornar as coisas mais fáceis para você. Aproveite o dinheiro que lhe poderei dar.

Os olhos dela agora estavam secos, e a voz era firme:

— Se fosse isso o que eu desejasse, Fred, não teria me divorciado de Walter.

— Não consigo compreendê-la.

— Às vezes, nem eu mesma me compreendo. Sei apenas que desejo ser livre.

— Se você me amasse, não se sentiria desse jeito.

— Talvez seja isso. Eu o amo, Fred, mas não da mesma maneira que você gosta de mim. É como se fôssemos muito íntimos e amigos e tudo fosse bom entre nós, as vibrações, o sexo, tudo enfim. É maravilhoso enquanto dura, mas não é o suficiente para mim. Ainda está me faltando alguma coisa. Talvez seja algo dentro de mim, que nem mesmo posso encontrar. Mas enquanto eu estiver procurando, não estarei preparada para entregar-me a homem nenhum. E sei que jamais poderei encontrar, se não me sentir livre e completa.

— Se nos casarmos, poderemos ter uma família. Isso servirá para fazer com que você se encontre.

Ela não pôde deixar de rir. Aquela era, invariavelmente, a resposta final dos homens. Um bebê era a solução mágica para todos os problemas. Talvez fosse mesmo... para eles. Mas não era isso o que ela estava querendo.

— Não é exatamente isso o que considero liberdade, Fred. Não sei se algum dia vou querer constituir família.

— Mas isso não é natural. Toda mulher quer ter um filho.

— Pois então sou diferente. Agora, não. Talvez algum dia eu venha a querer.

A campainha tocou lá embaixo. Fred foi até a janela, olhou e disse:

— Marc está estacionado em fila dupla.

— É melhor você descer logo.

— Não vou levar um "não" como resposta.

— Não brinque comigo, Fred. Você tem a sua própria vida e a sua carreira. Deixe também que eu tenha a minha.

A campainha tornou a tocar.

— Está querendo dizer que não quer que eu volte?

JeriLee baixou os olhos, lentamente. Depois, ergueu a cabeça abruptamente e assentiu.

— Acho que seria o melhor, para nós dois.

Quando a campainha tornou a tocar, insistentemente, Fred teve uma explosão de raiva e frustração.

— Já estou indo! Mas que diabo! Já estou indo!

Ele parou na porta. A angústia distorcia sua voz:

— JeriLee...

Ela se aproximou e beijou-o no rosto.

— Boa sorte, Fred. Cante bonito para as pessoas.

Ele largou as malas no chão e deu um passo na direção

dela. JeriLee recuou. A voz dele ficou embargada pela dor:

— Vá para o inferno, JeriLee! E dane-se a sua honestidade ou como quer que a chame! No fundo, é apenas uma desculpa para o fato de que não se importa absolutamente com mais ninguém, além de si mesma!

Ele saiu então, deixando a porta aberta. Abruptamente, JeriLee cobriu o rosto com as mãos.

Ele estava certo. Ela sabia reconhecer uma verdade, quando a ouvia. A própria mãe já lhe dissera a mesma coisa.

Tinha que haver algo de errado com ela. Por que outro motivo jamais conseguia ficar satisfeita com as coisas, como as outras pessoas? Por que sempre queria mais, por que sempre se sentia incompleta?



Quando a campainha da porta tocou, ela praguejou baixinho e olhou para o relógio. Tinha apenas uma hora para chegar ao escritório de Fannon.

— Quem é?

— Sou eu, o Sr. Hardy, o zelador.

Mas que droga! Só faltava isso agora! Ela assumiu uma expressão expectante no rosto e foi abrir a porta, sorrindo.

— Olá, Sr. Hardy. Eu já ia mesmo procurá-lo. Entre, por favor.

— Vim falar sobre o aluguel — disse ele, naquela sua vozinha fina, peculiar.

— Era justamente por isso que eu ia procurá-lo.

— Arrumou o dinheiro?

— Era o que eu queria explicar. Eu...

— Já estamos no dia 20. O escritório está me pressionando.

— Sei disso. Mas estou à espera de um cheque. Eu ia sair neste justo momento, para me encontrar com o homem que vai produzir minha peça. Adolph Fannon, o famoso produtor. Tenho certeza de que já ouviu falar nele.

— Não. O escritório está querendo que eu lhe entregue uma notificação de despejo.

— Ora, Sr. Hardy, por que eles estão preocupados? Têm o seguro de um mês.

— E eles vão pedir que o seguro cubra este mês, se for embora.

— Sempre paguei o aluguel, Sr. Hardy.

— Eu sei, Srta. Randall. Mas não sou eu que faço os regulamentos. E o escritório diz que devo apresentar a notificação de despejo a quem não pagar o aluguel até o dia 20. Dessa maneira, terá que sair até o final do mês e ninguém perderá nada.

— Pagarei na sexta-feira.

— Ainda faltam três dias até lá. Eles vão me comer vivo.

— Eu lhe darei uma compensação, Sr. Hardy. Seja camarada ...

Ele correu os olhos pelo apartamento.

— Não tenho visto o seu amiguinho por aqui, nestas últimas semanas. Ele foi embora?

— Foi.

— Folgo em sabê-lo, Srta. Randall. Nunca contei ao escritório que havia outra pessoa morando em seu apartamento. O seu contrato de aluguel permite que apenas uma única pessoa more aqui. Além do mais, se eles descobrissem que era um negro que morava aqui, teriam ficado furiosos. Não querem saber de negros morando neste prédio. Isso deixaria o prédio com má fama.

JeriLee já aguentara tudo o que podia. Em voz fria, ela disse então:

— Sr. Hardy, por que não volta e diz a seu escritório para enfiar a língua no rabo?

Ele a fitou com uma expressão chocada.

— Mas que linguagem é essa para uma moça educada usar, Srta. Randall?

— Sr. Hardy, o escritório pode ser o dono do prédio, mas não é dono dos inquilinos. Ninguém tem o direito de dizer-me como nem com quem posso ou não viver. Eles têm direito exclusivamente ao aluguel, o qual eu já lhe disse que pagarei na sexta-feira.

— Se é assim que prefere, está certo — disse ele, tirando um papel de aparência oficial do bolso de trás da calça e pondo-o na mão de JeriLee.

Ela olhou para as palavras escritas em letras maiúsculas no cabeçalho: notificação de despejo.

— Por que me deu isso, Sr. Hardy? Eu já disse que vou

pagar o aluguel na sexta-feira.

Ele encaminhou-se para a porta.

— Pode devolver-me, junto com o aluguel. Isso é apenas uma precaução, caso não consiga arrumar o dinheiro.

Capítulo 7

Ela compreendeu que as notícias não eram boas, no momento em que viu a expressão de Fannon.

— Quis entrar em contato com você antes, mas as coisas por aqui andaram muito movimentadas — disse ele, depois de beijá-la no rosto.

— Não há problema. Eu compreendo.

— Quer um cigarro?

— Não, obrigada.

— Você parece cansada.

— Não tenho dormido direito. As noites estão muito quentes e o ar-condicionado quebrou.

— Deveria sair da cidade, JeriLee. Está precisando respirar o ar puro do campo.

Ela ficou olhando para ele, sem responder. Não adiantava dizer-lhe que não tinha dinheiro para isso. Ele pegou a cópia da peça e ficou olhando para a capa.

— Gosto muito de você — disse ele, abruptamente.

JeriLee tentou manter a voz serena:

— Mas não gosta da minha peça, não é mesmo?

Os olhos dele pareciam entrar dentro dela.

— Prefere que eu doure a pílula?

— Não. Pode falar francamente.

— Não gosto de sua peça. E acredite que eu queria gostar. Acho que você sabe escrever. Mas a peça que fez não é boa. Não passa de um exercício emocional, uma série de cenas que não se

ligam, uma história que não funciona. Mas ainda não desisti. Tenho certeza de que algum dia ainda escreverá uma peça que causará uma revolução nesta cidade.

— Mas não desta vez.

— Não desta vez...

— Nem mesmo se eu a reescrever?

— Continuará a não dar certo. Não há nenhuma história de verdade, nenhum tema central. São cenas esparsas, isoladas, como um caleidoscópio. Cada vez que se passa para a cena seguinte, a anterior se perde completamente. Quando terminei de ler, estava tão confuso que não conseguia compreender muito bem a peça.

— O que sugere então?

— Deixar essa peça de lado. Talvez, com o tempo, você acabe ajustando suas ideias. Volte então a me procurar. Neste momento, não daria certo. Acho que você deve começar a trabalhar em outra peça.

JeriLee não respondeu. Era muito fácil dizer a alguém para fazer alguma coisa, quando a própria pessoa não tinha que fazê-lo.

— Não fique desanimada, JeriLee. Todo teatrólogo de sucesso já escreveu peças que não eram boas. A única coisa importante é que você continue a escrever.

— Eu sei — disse ela, falando o que de fato sentia.

— Sinto muito, JeriLee — disse ele, levantando-se.

Ela o fitou, compreendendo que a entrevista estava terminada. Conseguiu manter a voz firme:

— De qualquer forma, obrigada por sua atenção.

Ele contornou a mesa, entregou-lhe à cópia da peça e beijou-a no rosto.

— Não se acanhe, JeriLee. Mantenha-se em contato comigo.

— Está certo.

— Telefone-me na próxima semana. Poderemos almoçar juntos.

— Está bem.

JeriLee passou rapidamente pela sala da secretária, esforçando-se ao máximo para conter as lágrimas. Não queria que ninguém a visse chorar. Durante toda a descida, no elevador, ela se esforçou arduamente para conter as lágrimas.

Ao sair para a rua, viu uma cesta de lixo junto ao meio-fio.

Num acesso de raiva e autopiedade, jogou a cópia da peça lá dentro.

Já tinha percorrido quase meio quarteirão antes de voltar correndo e recuperar a peça, quase no fundo da cesta. Talvez inconscientemente, ela há muito já pensava que deveria descartar-se da peça, mesmo enquanto trabalhava nela. Mas não teria conseguido parar. Estava envolvida demais e tinha que continuar escrevendo até o fim, como única maneira de se livrar dela.

Agora, estava tudo terminado e ela teria que começar outra vez. Mas onde? E como? Havia outras coisas de que ela teria de cuidar primeiro. Como o aluguel e todas as demais contas a pagar. Teria que arrumar algum dinheiro com que sobreviver, até conseguir arrumar um emprego. Então, talvez tudo começasse a dar certo.



— Alô — disse a mãe, ao telefone.

— Mamãe, estou precisando de ajuda. — Não havia sentido em perder tempo com preliminares. A mãe saberia do motivo do telefonema, no momento em que ouvisse a voz dela.

— O que é desta vez?

JeriLee conseguiu manter a voz controlada:

— Preciso de duzentos e cinquenta dólares para pagar as contas deste mês. Eu lhe pagarei tudo, assim que arrumar um emprego.

— Por que não pede a seu amiguinho? Tenho certeza de que ele poderá dar-lhe alguma coisa.

— Ele foi embora, mamãe. Rompemos há quase um mês. A mãe ficou calada por um momento.

— Já estava mais do que na hora de você recuperar o bom senso.

JeriLee não respondeu.

— E a sua peça, JeriLee? Conseguiu acabá-la?

— Consegui, mamãe. Mas não ficou muito boa. Levei para Fannon e ele não quer produzi-la.

— Há outros produtores.

— Não adianta, mamãe — disse JeriLee, pacientemente. — Reli a peça cuidadosamente. Fannon está certo.

— Não estou entendendo. Será que não percebeu isso, enquanto estava escrevendo?

— Não, mamãe.

— Não consigo entender você, JeriLee — disse ela, parecendo extremamente desanimada. — Por que não pode ser como as outras moças? Arrumar emprego fixo, casar, ter filhos...

— Sinto muito, mamãe. Eu bem que gostaria de ser assim. Seria muito mais fácil para mim. Mas acontece que não sou desse tipo.

— Posso emprestar-lhe cem dólares — disse a mãe, finalmente. — O mercado caiu e não tenho recebido muito dinheiro.

— Não será suficiente, mamãe. Somente o aluguel me custa cento e setenta e cinco dólares.

— É tudo o que lhe posso dar este mês. Se as coisas melhorarem, talvez possa dar-lhe um pouco mais, no mês que vem.

— Dê-me pelo menos o dinheiro para o aluguel. Eles me entregaram hoje uma notificação de despejo. — JeriLee estava furiosa consigo mesma por estar suplicando, mas sentia que não lhe restava alternativa.

— Pode voltar para casa e morar comigo, na hora em que quiser.

— E o que eu faria aí? Não há trabalho para mim nessa cidade.

— Não faria diferença. Você não está mesmo trabalhando. JeriLee perdeu a paciência.

— Mamãe, ou você decide dar-me o dinheiro ou não. O que não adianta é continuarmos a andar em círculos.

— Despacharei pelo correio um cheque de cem dólares — disse a mãe, friamente.

— Não precisa! — disse JeriLee, batendo com o telefone.

A mesma coisa acontecia toda vez que as duas se falavam pelo telefone. Parecia não haver a menor possibilidade de elas se comunicarem.

JeriLee voltou para o sofá e começou a folhear o Casting News. Nada. Os negócios andavam parados e as únicas oportunidades que existiam estavam sendo açambarcadas pelos agentes.

Na última página, havia outro anúncio do Torchlight Club.

Agora estava sendo publicado permanentemente. Era evidente que a rotatividade das moças era tremenda. Num impulso súbito, JeriLee pegou o telefone e discou para o clube.

— Torchlight Club — disse uma voz de mulher.

— O Sr. DaCosta, por favor.

— Quem deseja falar?

— JeriLee Randall.

— Um momento, por favor.

Não houvera o menor sinal de reconhecimento na voz da mulher. Houve um clique e depois ele atendeu, com voz cautelosa:

— Alô.

— Vincent, aqui é JeriLee.

— Como tem passado, boneca?

— Tudo bem. E você?

— Nunca estive melhor. Por que está telefonando?

— Preciso de um emprego.

— Ainda está vivendo com aquele negro? — perguntou ele, após um momento.

A pergunta pegou-a de surpresa. Ela não tinha a menor ideia de que Vincent soubesse de Fred.

— Não.

— Já estava mais do que na hora de você recuperar o bom senso. Um cara como aquele não presta para ninguém.

JeriLee não disse nada.

— E o que me diz da peça que estava escrevendo?

— Não ficou boa. Não vale nada.

— É uma pena — murmurou ele, embora não houvesse em sua voz o menor tom de compaixão. — Que tipo de trabalho está procurando?

— Qualquer coisa. Estou inteiramente sem dinheiro.

— Seu antigo lugar já está preenchido. Temos agora um homem para desempenhar as funções.

— Eu disse que qualquer coisa servia. Conheço toda a organização. Posso encaixar-me em qualquer setor.

— Está certo. Venha me procurar e poderemos conversar.

— A que horas?

— Espere um instante que vou verificar na minha agenda... Estou com a tarde toda ocupada. Por que não aparece no apartamento por volta das sete horas? Podemos tomar um drinque e conversar sossegados, sem que ninguém nos incomode.

— Está bem. Estarei lá.

JeriLee levantou-se e foi para o banheiro. Ainda restava um Valium no vidro. Ela o engoliu e contemplou-se no espelho.

Os olhos pareciam tensos e estavam muito vermelhos, mas algumas gotas de colírio poderiam resolver o problema. Talvez as coisas não estivessem tão ruins assim. Se ela conseguisse o emprego, tinha certeza de que Vincent não se incomodaria de dar-lhe um adiantamento sobre o salário.

Capítulo 8

Uma mulher abriu a porta do apartamento.

— Vincent está tomando banho — disse ela, sem se apresentar. — Ele estará aqui dentro de um minuto.

— Não tenho pressa.

— Gostaria de tomar um drinque?

— Obrigada. Vodca com água tônica, por favor.

A mulher assentiu e foi para trás do bar. JeriLee ficou observando-a. Ela era bastante bonita, ao melhor estilo de corista, com muita sombra nos olhos, cílios postiços e cabelos pretos e lustrosos cuidadosamente penteados, caindo pelos ombros.

— Está bom? — perguntou ela, quando JeriLee provou o drinque.

— Está ótimo — respondeu JeriLee, sorrindo.

A mulher voltou para o bar e pegou seu próprio drinque.

— Saúde — disse ela, levando seu copo aos lábios.

— Saúde — respondeu JeriLee.

— Sente-se — disse a mulher, fazendo um gesto na direção do sofá.

Ela se sentou no tamborete do bar e virou-se, ficando de frente para JeriLee. O telefone começou a tocar. Automaticamente, a mulher fez um gesto para atender, mas parou no meio do movimento. O telefone voltou a tocar, parando depois,

bruscamente.

— Ele não gosta que ninguém atenda seu telefone particular
— explicou a mulher.

JeriLee assentiu.

— Ele é doido. Sabe disso, não é? Toda a família dele e
doida.

JeriLee não respondeu.

— Os irmãos são ainda piores.

— Não os conheço.

— Pois considere-se uma mulher de sorte. — Ela pegou
uma garrafa de scotch no bar e tornou a encher seu copo. — Oh,
Deus, mas que família!

Elas ficaram em silêncio, a mulher olhando distraidamente
para o copo. Através da porta fechada, podia-se ouvir o som débil
da voz de Vincent, falando ao telefone. Depois, abruptamente, a
porta do quarto se abriu.

Vincent estava usando o mesmo roupão branco felpudo de
que JeriLee ainda se recordava.

— Já chegou, JeriLee?

— Cheguei.

— Pensei que lhe houvesse dito para me avisar assim que
ela chegasse — disse ele, virando-se para a mulher, a voz muito
ríspida.

— Você estava no chuveiro. E logo depois foi atender ao
telefone.

— Sua idiota! Vamos, prepare-me logo um drinque.

Em silêncio, a mulher desceu do tamborete e preparou uma
dose de scotch com gelo. Vincent pegou o copo e aproximou-se de
JeriLee.

— Você não parece estar muito bem.

— Estou cansada.

— O negro acabou com você?

Ela não respondeu.

— É sabido como eles são, JeriLee. Toda a força deles se
concentra no sexo.

JeriLee largou o copo em cima da mesinha e levantou-se do
sofá.

— Não vim aqui para ficar ouvindo essas coisas.

Ele agarrou o braço dela, apertando-o com força.

— Está querendo um emprego e por isso vai ter que

escutar, goste ou não.

Foi só então que JeriLee reparou no brilho estranho que ele tinha nos olhos.

— E o que me diz do emprego? — perguntou ela.

— Eu disse que você voltaria rastejando — respondeu ele, largando o braço dela.

JeriLee não respondeu.

— Por que pensou que eu lhe daria um emprego? O que sabe fazer melhor do que as outras?

JeriLee continuou calada.

— Talvez o negro lhe tenha ensinado alguns truques novos.

— Abruptamente, ele arrancou o cinto e o roupão se abriu. —

Mostre-me o que aprendeu. Faça-me ficar excitado. Tenho uma vaga para uma boa especialista no salão de massagem.

— Acho melhor eu ir embora.

— Qual é o problema? Acha que já não é mais suficiente para você? — Ele soltou uma risada áspera e acrescentou: — Todo mundo sabe que os negros parecem cavalos.

JeriLee virou-se e seguiu para a porta. Ele segurou-lhe novamente o braço.

— Talvez eu esteja enganado. Talvez você prefira fazer com ela. — Virou a cabeça para trás e gritou para a mulher: — Venha até aqui!

— Pelo amor de Deus, Vincent! — disse a mulher, em tom repugnado.

— Venha até aqui, sua vaca!

Lentamente, a mulher desceu do tamborete e aproximou-se. Ele virou-se novamente para JeriLee:

— Não quer fazer nada com ela?

— Eu disse a você que ele era doido — murmurou a mulher.

Vincent ficou olhando para a mulher, com uma expressão desvairada. JeriLee chegou a pensar que ele ia espancá-la. Depois, abruptamente, ele largou o braço de JeriLee e foi para o bar, onde tornou a encher o copo.

— Saiam daqui! As duas! Vocês, rameiras, são todas iguais!

Silenciosamente, JeriLee abriu a porta. A mulher seguiu-a para o corredor.

— Ele deve estar mais alto do que o Empire State — comentou a mulher, enquanto esperavam o elevador. — Está se embriagando desde que chegou a casa.

Quando saíram do prédio, a mulher fez sinal para um táxi.

— Quer uma carona? — perguntou ela.

— Não, obrigada. Acho que vou andar um pouco.

A mulher meteu a mão na bolsa e depois estendeu-a para JeriLee.

— Aqui está o meu telefone. Ligue para mim, algum dia desses.

Automaticamente, JeriLee pegou o papel dobrado. A porta se fechou e o táxi arrancou. JeriLee olhou para a sua mão. Havia nela uma nota de vinte dólares toda dobrada.

— Oh, não! — Ainda deu um passo atrás do táxi, mas ele tinha acabado de virar a esquina. Ficou parada ali, para conter as lágrimas que lhe afloravam aos olhos.

— Vai querer um táxi, moça? — perguntou o porteiro.

— Não, obrigada.

A brisa noturna estava começando a soprar do rio quando ela embarcou num ônibus que atravessava a cidade, na 57th Street.

O motorista olhou para a nota que JeriLee lhe estendeu, na hora de pagar. E foi em tom irritado que ele disse:

— Pelo amor de Deus, moça! Será que vocês, as ricas do East Side, não podem compreender que existem pessoas pobres neste mundo?

— Desculpe — disse JeriLee, rebuscando a bolsa e encontrando finalmente uma moeda. Olhou pela janela do ônibus, piscando. Seria até engraçado, se não fosse tão triste.

O único gesto de bondade que ela encontrara, durante todo aquele dia deprimente, partira de uma desconhecida, uma mulher cujo nome ela nem se lembrara de perguntar. Mas ambas eram mulheres, num mundo hostil. Somente uma mulher que já se vira na situação em que JeriLee estava agora é que poderia compreender e ter compaixão. JeriLee arrependeu-se de não ter aceitado a carona de táxi. Seria maravilhoso ter alguém com quem conversar.

Subitamente, pensou em Licia. Havia nela algo de sólido e forte. Fred dissera que ela tinha interesses em uma porção de negócios. Talvez pudesse ajudá-la a arrumar um emprego. JeriLee tomou a decisão de telefonar para Licia, assim que chegasse a casa.



A campainha lá embaixo soou. JeriLee deu uma última olhada pelo apartamento, antes de apertar o botão que destrancava a porta do prédio. O apartamento parecia estar nas melhores condições possíveis. Ela abriu a porta e ficou esperando.

Soaram passos no patamar abaixo.

— É aqui em cima — gritou JeriLee. — Mais um lance de escada.

A cabeça de Licia logo apareceu.

— Esqueci de dizer-lhe que não tinha elevador — disse JeriLee.

— Não há problema. — Licia sorriu. — Eu só soube que existia uma coisa chamada elevador aos catorze anos de idade.

JeriLee fechou a porta, depois que Licia entrou.

— Eu não queria interferir no seu trabalho.

— E não interferiu — disse Licia. — Geralmente tiro folga nas noites de terça-feira.

— Aceita um drinque?

— Tem algum suco de frutas?

JeriLee sacudiu a cabeça.

— Mas não gostaria de tomar um vinho branco?

— Está bem — assentiu Licia, após hesitar um instante.

JeriLee encheu rapidamente dois copos. Licia sentou-se no sofá, pondo o copo em cima da mesinha. JeriLee sentou-se em frente, sentindo-se de repente constrangida e pouco à vontade. Tomou um gole rápido do vinho e disse:

— Eu não deveria ter telefonado. Desculpe.

— Mas agora já telefonou e estou aqui — falou a moça preta, fitando-a nos olhos.

— Tem razão. — JeriLee baixou os olhos. — O teto estava caindo sobre a minha cabeça e senti que tinha de falar com alguém. E você era a única pessoa para quem achei que podia telefonar.

— O que aconteceu com a peça? Fred me disse que Fannon ia produzi-la.

— Não era muito boa. Eu não sabia disso antes, mas agora tenho certeza. Estraguei tudo.

— Essas coisas acontecem — disse Licia, com voz suave.

— Já investi dinheiro em alguns espetáculos e nada aconteceu.

— Agora, tenho que encontrar um emprego. Não posso mais ficar me enganando.

— Fred me disse que você não quis aceitar nenhum dinheiro dele.

JeriLee assentiu.

— Por quê?

— Fred tem seus próprios planos. Eu tenho os meus. E não se ajustam. Não seria direito que eu ficasse com o dinheiro dele.

Licia permaneceu em silêncio por um longo momento.

— Que espécie de trabalho você está querendo?

— Não sei. Sou uma atriz desempregada e uma escritora sem sucesso. A única coisa que sei é que preciso ganhar dinheiro bastante para continuar escrevendo.

— E quanto precisaria para isso? — perguntou Licia.

— Muito mais do que certamente deverei valer no mercado de trabalho. — JeriLee riu, embaraçada. — Pelo menos de cento e cinquenta a duzentos dólares por semana.

— É um bocado de dinheiro.

— Eu sei. Mas este apartamento me custa mais de duzentos dólares por mês, incluídos todos os serviços.

— Você está precisando é de um homem para mantê-la.

— Foi assim que você conseguiu?

— Foi — confirmou Licia, com a maior tranquilidade. — Tenho um filho de oito anos. Quando ele nasceu, o pai deu-me vinte e cinco mil dólares para desaparecer da vida dele. Não queria a presença constrangedora do filho preto em seu lindo mundo branco.

— Sinto muito — disse JeriLee, rapidamente. — Eu não tinha o direito de fazer-lhe uma pergunta dessas.

— Mas tudo acabou dando certo. Meu garoto vive no campo, com minha mãe. E os amigos que fiz quando estava com o pai dele ajudaram-me a entrar no negócio.

JeriLee esvaziou o copo e tornou a enchê-lo.

— Você não bebe? — perguntou ela, reparando que Licia ainda não tocara no copo dela.

— Nunca gostei.

— O que está acontecendo com Fred?

— Ele está trabalhando. Neste momento, está em Los Angeles, gravando um álbum para uma das grandes gravadoras.

Quando ficar pronto, vão mandá-lo fazer uma tournée pelo país. Acham que ele tem grandes possibilidades.

— Fico contente por ele. Fred é um excelente sujeito.

— Ainda não mudou de ideia com relação a ele? Fred continua querendo casar-se com você.

— Não daria certo. Nós nos damos bem na cama e nos damos bem como amigos. Mas isso é o máximo a que podemos chegar. Se nos casássemos, acabaríamos brigando como cão e gato. Só há lugar para uma carreira na vida de Fred.

— E você não gostaria de renunciar à sua?

— Se pensasse assim, teria continuado casada com o meu primeiro marido.

Licia ficou novamente calada por um momento.

— Já jantou?

— Ainda não.

Licia sorriu.

— O que me diz de sairmos para comer alguma coisa? Não sei por quê, mas os problemas nunca parecem tão graves quando estamos de barriga cheia.

Capítulo 9

O Sawmill River Parkway estava deserto. Desrespeitando o limite máximo de velocidade, Licia calmamente acelerou o carro a mais de cento e dez quilômetros horários. JeriLee olhou para o relógio no painel. Eram quase nove e meia.

— Tem certeza de que sua mãe não vai ficar zangada, Licia, quando aparecer com alguém para jantar, a esta hora?

— Minha mãe está acostumada. Toda a minha família é gente da noite.

Ela começou a diminuir a velocidade.

— Além disso, já estamos quase chegando. Vamos virar no próximo desvio.

— Você gosta de guiar?

— Especialmente este carro — falou Licia, rindo alegremente. — Pertenceu antes a um cafetão nojento. Quando ele sentava neste carro, sentia-se o dono do mundo e olhava para os outros de cima. Um dia, ele se apaixonou por cavalos e desandou a jogar. As garotas o deixaram e ele teve que vender o carro, para alimentar o vício. Comprei-o quase de graça, pois ele estava com algumas prestações atrasadas. Mas era o tipo de cara que não me incomodei de passar para trás. Era o maior safado do mundo.

Saíram da estrada principal e seguiram por uma estrada estreita, que serpeava por entre árvores até o alto de um pequeno morro, onde se agrupavam umas poucas casas. , Chegamos — anunciou Licia, entrando no caminho da garagem da primeira casa à esquerda.

A porta da frente se abriu no momento em que elas saltaram do carro. Um garoto desceu correndo os degraus da varanda e atravessou o gramado.

— Mamãe! Mamãe!

Licia abaixou-se e ele pulou nos braços dela, abraçando-a pelo pescoço.

— Chegou na hora certa, mamãe. Está na hora dos comerciais.

Licia riu e beijou-o.

— Juro que um dia você ainda vai acabar com os olhos quadrados, de tanto ver televisão. JeriLee, esse é meu filho, Bonny. — Ela pôs o menino no chão. — Bonny, essa é JeriLee.

O garoto aproximou-se de JeriLee, com a mão estendida.

— Olá. Você gosta de televisão?

— Gosto — respondeu JeriLee, rindo.

— Ótimo. Então podemos ficar assistindo juntos. Há um bom programa que está para começar.

— Você vai é para a cama, rapazinho — disse uma voz, pela porta aberta. — Tem que ir à escola amanhã.

Bonny virou-se para Licia.

— Mamãe...

Licia pegou-lhe a mão e eles se encaminharam para a casa.

— Você ouviu o que sua avó falou, Bonny.

— Mas acabou de chegar. Assim, nem vou poder ficar com você.

— Você não me faria mesmo companhia, Bonny. — Licia

soltou uma risada. — Passaria o tempo todo grudado na televisão.

A mãe de Licia era uma mulher alta. Se não fosse pelos cabelos grisalhos, poderia perfeitamente passar por irmã mais velha. O sorriso era cordial e a mão firme, ao apertar a de JeriLee.

— Prazer em conhecê-la — disse ela.

A casa era decorada com muito bom gosto, o que a tornava aconchegante. Bonny foi direto para a televisão colorida, pedindo:

— Só mais dez minutos...

— Está bem — disse a mãe de Licia. — Depois, você vai direto para o seu quarto...

Elas foram para a cozinha. Havia uma mesa posta no alpendre dos fundos. E uma churrasqueira com carvões em brasa a um canto.

— Tenho bifes e salada — disse a mãe de Licia. — Não estava esperando ninguém esta noite.

— Para mim, está ótimo — disse JeriLee.

— Faço uma galinha frita deliciosa e costelas maravilhosas. Mas Licia não gosta de comida gordurosa, pois está sempre fazendo dieta

— Mamãe! — disse Licia, rindo.

— Está bem, está bem. Veja se consegue meter seu filho na cama, enquanto preparo os churrascos. — Virou-se para JeriLee. — Como prefere seu bife?

— Malpassado.

— Você é como Licia. Eu prefiro o meu muito bem-passado. Não suporto comer carne crua.

— Posso ajudar em alguma coisa? — perguntou JeriLee, com um sorriso.

— Não é preciso. Estou acostumada a cuidar de tudo sozinha. Mas não gostaria de tomar uma bebida fria? Temos todos os tipos de sucos de frutas. Nesta casa só não entram álcool e esses refrigerantes gasosos.

— Qualquer coisa que tiver será ótimo, Sra. Wallace.

— Licia gosta de suco de laranja, mas eu prefiro o ponche havaiano.

— Vou tomar um pouco deste também.

A Sra. Wallace sorriu.

— Vou pôr algumas pedras de gelo em seu copo. Assim o gosto não fica tão doce.

A carne estava chiando quando Licia voltou.

— Esses bifes estão com um cheiro delicioso — comentou ela.

— Mandei o açougueiro do supermercado cortar especialmente para mim — informou a mãe. — E ele não me cobrou um tostão extra por isso.

— Minha mãe tem todos os empregados do supermercado na palma da mão — disse Licia para JeriLee. Em seguida, foi até a churrasqueira. — Para mim, a carne já está boa.

A Sra. Wallace levantou-se.

— Volte imediatamente para cá e sente-se, Licia. Sou eu quem cuida das coisas de cozinha nesta casa.

— Está bem, mamãe — disse Licia humildemente, olhando para JeriLee e sorrindo.

JeriLee retribuiu o sorriso, sem dizer nada.

Já passava das onze horas quando elas acabaram. Durante todo o jantar, a mãe de Licia não parou de falar um 1 instante. Era evidente que acumulara uma semana inteira de problemas e conversas para aquela noite. Licia ficou escutando pacientemente, enquanto a mãe discorria sobre a escola de Bonny, as compras e tudo o mais. Todos os problemas domésticos triviais foram apresentados. Ao contá-los, a Sra. Wallace o fazia com um certo orgulho. Ela os enfrentara. A aprovação de Licia era muito importante para sua mãe. E a senhora ficou na maior alegria, quando Licia manifestou o reconhecimento pelos esforços que havia feito. Finalmente, depois de muita conversa, Licia disse:

— Bem, acho que já está na hora de voltarmos para Nova York.

— Vocês não vão passar a noite aqui? — perguntou a mãe, surpresa. — Já arrumei o quarto.

— Talvez JeriLee tenha alguma coisa para fazer em Nova York amanhã de manhã, mamãe.

— Tem alguma coisa? — perguntou a mãe a JeriLee, abruptamente.

— Não quero incomodá-la, Sra. Wallace.

— Não é incômodo nenhum. Há duas camas no quarto de Licia.

— Minha mãe está acostumada a ver os outros fazerem exatamente o que ela quer — disse Licia, com um sorriso.

JeriLee finalmente assentiu, levantando-se e pegando seu prato.

- Deixe-me ajudar a lavar os pratos.
- Não precisa fazer nada, mocinha — disse a Sra. Wallace.
- Temos uma lavadora de pratos automática.



Havia três quartos no segundo andar. O quarto de Licia era o maior. Ficava no canto da casa, separado dos outros por um banheiro grande. Licia parou no vestíbulo do segundo andar e deu um beijo na mãe.

— Boa noite, mamãe.

— Boa noite, Sra. Wallace — disse JeriLee. — Obrigada por tudo.

A mulher mais velha agradeceu e foi para o seu quarto. JeriLee seguiu Licia para o quarto. Havia um pequeno abajur aceso entre as duas camas. Licia foi direto para o banheiro.

— Vou pegar uma escova de dentes nova para você. Tenho também algumas camisolas extras no armário. Pegarei uma para você.

— Obrigada. — JeriLee foi até a janela aberta e respirou fundo. O ar da noite era fresco e agradável.

— Muito diferente da cidade — disse Licia, atrás dela.

— Eu quase tinha esquecido como é o ar fresco.

Licia pegou uma camisola impecavelmente passada e desdobrou-a.

— Esta serve para você?

— Está ótima.

— Pode ir ao banheiro primeiro — disse Licia, estendendo a camisola na direção de JeriLee.

Ela pegou a camisola e entrou no banheiro, fechando a porta. Despiu-se rapidamente e ajeitou as roupas num cabide. Tirou a escova do pacote e escovou os dentes meticulosamente, lavando o rosto em seguida. Estava se sentindo muito bem até aquele momento, mas de repente descobriu que estava nervosa.

Vasculhou a bolsa. Se bem se lembrava, tinha consigo um vidro de Valium 10 mg. Logo encontrou-o e engoliu uma cápsula. Sentiu-se mais confiante. O Valium sempre a fazia dormir rapidamente.

Licia sorriu quando ela saiu do banheiro, comentando:

— Acho que essa camisola ficou um pouco grande em você.

JeriLee olhou para baixo. A bainha estava quase arrastando no chão.

— Tem razão.

— Essa é a sua — falou Licia, indicando a cama mais próxima da porta.

JeriLee assentiu. Sentou-se na cama e automaticamente pegou um cigarro e acendeu-o. Licia pareceu sentir o nervosismo dela.

— Está se sentindo bem?

— Estou, sim. Tive apenas um dia terrível, nada mais.

— Não precisa ficar preocupada — disse Licia, em voz baixa. — Não a trouxe até aqui para tentar conquistá-la. Nem sabia que íamos passar a noite aqui.

— Estou contente por ter vindo. Foi a única coisa boa que me aconteceu durante o dia inteiro.

— Ótimo — disse Licia, indo até o armário.

Rapidamente, tirou a blusa por cima da cabeça e baixou a saia. Estendeu as mãos para as costas, a fim de desabotoar o sutiã. JeriLee apagou o cigarro. Quando tornou a levantar os olhos, Licia já se metera num penhoar bege, quase da cor de sua pele. JeriLee enfiou-se debaixo das cobertas. Licia sentou-se na outra cama.

— O que achou da minha família, JeriLee?

— Há muito amor nesta casa.

— É por isso que os mantenho aqui. — Licia sorriu. — Não se pode conseguir isso lá em Nova York.

— Você está fazendo o mais certo.

— Mas Bonny está crescendo depressa. Um menino como ele precisa de um pai.

JeriLee não disse nada.

— Acha que ele aceitaria Fred?

— Fred adora crianças.

— E quanto a mim? Ele alguma vez lhe disse alguma coisa a meu respeito?

— Somente que gostava de você. Ele a respeita muito.

— Mas sabe tudo a meu respeito. Já me viu com Sam. — Licia ficou calada por um momento, pensativa. — Não é que eu não goste de homens. Apenas me cansei deles. Com os homens, é sempre uma batalha. Eles não fazem amor, fazem guerra.

— Fred não é desse tipo. É um homem extremamente gentil.

Licia levantou-se.

— Não sei... — murmurou ela, hesitante. — Tenho que pensar mais um pouco a esse respeito. Não quero cometer nenhum erro.

— E não vai cometer. Tenho certeza de que fará a coisa certa.

— Acha mesmo?

— Acho.

Licia sorriu subitamente.

— Mas chega de falar nos meus problemas. Durma agora.

— Apagou a luz e acrescentou: — Boa noite.

— Boa noite.

JeriLee observou-a entrar no banheiro e fechar a porta.

Ficou de olhos abertos, contemplando a escuridão. Momentos depois, ouviu a água correr e fechou os olhos. Não ouviu Licia sair do banheiro. Não sentiu o beijo suave de Licia em seu rosto, nem a ouviu murmurar baixinho:

— Pobre menina...

Pois estava profundamente adormecida.

Capítulo 10

O maldito sol da Califórnia, pensou JeriLee, ao abrir os olhos. Oh, Deus, o que ela não daria por um único dia de chuva!

Estava agora completamente desperta e pensava em Licia. Por um momento, quase pôde sentir a sensação suave da pele cor de mel de encontro a seus dedos. Depois, ouviu vozes do outro lado da porta fechada do quarto e o pensamento se desvaneceu.

Ela sentou-se na cama e ficou escutando. As vozes, de um homem e uma mulher, eram abafadas. A voz do homem tornou-se mais insistente. Um momento depois, a porta se abriu lentamente.

Angela espiou para dentro do quarto:

— Está acordada, JeriLee?

— Estou.

— Você estava dormindo ainda há pouco, quando dei uma olhada. Não quis acordá-la.

— Obrigada. Quem está lá fora?

— George.

— Mas que droga! O que ele quer?

— Não sei. Disse apenas que era muito importante e que precisava vê-la imediatamente. Vou dizer a ele para ir embora, que você não está passando bem.

— Não, Angela. — JeriLee pôs os pés para fora da cama. George era egocêntrico demais para fazer-lhe uma simples visita de cortesia. Devia ter acontecido alguma coisa. — Vou falar com ele. Peça-lhe apenas para esperar um minuto, enquanto vou ao banheiro.

— Está certo. Avise-me quando estiver pronta, para que eu o mande entrar.

— Não, Angela. Irei falar com ele lá fora.

— Não acha que é melhor ficar na cama? — perguntou Angela, em tom de desaprovação.

— Para quê? Não estou doente. Fiz apenas um aborto sem importância.

Angela saiu do quarto, fechando a porta. JeriLee foi para o banheiro. Sentou-se no vaso e trocou o tampão. Estava sangrando agora mais do que pela manhã e ainda estava bastante dolorida. Tomou duas aspirinas e um Percodan, para passar a dor. Depois, lavou o rosto com água fria. Começou a sentir-se melhor. Passou um pouco de batom nos lábios, ruge nas faces, e escovou rapidamente os cabelos.

George levantou-se assim que ela entrou na sala.

— Ei, JeriLee, você nem parece doente!

— O resultado da maquiagem. — Ela sorriu e foi sentar-se numa poltrona, diante dele. — Qual é o problema, George?

— Precisava falar com você. Tinha que lhe dizer o quanto lamento tudo o que aconteceu.

JeriLee ficou olhando para ele, sem dizer nada.

— Não deveríamos ter sido tão precipitados, JeriLee. Deveríamos ter deixado o bebê nascer.

— Você está brincando comigo! — exclamou ela, não conseguindo disfarçar a surpresa em sua voz.

— Falo sério, JeriLee.

— E sua esposa?

— Não haveria qualquer problema com ela — disse George, os olhos azuis imperturbáveis. — Conversamos sobre isso ontem à noite. Poderíamos ter adotado o bebê e tudo daria certo.

— Oh, Deus!

— Rosemary adoraria ter um bebê. Ela adora crianças.

— Então por que vocês não têm um filho?

— Por causa daquela maldita série de TV que ela está fazendo. O contrato é de três anos. E dá muito dinheiro, especialmente com os contratos paralelos. Ela perderia tudo, se ficasse grávida.

— E como eu haveria de sustentar-me durante todo o tempo em que estivesse de barriga inchada?

George, como sempre, não percebeu o sarcasmo de JeriLee.

— Conversamos sobre isso também. Você poderia ter ido morar conosco. Dessa forma, todos nós teríamos participado da gravidez.

— Não estou acreditando... — murmurou JeriLee,

meneando a cabeça.

— Teria dado certo. Estivemos numa festa ontem à noite, na casa do meu analista. Todos concordaram em que era uma boa ideia.

— Todos?

— Todos — assentiu ele. — Você conhece meu analista. Ele tem os clientes mais importantes da cidade. E uma vez por mês nos reunimos na casa dele, para uma espécie de sessão de autocrítica. Foi assim que o assunto veio à baila.

JeriLee conhecia realmente o psicanalista dele. Se a gente não estivesse precisando dele ao ir procurá-lo, estaria ao terminar a primeira visita. Isto é, desde que o paciente tivesse um nome importante e pudesse gastar cem dólares por hora, que era quanto custava a consulta.

— Isso acaba com tudo, George — disse JeriLee, irritada. — Levei dois anos para que esta cidade me levasse a sério e você estraga tudo numa só noite, com uma besteira dessas.

— Não houve nada disso, JeriLee — disse ele, falando sinceramente. — Somos todos muito francos e sinceros uns para com os outros. Todos a respeitam muito.

— Claro, claro...

— É verdade. Veja o caso de Tom Castel, por exemplo. Ele é que está encarregado de produzir o seu filme lá no estúdio.

— O que há com ele? — perguntou JeriLee, querendo confirmar o que seu agente já lhe dissera.

— Ele disse que tem conversado com seu agente, para que você mesma escreva o roteiro baseado em seu livro. Está convencido de que você é a única capaz de fazê-lo, especialmente depois que os roteiros de Warren provaram ser um desastre.

— Então o que ele está esperando? Por que não me contrata logo de uma vez?

— Ele diz que o estúdio não o deixará entrar em ação, se não contar com um grande astro para o filme.

— É a mesma coisa de sempre — murmurou JeriLee, irritada. — Quem nasceu primeiro, o ovo ou a galinha?

— Disse que o estúdio está disposto a me contratar. Darão autorização para que ele vá em frente, caso eu aceite.

JeriLee não conseguiu conter-se:

— E pelo amor de Deus, George, o que o está impedindo de aceitar logo de uma vez?

— Era justamente sobre isso que eu precisava falar com você — explicou ele, pacientemente. — Li o livro. E não sei se sou o ator certo para o papel. Tem que ser um homem mais velho.

— Não se preocupe com isso, George. Você pode perfeitamente representar o papel.

— Mas a idade...

— Lembra-se de James Dean em Assim caminha a humanidade? Ele representou o papel de um homem de quarenta anos, quando ainda tinha vinte e poucos. E você é tão bom ator quanto ele era. Possui a mesma categoria, sabe despertar emoções.

JeriLee sentiu que o ego do ator estava assumindo o controle da situação.

— Pensa mesmo assim, JeriLee? Acha que sou tão bom quanto James Dean?

Ela assentiu.

— O que acha que me atraiu tanto em você, George?

— Eu nunca tinha pensado nisso...

JeriLee podia ver que ele estava visivelmente satisfeito.

— Se aceitar o papel, poderei escrever o roteiro sob medida para você. Juntos, poderemos fazer com que tudo saia perfeito.

Ele assentiu, pensativo.

— É realmente um tremendo papel...

— Desses que só aparecem uma vez na vida, George. O sonho de qualquer ator. Irá colocá-lo na mesma altura que McQueen e Redford. — Ela riu e acrescentou: — George Ballantine, o superastro...

Ele riu, logo voltando a ficar sério.

— E o diretor, JeriLee? James Dean teve Kazan e George Stevens. Vamos precisar de alguém lá de cima. Coppola, Schlesinger, alguém desse calibre.

— Pode escolher o que preferir, pois nós o conseguiremos.

— Vou ter que pensar um pouco no assunto. Conversarei com meu agente.

— Repita para ele tudo o que eu disse. O importante é podermos trabalhar juntos.

— Claro... — Mas ele já estava pensando em mais alguma coisa. — Acha que Rosemary poderia fazer a moça?

— Se não me engano, você disse que ela tinha um contrato fechado de três anos.

— Ela pode sair, para fazer um filme. Além do mais, pareceria maravilhoso se todos nós estivéssemos reunidos no filme. Especialmente depois do que aconteceu.

— Por que não? Pelo menos seria um sucesso de bilheteria.

— Tenho uma ideia, JeriLee. Por que não vai jantar lá em casa amanhã à noite? Chamarei meu agente e poderemos conversar sobre o esquema.

Era a última coisa do mundo que JeriLee desejava fazer.

— Por que não pensa primeiro no assunto e conversa bastante com ele, George? Talvez possamos nos encontrar no fim de semana, depois que eu já estiver totalmente recuperada.

— Ótimo, JeriLee — disse ele, levantando-se. Subitamente, uma expressão de tristeza se estampou em seu rosto. Ele meteu as mãos nos bolsos. — Mas que droga!

— Qual é o problema, George?

Ele soltou uma risada embaraçada.

— Não sei o que há com você, JeriLee. Mas tenho uma ereção toda vez que estamos juntos.

— Você sabe dizer as coisas mais delicadas do mundo. — Ela riu, levantou-se e beijou-o no rosto. — Mas terá que esperar até que eu me recupere, George.

Um minuto depois, saindo da cozinha, Angela perguntou:

— Ele já foi?

JeriLee assentiu.

— Não gosto dele — falou Angela. — Foi por culpa dele que você passou por tudo isso, e ele não se importa absolutamente com os seus sentimentos. Não passa de um porco chauvinista e egoísta.

— Além de tudo isso, Angela, ele é também um ator, o que torna as coisas ainda piores — disse JeriLee, rindo.

— Não vejo o que há de tão engraçado. Eu não falaria desse jeito sobre um homem que me sujeitasse a essas coisas.

— A culpa não foi exclusivamente dele — disse JeriLee, sacudindo a cabeça. — Como sabe, ainda são precisos dois para fazer a coisa. E se eu não estivesse com tanta pressa, teria parado para pôr meu diafragma.



O médico ergueu-se.

— Está indo muito bem, JeriLee.. Pode começar a sair de casa amanhã, se não exagerar. Se ficar cansada, deve voltar para casa imediatamente e deitar-se.

— Está certos Sam.

— Passe no meu consultório no início da semana e faremos um exame final.

— Estou começando a me sentir como um carro usado, com tantas verificações.

— Não se preocupe com isso, JeriLee — disse o médico, rindo. — Ainda tem capacidade para rodar pelo menos mais cem mil quilômetros. Além disso, tenho uma ideia para uma nova peça, que poderá fazer o seu motor funcionar sem mais nenhum problema.

— E o que é?

— Acabei de receber os relatórios clínicos sobre um novo diu que está sendo testado. É uma pequena espiral de cobre, e creio que você poderá tolerá-lo.

— Pode encomendar um para mim. Estou disposta a experimentar qualquer coisa.

— Já encomendei, JeriLee. Até a vista.

— Até a vista, Sam.

Assim que o médico saiu, ela atendeu ao telefone, que estava tocando:

— Alô?

Era o seu agente.

— Quem estava aí?

— Meu médico — respondeu ela. Os agentes eram todos iguais, pensou. Queriam saber de tudo.

— E o que ele disse?

— Que eu viverei. Posso começar a sair de casa amanhã.

— Ótimo. Precisamos ter uma reunião imediatamente. —

Baixou a voz para um sussurro confidencial: — Tenho grandes notícias, mas não quero contar nada pelo telefone.

Era outra característica dos agentes. Tudo tinha que ser ultra-secreto. Nenhum deles confiava no telefone, mesmo para ler a manchete do jornal.

— É sobre a possibilidade de George trabalhar no meu filme?

Ele não conseguiu disfarçar a surpresa.

— Pensei que estivesse de cama. Como foi que descobriu?

JeriLee não pôde deixar de rir.

— Pelo amor de Deus, Mike. Você sabe do relacionamento entre mim e George.

— Não, não sei. O que há entre você e George?

— Foi o filho de George que abortei.

— Mas que filho da mãe! — interrompeu ele. Houve um momento de silêncio, e Mike logo acrescentou, mais jovialmente: — Isso deve facilitar as coisas para nós, JeriLee. Ele tem de escutá-la. Você pode obrigá-lo a aceitar o papel.

— Não posso obrigá-lo a fazer coisa nenhuma, Mike. Tudo o que posso fazer é tentar convencê-lo a aceitar.

— Mas ele lhe deve alguma coisa.

— Ele não me deve nada. Não é essa a maneira como eu vivo. Sou uma menina crescida. Não fiz nada que não desejasse fazer.

— Pode vir ao meu escritório amanhã de manhã, JeriLee? Tenho que fazê-la compreender como isso é importante.

— Onze horas está bom?

— Ótimo. Fico contente em saber que está se sentindo melhor.

— Eu também fico, Mike.

Ele desligou e JeriLee repôs o fone no gancho. Era um bom agente, mas vivia num mundo do passado. Angela estava no sofá, lendo uma revista.

— O que disse o médico, JeriLee?

— Que estou melhor. Já posso sair de casa amanhã.,

— Isso é ótimo. Já pensou no jantar?

JeriLee sacudiu a cabeça.

— Vai querer bife ou galinha? Tirei as duas coisas do congelador.

— Bife — disse JeriLee prontamente. — Preciso recuperar as forças.

— Vou começar a preparar — falou Angela, levantando-se. — Farei também uma salada e batatas fritas.

— Poderemos tomar uma garrafa de vinho tinto no jantar, Angela. E um bom vinho. O Chambertin que você me deu. Eu o estava guardando para uma noite como esta — disse JeriLee.

— Não esqueceu? — perguntou Angela, com um sorriso.

— Não, Angela, não esqueci — respondeu JeriLee.

— Velas na mesa? — indagou Angela.

— Todas as coisas de sempre — pediu JeriLee.

Angela sorriu novamente. Quando falou, havia um tom de felicidade em sua voz:

— Será exatamente como nos velhos tempos.

JeriLee ficou observando-a ir para a cozinha. Havia algo de extremamente comovente em Angela. Como nos velhos tempos...

Somente os que eram muito jovens podiam pensar desse jeito. Ou os muito velhos. Não existia essa coisa a que chamavam de velhos tempos. Apenas bons tempos e maus tempos. Algumas vezes os bons tempos sobrepunham-se aos maus, outras vezes acontecia o inverso. Tudo dependia do que se tinha na cabeça no momento.

Como o tempo em que JeriLee Randall virara Jane Randolph. Ou quando Jane Randolph voltara a ser JeriLee Randall. Ela não sabia qual fora bom, qual fora ruim. E nem tinha sido um tempo tão antigo assim.

Afinal, não acontecera há muito tempo.

Capítulo 11

O refletor cor de âmbar do teto estava focalizado na pequena plataforma sobre a qual ela dançava, distorcendo tudo à sua frente. O barulho implacável do rock abafava todos os outros ruídos. O rosto e o corpo dela estavam cobertos por uma ligeira camada de tinta e a transpiração corria por entre os seios nus. Ela aspirou o ar sofregamente, pelos lábios entreabertos e sorridentes. Estava começando a sentir-se exausta. As costas e os braços doíam, até mesmo os seios estavam doloridos dos giros da dança. Subitamente, a música parou, no meio de um movimento frenético, pegando-a de surpresa. Ela ficou imóvel por um momento, depois ergueu os dois braços acima da cabeça, como na saudação das

dançarinas gogó, dando aos fregueses a oportunidade de uma última olhada, antes que o refletor se apagasse.

Olhou, numa atitude de desafio, para os homens que a contemplavam do bar apinhado. Um a um, eles foram baixando os olhos. Não houve aplausos, apenas o reinício das conversas. Ela baixou os braços, desceu da plataforma e saiu pela porta com cortina que havia atrás.

Pelo sistema de alto-falantes, ouviu o gerente do clube anunciando:

— Senhoras e senhores, é com imenso orgulho que. World à Gogo apresenta a grande estrela do seu espetáculo, diretamente de San Francisco, a garota sobre a qual todos já leram, a garota que todos estão ansiosos em ver, a original, a única, a Bomba Loura, Wild Billy Hickock e seu metro e vinte de busto!

Billy estava esperando por trás da cortina, os seios gigantescos arremessando-se para a frente, querendo romper o quimono de seda.

— Como está a multidão esta noite, Jane? — perguntou ela.

— Tudo bem, Billy — respondeu JeriLee, pegando o roupão. — Mas é a você que eles vieram ver. Só consegui esquentá-los um pouco para você.

— Eles que vão para o inferno! — disse Billy, mas sem rancor. Tirou uma cápsula do bolso do quimono e a engoliu. Ofereceu uma a JeriLee. — Quer também?

— Não, obrigada — disse JeriLee, sacudindo a cabeça. — Ficaria acordada o resto da noite, e pretendo dormir um pouco.

Billy guardou o vidro no bolso do quimono.

— Sem isso, acho que não aguentaria, Jane.

JeriLee assentiu. Sem estimulante, as dançarinas não conseguiriam realizar as suas diversas apresentações, durante o período de quatro a seis horas e meia que durava o espetáculo, sete noites por semana. Billy tirou o quimono e virou-se para ela.

— Estou bem, Jane?

— Está fantástica. Nem eu mesma posso acreditar.

Billy sorriu. Seus olhos começavam a brilhar.

— É melhor acreditar — disse ela, tocando os seios, orgulhosamente. — Carol diz que os dela são maiores, mas eu sei que não são. Fomos ao mesmo médico e ele me disse que o busto de Carol parou em um metro e quinze, enquanto o meu chega a um metro e vinte.

JeriLee sabia que ela estava falando de Carol Doda, a primeira dançarina topless de San Francisco. Billy a odiava, porque Carol recebia toda a publicidade.

— Boa sorte, Billy. Vá até lá e acabe com eles.

— E eu sei como fazer — disse Billy, rindo. — Se eles não me aplaudirem, bato com os seios na cabeça de cada um.

Billy desapareceu do outro lado da cortina e a música cessou. JeriLee sabia que o clube ficara imerso na escuridão, enquanto Billy ia ocupar o seu lugar na plataforma. Um momento depois, quando o refletor cor de âmbar se acendeu, a multidão deixou escapar um rugido. A música recomeçou, competindo com os aplausos e os assovios.

JeriLee ia sorrindo ao seguir para o vestiário. Eles tinham vindo até ali para ver tetas. E era o que estavam vendo agora. Por isso, estavam felizes.

Não havia ninguém no vestiário que ela partilhava com duas outras garotas. Ela fechou a porta e foi direto para a pequena geladeira. O jarro de chá gelado estava pela metade. Rapidamente, ela abriu uma bandeja de cubos de gelo e esvaziou-a no jarro. Depois, despejou o chá num copo grande, acrescentou uma dose de vodca e tomou um grande gole.

Sentiu o líquido gelado descer por sua garganta e deixou escapar um suspiro de alívio. Vodca e chá gelado ajudavam bastante. Restauravam suas forças, ao mesmo tempo em que serviam para repor os líquidos que ela perdera durante a dança.

Lentamente, ela tirou a peruca loura e sacudiu os cabelos castanhos compridos, espalhando-os sobre os ombros. As dançarinas gogo não usavam cabelos compridos. Os fregueses não gostavam. Às vezes, os cabelos cobriam os seios. JeriLee abriu um pote de creme e começou a remover a pesada camada de maquilagem do rosto.

A porta se abriu e o gerente entrou. JeriLee fitou-o pelo espelho. Ele tirou um lenço do bolso e enxugou o rosto.

— O negócio lá fora não está brincadeira — comentou ele.

— Não há espaço suficiente nem para se respirar.

— Não me venha com essa. Na semana passada estava se queixando de que a casa estava às moscas.

— Não estou me queixando. — Ele meteu a mão no bolso, tirou um envelope e jogou-o em cima da mesa de maquilagem. — Isso é da semana passada. É melhor contar.

JeriLee abriu o envelope.

— Duzentos e quarenta dólares — disse ela. — Está certo.

Olhou para o comprovante do pagamento. O salário bruto era trezentos e sessenta e cinco dólares, mas depois das deduções, comissões e despesas, restavam apenas duzentos e quarenta dólares.

— Podia ganhar o dobro, se quisesse me escutar.

— Não estou nessa, Danny.

— É uma garota muito estranha, Jane. Qual é a sua, afinal?

— Já lhe disse, Danny. Sou escritora.

— Tem razão, você já me disse — murmurou ele, sem acreditar. — Para onde vai agora?

— Começo a trabalhar em Gary na próxima terça-feira.

— No Topless World?

— Exatamente.

— É uma boa casa. Conheço-a bastante. Muito animada. O gerente se chama Mel. Dê-lhe lembranças minhas.

— Darei, Danny. E obrigada por tudo.

Ouviram uma explosão de aplausos no momento em que Danny abriu a porta.

— Wild Billy deixa-os acesos — comentou JeriLee.

— Ela dá um espetáculo e tanto — falou Danny, com um sorriso. — É uma pena que não haja outras como ela. Dez garotas como Billy, e eu poderia aposentar-me em um ano.

— Não seja ganancioso, Danny. — JeriLee soltou uma risada. — Você está indo muito bem.

— Já pensou em fazer a mesma coisa com os seus seios, Jane?

— Sinto-me feliz do jeito que sou.

— Ela ganha mil dólares por semana, apresentando-se apenas uma vez por noite.

— Boa sorte para ela — disse JeriLee, tomando mais um gole do seu drinque gelado. — Eu não poderia andar com um par de seios como aqueles. Ficaria o tempo todo caindo de cara no chão.

— Adeus, Jane. E boa sorte — falou ele, rindo.

— Adeus, Danny.

Ela tornou a virar-se para o espelho e acabou de remover a maquiagem do rosto e do pescoço. Depois, foi até a pia e lavou-se com água fria. Acendeu um cigarro e terminou de tomar o drinque

gelado. Estava começando a sentir-se melhor. Talvez pudesse trabalhar um pouco, quando voltasse para o motel. O dia seguinte era domingo, e poderia dormir até mais tarde. Só ia pegar o avião, com escala em Chicago, na manhã de segunda-feira.



Ela viu o carro prateado brilhante, com a capota preta, no instante mesmo em que o táxi a deixou diante do motel. O recepcionista noturno levantou os olhos da mesa telefônica.

— Sua amiga chegou há cerca de duas horas. Dei a chave do seu quarto.

JeriLee assentiu.

— Vai embora amanhã, Srta. Randolph?

— Não. Só na segunda-feira.

— Certo. Eu queria apenas verificar.

JeriLee saiu do escritório e seguiu até seu quarto. Uma luz fraca filtrava-se pelas cortinas. Ela girou a maçaneta. A porta não estava trancada.

Licia estava sentada na cama, os travesseiros empilhados às suas costas, lendo. Largou o jornal e sorriu, no momento em que JeriLee entrou.

— Pittsburgh não é como Nova York — disse ela. — A última apresentação lá é às duas horas da madrugada.

JeriLee sorriu e olhou para a mesa. A máquina de escrever elétrica, portátil, que Licia lhe dera, estava exatamente como a deixara, o papel ainda no rolo.

— Tem toda a razão, Licia. É muito diferente de Nova York.

Largou a pequena valise que trouxera do clube e abriu a porta da geladeira.

— Aceita um drinque, Licia?

— Suco de laranja, se você tiver.

— Tenho.

Ela colocou uma garrafa de Tropicana em cima da mesinha. Pegou na prateleira, em cima, um jarro de chá e uma garrafa de vodca.

— Vou buscar um pouco de gelo — disse JeriLee, saindo

para o corredor, onde estava a máquina.

Ao voltar para o quarto, preparou o suco de laranja com gelo para Licia e um chá gelado com vodca para si.

— Saúde — disse ela, afundando na poltrona.

— Como estão as coisas? — perguntou Licia, apontando para a máquina de escrever.

— Não estão indo. Simplesmente não consigo escrever nada direito.

— Está precisando tirar umas férias, JeriLee. Há quatro meses que não para. Não pode trabalhar durante as vinte e quatro horas do dia.

— O problema não é esse. Parece que, de repente, esqueci como é que se juntam duas palavras. Simplesmente não consigo passar para o papel o que estou querendo.

— Está cansada, JeriLee. Precisa parar de exigir tanto de si mesma, querida, ou vai acabar sofrendo um esgotamento.

— Estou bem.

Licia olhou para o copo na mão de JeriLee.

— Quantos drinques desses está bebendo diariamente?

— Não muitos. — Mas JeriLee sabia que isso não era verdade. Ultimamente, parecia que, toda vez que ela ia preparar um drink, a garrafa de vodca estava vazia. — É mais barato do que outras coisas e também serve para fazer esquecer.

— O álcool faz mal à saúde.

— Há outras coisas que também fazem. Muitos estimulantes podem deixar a pessoa meio doida.

— Você sabe muito bem do que estou falando.

JeriLee ficou calada. Licia apressou-se então em dizer:

— Escute, querida, não estou querendo lhe fazer um sermão. Apenas ando preocupada com você.

— Estou bem — disse JeriLee e mudou rapidamente de assunto. — Eu não esperava vê-la neste fim de semana. Onde está Fred?

— Continua no Fairmont, em San Francisco. E já tem apresentações marcadas no Waldorf, para a próxima semana.

— Pensei que ele fosse para Nova York esta semana. — A vodca já estava lhe subindo à cabeça. JeriLee soltou uma risadinha e perguntou: — Como ele está aceitando a vida de casado?

— Não está se queixando. — Licia riu também e comentou: — Mas também ele não teve muita chance de saber o que é a vida

de casado. Nos quatro meses em que estamos casados, creio que não passamos juntos mais de dez dias. Ele está começando a estourar.

— Fico contente por isso. Cada vez mais estão tocando as músicas dele. Eu o ouço a todo instante.

— Mas principalmente em frequência modulada. Ainda não é o que queremos. Ele tem que ser tocado em ondas médias. É o que realmente compensa.

— Vocês vão conseguir — declarou JeriLee, convictamente. Tomou outro gole do seu drinque, recostou a cabeça na poltrona e fechou os olhos.

— Cansada, querida?

JeriLee abriu os olhos. Licia se postara atrás da poltrona e estava inclinada sobre ela. Ela assentiu, sem dizer nada.

Gentilmente, Licia começou a afagar-lhe as têmporas com as pontas dos dedos. Depois, lentamente, desceu para o pescoço, começando a massagear os músculos tensos.

— Como está se sentindo agora?

JeriLee sacudiu a cabeça, sem abrir os olhos.

— Muito melhor.

— Gostaria que eu lhe preparasse um banho quente, JeriLee? Trouxe um óleo de banho muito bom.

— Seria maravilhoso — murmurou JeriLee, ainda de olhos fechados.

Ouviu Licia abrir a água da banheira. Momentos depois, sentiu mais do que ouviu a outra voltando para o quarto. Abriu os olhos. Licia estava ajoelhada à sua frente, tirando-lhe os sapatos. Começou a massagear-lhe os pés.

— Pobres pezinhos cansados... — murmurou ela, levantando os olhos em seguida para o rosto de JeriLee. — Sabia que você é linda?

— Você também é linda — disse JeriLee, sustentando o olhar dela.

Licia passou a língua pelos lábios.

— Posso sentir o seu perfume daqui.

— É tão forte assim? Não tive tempo de tomar banho depois do espetáculo.

— É fantástico — murmurou Licia, sorrindo. — E me deixou toda acesa. Estou que não aguento mais.

JeriLee fitou-a nos olhos.

— Eu também estou...

Capítulo 12

Exceto pelos fracos raios de sol que penetravam pelas frestas das cortinas, o quarto estava inteiramente às escuras quando JeriLee abriu os olhos. Ela rolou de lado e olhou para Licia, a cabeça afundada no travesseiro, um braço sobre os olhos.

Na semi-escuridão, a nudez da jovem negra parecia uma estátua esculpida na noite, os seios grandes, os mamilos compridos e salientes, como antenas no topo de picos gêmeos, que desciam suavemente, dando lugar à barriga muito lisa. Depois, o corpo voltava a subir, no púbis coberto de pêlos. JeriLee conteve um impulso de tocá-la, de sentir novamente o calor dela, de provar o gosto salgado de sua pele. Licia estava profundamente adormecida, e ela não queria acordá-la. Sem fazer barulho, saiu da cama e foi para o banheiro.

Quando voltou, Licia estava sentada na cama.

— Que horas são, JeriLee?

— Quase uma hora.

— Não acredito! — exclamou Licia, surpresa.

— Só fomos dormir às sete horas da manhã — disse

JeriLee, rindo.

— Nunca tive sexo assim, JeriLee. Não tinha mais vontade de parar. Queria continuar para sempre.

— A mesma coisa aconteceu comigo. Mas vamos parar de falar nisso — disse JeriLee, rindo. — Estou ficando acesa outra vez.

— Mantenha os bons pensamentos, querida — disse Licia, encaminhando-se para o banheiro. — Estarei de volta em um minuto.

Nesse momento, o telefone começou a tocar.

— Está esperando algum telefonema, JeriLee?

— Não.

O telefone continuou a tocar. JeriLee atendeu.

— Alô?

Ela estendeu o fone para Licia.

— É para você. É Fred, ligando de Nova. York.

— Alô? Aqui é a Sra. Lafayette. — Fez uma pausa, cobrindo o bocal com a mão. E disse, em tom preocupado: — A telefonista está pondo Fred na linha. Espero que não tenha acontecido algum problema.

Houve um estalido no telefone.

— Fred, querido, está tudo bem? Pensei que fosse ficar em San Francisco.

Ela escutou por um momento, depois a voz se tornou subitamente descontraída.

— Mas isso é fantástico! É claro que irei imediatamente para aí. Se eu partir agora, posso chegar a Nova York às nove horas. É tudo auto-estrada daqui até aí. Não, não, está tudo bem. Eu tinha de acertar alguns negócios com o clube daqui. E como só o esperava na próxima semana, resolvi ficar por aqui no fim de semana, para matar as saudades de JeriLee... Ela está ótima. Vai para Gary amanhã... Claro que direi. Até já, querido. Eu o amo.

JeriLee ficou olhando para ela, sem dizer nada.

— Está tudo bem — disse Licia, ao desligar.

— Tem certeza?

— Fred está muito entusiasmado. Lou Rawls teve uma laringite e eles chamaram Fred para substituí-lo, no especial de Pearl Bailey que vão gravar esta noite. É a oportunidade pela qual estávamos esperando.

JeriLee ficou calada.

— Vou tomar um banho rápido e partir imediatamente — disse Licia. — Não, quero ficar engarrafada no tráfego de fim de semana da estrada.

— Enquanto você toma banho, vou pedir um lanche.

— Apenas suco de laranja e café para mim, querida. — Ela reparou na expressão de JeriLee e apressou-se em acrescentar: — Não fique preocupada. Eu lhe disse que está tudo bem.

— Eu estou bem.

— Não há nada com que se preocupar. — Licia soltou uma risada. — Fred é igualzinho a todos os outros homens do mundo. Nenhum deles pode imaginar que existe algo melhor do que eles.

Pela janela, JeriLee ficou observando o carro prateado sair

do motel e seguir pela estradinha que levava à rampa de acesso à auto-estrada. Largou a cortina e depois, distraidamente, começou a arrumar o quarto. O cheiro de sexo da noite anterior ainda pairava sobre a cama em confusão. Ela apertou o botão de ventilação do ar-condicionado e o zumbido do aparelho invadiu o quarto.

Depois, foi dar uma olhada no papel que estava na máquina de escrever. Subitamente, sentiu-se deprimida. Furiosa, arrancou o papel da máquina, amassou-o e jogou-o no chão, gritando em voz alta: — Merda!

Abriu a geladeira. Ainda restavam alguns cubos de gelo no balde. Meteu-os num copo e serviu-se de vodka com chá. Foi para a cama, sentou-se e acendeu um cigarro. Tomou o drinque rapidamente. Começou a ficar alta e excitada, recordando a noite anterior.

Tirou o roupão e deitou-se de costas na cama. Começou a acariciar-se com uma das mãos. Lentamente, foi sentindo que uma lassidão a invadia. Fechou os olhos. Sentiu Licia beijando-a.

De repente, sentiu que estourava, quase como um balão. Abriu os olhos. O quarto vazio era uma prisão e as paredes se apertavam em torno dela.

Tomou o último gole de drinque, depois abriu a gaveta da mesinha-de-cabeceira e tirou um vibrador. Era moderno, fabricado no Japão. Do tipo executivo, como eles diziam, sem fio, acionado por pilhas, com duas velocidades.

Ligou o vibrador na velocidade menor. Fechando os olhos, comprimiu-o contra o púbis, acariciando-se. Apertou os olhos e enfiou o vibrador.

Podia ver Licia parando o carro e entrar correndo no apartamento. Fred estava sentado ao piano. Quando ele se levantou, pôde ver que estava inteiramente nu. De repente, Licia estava nua também, ajoelhando-se diante dele e beijando-o. Subitamente, Fred obrigou-a a deitar-se no tapete e deitou-se em cima dela. As pernas de Licia envolveram-lhe a cintura, puxando-o ainda mais para dentro dela. — Não! — gritou JeriLee. — Ele é meu! Arrancada de sua fantasia, ela abriu os olhos e contemplou o vibrador na mão. Aquilo não era nada. Desligando-o, ela o jogou em cima da cama e rolou para o lado, lutando para conter as lágrimas.

JeriLee não sabia por que estava tão transtornada. Licia dissera que arrumaria empregos para ela e cumprira a palavra. JeriLee estava conseguindo sustentar a si mesma, ao mesmo

tempo em que escrevia. Deveria estar se sentindo feliz. Mas não era o que acontecia.

— Não estou com ciúmes — disse ela a si mesma, repetidas vezes. — Não estou com ciúmes.

Mas cada vez que piscava os olhos, via Licia e Fred fazendo amor em cima do tapete branco.

JeriLee olhou para suas mãos. Estavam tremendo novamente. Foi ao banheiro.

No espelho, verificou que as olheiras tinham aumentado. Estava com um aspecto horrível. Jogou um pouco de água fria no rosto.

Se estava com ciúmes, seria de Fred, porque ele estava com Licia? Ou seria de Licia, porque ela estava com Fred? Ela simplesmente não sabia.

Fazia nove meses que começara o caso dela com Licia. E fazia quase um ano que ela não ia para a cama com um homem. Até aquele momento, ela não havia pensado nisso.



Era quase meia-noite quando ela entrou no clube. A música soava estridentemente e uma garota estava se contorcendo sob o refletor cor de âmbar, na -pequena plataforma atrás do bar. Ela atravessou o salão às escuras e foi direto para o escritório do gerente, nos fundos.

Danny ficou surpreso quando a viu entrar.

— Eu não esperava mais vê-la aqui, Jane.

— Eu não tinha nada para fazer. E me senti entediada.

— Pensei que sua amiga tivesse vindo visitá-la — disse ele, fitando-a com uma expressão maliciosa.

Ele sabia. Mas como? Como era possível que todos soubessem tudo sobre todos?

— Ela teve de voltar para casa, pois o marido chegou de viagem inesperadamente.

— E o que veio procurar aqui, Jane?

— Um homem. O homem mais ardoroso da cidade.

— Sabia que Wild Billy tem uma queda por você?

— Já tive disso ontem. Esta noite, estou querendo é ter um

homem.

— Há meia dúzia de caras lá no bar. Qualquer um deles estaria disposto a pagar cinquenta ou cem dólares para ir para a cama com você. Só que eu fico com a metade.

— Pode ficar com todo o dinheiro.

— Está certo. Quer ir até lá fora para escolher?

JeriLee soltou uma risada e compreendeu que estava inteiramente fora de si.

— Não precisa. Trate apenas de receber o dinheiro. Eu irei para a cama com todos eles.

Capítulo 13

Nos fundos do clube, havia um velho alpendre de madeira, um tanto inseguro, de onde se via o mar. À direita, JeriLee podia ver o píer de Santa Mônica, com as luzes de aterragem dos jatos brilhando continuamente por cima, ao se virarem sobre o mar e seguirem para o aeroporto. O ar da noite estava ficando frio e ela se aconchegou no roupão. Ficou escutando distraidamente o ruído da música que vinha lá de dentro.

Só mais uma apresentação e ela terminaria por aquela noite. Os proprietários do clube podiam detestar, mas ela sentia-se grata pelas leis da Califórnia, que fixavam as duas horas da madrugada como o horário limite. Em alguns Estados, ela havia trabalhado até as quatro da madrugada. Em outros, até o dia clarear. Perguntou-se vagamente se Mike viria buscá-la. Nunca se podia saber de nada, em se tratando de Mike. Ele vivia num mundo todo seu, particular.

Ela o conhecera no dia em que chegara à Califórnia, quase um mês antes. Era um domingo e ele estava de plantão no escritório imobiliário. JeriLee decidira que alugaria um apartamento, ao invés de ficar num motel, como das outras vezes. Além de ser mais barato, ela achava que seria mais fácil escrever num

apartamento do que num motel. Seria mais tranquilo, e ela ali ficaria algum tempo, pois tinha oito semanas de contratos já firmados na área de Los Angeles.

Alto, bronzeado, os cabelos quase brancos, descorados pelo sol, ele não se parecia absolutamente com um corretor de imóveis. De jeans e descalço, estava inteiramente deslocado por trás da escrivaninha.

— Em que trabalha? — perguntou ele, começando a preencher o formulário de informações.

— Sou escritora.

— Escritora?

— Algo de errado nisso?

— Com seu corpo e suas pernas, imaginava que fosse atriz ou dançarina.

— Faço isso também.

— Tenho uma sublocação de três meses. Creio que seria perfeita para você.

— Preciso apenas de dois meses.

— Creio que posso convencer o proprietário a reduzir o prazo.

Ele fechou o escritório e levou-a em seu carro. Era um VW todo adaptado, com pneus imensos. A parte superior fora inteiramente cortada e havia uma barra de ferro estendendo-se de um lado a outro, por cima, no meio do carro.

— É um lugar maravilhoso — disse ele, saindo com o carro do estacionamento. — Tranquilo. A dois minutos da praia. Um banheiro grande. Tem até bidê.

— Bidê... — repetiu JeriLee. — Deve ser caro demais para mim.

— Tenho certeza de que vai adorar — disse ele, confiante. — E custa apenas trezentos dólares por mês. Foi uma francesa que o arrumou todo.

— Parece bom demais para ser verdade. Por que ela deixou o apartamento?

— O romance dela acabou, e ela voltou para a França.

O quarto era pequeno, assim como o living. A cozinha era pouco mais que um closet. Mas ele dissera a verdade com relação ao banheiro. Era, de longe, o maior cômodo do apartamento, com boxe de chuveiro, banheira embutida, duas pias e um bidê.

— E então, que tal? — perguntou ele.

— É pequeno.

— Está ótimo para uma escritora. Vai ficar sozinha?

— Vou.

— Então não precisa de nada maior do que isso.

— Mas vou querer apenas por dois meses.

— Não há problema. Dê-me um cheque pelos dois meses, mais setenta e cinco dólares pela limpeza e poderá mudar-se esta tarde mesmo.

— Está certo. — Começou a tirar o talão de cheques da bolsa. — Em nome de quem devo fazer o cheque?

— Em meu nome mesmo. É meu o apartamento. — Ele tirou um maço de cigarros do bolso. — Você fuma?

JeriLee aceitou um cigarro. Ele tirou um fósforo do bolso e acendeu-o na própria calça.

— Sente-se um pouco — disse ele. — Levarei apenas dez minutos para pegar minhas coisas e pôr no carro. Depois, poderemos ir buscar as suas coisas.

— E o escritório? Não tem que voltar para lá?

— Trabalho só nos domingos, porque o dono gosta de ir pescar. Além do mais, já fiz todo o negócio que precisava fazer hoje.

— E onde trabalha durante o resto da semana?

— Não trabalho. Desisti de trabalhar quando saí do Exército. O trabalho arruína a vida sexual e ainda dá úlceras.

— E de que vive então?

— Deste apartamento. É suficiente para manter-me.

— Onde fica morando, quando não está aqui?

— Tenho muitos amigos. Nunca há o menor problema em arranjar algum lugar para ficar. É surpreendente como existem muitas pessoas procurando companhia, ansiosas em ter alguém com quem conversar.

JeriLee deu uma tragada no cigarro enquanto ele entrava no quarto, para pegar suas roupas. Ele provavelmente estava certo, pensou ela. Deixar tudo de lado era uma maneira de viver. E aparentemente ele não estava sofrendo por causa disso.

Voltou alguns minutos depois, com um saco de lona verde, cheio pela metade.

— Vamos indo?

— Estou com muita sede — disse JeriLee.

— Eu lhe ofereceria um copo de vinho, se tivesse algum em

casa.

Ela não disse nada.

— Há uma loja de bebidas no outro quarteirão. Posso correr até lá e comprar uma garrafa.

— É uma ótima ideia.

— Só que não tenho nenhum dinheiro — disse ele, sem o menor constrangimento.

JeriLee abriu a bolsa e tirou dois dólares.

— Isso é suficiente?

— Estamos na Califórnia — disse ele, sorrindo. — Vou trazer duas garrafas.

Eles beberam e se amaram durante toda a tarde. Quando a noite chegou, foram até o motel de JeriLee e pegaram as coisas dela, para que se mudasse para o apartamento. Só que ele não saiu.

Ela acordou cedo na manhã seguinte, com os raios do sol invadindo o apartamento. Ao lado dela, a cama vazia. JeriLee não o ouvira sair.

Ela encontrou na cozinha uma pequena chaleira, que encheu de água e pôs no fogo para ferver. Abriu a porta do armário da cozinha, mas só encontrou dois solitários saquinhos de chá. Pegou um e colocou-o na xícara. Teria que se contentar com aquilo mesmo.

JeriLee voltou para o quarto e começou a desfazer as malas. Estava pondo a máquina de escrever portátil em cima de uma mesinha, ao lado da janela, quando ele voltou. Mike entrou na sala com uma sacola de compras.

— Você já acordou — disse ele, surpreso.

— Já, sim.

— Achei que gostaria que eu fizesse algumas compras — disse ele, atravessando a sala e pondo a sacola sobre uma mesinha na cozinha.

— Trouxe café, Mike? Não consegui encontrar.

Ele começou a esvaziar a sacola. Ovos, manteiga, bacon, pão, suco de laranja, leite. Finalmente, ele tirou um vidro.

— Café solúvel serve?

— Está ótimo.

— Eu mesmo não tomo café. A cafeína faz mal.

— Pois não consigo fazer nada de manhã, enquanto não tomo um café.

— Por que não acaba o que estava fazendo? — sugeriu ele.
— Farei o café para você.

JeriLee hesitou.

— Sou um bom cozinheiro.

— Está certo — disse ela, sorrindo.

— Muita fome?

— Estou faminta.

A água na chaleira começou a ferver. Rapidamente, ele preparou uma xícara de café solúvel e a entregou a JeriLee.

— Tome o café antes, JeriLee. Dentro de um minuto o seu desjejum estará pronto.

No momento em que ela terminou de arrumar a mesa de trabalho, ajustando a máquina e todos os papéis em cima, Mike a chamou. Ela olhou para a mesa, com uma expressão de aprovação. Ele a fizera bastante atraente, pondo os pratos brancos sobre descansos verdes. Indicou a cadeira junto à janela para JeriLee.

— Sente-se ali. — Colocou três ovos e seis fatias de bacon em cada prato. Depois, abriu a porta do forno e tirou as torradas quentes. — Está bom assim? — perguntou ele, sentando-se também.

— Está maravilhoso! — exclamou JeriLee, pegando o suco de laranja.

— Quer café agora?

Ela assentiu.

— Por falar nisso, Mike, como foi que conseguiu pagar essas coisas? Pensei que não tivesse dinheiro.

— E não tenho. Mas a mercearia sempre me vende a crédito, quando tenho uma inquilina.

JeriLee ficou calada por um momento.

— Normalmente faz isso, Mike?

— Depende da pessoa para quem alugo o apartamento. E faço questão de jamais alugar para bichas.

— Só para mulheres?

— De preferência — disse ele, rindo. — Já aluguei algumas vezes para casais. Mas eles geralmente não ficam muito tempo. O apartamento é de fato muito pequeno para um casal.

JeriLee terminou de comer e tomou o café. Ele se levantou rapidamente, indo buscar mais café. Ela sorriu.

— Você sabe prestar um bom serviço.

— Eu me esforço — falou ele, retribuindo o sorriso. — E

quando encontro uma boa inquilina, esforço-me ainda mais.

— Que outros serviços você pode prestar?

— Tudo, de lavagem de roupas a limpeza de casa, até mesmo como motorista. Não precisa alugar um carro, se eu estiver por aqui. Estarei sempre à sua disposição.

— E o que faz quando os amigos de sua inquilina aparecem?

— Sou muito discreto. Simplesmente desapareço.

— Eu trabalho em casa durante o dia.

— Não há problema para mim.

— E trabalho fora de casa durante a noite.

— Está querendo dizer-me que é uma profissional?

— Não — disse JeriLee, rindo. — Não sou uma vigarista.

— Então, não estou entendendo.

— Começo a trabalhar no Rosebud, no Airport Boulevard, esta noite. Tenho oito semanas de contratos na área de Los Angeles.

— Mas é uma espelunca topless! — exclamou ele, visivelmente chocado.

— Eu lhe disse que era dançarina. — JeriLee tornou a rir.

— Mas a máquina de escrever... — Mike parecia extremamente confuso.

— Eu lhe disse que também era escritora.

— E o que mais faz?

— Já fui atriz. E estou pensando em procurar algum trabalho nessa área, já que estou aqui.

— Os negócios não andam muito bem. Tenho amigos que estão metidos nisso. O único trabalho que se encontra é em filmes pornográficos.

— Nunca se sabe. E como tenho mesmo que ficar aqui oito semanas, não custa nada dar uma olhada.

— Tenho um amigo que é agente. Talvez ele possa ajudá-la. Gostaria de conhecê-lo?

— Posso falar com ele.

— Marcarei o encontro.

Ela tomou mais um gole de café.

— Terei de alugar um carro. Sabe onde posso arrumar um, por um preço razoável?

— Eu lhe disse que também presto serviços como motorista. Só terá que pagar a gasolina.

JeriLee fitou-o, sem dizer nada. Mike sorriu subitamente.

— Está certo. Recebi o recado.

— Não há nada de pessoal, Mike. Apenas estou acostumada a viver sozinha.

— Já compreendi. Mas acho que devia ver as coisas por outro ângulo. Por que se dar ao trabalho de ter que fazer tudo sozinha? Por tudo o que me disse, creio que estará sempre muito ocupada. Vai ter que trabalhar dia e noite, além de procurar outras coisas para fazer. Por que não experimenta os meus serviços durante uma semana? Se não der certo, pode largar. Não haverá ressentimentos.

JeriLee pensou por um momento. De certa forma, tinha sentido.

— Está certo. Quanto dinheiro a mais isso irá custar-me?

— Já lhe disse que não cobro nada. — Havia um tom magoado na voz dele. — Terá apenas que pagar as despesas. E a coisa mais cara que consumo é suco de laranja. Tomo um litro por dia.

— Acho que posso arcar com essa despesa — falou JeriLee, rindo. Levantou-se e acrescentou: — Vou arrumar minhas coisas e depois voltarei a dormir. Quero estar em boa forma para a minha primeira noite no novo emprego.

— O que vai querer para o almoço?

— Não vou almoçar.

— E para o jantar?

— Terá que ser muito cedo. Seis horas, no máximo. Tenho que chegar ao emprego às oito horas.

— Certo. O que vai querer comer?

— Pode ser um bife, macio e malpassado.

JeriLee foi para o quarto e fechou a porta. Fechou também as cortinas, deixando o quarto mergulhado na escuridão. Engoliu um Valium e estendeu-se na cama.

Sentiu imediatamente os efeitos do tranquilizante. Talvez desse certo. Ela estava sempre correndo de um lado para outro, cuidando de tudo, a tal ponto que não lhe sobrava tempo para descansar. Walter dissera certa vez que não havia nada como um valete para cuidar de uma casa. Talvez ele estivesse certo.

JeriLee sentiu que estava começando a cair no sono. Foi então que outro pensamento lhe surgiu na mente: Licia. Prometera telefonar para ela assim que encontrasse um lugar para ficar. Ainda

tentou erguer-se, mas o efeito da pílula era muito forte. Acabou desistindo e entregando-se ao sono. Haveria muito tempo para telefonar para Licia, nos intervalos de suas apresentações no clube.

Capítulo 14

O nevoeiro estava começando a obscurecer as luzes do pter de Santa Mônica. Mais alguns minutos e elas desapareceriam completamente. A porta atrás dela se abriu.

— Faltam cinco minutos, Jane — disse o gerente.

Ela jogou o cigarro por cima da grade e entrou no clube.

— Mike já apareceu? — perguntou ela ao gerente, que a seguiu até o vestiário.

— Não o vi ainda.

Ele ficou olhando, enquanto JeriLee se preparava para a apresentação. Rapidamente, ela passou um pouco de ruge em torno dos mamilos e beliscou-os, para que ficassem mais salientes. Depois, virou-se para o gerente e perguntou:

— Como estou?

Ele sacudiu a cabeça, sem dizer nada.

— Algo errado?

Ele tornou a sacudir a cabeça.

— Qual é o problema afinal?

— Acabei de receber uma comunicação dos proprietários.

Vamos passar a apresentar as dançarinas sem a parte de baixo também, a partir da próxima semana.

— Nudez total?

— Não. Vocês usarão uma tanguinha na frente.

— Mas que droga! — exclamou JeriLee, enojada. — E quando é que vamos começar a apresentar o ato sexual em público?

— Não seja assim, Jane. Você sabe muito bem que o nosso negócio não anda nada bem. Quase todos os outros clubes já estão

apresentando as garotas sem nada. Nós resistimos o mais possível.

— Boa sorte para vocês. Estarei trabalhando no Zingara's, lá no vale, a partir da próxima semana.

— É a mesma administração e a mesma política.

— Tenho um contrato assinado.

— Ele será rompido, se não quiser mostrar o traseiro — disse o gerente, após um instante.

— Eles terão que conversar primeiro com o agente que me contratou.

— Já conversaram. E ele concordou, por mais quarenta dólares por semana.

Foi a vez de JeriLee ficar calada.

— Não seja tola, Jane. Quarenta dólares por semana é bom dinheiro. O pessoal lá de cima gosta de você, e os fregueses também. O que representa um pouco de pele a mais ou a menos, entre amigos? Não arruíne um bom negócio.

Subitamente, JeriLee sentiu que o cansaço a dominava, implacavelmente.

— Estou precisando tomar alguma coisa... — Vasculhou a bolsa e encontrou um vidro de estimulantes. Tomou um pouco e logo depois sentiu-se mais animada, mais forte. E disse ao gerente: — Posso fazer um espetáculo e tanto com um vibrador.

— Não podemos chegar ainda a esse ponto, mas terei prazer se me fizer um show particular — falou ele, rindo.

JeriLee soltou uma risada.

— Não tenho a menor dúvida — disse ela, voltando imediatamente a ficar séria. — Não me resta qualquer alternativa, não é mesmo?

— Não, se quiser continuar a trabalhar conosco.

Ela pensou por um momento. Os homens que controlavam aquele clube eram os mesmos que controlavam os outros para os quais ela fora contratada. Isso significava, para ela, oito semanas de trabalho. E quando finalmente conseguisse arrumar outras coisas, os dois meses já teriam acabado, assim como o dinheiro que ela conseguira economizar ao longo dos últimos seis meses. Além disso, ela perderia a oportunidade de fazer os contatos que desejava e precisava, ali na Califórnia. O agente apresentado por Mike achava que poderia arrumar-lhe algumas coisas. Finalmente, JeriLee assentiu.

— Está bem. Aceito.

— Garota esperta! — O gerente sorriu. — Vou avisar aos homens. Não ficarei surpreso se eles quiserem mantê-la mais tempo por aqui, antes de despachá-la pelo resto do circuito.

Ele saiu do vestiário. JeriLee voltou a se olhar no espelho. Ainda estava apresentável. Ninguém podia dizer que já tinha vinte e oito anos. Mas também ninguém poderia tomá-la por uma garota de vinte e três anos. O corpo ainda era firme, mas estavam começando a aparecer rugas no rosto. Apesar disso, o único lugar em que realmente sentia o peso da idade era dentro da cabeça.



A música atacava-a dos quatro alto-falantes. Ela estava dançando em cima da pequena plataforma atrás do bar. Era o lugar principal. Havia uma outra garota numa plataforma nos fundos da sala, mas o lugar principal era mesmo ali no bar.

Enquanto dançava, ela correu os olhos pelo bar. Mike estava se aproximando, seguido por outro homem. Embora ela não se lembrasse do nome dele, reconheceu-o como um produtor que encontrara no escritório do agente. Ele produzia filmes baratos, de terceira classe. JeriLee não tinha a menor ideia do motivo da presença dele, ao lado de Mike.

Mike ergueu seu copo de suco de laranja, num gesto de reconhecimento. Ela assentiu e sorriu. O mecanismo de tempo em sua cabeça avisou-a de que ainda tinha cinco minutos de apresentação. Era tempo suficiente para proporcionar um bom espetáculo ao produtor. Ela se deixou embalar pelo ritmo da música, dançando freneticamente.

Estava tomando chá gelado com vodca quando os dois entraram no vestiário.

— Este é o Sr. Ansbach — disse Mike.

Ansbach estendeu a mão.

— Já nos encontramos, no escritório de Gross.

— Eu me lembro — disse JeriLee, apertando a mão dele.

— Sabe dançar de verdade.

— Obrigada.

— Estou falando sério. Dança de verdade, não se limitando

a balançar os seios e o traseiro.

— Obrigada.

— O Sr. Ansbach foi até o apartamento — explicou Mike. — Disse que precisava vê-la imediatamente. Achei que não se importaria se eu o trouxesse até aqui.

— Não me incomodo.

— Estou satisfeito por ter vindo — disse Ansbach. — Estou interessado em uma de suas ideias para um filme. Gross me deu diversas histórias suas para ler.

— Em qual delas está interessado?

— A história da dançarina de um clube de Gary que é currada por uma turma de motociclistas.

— Essas coisas costumam realmente acontecer — falou JeriLee. — Conheço a garota com quem ocorreu essa história. Não foi brincadeira. Ela acabou internada num hospital, durante seis meses.

— Sei disso. Mas, no filme, teremos que mudar um pouco o final da história.

JeriLee não fez nenhum comentário.

— E agora que a vi dançar, tenho outra ideia. Talvez você também possa representar o papel. Mike me disse que já foi atriz. Se souber representar a metade do que dança e escreve, o negócio está fechado.

— Tenho mais oito semanas de contrato no circuito.

— Não há problema. Precisamos desse tempo para aprontar o roteiro.

— Necessitarei de muito mais tempo para escrevê-lo. O que apresentei foi apenas uma ideia.

— Não precisará escrever o roteiro. Tenho escritores que sabem exatamente como eu gosto de trabalhar, e poderão aprontá-lo rapidamente.

— Já conversou com Gross?

— Sim. Ele tentou falar com você pelo telefone, mas ninguém atendeu. Peguei seu endereço com ele e resolvi vir vê-la pessoalmente.

— E quanto está pensando em pagar?

— Não muito. Afinal, não temos tanto dinheiro assim. As filmagens serão realizadas em dez dias. Com equipes não sindicalizadas. E também não haverá cenários fabricados.

— Compreendo.

— A ideia é pagar-lhe duzentos e cinquenta dólares e dar o crédito nos letreiros pela história original. Se decidirmos que também pode representar o papel, o que acho muito provável, então iremos pagar-lhe mais trezentos e setenta e cinco dólares por semana, com uma garantia mínima de duas semanas.

JeriLee ficou calada.

— Sei que não é muito dinheiro — disse Ansbach, rapidamente. — Mas é um começo. E tem que começar por algum lugar, Srta. Randolph.

— Posso conversar com Gross primeiro, antes de dar uma resposta ?

— Claro. Mas procure tomar uma decisão e me informar até amanhã. Preciso iniciar um filme até o final do próximo mês. Se não for a sua história, terei que arrumar outra.

— Pode deixar que voltarei a procurá-lo amanhã.

Ansbach tornou a estender-lhe a mão.

— Foi um prazer conhecê-la, Srta. Randolph. É uma jovem realmente talentosa. Espero que possamos trabalhar juntos.

— Obrigada, Sr. Ansbach.

Ela esperou que a porta se fechasse, depois da saída dele. Virou-se então para Mike:

— O que acha?

— Pode dar certo.

— Não parece ter muita confiança nele.

— Ansbach é um cara perigoso. Procure receber o seu dinheiro antes de fazer qualquer coisa.

— Deixarei que Gross cuide disso. — JeriLee virou-se outra vez para o espelho e começou a passar creme no rosto. — Não vou demorar muito, Mike.

Ele fitou-a pelo espelho.

— Estão dizendo por aí que o clube vai aderir ao nudismo total na semana que vem.

— As notícias viajam depressa.

— Vai aceitar?

— Tenho alguma alternativa?

Mike ficou calado por um momento.

— Você é uma mulher estranha. Não consigo compreendê-la. Por que é tão importante assim ganhar dinheiro?

— Tente viver sem dinheiro.

— Mas não precisa de tanto dinheiro quanto está querendo

ganhar.

— Você não é mulher. Pode dar um jeito na hora em que bem quiser. Mas não é tão fácil assim para mim. Já vivi sem dinheiro e sei como é.

— Vai continuar trabalhando no clube, mesmo que faça o filme?

JeriLee assentiu. Ele levantou-se.

— Vou tentar convencer o atendente a me arrumar outro suco de laranja.

— Até já.

Enquanto removia o resto de creme do rosto, JeriLee achou que ele estava agindo de forma estranha, muito diferente da habitual. Mas não entendia por quê, até o momento em que ele parou o carro diante do prédio onde moravam.

Como ele não fizesse o menor movimento para sair do carro, JeriLee perguntou:

— Não vai subir?

— Vou passar esta noite em outro lugar.

— O que há de errado?

— Uma amiga sua veio visitá-la.

Mike engrenou o Volks e arrancou, antes que ela pudesse fazer outra pergunta. JeriLee virou-se e subiu para o apartamento.

Licia a estava esperando na sala.

Capítulo 15

A voz de Licia era gentil e preocupada:

— Está tudo bem, querida?

JeriLee fechou a porta e enfrentou o olhar de Licia.

— Está, sim.

Licia beijou-a no rosto, os lábios muito macios.

— Estava preocupada com você. Há duas semanas que chegou aqui e não tive notícias suas.

— Eu estava trabalhando. — JeriLee foi para a cozinha, com Licia atrás. Tirou um jarro de suco de laranja da geladeira. — Quer um pouco?

— Estou vendo que começa a ficar esperta, JeriLee. Esse negócio é muito melhor do que álcool.

— Mike é quem bebe isso — falou JeriLee, enchendo um copo. — Ele é viciado em sucos de frutas, como você. — Depois, preparou um drinque para si, com vodca e chá gelado.

— Aquele cara vive aqui com você, JeriLee?

— Vive.

— E o caso entre vocês dois é sério?

— Não.

— Então, o que ele está fazendo aqui?

— Ele é o meu senhorio. — JeriLee voltou para a sala, tirou os sapatos e afundou-se no sofá. — Ele me serve de tudo que é maneira, Licia. Leva-me de carro para onde eu quero, cozinha, limpa a casa.

Licia sentou-se numa poltrona em frente a JeriLee.

— E faz amor também?

JeriLee não respondeu. Licia pegou um cigarro.

— Quer um também, JeriLee?

JeriLee pegou o cigarro que Licia lhe oferecia. E só depois é que reparou que suas mãos estavam tremendo. Mas não havia motivo para estar tão nervosa. Licia não mudara, ela não mudara. Continuavam a ser as mesmas pessoas que eram da última vez em que se haviam encontrado.

Licia abriu sua mala em cima do sofá. Tirou uma caixa de veludo vermelho, da Cartier, e entregou-a a JeriLee.

— É um presente para você — disse ela. — Abra.

Era um colar de contas ovais de jade.

— Gosta? — perguntou Licia, ansiosa.

— É lindo! Mas não devia ter feito isso.

— Deixe-me pô-lo em você — disse Licia, sorrindo. Pegou o colar e colocou-o no pescoço de JeriLee. Contemplou em silêncio por um instante, antes de dizer: — Veja como está no espelho, JeriLee.

As duas foram para o quarto. JeriLee sentia o jade quente de encontro à pele. Seus olhos se encontraram com os de Licia, no espelho.

— Por quê, Licia?

A amiga chegou mais perto, encostando o rosto no de JeriLee. Os lábios roçaram os cabelos dela.

— Porque eu adoro você e estava com muitas saudades de você.

JeriLee ficou calada. Gentilmente, Licia virou-a e beijou-a na boca.

— Senti tanto a sua falta, querida — murmurou ela. — Não sabe a vontade que eu tinha de abraçá-la e beijá-la, de ir para a cama com você.

Súbito, JeriLee sentiu as lágrimas afluírem a seus olhos. Um momento depois, ela estava soluçando, à beira da histeria.

Ternamente, Licia puxou a cabeça dela de encontro a seu peito..

— Está tudo bem, querida, está tudo bem — disse ela, suavemente. — Eu compreendo.

Ela levou JeriLee de volta à sala. Sentou-a no sofá, acendeu um cigarro e entregou-lhe. Aos poucos, JeriLee foi sentindo a tensão diminuir. Enxugou os olhos com um lenço de papel.

— Não consigo entender, Licia — murmurou ela, perplexa. — Eu mudo de ânimo como um ioiô.

Licia fitou JeriLee nos olhos, pensativa.

— Andou trabalhando demais, querida. Não pode esforçar-se, tanto sem terminar pagando caro.

— Mas não tenho outro jeito, se quiser sair desse negócio antes que meus seios estejam batendo nos joelhos.

— Está muito longe disso, querida.

— Não é a impressão que eu tenho às três horas da madrugada, depois de fazer seis apresentações.

— Não é tão ruim assim, querida. E o dinheiro é bom. Quem era aquele homenzinho que estava com o seu garanhão quando

cheguei aqui?

— É um produtor. Ele está interessado em comprar uma das minhas histórias para um filme. Talvez até eu ganhe um papel no filme.

— E ele merece confiança?

— Meu agente diz que sim.

— Você tem agente? — indagou Licia, surpresa. — Estou vendo que andou bastante ocupada. Como é que o conseguiu?

— Através de Mike. Ele conhece todo mundo.

— E o que Mike faz?

— Nada — respondeu JeriLee, sorrindo. — Ele vive deste apartamento.

— Então é um cafetão — falou Licia, com um ligeiro tom de ressentimento.

— Não é justo dizer uma coisa dessas. Você nem ao menos o conhece direito.

— No lugar de onde venho, homem que não trabalha é cafetão.

JeriLee não disse nada.

— Não quero brigar com você, querida. Nem quero lançá-la contra Mike. Sei perfeitamente do que as mulheres precisam. Até eu necessito de vez em quando de um homem. Mas jamais esqueça o que eles realmente querem. Não existe um único homem no mundo que não queira deixá-la de quatro, se tiver uma oportunidade para isso.

JeriLee estava muito cansada. Sentia todas as suas energias se escoarem inexoravelmente. E murmurou:

— Mike não é desse tipo...

— Não vamos mais falar sobre isso, querida. Você está esgotada. Vá para a cama e tenha uma boa noite de sono. Temos os próximos dias para conversar à vontade.

— Quanto tempo vai poder ficar?

— Uma semana inteira. Fred está trabalhando em Seattle. Fiquei de encontrar-me com ele em San Francisco.

JeriLee ficou calada.

— Seria ótimo se você pudesse tirar uns dias de folga, querida. Talvez pudéssemos ir juntas para algum lugar e descansar um pouco. Também andei trabalhando demais.

JeriLee sacudiu a cabeça, em dúvida.

— Não sei...

— Veremos "se é possível. E agora vá para a cama, antes de cair de sono aqui mesmo.

— E você?

— Vou primeiro terminar de arrumar minhas coisas. Mas não se preocupe que não demorarei.

Licia ficou olhando para a porta fechada do quarto, irritada consigo mesma. Deveria ter previsto que não podia deixar JeriLee afastar-se tanto dela. Especialmente na Califórnia, onde as coisas que JeriLee realmente desejava estavam ao alcance de suas mãos.

Correu os olhos pelo pequeno apartamento e tomou uma decisão. No dia seguinte, procuraria um apartamento maior e mais confortável para JeriLee. Um apartamento que desse para as duas.

Quanto mais cedo ela tirasse JeriLee dali, melhor seria. Não podia deixar que a amiga continuasse a agir por sua própria conta. Não importava que isso pudesse prejudicar a sua própria vida, teria que encontrar uma maneira de levar a outra de volta a Nova York.

Capítulo 16

Licia e JeriLee saíram do trailer de alumínio coberto de poeira para a claridade do sol. O rosto de JeriLee estava coberto de sangue e lama, cuidadosamente aplicados. O assistente do diretor examinou-lhe o rosto ansiosamente e depois chamou o maquilador.

— Acho que podemos usar um pouco mais de sangue. E rasgue também um pouco mais as roupas dela.

— Onde eles estão filmando agora? — perguntou JeriLee.

— Na estrada. Deverão chegar aqui dentro de quinze minutos. — Ele levantou os olhos para o céu e murmurou: — É melhor que cheguem mesmo, ou não teremos claridade suficiente para filmar.

JeriLee seguiu o maquilador até uma mesinha colocada debaixo de uma árvore. Um engradado de madeira servia de banco. O maquilador começou a trabalhar no rosto da moça. Depois, com uma gilete, cortou o traje de motociclista dela em diversos lugares.

No momento em que ele acabou de preparar JeriLee, ouviram o ronco de motores. Um instante depois, a grande Harley Davidson preta apareceu. Atrás, em meio a uma nuvem de poeira, vinha um jipe aberto. Os dois veículos passaram diante da câmara e logo em seguida soou o apito estridente do assistente do diretor.

E o próprio diretor gritou:

— Corta!

Os motores pararam e a equipe começou imediatamente a deslocar as câmaras para as novas posições. O sol começava a escorregar lentamente pelo céu, na direção do oceano. A equipe trabalhava ativamente, para aproveitar enquanto ainda havia claridade suficiente para as filmagens.

O motociclista, um doublé, levantou o visor do capacete, e pegou a lata de cerveja que um dos membros da equipe lhe estendia. Depois, caminhou até a beira do penhasco, diretamente acima do mar.

— Ele vai realmente pular lá embaixo? — perguntou Licia a JeriLee.

JeriLee assentiu.

— É uma queda de mais de vinte metros.

— A profissão dele é essa.

— Pois está aí uma profissão que não me atrai.

O diretor aproximou-se, com o motorista do jipe, que estava usando uma peruca loura e o traje de motociclista igual ao de JeriLee.

— Sabe o que tem de fazer? — perguntou-lhe o diretor.

— Sei. No instante em que Tom pular do penhasco, saio imediatamente do carro, para JeriLee entrar.

— Tem que ser bem rápido. Temos apenas uma câmara para usar. Ela vai acompanhar Tom e depois voltará a focalizar o carro. A outra câmara ficará focalizando a queda. Você terá talvez trinta segundos, não mais do que isso.

— Está certo — assentiu o doublé.

— Depois que entrar no carro, espere o meu sinal antes de sair — disse o diretor, virando-se para JeriLee. — Ande então até a beira do penhasco e olhe lá para baixo. Deixe passar um bom momento, depois vire-se e caminhe lentamente, pela beira do penhasco, na direção dos guardas, que estarão vindo ao seu encontro. Vou tentar filmá-la delineada contra o sol poente.

JeriLee limitou-se a assentir.

— Estaremos prontos para começar dentro de cinco minutos — disse o diretor. — Eles estão filmando agora a radiopatrulha subindo pela estrada.

Depois que o diretor se afastou, Licia perguntou a JeriLee:

— Como está se sentindo, querida?

— Muito bem.

— Pois parece cansada. O dia não foi brincadeira. — Ela tirou uma pílula da bolsa e entregou-a a JeriLee. — Mas não se preocupe. Daremos um jeito para que você durma. Esta é a última cena do filme e não quero que estrague tudo agora.

— Estou bem — disse JeriLee, com um sorriso. — Posso trabalhar ainda mais dez horas.



Estava escuro quando ela acordou. Havia um murmúrio fraco de vozes do outro lado da porta fechada, que dava para a sala. JeriLee sentiu a boca seca, e a língua parecia inchada. Saiu da cama e foi para o banheiro. Sofregamente, bebeu um copo de água e depois escovou os dentes com força, para tirar o gosto desagradável da boca. Vestiu o roupão pendurado na porta e foi para a sala.

As vozes saíam do receptor de televisão. Licia olhou para ela.

— Que horas são, Licia?

— Onze horas.

— Mas eu pedi que me acordasse às oito. Tinha que chegar ao clube às nove!

— Não há problema. Quando vi que estava profundamente adormecida, telefonei para o clube e disse que você estava doente.

— Não vai dar certo. Eles sabem que estou fazendo o filme. Vão pensar que eu simplesmente não quis ir trabalhar.

— O azar é deles. Você pode arrumar muitos empregos onde seja necessário apenas mostrar o traseiro.

— Você sabe que não é bem assim, Licia. É um bom clube. Quase todos os outros não passam de ponto de encontro das prostitutas.

— Fique calma, querida. Vou fazer um chá para você. Não pode continuar trabalhando desse jeito ou vai acabar no hospital.

— Mas tenho que continuar. Não posso parar de trabalhar.

— Não mesmo? Você está nessa batida há quase oito meses. Já deve ter algum dinheiro no banco.

— Viver custa muito caro — falou JeriLee, baixando os olhos.

— Eu sei, querida. Mas você só se meteu nisso para ganhar dinheiro suficiente para poder escrever. Já deve ter juntado o bastante para se manter, enquanto volta a trabalhar naquela nova peça.

JeriLee ficou calada.

— Enfrente os fatos, querida. Escrever filmes de terceira classe não era o que você sonhava. E nem mesmo escreveu esse filme que eles acabaram de fazer. Simplesmente aproveitaram a sua ideia e transformaram-na totalmente, para atender a seus interesses. Você não escreveu nenhuma história de sexo e sadismo, mas foi nisso que eles transformaram a sua ideia.

JeriLee continuou calada.

— Seu lugar não é aqui, querida. Vai apenas terminar acorrentada a essas porcarias, sem jamais escrever as coisas que realmente deseja.

— Pelo menos recebi um pagamento pelo que escrevi — disse JeriLee, caindo na defensiva. — E eles me receberam. Foi muito mais do que consegui lá no leste. Talvez seja o princípio de alguma coisa.

— Tem razão, JeriLee, é de fato o princípio... o princípio do fim. Ninguém jamais consegue elevar-se acima desse tipo de filme. Saindo deles, só há um caminho: para baixo, para os filmes abertamente pornográficos.

— Por que, de repente, pensa que entende profundamente desses assuntos?

— Não fiquei sentada aqui, esperando, enquanto você fazia o filme. Andei fazendo algumas indagações. O que você acabou de fazer foi um filme de terceira classe, para passar em cinemas drive-in, o tipo de filme a que ninguém assiste. As pessoas só vão aos cinemas drive-in para comer hambúrgueres e cachorros-quentes e para ficar se acariciando no carro.

— Gross disse que pode arrumar-me mais alguns filmes, depois deste. E disse também que Ansbach ficou muito satisfeito com o meu trabalho.

— Mas eles irão fazer sempre o mesmo tipo de filme.

— Não sei.

— Você vai ver. Será como nos clubes. A cada vez, terá que se despir mais um pouco. A próxima etapa será nos espetáculos sexuais.

JeriLee ficou calada. Sabia que Licia estava certa.

— Não estou querendo pressioná-la, querida — disse Licia, segurando a mão de JeriLee. — Mas, um dia, JeriLee Randall vai querer voltar e talvez descubra que é tarde demais, que Jane Randolph já assumiu, para sempre.

— Preciso de um drinque...

— Não beba, querida. Tome um Librium.

— Já tomei dois antes de dormir.

— Pois tome outro. Um drinque só servirá para deixá-la ainda mais tensa. O que está precisando mesmo é de dormir. — Licia levantou-se. — Vou buscar para você.

JeriLee tomou a pílula com um gole d'água. Depois, Licia obrigou-a, gentilmente, a se deitar no sofá.

— Fique deitada aí e relaxe, enquanto vou preparar um bom banho para você. Depois, voltará para a cama, e não quero ouvir mais uma só palavra sua até amanhã de manhã.

JeriLee segurou a mão de Licia e apertou-a.

— Não sei como eu teria podido sobreviver às últimas semanas sem sua ajuda, Licia.

— Adoro-a, querida. E quero cuidar de você.

O tranquilizante não estava fazendo efeito. Inquieta, JeriLee sentou-se na cama e acendeu a luz. A porta do quarto se abriu.

— Você está bem, JeriLee?

— Não consigo dormir.

— Precisa tirar umas férias, mudar de ares — disse Licia, sentando-se na beira da cama.

JeriLee começou a rir.

— De que está rindo, querida?

— Olhe só quem está falando! Quando foi a última vez que você tirou férias, Licia? Mesmo aqui, está sempre ao telefone, tratando de negócios.

— Há uma diferença. Estou fazendo o que tenho vontade de fazer. Mas você está atirando em tantas direções diferentes que já nem sabe mais o que quer.

— Sei muito bem o que quero. Quero escrever.

— Pois então escreva. — Licia fez uma pausa e acrescentou: — Se é dinheiro o que a está impedindo, não pense mais nisso. Tenho o suficiente para que você possa fazer o que quer.

— Não quero seu dinheiro, Licia. Você já fez por mim mais do que o suficiente.

— Está sendo infantil, JeriLee.

— Não estou, não! É muito importante que eu me sustente.

— Não se sentiria assim se eu fosse homem, não é mesmo?

A súbita frieza de Licia apanhou JeriLee de surpresa.

— Por que diz uma coisa dessas?

— Não é verdade? Deixaria que um homem a sustentasse, mas não pode aceitá-lo de outra mulher.

— Não é verdade.

— Daria essa mesma resposta àquele garanhão, se ele se oferecesse para sustentá-la? Aposto que não. Cairia de joelhos diante dele e começaria a beijá-lo, de gratidão.

— Não diga isso, Licia. Você sabe que não é verdade. Se fosse isso o que eu desejasse, há muito tempo que já poderia ter. Não faz a menor diferença que seja homem ou mulher. Tenho de vencer por minha própria conta, de qualquer maneira.

— Fala muito sobre a verdade, mas não tem coragem de enfrentá-la — disse Licia, rindo asperamente. — Por que me telefonou quando não tinha ninguém mais a quem pudesse recorrer? Porque sabia, no fundo do coração, que eu queria ir para a cama com você. E achava que não haveria problema, se mantivéssemos um ar de conto de fadas. Mas, agora, você está na sarjeta e não está gostando. Por que não confessa logo o que é realmente, querida? Não é diferente de mim. Gosta tanto de mulher quanto eu.

Os olhos de JeriLee se arregalaram. Com as mãos trêmulas, ela pegou um cigarro. Licia arrancou-lhe o cigarro dos dedos e jogou-o no cinzeiro.

— Ainda vai acabar incendiando a cama, JeriLee.

Licia tirou o roupão e sua pele cor de mel reluziu à luz da lâmpada. Gentilmente, ela puxou o rosto de JeriLee de encontro a seus seios. A voz era rouca quando ela falou:

— Pronto, querida, mamãe sabe o que você está querendo. Mamãe sabe o que você precisa. Deixe mamãe tomar conta de você.

JeriLee fechou os olhos e aspirou o cheiro forte e almiscarado de Licia. Queria se afundar na segurança dos braços da amiga, mas compreendeu subitamente que não poderia fazê-lo.

O que Licia lhe oferecia não era diferente do que os homens lhe haviam oferecido. O sexo era a forma de pagamento. O fato de Licia ser mulher não fazia com que a troca se tornasse justa.

Liberdade era o direito de ser a própria pessoa. Não era algo que se pudesse comprar. Era algo que se tinha de conquistar, sendo franca consigo mesma, quer gostasse ou não do que tivesse de reconhecer.

Ela afastou-se de Licia e fitou-a nos olhos.

— Tem toda a razão, Licia. Não estou sendo sincera. Nem comigo mesma nem com você. Sinto muito.

Licia ficou calada.

— Sinto-me grata por tudo o que fez, Licia. Quero ser sua amiga. E quero fazer amor com você, porque gosto. Talvez mais do que qualquer outro tipo de amor que já conheci. Mas não estou apaixonada por você, assim como não o estou por ninguém mais. Talvez eu não seja capaz de amar da mesma forma que as outras pessoas. Tudo o que sei é que não quero ser dona de ninguém e não quero que ninguém se arvore em meu dono. Tenho que ser livre.

A voz de Licia estava abafada pelo sofrimento:

— Mesmo que isso signifique ficar sozinha?

JeriLee fitou-a em silêncio por um longo momento, antes de assentir, lentamente.

Os olhos de Licia se encheram de lágrimas. E, dessa vez, foi JeriLee quem puxou a cabeça de Licia de encontro a seus seios, consolando-a.

Capítulo 17

Marc Gross Associados consistia em uma secretária sempre ocupada e em um serviço de recados telefônicos. Gross era um jovem que havia trabalhado para várias grandes agências, antes de tentar a sorte por conta própria. Dirigia um Lincoln Continental, cujas prestações estavam sempre dois meses atrasadas, e vivia mencionando gente importante com quem se dava e falando sobre grandes negócios sempre iminentes. Apesar de tudo, era um jovem simpático e fazia o melhor possível pelos clientes desavisados que, por acaso, vinham bater à sua porta. O grande problema era o fato de os talentos mais promissores serem sempre agarrados pelas agências maiores e tradicionais, enquanto ele tinha de se contentar com simples possibilidades.

Quando JeriLee entrou no escritório, ele se levantou rapidamente, com um sorriso genuíno. Ela era uma das suas poucas clientes em atividade.

— Não recebo telefonemas enquanto estiver conversando com a Srta. Randolph — disse à secretária. Depois, com ar de importante, virou-se para JeriLee: — Temos muito trabalho a fazer.

JeriLee concordou, sem falar.

— Ansbach me disse que o filme ficou sensacional. Fiz com que ele promettesse me mandar algumas fotografias e dados, a fim de termos o que mostrar, antes de o filme começar a ser exibido. A ideia é arrumar-lhe mais alguns contratos, a fim de criar uma continuidade de sua imagem como atriz. — Ele parou de falar abruptamente e olhou para JeriLee. — Você usou uma peruca loura no filme?

Ela assentiu.

— Vi algumas fotografias. Devia usar a peruca loura o tempo todo. É ótima para a sua imagem.

— Ficava bem para o papel que eu tinha no filme. Mas não combina comigo.

— Isso não tem a menor importância. É como os produtores preferem. Dá-lhe uma aparência excitante.

— Uma aparência mais ordinária, não é mesmo?
— Questão de opinião. Eu a chamo de aparência C.I.
— O que é isso?
— Cama Instantânea. É o que todo mundo vai pensar ao vê-la num filme.

— Estou muito velha para bancar a loura sensual.
— Não é verdade. Está na idade certa. Atualmente, os homens estão querendo algo mais do que a loura burra de antigamente. Querem uma mulher que pareça mais experiente, que dê a impressão de saber exatamente o que eles querem e de estar disposta a dar-lhes. Estou marcando algumas entrevistas para você e quero que vá com a peruca loura.

— Está certo.
— Quando vai voltar a trabalhar no clube?
— Esta noite.
— Ótimo. Temos de promover isso. Há problema se eu levar alguns produtores até lá?

JeriLee ficou em dúvida.
— Não acha que isso poderia afugentá-los? Não creio que os estúdios apreciem muito a associação.

— Eles que vão para o inferno! Não são eles que mandam. Os produtores independentes é que ditam a moda. Os estúdios se limitam a segui-los.

— Não posso imaginar uma carreira construída com base nos filmes de terceira classe.

— O que há de errado com eles? Jack Nicholson não se saiu tão mal assim. Ele fez quatro filmes desses, antes de Sem destino. E olhe só onde está agora! É um dos grandes!

JeriLee não disse nada.
— Sei que o dinheiro não é muito, mas há bastante trabalho nessa área.

— Não sei...
— Ansbach quer usá-la novamente. E desta vez não será um filme só de motociclistas.

— Será sobre o quê?
— Uma história sobre uma prisão feminina. Há alguns bons papéis, mas você ficará com o principal, se quiser.

— Tem o roteiro?
— Você sabe como ele trabalha. O roteiro não ficará pronto até ele começar a filmar. Mas tenho aqui uma cópia da história. —

Gross estendeu algumas folhas para JeriLee e acrescentou: — Enquanto você lê, darei alguns telefonemas.

— Quer que eu leia agora?

— É a única cópia que eu tenho, e vou precisar dela.

Ansbach quer que eu arrume mais algumas garotas para o filme. Não vai demorar muito. A história só tem doze páginas.

JeriLee acabou de ler antes que ele terminasse o segundo telefonema. Ficou esperando até que ele desligasse.

— E então, Jane, o que achou?

— Não creio que sirva para mim.

— Vai ficar com o papel principal.

— Para dizer a verdade, é uma boa porcaria.

— Mas é o que o público anda querendo neste momento.

— Não gosto. Não há nem mesmo a simulação de uma história. O filme não passa de um amontoado de mulheres indo para a cama com outras mulheres, de mulheres espancando outras mulheres.

— É assim mesmo que essas prisões são. Além do mais, isso aí é apenas a ideia do filme. O roteiro será muito melhor.

— Não creio que um filme desses possa contribuir em alguma coisa para a minha carreira. Eu terminaria com a imagem de maior lésbica do cinema.

— Você é uma atriz. Não deve ter muitas dificuldades em viver o papel.

JeriLee percebeu a mudança sutil no tom de voz dele.

— O que está querendo insinuar?

— Ora, Jane, somos ambos adultos — disse ele, procurando exercer todo o seu encanto. — Sei o que você anda fazendo. Ninguém jamais poderá dizer que sou cego.

JeriLee ficou calada.

— Conheci a sua amiguinha lá do leste.

— O que faço é apenas da minha conta e de mais ninguém — disse ela, corando. — Acho que a ideia do filme é nojenta e não quero trabalhar nele.

— Está bem, está bem. Ansbach e eu já tínhamos calculado que talvez você não aceitasse. Haverá outras coisas.

— Já tem alguma resposta para as histórias que lhe dei?

— Estou fazendo-as circular. Tratarei de informá-la, assim que tiver alguma novidade.

— Certo. Poderá encontrar-me no apartamento durante o

dia. E, de noite, estarei no clube.

— Vai receber notícias minhas muito em breve. Estou marcando entrevistas para você na Warner e na Paramount. — Acompanhou-a até a porta. — E como está aquele roteiro para cinema no qual me disse que estava trabalhando?

— Eu lhe mostrarei assim que terminar.

— Não se esqueça. Tenho o pressentimento de que teremos a nossa grande oportunidade com esse trabalho. — Beijou-a no rosto e acrescentou: — Vamos nos manter em contato.



— Não estava esperando que voltasse tão cedo — disse Licia, quando JeriLee entrou no apartamento.

— Ia embora sem se despedir de mim? — perguntou JeriLee, olhando para as malas fechadas, junto à porta.

— Não gosto de despedidas, assim como você.

JeriLee ficou calada por um momento.

— Para onde está indo, Licia?

— Vou para Chicago. Falei com Fred e disse a ele que já tinha resolvido todos os problemas aqui. Ele foi muito compreensivo. Jamais se queixou de eu estar passando muito tempo com você.

A campainha da porta tocou e JeriLee abriu. O homem tocou com os dedos no quepe.

— Pediu um táxi, senhora?

Ela indicou as malas. Depois que o motorista se retirou, levando-as, ela e Licia ficaram imóveis, olhando uma para a outra. Foi Licia quem rompeu o silêncio:

— Acho melhor eu ir logo de uma vez...

JeriLee sentiu a pressão das lágrimas em seus olhos.

— Não quero que vá embora desse jeito, Licia. Não quero que fique zangada comigo.

— Não estou zangada, meu bem. Mas, ontem à noite, você me deixou saber onde é que estou exatamente: em lugar nenhum.

— Mas podemos continuar amigas.

— Claro, meu bem. — Licia deixou escapar um suspiro. —

O único problema é que a amizade que eu quero e a amizade que você imagina são totalmente diferentes. — Forçou um sorriso. — Tenho que ir agora. Os aviões não costumam ficar esperando pela gente.

Elas se aproximaram e seus lábios se encontraram, ternamente.

— Adeus, querida — murmurou Licia.

Ouviram um ruído atrás delas e se viraram, dando com Mike parado na porta.

— Está indo embora? — perguntou ele a Licia.

Ela assentiu e saiu do apartamento, passando por ele.

Parou um passo depois e virou-se, dizendo para Mike:

— Cuide direitinho da minha garota, está bem?

Mike assentiu.

Assim que a porta se fechou, Mike perguntou a JeriLee:

— Houve algo errado?

JeriLee sacudiu a cabeça, as lágrimas lhe toldando a visão.

— Por que veio até aqui neste exato momento, Mike?

— Licia me telefonou. Disse que você queria falar comigo.

Só Licia pensaria nisso.

— Eu gostaria de tomar um drinque, Mike.

— Já está saindo um vodca com chá gelado! — Ele voltou um momento depois, com o drinque na mão. Entregou-o a JeriLee, sorrindo. — Vai querer novamente os meus serviços?

Ela assentiu, lentamente.

— Ótimo! Vou buscar as minhas coisas e estarei de volta no máximo em uma hora. Devo trazer alguns bifes para esta noite?

JeriLee assentiu novamente.

— Ei, vai ser fantástico! Agora que sei do que você gosta, vai ser ainda melhor. Tenho duas amigas que você vai adorar!

Ele saiu antes que JeriLee tivesse tempo de responder. Ela bebeu um grande gole do drinque. Se ficasse atordoada, poderia aliviar o sofrimento de sentir que simplesmente não conseguia comunicar-se com ninguém.

Capítulo 18

JeriLee olhou para o relógio e depois para Mike, que estava do outro lado da sala elegantemente mobiliada. De pé, junto ao bar, Mike conversava com o anfitrião. Ela largou o copo de vodca com água tônica em cima de uma mesinha e seguiu até eles. Quando se aproximou, os homens se calaram.

— Lamento interromper, Sr. Jasmin, mas tenho que ir trabalhar.

O homem alto e de cabelos grisalhos, com um rosto bronzeado, sorriu cordialmente.

— Não há de que pedir desculpas. Agora que já nos conhecemos, deve pedir a Mike que a traga aqui mais vezes.

— Obrigada. — Ela sorriu e virou-se para Mike. — Se você quiser ficar, posso ir de táxi.

— Não, não... Eu também já estava de partida. Vou deixá-la no clube.

— Vou mandar pôr as malas de Rick em seu carro — disse o Sr. Jasmin.

Em seguida, falou rapidamente com um dos barmen e depois virou-se novamente para eles.

— Vou acompanhá-los até o carro.

Ao saírem para o terraço, Jasmin apontou na direção da piscina.

— Todos os domingos organizamos um almoço em torno da piscina. Com muita gente divertida. Venham também, se sentirem vontade.

— Obrigada — disse JeriLee.

Se todos eram como as pessoas que acabara de conhecer, pensou JeriLee, então nada tinham de divertidos. Todos os homens pareciam ser empresários muito sérios e reservados, enquanto as poucas mulheres pareciam não ter nada a dizer umas às outras.

Cercado por Cadillacs, Mercedes e Continentais, o VW de Mike sobressaía como um polegar inchado. Quando eles chegaram ao carro, dois homens saíram de uma porta nos fundos da casa, cada um carregando uma mala preta bem grande.

— Ponham no banco de trás — disse Mike. Depois, virando-se para o anfitrião, falou: — Obrigado pelos drinques, Sr. Jasmin.

— Também agradeço, Sr. Jasmin — ecoou JeriLee.

Jasmin sorriu para ela.

— Será sempre bem-vinda nesta casa. E, por favor, procure vir ao nosso almoço de domingo. — Ele continuava a sorrir, mas havia um tom de dureza em sua voz quando disse a Mike: — Rick pede para tomar muito cuidado com as coisas dele.

— Fique tranquilo, Sr. Jasmin. Pode dizer a ele que não precisa preocupar-se.

Assim que o carro partiu, JeriLee olhou para Mike e disse:

— Foi a festa mais estranha a que já fui. Ninguém parecia estar com vontade de conversar.

— Sabe como são os homens de negócios.

— O que Jasmin faz?

— Ele é uma espécie de financista. Geralmente suas festas são um pouco melhores, mas esta noite estava realmente muito monótona. Lamento tê-la trazido.

— Não há problema. Eu já estava cansada da máquina de escrever. Foi bom sair de casa. — JeriLee olhou para as malas pretas, no banco de trás do carro. — O que vai fazer com essas malas?

— Um amigo meu vai fazer uma viagem e prometi guardar as coisas dele, até sua volta. Ele as deixou na casa de Jasmin, para que eu fosse apanhá-las.

— Ele estava lá? Não me lembro de tê-lo conhecido.

— Já tinha saído antes de chegarmos.

— Por que Jasmin não guardou as malas? Ele tem muito mais espaço do que você.

— Não se pede a um homem como Jasmin para fazer uma coisa dessas. Além do mais, não haverá qualquer problema. Vou meter as malas no armário, até meu amigo voltar. Elas não irão atrapalhá-la.

Os dois ficaram em silêncio até chegar ao clube. Assim que parou o carro no estacionamento, Mike disse a JeriLee:

— Talvez seja uma boa ideia aceitarmos o convite de Jasmin para almoçar lá no domingo. Acho que ele gostou de você, pois não é do tipo que convida qualquer pessoa para ir à sua casa.

— Vamos ver — disse JeriLee, sem querer assumir qualquer compromisso.

— Seria bom para você sair de casa mais um pouco. Há mais de duas semanas que está trancada no apartamento.

— Quero terminar logo o roteiro. Virá buscar-me depois do

espetáculo, Mike?

— Sim. — Ele olhou para trás, quando um carro entrou no estacionamento e veio parar atrás deles. — Acho melhor eu ir logo — falou muito nervoso. — Estou atrapalhando o tráfego.

JeriLee ficou observando-o afastar-se. Havia algo de estranho em Mike. Ela não conseguia determinar o que era, mas sentira a tensão dele aumentar continuamente, desde que haviam chegado à casa de Jasmin.

O gerente aproximou-se dela, quase correndo.

— Vai ter que se apresentar imediatamente. Anne acaba de telefonar, dizendo que está doente.

— Não precisa ficar preocupado, Jack — disse ela, sorrindo. — Estarei pronta dentro de dez minutos.



Mike abriu a porta para ela entrar no apartamento.

— Quer um drinque? — perguntou ele.

JeriLee sacudiu a cabeça.

— Estou exausta. Tive que me apresentar nove vezes esta noite. Uma das garotas não pôde ir.

— É demais...

— Sinto todo o corpo doído. Acho que vou tomar um Nembutal e depois cair na cama.

— Faça isso mesmo. Uma boa noite de sono é a melhor coisa para você. Vou ficar aqui lendo os jornais, antes de ir para a cama.

— Está bem.

O banho quente, de chuveiro, diminuiu um pouco as dores musculares que ela estava sentindo. Depois de enxugar-se, JeriLee vestiu o roupão, tomou duas pílulas para dormir e foi até a sala. Mike estava sentado numa cadeira, diante da janela.

— Mike, pensei que você ia ler os jornais.

— Não aguentei. As notícias são as mesmas porcarias de sempre.

— Está se sentindo bem? — perguntou ela.

— Eu? Claro que sim! Nunca me senti melhor em toda a

vida!

JeriLee meneou a cabeça, como se aceitasse plenamente a afirmativa dele. O que quer que estivesse errado, não era da conta dela, especialmente se ele não queria falar a respeito daquilo.

— Boa noite, Mike.

— Boa noite.

Ela foi para o quarto e fechou a porta. Estava dormindo antes mesmo de poder apagar a luz.

O ruído de vozes despertou-a. Ela se remexeu na cama, tentando clarear a cabeça. As vozes eram agora mais altas. Subitamente, a porta foi escancarada. Um homem entrou no quarto e acendeu a luz. A voz dele era ríspida:

— Muito bem, irmãzinha, vamos logo saindo da cama.

Por um momento, JeriLee teve a impressão de que se tratava de um sonho. Ela ainda estava grogue, das pílulas para dormir.

— O que você quer? Quem é você? — Estendeu a mão para o telefone. — Acho melhor ir embora, antes que eu chame a polícia.

— Nós somos a polícia, moça. E queremos ter uma conversinha com você.

JeriLee puxou as cobertas até o pescoço.

— Sobre o quê?

— Sobre as duas malas que seu namorado foi buscar hoje. Onde é que elas estão?

Mike apareceu na porta, por trás do policial.

— Não tem que dizer nada a eles! — gritou Mike. — Diga que quer falar com seu advogado.

Um guarda uniformizado apareceu por trás de Mike e arrancou-o da porta.

— Tire essas mãos nojentas de cima de mim! — berrou ele.

JeriLee ficou olhando para o detetive, aturdida.

— Mas que diabo está acontecendo? — perguntou ela.

— Seu namorado andava passando narcóticos. Mas, desta vez, nós conseguimos pegá-lo. Vimos aquelas malas entrarem aqui. E não as vimos sair.

— Desta vez? — repetiu JeriLee, espantada.

— É a terceira vez que o pegamos. Nas outras duas, tivemos que soltá-lo, por falta de provas. Mas desta vez, vamos desmontar este apartamento de alto a baixo, se for necessário.

— Não podem fazer isso sem um mandado judicial! — berrou Mike.

O detetive tirou um papel do bolso.

— Trouxemos o mandado. Queríamos entrar aqui mais cedo, mas o juiz só assinou a ordem há meia hora. — Tornou a virar-se para JeriLee. — É melhor vestir alguma coisa e sair logo do quarto, moça.

O detetive voltou para a sala, deixando aberta a porta do quarto. JeriLee enfiou-se no roupão e foi também para a sala. Mike estava sentado no sofá, de cara amarrada, cercado por três policiais à paisana e dois guardas uniformizados. O homem que falara com ela no quarto fez um gesto para os outros, dizendo:

— Sou o Detetive Collins, da polícia do condado. Esse é o Detetive Millstein e aquele outro é o Agente Especial Cochran, do FBI. E agora, vai nos dizer ou não onde estão aquelas duas malas?

— Não precisa contar nada para ele! — gritou Mike. — E você tem que informá-la de quais são os direitos que ela tem!

— Você é um péssimo advogado, Mike — disse o Detetive Collin, sem sorrir. — Isso só é necessário quando se prende alguém. Eu ainda não a preendi. Por enquanto...

JeriLee sentiu o pânico aumentar.

— Mas por que estão me prendendo? Não fiz nada!

— Eu não disse que tinha feito.

— Não dê atenção a ele, Jane! — berrou Mike. — Está apenas querendo enganá-la!

O agente do FBI resolveu entrar na conversa:

— Por que não facilita as coisas para você mesmo, Mike, dizendo-nos logo onde estão as malas? Seria uma pena ter que estragar o seu lindo apartamento.

Mike não respondeu.

— Garanto que seria melhor para. você, Mike. Desta vez, não tem como escapar. Pegamos Rick no aeroporto, carregando duas malas cheias. Pegamos também Jasmin, no início da noite. E vimos você entrar aqui com as duas malas.

Mike ficou olhando para o chão, em silêncio. O agente virou-se para JeriLee.

— O que tem a dizer, moça? Sabe onde estão as malas?

— Não. — JeriLee olhou para Mike, que se recusou a encará-la. Ela estava começando a ficar furiosa. Como pudera ser tão estúpida a ponto de acreditar naquela história de Mike, de que

não trabalhava e se contentava com a renda que o apartamento lhe dava? Se ele passava os narcóticos, como intermediário, não precisava trabalhar em outra coisa. Ela olhou para o agente do FBI e acrescentou: — Mas acho que sei onde podem estar. Há um armário trancado no corredor, ao lado da porta do banheiro, onde ele guarda as suas coisas.

— Tem uma chave desse armário?

— Não. Mas ele tem.

O agente estendeu a mão para Mike. Carrancudo, Mike tirou a chave do bolso e entregou-a. O agente deu a chave ao outro detetive.

— Vamos dar uma olhada.

O Detetive Collins segurou JeriLee pelo braço e um dos guardas uniformizados fez um gesto para Mike, indicando que deveria ir também. Mike se levantou e entraram todos no estreito corredor.

As duas malas estavam dentro do armário. Os detetives puxaram-nas. Collins tentou abrir uma, logo desistindo.

— É uma fechadura de combinação — disse ele. — Sabe qual é o número, Mike?

— Claro que não. E por que deveria saber? Estou simplesmente guardando essas malas para um amigo. Nem mesmo sei o que há dentro delas.

— Não tenho a menor dúvida quanto a isso, Mike — disse Collins, soltando uma risada.

Tirou do bolso um instrumento pequeno e ficou remexendo na fechadura por um momento. Depois, apertou o botão e o fecho se abriu. JeriLee ficou olhando para os embrulhos, impecavelmente feitos, com o formato de tijolos. Havia vinte embrulhos daqueles em cada mala. Collins tirou um, rasgou o papel no canto e cheirou. Depois assentiu e estendeu o embrulho para o agente federal.

— A informação era certa. Podemos levar os dois e prendê-los.

Collins virou-se para Mike, tirando um pequeno cartão branco, impresso, do bolso interno do paletó.

— Agora, estou lhe falando oficialmente, Mike. A lei me exige que lhe informe de seus direitos. Qualquer coisa que disser pode ser usada contra você nos tribunais. Tem o direito de permanecer calado ou de consultar seu advogado, antes de prestar qualquer declaração à polícia. Pode exigir também que seu

advogado esteja presente, durante qualquer interrogatório, a ser realizado agora ou no futuro. — A voz dele parecia arrastar-se interminavelmente. Ao final do discurso, ele virou-se para JeriLee: — A mesma coisa se aplica a você, mocinha.

— Mas por que diabo a estão prendendo também? — gritou Mike. — Ouviram o que ela disse. Ela não sabe de nada.

— O juiz é quem vai decidir isso — disse Collins. — Limite-me a fazer o meu trabalho. E por isso os estou prendendo. — Virou-se outra vez para JeriLee. — A lei exige que eu lhe informe de todos os seus direitos.

E leu novamente tudo o que estava escrito no cartão. Quando terminou, JeriLee disse:

— Estão cometendo um erro. Não tenho nada a ver com essa história. Apenas aluguei o apartamento dele.

— Um aluguel dos mais engraçados — escarneceu Collins. — Está vivendo aqui com ele há quase dois meses. Eu bem que gostaria de encontrar uma inquilina assim.

— Mas é verdade! — protestou JeriLee. Sentiu as lágrimas afluírem aos olhos e esforçou-se ao máximo para contê-las.

— Pode explicar tudo isso ao juiz — disse Collins. — Tem cinco minutos para se vestir ou eu a levarei do jeito que está. — Virou-se para os dois guardas uniformizados. — Levem Mike para o carro e depois um de vocês volte aqui para ajudar Millstein a carregar a prova.

Depois que os dois guardas saíram, Collins tornou a olhar para JeriLee.

— Não está se vestindo, irmã.

— E como quer que eu me vista, com todos vocês parados aqui?

— Posso pôr um disco na vitrola — disse Collins, rindo. — Assim, aproveitará para nos dar uma exibição, enquanto se veste. Ou será que a multidão não é grande o bastante para você?

Ela lhe lançou um olhar furioso, sem dizer nada. Collins sorriu.

— Assisti ao seu número algumas vezes, irmã. Você sabe remexer-se de verdade. Não temos a menor objeção a uma exibição particular.

O Detetive Millstein falou pela primeira vez:

— Pode ir vestir-se no banheiro, moça. Esperaremos aqui fora.

JeriLee assentiu, agradecida, ainda lutando para conter as lágrimas. Pegou uns jeans e uma blusa no armário e roupas de baixo na gaveta da cômoda. Entrou no banheiro e fechou a porta. Lavou o rosto com água fria, mas, mesmo assim, continuou a sentir-se grogue, do Nembutal que tomara. Precisava ficar completamente desperta.

Rebuscou freneticamente o armarinho de remédios, à procura de Dexamyl. Ainda restavam duas cápsulas no vidro. Deveriam dar. Terminou rapidamente de vestir-se e passou um pente pelos cabelos. Quando saiu do banheiro, o Detetive Millstein era o único que a estava esperando.

— Onde estão os outros?

— Já foram. Está pronta?

— Vou pegar minha bolsa. — Um momento depois, ela perguntou ao policial: — Parece ser um homem compreensivo. Tenho mesmo de ir?

Ele disse que sim.

— O que vão fazer comigo?

— Provavelmente, vão soltá-la. Mas terá de ir até a delegacia. Seu namorado estava metido com uma quadrilha perigosa. E havia um bocado de maconha naquelas malas.

— Mas que droga! E tudo o que fiz foi alugar um apartamento. Alguém já ouviu falar de uma inquilina pedir referências ao proprietário?

— Sinto muito, moça — falou ele, rindo.

Eles saíram do apartamento. No momento em que começavam a descer a escada, o detetive parou.

— Não acha que devia trancar a porta do apartamento, moça? Você não haveria de gostar de voltar para cá e descobrir que tinham roubado tudo.

Capítulo 19

A madrugada despontava quando eles subiram a rampa

diante da delegacia.

— Mas que merda! — disse Millstein baixinho, ao ver a multidão de repórteres e o caminhão da unidade móvel de TV parados diante do prédio. — Aquele idiota do Collins não podia esperar o momento de ver sua fotografia nos jornais.

Passou pela entrada da delegacia e desceu pela rampa do outro lado. Em seguida, deu a volta pelo quarteirão.

— Gosta de publicidade, moça?

— Não desse tipo.

— Tentarei levá-la pela entrada dos fundos. Talvez não haja ninguém lá. Tem óculos escuros na bolsa?

— Tenho.

— Ponha-os. Assim, pelo menos não poderão fotografar o seu rosto direito.

JeriLee abriu a bolsa e tirou os óculos.

— Como estou?

— Ótima — disse o detetive, olhando para ela. — Há um jornal no banco de trás. Pegue-o. Poderá segurá-lo junto ao rosto, quando entrarmos.

— É uma ótima pessoa, Charlie Brown — falou JeriLee.

— Millstein — disse ele, sem sorrir.

O detetive entrou com o carro no estacionamento atrás da delegacia. Não havia tantos repórteres como na frente, mas todos cercaram o carro, antes mesmo que parasse.

— Não saia do carro até eu dar a volta e abrir a porta — disse Millstein a JeriLee.

Os flashes começaram a espocar, com os fotógrafos tentando fotografar JeriLee pelas janelas fechadas do carro. Ela levantou o jornal diante do rosto e ficou esperando, até ouvir o estalido da porta se abrindo e a voz do detetive dizendo:

— Pode sair agora, moça.

Ele levou-a rapidamente até a porta dos fundos. JeriLee não tirou o jornal da frente do rosto. Podia ouvir os repórteres gritando:

— Ora, Jane, deixe disso! Deixe-nos tirar uma boa foto!

— A publicidade vai esgotar os ingressos para o seu próximo espetáculo!

— Mostre a eles que tem algo mais além de peitos e rabo!

E ouviu também a voz de Millstein:

— Tome cuidado. Há um degrau agora.

Ela tropeçou e quase caiu, mas Millstein amparou-a. Um

momento depois, os dois haviam passado pela porta.

— Está bem?

JeriLee assentiu.

— Vamos ter que subir dois lances de escada. O elevador não funciona a esta hora.

— Não há problema. E muito obrigada.

Ele sorriu, quase timidamente.

— Não foi nada. — Pararam no segundo patamar. — Terá que ser fichada, moça. Haverá repórteres presentes, mas nenhum fotógrafo. Não é obrigada a falar com eles. Tentarei tirá-la de lá o mais depressa possível.

Entraram na sala imensa pela porta dos fundos. Estavam quase na mesa do sargento quando os repórteres os viram. Todos correram na direção de JeriLee, fazendo-lhe perguntas. Já tinham sido informados a respeito do caso. Sabiam o nome dela e onde trabalhava. JeriLee manteve a cabeça abaixada, sem olhar para nenhum deles.

Millstein cumpriu a palavra. Sussurrou alguma coisa para o sargento de plantão, que assentiu e apontou para uma porta lateral. O detetive levou-a até lá e entraram numa saleta.

— O sargento é amigo meu. Ele vai trazer o livro de ocorrências até aqui, para fichá-la longe da multidão.

— O que disse a ele? — perguntou JeriLee.

— Perguntei se ele estava realmente a fim de ajudar Collins a se tornar tenente — respondeu Millstein, com um sorriso.

Ela desatou a rir. E, subitamente, as risadas morreram em sua garganta. Andara tomando tantas pílulas que estava começando a perder o controle. Não havia motivo para rir. As janelas para as quais olhava tinham grades. Aquilo não era um filme ou uma peça. Era de verdade.

JeriLee abriu a bolsa e procurou um cigarro. Tinha certeza de que havia um maço lá dentro. Finalmente, desistiu da busca e olhou para Millstein, pedindo-lhe, com voz trêmula:

— Tem um cigarro?

Em silêncio, ele tirou um maço do bolso e estendeu-o para JeriLee.

— Já passou por isso antes, moça? — perguntou ele, em seguida.

— Não! E é assustador... — falou JeriLee, sacudindo a cabeça.

Ele não disse nada.

— O que vai acontecer agora?

— Depois que o sargento terminar de registrar tudo, terá que entregar todas as suas coisas. Iremos então fotografá-la e tirá-lhe as impressões digitais. Finalmente, vamos levá-la até a ala das mulheres, onde uma carcereira irá revistá-la e depois trancá-la numa cela, onde ficará até o tribunal abrir, pela manhã.

— Tenho que ficar aqui até lá?

Ele assentiu.

— No cinema, a gente vê as pessoas saindo por fiança ou alguma outra coisa.

— É possível. De qualquer maneira, o juiz tem que dar autorização.

O sargento entrou na saleta, carregando um livro imenso.

— Nome, idade e endereço? — perguntou ele, rapidamente, depois de sentar-se à pequena mesa.

JeriLee hesitou. Olhou para Millstein, que assentiu.

— Jane Randolph, Montecito Way, 11119, Santa Mônica, vinte e oito anos.

— Certo. Collins já preencheu o formulário de acusação — disse o sargento para Millstein.

— E o que disse ele?

— Transporte e posse de oitenta quilos de maconha, com intenção de vender — respondeu o sargento.

— Mas não é verdade! — protestou JeriLee. — Nada tive a ver com isso!

Ignorando a explosão dela, o sargento levantou-se.

— Vai levá-la até a seção de guarda dos bens dos prisioneiros ou prefere que eu mande alguém até aqui?

— Vou levá-la até lá. E passaremos por aquela porta — disse Millstein, apontando para o outro lado da saleta.

JeriLee seguiu-o pela porta e passaram para um corredor. Pararam diante de um balcão. Millstein apertou uma campainha, chamando o funcionário.

— Mas isso não é justo! — disse JeriLee. — Collins não deu a menor importância ao que eu falei.

Um policial em mangas de camisa apareceu por trás do balcão.

— Esvazie a bolsa em cima do balcão e tire os anéis, relógio e qualquer outra joia que esteja usando — disse ele,

mecanicamente. — Nome e número?

— Jane Randolph. E que número deseja saber?

Ele não levantou os olhos do formulário.

— Todo prisioneiro tem um número de registro.

— Eu tenho o número — disse Millstein, entregando ao homem um pedaço de papel e acrescentando para JeriLee, gentilmente: — É uma mera formalidade.

Ela abriu a bolsa e esvaziou-a em cima do balcão. Tirou também o relógio do pulso. O policial começou a anotar as coisas que estavam dentro da bolsa. Ela deu uma tragada no cigarro e Millstein observou-lhe os dedos trêmulos.

— Fique tranquila, moça. Estarei a seu lado e procurarei ajudá-la o máximo possível.

Ela assentiu. Mas Millstein podia ver o pavor instintivo nos olhos dela. Aturdida, JeriLee assinou o formulário e deixou que lhe tirassem as impressões digitais e a fotografassem. E continuava aturdida quando foi revistada pela carcereira. Só quando estavam seguindo a carcereira pelo corredor, na direção da cela, é que Millstein a viu empertigar-se. A carcereira abriu a porta de barras de ferro. JeriLee virou-se para Millstein. Havia um princípio de histeria na voz dela:

— Tenho mesmo que entrar aí?

Ele a fitou em silêncio, por um minuto. Havia nela algo que o comovia, talvez porque estivesse convencido de que ela dizia a verdade. Havia dois meses que estavam trabalhando no caso e aquela era a primeira vez que surgia um indício de que ela poderia estar envolvida. Mas Collins não se preocupara com isso. Queria ser promovido a tenente e contava com o apoio do promotor distrital. Ambos queriam conquistar um grande sucesso público e não se importavam com quem pudessem prejudicar. Millstein olhou para o relógio. Eram quase sete e meia. O tribunal seria aberto dentro de uma hora e meia.

— Vou levá-la para a sala de conferências e ficarei lá com ela — disse ele à carcereira.

A carcereira era uma mulher cética, que acreditava que os policiais não eram diferentes dos outros homens, especialmente em matéria de mulheres bonitas. .

— Está bem — disse ela, em tom indiferente. — O problema é seu.

JeriLee sentiu os joelhos fraquejarem quando se afastaram

da cela. A sala de conferências era pequena, com umas poucas mesas e cadeiras, um sofá encostado numa das paredes. O detetive levou-a até o sofá, sentando-se diante dela e tirando um cigarro.

— Eu não poderia ter entrado naquela cela — murmurou JeriLee, aceitando o cigarro que o policial lhe ofereceu. — Não sei o que poderia fazer, se fosse obrigada a isso.

A voz dele não era inamistosa, apenas indiferente:

— Terá que ir para lá, mais cedo ou mais tarde.

— Talvez o juiz me deixe ir embora.

Ele ficou em silêncio por um momento. Ela realmente não tinha ideia do problema em que estava metida. Tudo era feito para retardar a ação da justiça, não para apressá-la.

— Tem advogado? — perguntou o detetive.

Ela sacudiu a cabeça.

— Conhece algum?

Ela tornou a sacudir a cabeça.

— Nesse caso, o juiz vai entregar o seu caso ao defensor público.

— E isso é bom?

— É melhor do que nada. — Ele hesitou por um momento, mas acabou acrescentando: — Se tiver algum dinheiro, é melhor contratar um advogado. O promotor distrital irá fazer picadinho do defensor público, neste caso. Ele está querendo alcançar um sucesso estrondoso e não vai fazer nenhum acordo. Você está precisando de um advogado respeitável, a quem o promotor distrital e o tribunal ouçam.

— Não conheço ninguém assim.

Ele ficou calado por mais algum tempo.

— Eu conheço. Só que custa caro.

— Quanto?

— Não tenho ideia.

— Posso algum dinheiro. Acha que ele concordaria em falar comigo?

— É possível.

— Poderia ligar para ele em meu nome?

— Não tenho permissão para fazer isso. Mas posso dar-lhe o telefone dele. Deve estar em casa agora. E você tem direito a dar um telefonema.



A carcereira entrou na sala, com a bandeja do almoço. JeriLee levantou os olhos do catre no qual estava sentada.

— Que horas são?

— Meio-dia — disse a mulher, pondo a bandeja na mesinha encostada na parede.

JeriLee olhou para os sanduíches de aspecto repugnante.

— Não estou com fome.

— Mas deve comer alguma coisa. O tribunal não vai reabrir antes das duas horas da tarde. E não vai acontecer nada antes disso.

A carcereira saiu da cela e fechou a porta de barras de aço.

Havia mais de duas horas que o advogado deixara JeriLee. Era um homem alto, vestido discretamente num terno escuro, e tinha cabelos prateados e pele rosada. Escutara a história dela até o fim, sem fazer qualquer comentário. Quando JeriLee acabou, ele fez uma única pergunta:

— Está me dizendo a verdade?

— Estou.

— É muito importante eu saber. Não quero que o promotor distrital me apareça com alguma surpresa.

— Juro que é verdade.

O advogado a fitou em silêncio, por um instante.

— Cinco mil dólares.

— Como?

— Cinco mil dólares. São os meus honorários.

— Não tenho tanto dinheiro assim.

— Sinto muito — disse o advogado, levantando-se.

— É muito dinheiro...

— É que você está metida na maior encrenca. Está envolvida na descoberta da maior quadrilha de traficantes de drogas na Califórnia, este ano. Não vai ser fácil convencer o promotor e o juiz de que você está dizendo a verdade.

JeriLee ficou calada, pensativa, dizendo finalmente.

— Tenho cerca de três mil e quinhentos dólares no banco. E posso pagar o resto, quando voltar a trabalhar.

Ele sentou-se de novo.

— Temos que tirá-la da cadeia imediatamente. As acusações devem ser canceladas. Se a levarem a julgamento e tiver que comparecer perante um júri, estará inevitavelmente perdida.

— Não estou entendendo. Contarei a verdade. Exatamente a mesma coisa que lhe contei.

— Isso não importa. Os integrantes do júri serão todos moralistas. No instante em que souberem no que você trabalha, concluirão que é culpada. Para eles, somente uma mulher imoral é capaz de dançar nua em público.

— Mas qual é a diferença entre os homens que vão ao clube para me ver e os jurados?

— Esses mesmos homens que vão ao clube certamente votariam contra você.

— O que vamos fazer então?

— Tenho que pensar um pouco. Está com seu talão de cheques?

— Ficou com eles.

Quando o advogado se retirou, alguns minutos depois, levou um cheque de três mil e quinhentos dólares e uma promissória de mil e quinhentos.

— Procure relaxar — disse ele. — Receberá notícias minhas dentro em breve.

A tarde já ia pela metade quando o advogado finalmente voltou.

— O que aconteceu, Dr. Coldwell? — perguntou JeriLee, no instante em que ficaram sozinhos na sala de conferências.

— Já acertei tudo com o promotor. Ele concordou em separar o seu caso dos outros e cancelar as acusações, se você quiser servir como testemunha da acusação.

— O que isso significa?

— Significa que está livre. Precisarás apenas comparecer ao julgamento e repetir a mesma história que me contou.

— Posso sair daqui agora mesmo?

— Dentro de mais alguns minutos. Primeiro, terá que comparecer perante o juiz, que emitirá a ordem de soltura.

— E o que estamos esperando?

— Está bem, vamos indo. Quero apenas que se lembre de uma coisa: o que quer que o juiz lhe peça para fazer, concorde

imediatamente.

JeriLee assentiu. Ele bateu na porta, indagando à carcereira, quando esta a abriu.

— A Srta. Randolph pode ficar esperando aqui um minuto, enquanto eu vou até o escritório do promotor distrital para lhe comunicar que estamos para comparecer ao tribunal?

A mulher olhou para JeriLee, em dúvida.

— Prometo que não vou demorar mais que um minuto — disse o advogado. — Vão cancelar as acusações contra a minha cliente, e acho que ela já passou tempo demais na cela.

— Está certo. Mas não demore, por favor. Isso é contra os regulamentos.

— Agradeço sua boa vontade — disse o advogado. Olhou em seguida para JeriLee e falou: — Volto num instante.

JeriLee sorriu. Pela primeira vez, nas últimas doze horas, ela não sentia o pavor a dominá-la.

Capítulo 20

Coldwell saiu com JeriLee pelos fundos do prédio e meteu-a dentro de um táxi.

— Os repórteres irão descobrir o endereço de seu apartamento dentro de mais um ou dois dias — disse ele. — Se não quer ser incomodada por eles, é melhor sair de lá o mais depressa possível.

— Não posso mesmo ficar lá. Mike é meu senhorio. O que vai acontecer com ele?

— O juiz fixou uma fiança de cem mil dólares para cada acusado. Tenho a impressão de que todos estarão em liberdade, antes do cair da noite.

— Mike não tem tanto dinheiro assim.

— Ele está ligado a gente importante. E eles costumam tomar conta de seu pessoal.

JeriLee ficou calada. Ainda lhe era difícil acreditar em tudo o que acontecera.

— Mantenha-se em contato comigo — disse Coldwell. — Quando se mudar, informe-me para onde foi.

— Está certo.

Já passava das cinco horas da tarde quando ela finalmente chegou ao apartamento. Ainda na escada, reparou que a porta estava aberta. Era um tanto surpreendente. Recordava-se nitidamente de haver trancado a porta, quando Millstein recomendara que o fizesse. Lentamente, entrou no apartamento.

A sala estava na maior confusão. Tinham quebrado sua máquina de escrever portátil. Havia papéis amassados espalhados pelo chão, e na lareira havia uma pilha de cinzas.

Ela pegou um dos papéis que estavam no chão. Não tinha nada escrito. Sentiu-se invadida por uma onda de medo. Correu para a lareira e pegou um pedaço de papel que não fora totalmente

consumido pelas chamas.

Era o que ela temia. Todo o seu trabalho das últimas semanas, o roteiro quase no fim, havia sido destruído, queimado na lareira.

Aturdida, ela se levantou e foi para o quarto. Ali, também, tudo estava revirado, as gavetas e o armário esvaziados, as roupas rasgadas. Mas isso quase que não tinha importância. O essencial eram as palavras que se haviam perdido. As palavras que jamais poderiam ser substituídas.

As lágrimas lhe escorriam pelo rosto quando ela foi para o banheiro. Todas as pílulas do armarinho de remédios haviam sido jogadas na pia e na banheira, com a água correndo em cima delas, tirando-lhes toda a eficácia. Naquele momento, o telefone começou a tocar. Ela atendeu no quarto, com voz trêmula:

— Alô...

— Jane Randolph?

— Ela mesma.

— É um amigo quem está falando, para lhe dar um conselho amigável. Saia da cidade. Vá para o mais longe possível. Ou a próxima coisa que encontrará quebrada em seu apartamento será você mesma.

— Mas... — Ela estava segurando um fone mudo. Quem quer que fosse, já desligara. JeriLee repôs o fone no gancho e lentamente começou a arrumar o apartamento.



Eram quase oito horas quando ela chegou ao clube. Já ia entrando no vestiário, quando o gerente a chamou.

— Venha até meu escritório, Jane.

Ela o seguiu até o cubículo a que davam o nome de escritório. Ele fechou a porta cuidadosamente e baixou a voz para um sussurro:

— Não esperava que aparecesse aqui esta noite. Quando foi que saiu da cadeia?

— Esta tarde.

— Já arrumei outra garota para o seu lugar.

— Isso é ótimo. Estou mesmo precisando de uma noite de descanso. Estarei aqui amanhã.

— Não!

— O que está querendo dizer-me, Charlie?

— Recebi ordens lá de cima. Tenho que mandá-la embora.

— Está querendo brincar comigo...

— É sério, Jane. Eles foram bastante específicos. Você esta fora.

— Eles devem estar loucos. Toda a publicidade nos jornais só vai servir para atrair mais fregueses.

— Pensa que não sei? — gemeu ele. — Mas eles controlam a casa. Se eu não fizer o que mandam, estarei liquidado.

— Está bem, Charlie. Há outros lugares em que poderei trabalhar. Não vão me fazer desistir do negócio.

— Sou muito mais velho do que você, Jane, e vou lhe falar como um pai. Ou como um tio. Você é uma boa menina, mas meteu-se com as pessoas erradas. Não há nenhum lugar nesta cidade onde tenham coragem de lhe dar um emprego. Aconselho-a a ir embora daqui. Para bem longe.

— Eles também controlam você — disse ela, friamente.

— Não posso fazer nada. Tenho a minha família para sustentar. Mas seria melhor para você mesma que fizesse o que estou lhe dizendo. Se ficar por aqui, algo terminará lhe acontecendo. Conheço esses caras e sei o que eles já fizeram com algumas garotas que não deram importância às suas advertências. Não é nada agradável de se contar.

— Eu estava sozinha no apartamento e eles não chegaram perto de mim.

— Você ainda está no noticiário, Jane. Eles vão esperar. E um belo dia, quando os jornais tiverem se esquecido inteiramente de você, eles irão fazer-lhe uma visita.

— Não acredito.

— É melhor acreditar, Jane — disse ele, falando sinceramente. — Se fosse a minha própria filha, eu não poderia dar-lhe um conselho melhor. — Abriu uma gaveta da pequena escrivaninha e tirou um envelope. — Eu lhe devo um dia de pagamento. Mas como você fez algumas apresentações extras, estou lhe dando cem dólares redondos. Está certo?

— Está. — Aqueles cem dólares, com mais os trinta que tinha na bolsa e os vinte que haviam sobrado no banco, depois de

pago o advogado, eram todo o dinheiro que possuía no mundo.

— Pegue esse dinheiro e compre uma passagem de avião para o mais longe possível, Jane.

— Obrigada, Charlie — disse ela, abrindo a porta.

— Boa sorte, Jane.

Mas que negócio terrível, pensou ele, depois que JeriLee saiu. Quando as garotas não estavam metidas numa encrenca, então era porque estavam envolvidas em outra.

— Você está liquidada, Jane. — A voz de Marc Gross era áspera e queixosa, como se as ocorrências com ela se tivessem refletido nele e em seus negócios. — Eu já tinha acertado tudo para entrevistas suas na Warner, Paramount e Twentieth. Mas eles cancelaram, assim que leram os jornais da manhã.

— Os jornais da tarde informam que as acusações contra mim foram retiradas.

— Isso não faz a menor diferença. Eles não gostam desse tipo de publicidade.

— E aquelas histórias que eu lhe mandei?

— Estão começando a ser devolvidas. E nem mesmo as estão enviando pelo correio. Estão tão ansiosos em se livrar de tudo o que é seu que estão devolvendo por mensageiros especiais.

— E o que me diz do filme sobre a prisão de mulheres de Ansbach? Ainda posso trabalhar nele?

— O elenco já foi contratado. Acha mesmo que ele ia ficar esperando por você?

Haviam-se passado apenas algumas semanas, mas JeriLee não discutiu. Fitou-o nos olhos e perguntou:

— Eles também já pressionaram você?

— Não sei do que está falando — disse Gross, ficando vermelho.

— Creio que sabe. Não lhe telefonaram para dizer que não devia fazer nenhum negócio comigo?

— Recebo tudo que é tipo de telefonema maluco. Não lhes dou a menor atenção.

JeriLee ficou calada por um momento, observando-o.

— Meu roteiro voltará amanhã da datilografia — disse ela, mentindo deliberadamente. — Vou mandá-lo para você.

Gross hesitou por um instante, depois tossiu, embaraçado.

— Estive pensando em seu roteiro. E cheguei à conclusão de que não é o tipo de coisa que eu possa vender.

— Por que não o lê primeiro, antes de decidir?

— Eu estaria apenas fazendo-a perder tempo.

Ela sorriu, sem a menor satisfação.

— Você é um mentiroso nojento, Marc. E vai mais longe ainda: é um covarde mentiroso. — Ela levantou-se. Eu o avisarei para onde deve mandar as minhas histórias, assim que tiver recebido todas.



JeriLee ficou parada na calçada por um momento, indecisa, sem saber o que fazer. Viu então o café na esquina. Já passava da hora do rush do almoço. Ela encontrou um reservado vazio e sentou-se.

— Quero apenas café — disse ela, quando a garçonete se aproximou.

Estava tão absorvida em seus pensamentos que nem reparou quando o homem se sentou à sua frente. Quando finalmente o viu, ficou espantada:

— Detetive Millstein!

O policial sorriu timidamente.

— Café — disse ele à garçonete.

— Está me seguindo?

— Não oficialmente.

— Como assim?

— Tinha algum tempo de folga e resolvi verificar como estava se saindo. — Ele não contou que fora informado de que ela poderia estar correndo perigo.

— Não estou indo muito bem — admitiu JeriLee. — Perdi o emprego e acabo de saber que meu agente não deseja mais representar-me. E ontem, quando cheguei a casa, descobri que o apartamento fora depredado. Quebraram minha máquina de escrever, rasgaram minhas roupas e queimaram meus originais. E ainda recebi o telefonema de um homem, dizendo-me para sair da cidade.

— Reconheceu a voz dele?

— Nunca a tinha ouvido antes.

— Por que não ligou para a polícia?

— Teria adiantado alguma coisa?

Ele ficou calado por um momento, depois sacudiu a cabeça.

— O que está pensando em fazer agora?

— Não sei ainda. Exatamente cento e trinta e seis dólares me separam de um asilo de mendigos. Estou tentando decidir se devo ficar por aqui e investir em um mês de aluguel de algum quarto, enquanto procuro arrumar algum trabalho, ou se devo pegar oitenta e sete dólares e comprar uma passagem de avião para voltar a Nova York.

— Pode arrumar emprego lá?

— Não sei — respondeu ela, dando de ombros. — Mas lá, pelo menos, ninguém está querendo impedir-me de trabalhar. O que acha que devo fazer?

— Oficialmente, tenho de dizer-lhe para ficar aqui. Empenhou sua palavra no tribunal em como apareceria no julgamento como testemunha.

— Não está me seguindo oficialmente. Assim, pode dizer-me o que pensa não oficialmente.

— Irei negar, se algum dia me citar.

— Jamais farei isso.

Ele respirou fundo.

— Eu compraria a passagem de avião.

— Acha realmente que esses homens podem fazer o que estão ameaçando?

— Não sei. Mas é possível, pois eles não são de brincadeira. Não gostaria que você corresse o risco. Não há nenhuma maneira pela qual possamos protegê-la eficazmente, a não ser trancando-a na cadeia.

— Se eu pelo menos conseguisse arrumar mais alguns dólares, iria sentir-me melhor. Detesto ter que voltar sem dinheiro.

— Posso emprestar-lhe alguns dólares. Cinquenta, talvez até cem. Gostaria que pudesse ser mais; porém, um tira não ganha tão bem assim.

— Não, obrigada. Já fez demais por mim. — JeriLee ficou em silêncio por um momento, antes de acrescentar: — E logo agora que eu pensava que estava tudo começando a dar certo.

— Sinto muito.

— Não foi culpa sua. Se está de folga, seria contra os regulamentos ajudar uma amiga a fazer as malas e depois levá-la

ao aeroporto?

— Não.

— E quer ajudar-me?

— Quero.

Millstein observou o carregador pegar as malas dela e colocá-las no carrinho.

— Portão 23, senhora — disse ele, pegando o dólar de gorjeta. — O embarque já começou.

Ela estendeu a mão para Millstein.

— É um homem maravilhoso, Detetive Millstein. Muito obrigada por tudo.

— Boa sorte. E ficarei torcendo para que tudo dê certo para você.

— Seremos dois a torcer.

— Se algum dia voltar a Los Angeles, procure-me.

Ela não disse nada.

— Ainda é jovem. Por que não encontra um bom rapaz e se casa com ele?

— E me acomodar e ter alguns filhos?

— Não há nada de errado nisso — disse ele, em tom defensivo.

— Acho que não. Mas não dou para isso.

— Acha melhor a maneira como está vivendo, quase como um animal?

— É um homem estranho para um policial, Detetive Millstein.

— Não posso fazer nada. Sou um típico pai judeu. Tenho uma filha quase da sua idade e não consigo deixar de pensar que a mesma coisa poderia acontecer com ela.

Um sorriso súbito iluminou o rosto de JeriLee e ela beijou-o no rosto.

— Não se preocupe. Isso jamais acontecerá com ela, porque o tem como pai.

Ele pôs as mãos nos braços dela.

— Deixe-me dar-lhe algum dinheiro.

— Posso dar um jeito. Tenho amigos em Nova York e me arrumarei.

— É mesmo?

— É, sim.

Com lágrimas nos olhos, JeriLee encaminhou-se para o

portão de embarque. Chegando lá, virou-se e acenou. Ele acenou em resposta e ficou esperando que ela desaparecesse em meio à multidão. Voltou para o carro e ficou sentado ao volante por muito tempo, antes de dar a partida. Sentia-se muito triste, de uma forma que não podia compreender.

O que levava moças como aquela a desperdiçarem suas vidas? Ele ficou pensando no que iria acontecer com ela agora. Tudo indicava que jamais o saberia. Ela desapareceria por completo e ele nunca mais teria notícias. Seria outra perdedora, num mundo repleto de perdedores.

Mas ele estava enganado. Voltou a ter notícias dela. Foi quase um ano depois, e ele esquecera quase que por completo o nome dela. A carta vinha do Hospital Estadual Creedmore e estava escrita a lápis, numa caligrafia quase infantil:

"Caro Detetive Millstein:

Talvez não se lembre de mim. Sou Jane Randolph, a moça que levou até o aeroporto, no ano passado. Foi muito bondoso comigo e jamais o esqueci. Disse-me que o procurasse, lembra-se? Nunca voltei para a Califórnia, porque tive um colapso nervoso. Há quase seis meses estou internada no hospital e já me sinto perfeitamente capaz de tomar conta de mim mesma. Os médicos estão pensando em me deixar sair, e ajudaria muito se tivesse a bondade de escrever-lhes uma carta a meu respeito, dizendo que acha que estou bem e que não mais serei um problema. Mesmo que não escreva a carta, compreenderei e continuarei grata por sua bondade para comigo na última vez em que nos encontramos.

*Sua amiga,
Jane Randolph.*

Millstein pensou na esposa, que morrera quinze anos antes, deixando-o com uma filha de cinco anos. E pensou também na filha, que agora estava cursando o terceiro ano da Universidade do Sul da Califórnia. De certa forma, a moça Jane Randolph fazia-o pensar na filha. Talvez fosse por isso que ela o deixara tão profundamente comovido.

Ele começou a escrever a carta pedida, parando no meio. O que poderia dizer? Nem mesmo a conhecia. Amassou o papel e

jogou-o na cesta de lixo. Depois de um longo debate consigo mesmo, pegou o telefone.

— Tenente Collins — disse uma voz, asperamente.

— Dan, haverá problemas se eu tirar uma semana das minhas férias agora? Uma pessoa amiga minha está doente num hospital em Nova York...

Capítulo 21

A voz da recepcionista era impessoal:"

— O horário de visitas aos clientes é das cinco às sete horas da tarde, diariamente.

— Desculpe. É que cheguei da Califórnia ontem à noite e não sabia disso.

— Quem desejava visitar?

— Jane Randolph.

— Jane Randolph... — A recepcionista conferiu num papel que estava sobre a mesa. — Se quiser se sentar ali um pouco e esperar, entrarei em contato com o médico dela e veremos o que é possível fazer.

— Obrigado.

Millstein foi sentar-se perto da janela, de onde poderia ver as árvores cobertas de neve. Não conseguia recordar-se da última vez que vira neve.

Ainda estava surpreso de estar realmente ali. Lembrou-se do que a filha lhe dissera, ao anunciar que iria a Nova York. Ela o fitara em silêncio por um longo momento, depois o abraçara pelo pescoço, com lágrimas nos olhos.

— Você é maravilhoso, papai, simplesmente maravilhoso.

— Provavelmente sou apenas um velho tolo. A moça deve ter mandado cartas desse tipo para todas as pessoas que conhece.

— Não importa, papai — disse Susan. — Ela está gritando por socorro e você está atendendo. Isso é a única coisa que importa.

— Algo na carta dela me comoveu. Ainda me lembro de

como ela estava assustada no dia em que a conheci.

— Era bonita?

— Acho que sim. Talvez fosse, por baixo de toda aquela maquilagem que usava.

— Sentiu-se atraído por ela, papai?

— Como assim?

— Sabe muito bem o que estou querendo dizer, papai.

— Por que tem sempre de ser algo assim? — disse ele, indignado. — Pare de agir como uma criança romântica, Susan.

Ela riu e tornou a beijá-lo no rosto.

— Não sou eu a pessoa romântica da família, papai, e sim você.

Ele olhou para a camada de neve além da janela. Talvez Susan estivesse certa. Ele estava ali, não é mesmo?

Uma enfermeira de uniforme branco parou diante dele.

— É o visitante de Jane Randolph?

Ele concordou, levantando-se.

— Poderia acompanhar-me, por gentileza? O Dr. Sloan gostaria de falar-lhe.

Um jovem de barba ruiva, de jaleco branco, levantou-se de trás da mesa e apertou a mão dele, firmemente.

— Sou o Dr. Sloan, médico de Jane.

— Al Millstein.

O médico ficou brincando com um cachimbo apagado.

— A recepcionista mencionou que veio da Califórnia.

— Espero poder vê-la — disse Millstein. — Lamento não saber antes do horário de visitas.

— Não há problema. Para dizer a verdade, estou até contente que tenha aparecido agora. De outra forma, eu poderia não saber de sua presença. Algum parentesco com Jane?

— Não. Sou apenas amigo.

— Ah... E conheceu-a por muito tempo?

— Não. Só por alguns dias.

— Não estou entendendo. Conheceram-se por apenas alguns dias. Apesar disso, durante todo o tempo em que ela esteve aqui, foi a única pessoa para quem ela escreveu ou com quem tentou entrar em contato.

— Sabiam da carta?

— Nós a encorajamos a escrever. Pensávamos que, assim, poderíamos descobrir a família dela.

— Está querendo dizer que ninguém vem visitá-la, nem a família nem amigos?

— Exatamente. Pelo que sabemos, é completamente sozinha no mundo. Até que ela lhe escrevesse, não tínhamos contato com ninguém que Jane conhecesse fora daqui.

— Deus do céu!

— Já que está aqui, suponho que deseje ajudá-la. E a primeira coisa que devo saber é qual a sua relação com ela, exatamente.

— Receio que vá chocá-lo, doutor.

— Engana-se, Sr. Millstein. Na minha profissão, a gente aprende a nunca ficar chocado com coisa alguma. Pelo que imagino, foram amantes.

— Lamento dizer que o senhor é que está completamente enganado, doutor. — Millstein soltou uma gargalhada. — Eu a vi apenas duas vezes e isso jamais entrou em cogitações, para nenhum dos dois. — Ele percebeu a expressão desconcertada do médico e continuou rapidamente: — Sou detetive em Santa Mônica, e o único contato que tive com Jane foi como o policial encarregado de prendê-la.

— Mas se isso é tudo, por que veio até aqui?

— Senti pena dela. Quando a conheci, havia uma grande possibilidade de que a mandassem para a cadeia, por algo que ela não fizera. Não pude ficar de braços cruzados e deixar que isso acontecesse. Ao receber a carta dela, senti-me da mesma maneira. Estava acontecendo alguma coisa acima das suas forças. Eu precisava descobrir o que poderia fazer para ajudar.

O médico ficou calado, enquanto enchia e acendia o cachimbo.

— Ela disse na carta que estavam pensando em dar-lhe alta, doutor.

— Exatamente. Reagiu muito bem ao tratamento e só tem melhorado desde que foi internada aqui. Mas ainda há algumas coisas nela que nos deixam perplexos. É por isso que estamos hesitando.

— Que coisas, doutor?

— Antes de chegarmos a isso, acho que deveria saber por que ela está internada aqui.

Millstein assentiu, sem dizer nada.

— Ela foi internada aqui, transferida do Hospital Geral de

Elmwood, para ser submetida a um tratamento de desintoxicação. Tinha um problema muito grave de abuso de drogas químicas.

— Era muito grave?

— Ela estava sofrendo as consequências, como paranoia e alucinações, em decorrência do uso combinado de LSD e anfetaminas, além de tranquilizantes, barbitúricos e maconha. Antes de ser internada, tinha sido presa três vezes, duas por prostituição nas ruas e a outra por atacar fisicamente um homem, que ela alegou estar seguindo-a e importunando-a. O que, evidentemente, não era verdade, mas um sintoma típico de psicose induzida pelas drogas. Além disso, cometeu duas tentativas de suicídio. Da primeira vez, tentou atirar-se na frente de um vagão do metrô, sendo salva no último instante pela pronta ação de um guarda. Da segunda, tomou uma dose excessiva de barbitúricos, que foi extraída de seu estômago por uma equipe de primeiros socorros dos bombeiros. Foi a última prisão que determinou a internação dela aqui. O homem que ela atacou retirou as acusações criminais que apresentara. Mas ela ainda estava sofrendo de alucinações, e a junta médica do Elmwood recomendou que viesse para o Creedmore.

Millstein ficou calado.

— Já havia indícios desses problemas quando a conheceu, Sr. Millstein?

— Não sei. Mas não sou médico para poder afirmar. Notei, porém, que ela era extremamente nervosa, e em determinado momento mostrou-se irracionalmente apavorada.

— Sabe se ela era viciada em drogas nessa ocasião?

— Não posso dizer.

— Seja como for, acho que conseguimos curar o problema da droga, pelo menos temporariamente. Mas não podemos saber o que acontecerá quando ela voltar a viver lá fora.

— Estão pensando então em deixá-la partir?

— Teremos que fazê-lo. Ela será novamente examinada pela junta médica dentro de duas semanas. E tenho certeza de que irá passar pelo exame, sem a menor dificuldade.

— Mas ainda não se sentem satisfeitos, não é mesmo?

— Falando francamente, não. Sinto que ainda não chegamos ao verdadeiro problema, o que quer que a tenha levado a isso. É por essa razão que eu queria entrar em contato com os amigos ou a família dela. Eu me sentiria melhor se soubesse que

ela tem algum lugar para ir, pessoas que possam cuidar dela. Gostaria que ela continuasse em tratamento.

— E se ela não continuar?

— Poderá ter uma recaída. As pressões seriam as mesmas de antes.

Millstein pensou que fora um tolo, ao imaginar que poderia ajudar em alguma coisa. Deveria ter enviado a carta e esquecido a história. Ele não era Deus. Não poderia impedir ninguém de ir para o inferno, à maneira que bem escolhesse.

— Ela alguma vez lhe mencionou o nome JeriLee, Sr.

Millstein?

— Não. Quem era ela?

— Era a irmã de Jane. Creio que uma espécie de ídolo para ela. A menina inteligente da família, a que atraía todas as atenções. Jane a amava e a odiava ao mesmo tempo, numa verdadeira rivalidade entre irmãs. Parte do problema de Jane é o fato de ela querer ser JeriLee e não poder. Quando finalmente compreendeu que era isso o que desejava, já tinha ido longe demais em outra direção e não podia voltar.

— Tentou localizar a irmã dela?

— A única maneira pela qual poderíamos fazê-lo seria através de Jane, e ela disse que JeriLee estava morta. Não temos condições para realizar investigações pessoais, Sr. Millstein.

— Está querendo dizer que não acredita na história dela?

— Não acredito nem desacredito. Simplesmente não sei.

— Entendo — disse Millstein, concordando tristemente. —

Posso ir vê-la agora?

— Claro. — O médico apertou um botão na mesa de trabalho. — Obrigado por ter vindo e conversado comigo, Sr. Millstein.

— Não há de quê, doutor. Espero ter sido de alguma ajuda.

— Na minha profissão, tudo ajuda — disse o médico, no momento em que a enfermeira entrava na sala. — Poderia, por favor, levar o Sr. Millstein para a sala de visitas e trazer Jane para vê-lo?

O médico olhou novamente para o detetive.

— Só mais uma coisa, Sr. Millstein. Tente não expressar nenhuma surpresa quando vir Jane. Lembre-se de que ela passou por uma terapia de choque, química e elétrica, o que contribui para amortecer as reações e criar uma espécie de amnésia temporária.

Os tratamentos já cessaram, mas os efeitos permanecerão por mais alguns dias.

— Tomarei cuidado, doutor.



A sala de visitas era pequena mas confortável, com cortinas estampada?, em cores alegres, nas janelas. Ela, hesitante, entrou no aposento meio se escondendo atrás da enfermeira.

— Jane, aqui está aquele gentil Sr. Millstein, que veio visitá-la — disse a enfermeira, num tom profissionalmente jovial.

— Olá, Jane — disse Millstein, forçando um sorriso.

Ela estava magra, muito mais magra do que ele se recordava. Os cabelos estavam compridos, mas escovados impecavelmente, os olhos muito grandes no rosto encovado.

— É um prazer vê-la de novo.

Por um momento, ela fitou-o sem o reconhecer. Depois, uma luz pareceu surgir em seus olhos e ela sorriu, hesitante.

— Detetive Millstein...

— Eu mesmo.

— Meu amigo, o Detetive Millstein. Meu amigo... — Ela deu um passo na direção dele, as lágrimas aflorando-lhe aos olhos. — Meu amigo, Detetive Millstein...

— Isso mesmo, Jane. Como vai?

Ela segurou a mão dele e apertou-a de encontro ao rosto.

— Veio até aqui para me tirar deste lugar? Da maneira como fez da última vez?

Millstein sentiu um nó na garganta.

— Espero que sim, Jane. Mas essas coisas demoram um pouco, como você sabe.

— Estou melhor agora. Pode ver isso, não é? Não quero mais fazer nenhuma daquelas coisas tolas. Estou completamente curada.

— Sei disso, Jane — disse ele, gentilmente. — Você em breve estará fora daqui.

— Espero que sim. — Ela descansou a cabeça no peito dele. — Não gosto daqui. De vez em quando eles machucam a

gente.

— Foi para o seu próprio bem. — Ele afagou-lhe os cabelos, lentamente. — Você estava muito doente.

— Eu sei que estava doente. Mas não se curam as pessoas doentes machucando-as ainda mais.

— Está tudo acabado agora, Jane — disse ele, em tom tranquilizador. — O Dr. Sloan me disse que todos os tratamentos terminaram.

— Recebeu minha carta?

— É por isso que estou aqui.

— É o único amigo que tenho. Não havia ninguém mais a quem pudesse escrever.

— E JeriLee?

Uma expressão assustada surgiu nos olhos dela.

— Sabe a respeito dela?

— Sei. O Dr. Sloan me contou. Por que não escreveu para ela?

— Ele não lhe disse que ela está morta?

— E ela está?

Ela assentiu.

— Ela era uma boa moça?

Os olhos dela começaram a brilhar.

— JeriLee era linda. Todos a amavam. Todos queriam cuidar dela. E era tão inteligente que podia fazer qualquer coisa que desejasse. Quando ela estava presente, ninguém mais aparecia. Em determinada ocasião, fomos muito íntimas. Mas depois começamos a nos separar. E quando saí para procurá-la, já era tarde demais. Ela já não mais existia.

— Como foi que aconteceu?"

— Aconteceu o quê?

— Como foi que ela morreu?

— Ela cometeu suicídio.

— Como?

Uma expressão torturada apareceu no rosto dela.

— Ela tomou pílulas, caiu na frente de um trem ou saltou de uma ponte — gritou ela, a voz angustiada pelo sofrimento. — Que importa como ela morreu? Só importa é que ela se foi e não posso tê-la de volta!

O policial passou os braços pelos ombros da moça, enquanto ela soluçava convulsivamente. Podia sentir os ossos

frágeis por baixo do vestido de algodão.

— Não quero mais falar sobre ela.

— Está bem. Não falaremos mais sobre ela.

— Tenho que sair daqui — disse a moça. — Se não sair, vou acabar realmente ficando louca. Não sabe como é aqui dentro. Não deixam a gente fazer nada. É como se fôssemos menos que animais.

— Você vai sair em breve.

— Quero voltar ao trabalho. Quando sair daqui, conheço um agente que me irá arrumar novamente empregos como dançarina.

Millstein recordou-se da máquina de escrever no apartamento dela e das histórias que ela contara que estava escrevendo.

— E não pretende também voltar a escrever?

— Escrever? — perguntou ela, com uma expressão de surpresa nos olhos. — Deve estar confundindo as coisas. Eu não era escritora. JeriLee é que escrevia.

Capítulo 22

Os policiais frequentemente passam a vida investigando a vida das outras pessoas da frente para trás, reconstituindo os passos de cada um do túmulo até o berço. Era um hábito que Millstein não podia deixar de ter, depois de tantos anos.

Após a conversa com Jane, ele voltou ao gabinete de Sloan.

— Não esperava vê-lo novamente, Sr. Millstein — disse o médico, realmente surpreso.

— Disse que não tinha condições de realizar uma investigação completa sobre seus pacientes, Dr. Sloan. E disse também que isso poderia ser de grande valia.

— É a minha opinião.

— Tenho uma semana de folga. Faria alguma objeção se eu tentasse ajudar?

— Pelo contrário, Sr. Millstein. Ficaria profundamente

agradecido. Praticamente qualquer coisa que conseguir descobrir será mais do que sabemos. Já tem alguma ideia?

— Sim, doutor. Mas preferia esperar para ter certeza, antes de dizer qualquer coisa.

— Está certo. O que posso fazer para ajudá-lo?

— Eu poderia ver a guia de internação dela?

— Claro que sim.

Millstein leu-a rapidamente. Não havia muitas informações. Ele olhou para o médico.

— Onde eu poderia obter os detalhes que estão por trás disso?

— Teria de ir à fonte. Neste caso, o Hospital Geral de Elmwood. Mais além, há os tribunais e a polícia. Mas as informações terá que obter no Elmwood.

Saindo do hospital, Millstein voltou para seu hotel e deitou-se. A mudança de horário estava finalmente produzindo seus efeitos nele. Quando acordou, já era quase a hora do jantar. Ele olhou para o relógio. Eram pouco mais de quatro horas da tarde na Califórnia. A filha já devia estar em casa, de volta da universidade.

— Esteve com ela, papai? — A voz dela era bastante animada ao telefone.

— Estive.

— E como ela está?

Ele resumiu tudo numa única palavra:

— Triste.

Houve silêncio do outro lado da linha.

— Não sei se vai conseguir entender-me, Susan, mas tenho a impressão de que ela se dividiu em duas partes e que uma dessas partes está morta.

— Pobre moça... Há alguma coisa que você possa fazer, papai? Ela ficou contente ao vê-lo?

— Não sei se poderei fazer alguma coisa. E sim para a segunda pergunta. Creio que ela ficou contente ao ver-me. Sabe o que ela me disse, Susan? Que eu era o único amigo que ela possuía. E olhe que mal nos conhecemos!

— Não posso imaginar ninguém tão só. Espero que possa fazer alguma coisa por ela, papai. Vai tentar, não vai?

— Vou.

— Sinto-me muito orgulhosa de você, papai.



O hospital estava separado dos outros prédios ao redor. Do outro lado da rua, havia um pequeno parque. Na esquina oposta, havia um imenso restaurante, com um cartaz anunciando café da manhã completo por sessenta e cinco cents. Ele parou nos degraus de cimento, escutando as vozes das pessoas que entravam e saíam do hospital. A maioria falava espanhol. Não com o suave sotaque mexicano a que ele estava acostumado, mas ainda assim era a língua dos pobres.

Poucos minutos depois, ele estava sentado diante da escrivaninha da Superintendente Poole, num pequeno gabinete no nono andar. Para chegar lá, tivera que passar pelo portão de barras de aço que separava o centro de detenção psiquiátrica feminino do resto do andar.

A Sra. Poole era uma mulher negra, de meia-idade, aparência simpática, um sorriso cordial e olhos expressivos e compreensivos. Ela olhou para a cópia da guia de internação de Jane, que o Dr. Sloan dera a ele.

— Jane Randolph? — disse ela, com voz surpresa. — Temos sempre muitas moças por aqui.

Ele assentiu. A Sra. Poole pegou o telefone. Um momento depois, uma jovem policial uniformizada trouxe-lhe uma pasta.

— Acho que é isso o que está procurando, Sr. Millstein.

O nome estava datilografado no canto da pasta. Jane Randolph. Era seguido por um número e uma data. A data era de cinco meses antes.

— Posso fazer algumas anotações, Sra. Poole?

— Claro. Se não compreender algumas das abreviações, terei prazer em explicar.

Millstein abriu a pasta em cima da mesa e tirou do bolso o caderninho de anotações. Quase todas as informações eram sucintas. Registro da prisão, acusação, autoridade responsável pela prisão, determinação. Ele copiou as datas importantes. Somente ao chegar ao final da página é que ficou espantado com os hieróglifos.

— Sra. Poole, por favor — disse ele, mostrando-lhe as abreviações.

— Esse é o nosso relatório sobre o estado dela e o tratamento que lhe demos aqui. Diz que foi internada num estado violento e de extrema agitação, aparentemente causado por abuso de drogas, induzindo a alucinações. Uma má viagem, em termos mais chãos. Ela foi mantida sob freios químicos e físicos durante dois dias, o prazo em que ficou aqui, por causa da recorrência das alucinações e pela possibilidade de causar danos a si mesma e aos outros. Ao final do segundo dia, fomos informados de que as acusações criminais contra ela haviam sido retiradas. Como não tínhamos mais jurisdição sobre ela, nossos médicos solicitaram ao tribunal uma guia de transferência. Na manhã seguinte, foi transferida para o Creedmore, para um tratamento mais amplo.

— Entendo. Há mais alguma coisa que possa me dizer a respeito dela?

— Lamento muito, Sr. Millstein. Infelizmente, é apenas uma entre muitas moças que passam por aqui. E não permaneceu conosco por tempo suficiente para que pudéssemos fazer uma avaliação.

— De qualquer forma, muito obrigado pela sua ajuda, Sra. Poole.

— Lamento não ter podido dar-lhe mais informações — disse ela, estendendo-lhe a mão.

Millstein estudou suas anotações no táxi, a caminho do centro. Talvez pudesse descobrir mais alguma coisa na delegacia de Midtown North. Deveria haver ali pelo menos um policial que se lembrasse dela. Todas as suas prisões haviam sido feitas por aquela delegacia.

— Volte às onze horas da noite e fale com o Sargento Riordan — disse-lhe o sargento de plantão. — Ele é que é o chefe da nossa turma de prostituição. Poderá contar tudo a respeito dela. Conhece todas as vigaristas da área da Broadway.

Millstein voltou à delegacia pouco depois das onze horas daquela noite. Foi encontrar o Sargento Riordan, um homem alto, beirando os quarenta anos, sentado no corredor diante das celas de detenção das mulheres, com uma xícara de papelão, contendo café, nas mãos.

— O que o traz aqui? — perguntou ele, depois que Millstein se identificou e disse que estava procurando informações sobre Jane Randolph. — Ela por acaso matou alguém?

— Por que pergunta isso? Lembra-se dela?

— Mas claro que me lembro. Cada vez que ela aparecia aqui, só faltava provocar um motim. Estava sempre metida em alguma confusão. Não era muito boa da bola. Fiquei cansado de encrenca e disse a meus rapazes que olhassem para o outro lado, se por acaso cruzassem com ela. Já temos problemas suficientes aqui para aturar malucos como ela.

— Alguma vez Jane falou de si mesma ou de sua família?

— E quem conseguia falar com ela? Eu já lhe disse que aquela moça era maluca, maluca. Nada do que dizia tinha sentido. Havia sempre alguém atrás dela querendo matá-la. Da última vez em que a tivemos aqui, ela havia atacado um pobre turista, quebrando-lhe a máquina fotográfica. E gritava que ele era um pistoleiro de Los Angeles e viera a Nova York para liquidá-la. O pobre coitado era de Peoria e ficou apavorado. Deve ter embarcado no primeiro ônibus para casa. Nunca mais apareceu para apresentar queixa.

— E ela disse alguma coisa nas outras ocasiões?

— Da primeira vez em que a prendemos, ela foi trazida por um dos meus rapazes, disfarçado em turista. Ela o viu na East 54th Street, entre a Madison e a Fifth Avenue Perguntou se ele não gostaria de uma massagem, no quarto de hotel dele, por vinte dólares. Ele continuou a andar. Não há lei nenhuma que proíba o oferecimento de massagens. Ela o seguiu. E disse que, por mais dez dólares, podia fazê-lo subir pelas paredes de prazer. Falou que realmente não sabia fazer massagens muito bem, mas que tinha outras especialidades. Ele achou graça e nem ia prendê-la, porque ela não lhe pareceu uma profissional. Apenas uma garota na fossa. Brincou com ela: por que não esquecemos então a massagem e fazemos só o resto, pelos dez dólares? Ele seguiu em frente e ela foi atrás gritando tudo que é palavrão e chutando-lhe o traseiro. Assim, ele não teve outro jeito senão prendê-la. Fizemos sua ficha e a levamos para a cela onde deixamos todas as prostitutas, até podermos mandá-las para a chefatura. Ela viu a cela e ficou possessa. E enquanto a empurrávamos lá para dentro, ela gritava desesperadamente que não queria ser metida ali dentro como um macaco numa jaula. Um minuto depois, reinava a maior confusão na cela. Conseguimos finalmente arrancá-la de baixo de meia dúzia das garotas mais duronas que você já viu. Demos uma ducha fria nela, para acalmá-la, e a metemos na solitária. E ficamos contentes quando conseguimos nos livrar dela, mandando-a para a chefatura,

no camburão da meia-noite.

— O que aconteceu com Jane nessa ocasião?

— Não sei. Ouvi dizer que saiu sob fiança, mas não tenho certeza. Depois que elas vão para a chefatura, não sabemos de mais nada.

— É lá que funciona o tribunal noturno?

— Exatamente.

— O que aconteceu da vez seguinte em que ela esteve aqui?

— Até que foi engraçado. Nós a pegamos num salão de massagens, com três outras garotas e sete homens.

— Pensei que não fizessem nada contra os salões de massagens.

— E não fazemos. Mas esse era diferente. Estavam fazendo um filme pornográfico. Com os refletores acesos, ficou muito quente lá dentro e eles abriram as janelas. Um dos vizinhos nos chamou.

— Como ela estava na ocasião?

— Fazendo uma viagem. Estava meio doida. Gritava para que a polícia toda viesse para a cama com ela, enquanto se divertia com um vibrador.

— E o que aconteceu com ela nessa ocasião?

— Apareceu um rábula esperto e conseguiu livrar todo mundo, alegando uma impropriedade qualquer no mandado de busca. — Riordan sacudiu a cabeça. — Estou neste trabalho há seis anos e sei que de nada adianta. Ninguém aprecia o que fazemos e só querem saber quantos rabos estamos pegando.

— Eu estava pensando justamente nisso. Quantos?

— Vocês, tiras de cidades pequenas, são todos iguais — disse Riordan, soltando uma risada. — Tenho arrumado tantos quantos quero. E mesmo assim é um trabalho nojento.

— É melhor do que fazer a ronda — disse Millstein, estendendo-lhe a mão. — Obrigado, sargento.

— Às suas ordens. Para onde vai agora? Ao tribunal noturno?

Millstein confirmou. Riordan escreveu um nome num pedaço de papel.

— Meu cunhado é o escrevente do tribunal noturno. Jimmy Loughran. Diga-lhe que falou comigo. Ele dirá a você tudo o que quiser saber.

Capítulo 23

— À direita, apartamento 17-B — informou o ascensorista.

Millstein foi até o final do corredor de tapete verde e apertou a campainha. Ouviu o barulho suave de um carrilhão lá dentro.

A porta foi aberta por uma jovem loura e esguia.

— A Sra. Lafayette, por favor. Meu nome é Millstein.

— Ela está à sua espera. Entre.

Ele seguiu a jovem pelo elegante apartamento, todo pintado de branco.

— Quer que eu lhe prepare um drinque?

— Não, obrigado.

— Direi à Sra. Lafayette que já chegou.

Ele só tinha visto apartamento assim no cinema. O amplo terraço além das janelas, com plantas em vasos e árvores-anãs, era como um jardim em miniatura plantado no céu. Havia duas fotografias em molduras prateadas por cima do piano de cauda branco. Uma era o rosto de um jovem negro bem-apessoado, os lábios entreabertos num sorriso caloroso. Havia algo de familiar nele. Embora o detetive não conseguisse identificá-lo, sabia que já o vira em algum lugar. A outra fotografia era de um garoto em torno dos dez anos de idade, de pé, ao lado de uma mulher de cabelos grisalhos, diante de uma pequena casa de madeira toda branca.

Ele não ouviu os passos no macio tapete branco.

— Sr. Millstein...

Ele não deixou que a surpresa transparecesse em seu rosto, quando se virou e descobriu que ela era negra. Era uma mulher alta e ele imediatamente sentiu que possuía uma força extraordinária. Súbito, o nome despertou uma campainha em sua memória. Ele sabia agora quem era o jovem sorridente da fotografia.

— Sra. Lafayette... — Ele indicou a fotografia. — Seu marido?

— Sim. E na outra foto estão meu filho e minha mãe.

— Minha filha tem alguns discos do seu marido. Até eu gosto da maneira como ele canta. Não me deixa com a cabeça estourando, como a maioria dos outros.

— Fred canta muito bem. Mas tenho certeza de que não é por isso que queria falar-me. Disse que tinha notícias de Jane Randolph.

Aquela era mulher de ir direto ao assunto.

— É amigo de Jane? — perguntou ela.

Ele assentiu. Vendo a expressão de dúvida no rosto dela, acrescentou:

— Não acredita?

— É difícil para mim acreditar que um policial possa ser amigo dela. Especialmente um policial que veio de tão longe, da Califórnia, para tentar impingir-lhe alguma coisa.

Millstein tirou a carta do bolso e a entregou à mulher, sem dizer nada. Ela leu-a rapidamente.

— O que aconteceu?

— É exatamente o que estou tentando descobrir — disse Millstein.

Rapidamente, ele contou o que sabia, inclusive como descobrira o nome dela, através do escrevente do tribunal noturno, como a pessoa que pagara a fiança de Jane Randolph, da primeira vez em que ela fora presa. Havia uma estranha suavidade nos olhos da mulher.

— E o que vai acontecer com ela agora?

— Não sei. O médico disse que ela será novamente examinada por uma junta especializada dentro de duas semanas. Eles deverão dar-lhe alta. Mas ele está preocupado com o que Jane poderá fazer, depois que sair.

— Pobre JeriLee...

— JeriLee?

— É o verdadeiro nome dela. Não sabia?

— Ela só mencionou uma única JeriLee, dizendo que era sua irmã.

— Ela nunca teve irmã. O nome dela é JeriLee Randall. Fui eu que dei a ela o nome de Jane Randolph, quando começou a dançar. JeriLee não queria que as pessoas do seu meio soubessem o que estava, fazendo. Receava que, se se espalhasse a notícia de que era dançarina topless, ninguém mais fosse levá-la a sério como

escritora ou atriz.

— E ela era boa?

— Não me sinto em condições de julgar. Mas sei que ganhou um Tony como atriz na Broadway e teve uma peça produzida, embora nunca chegasse à Broadway. Em vista disso, ela devia ter algum talento. Estava sempre escrevendo. Por isso é que trabalhava como dançarina. Ficava com os dias livres para escrever.

— Ela alguma vez lhe falou a respeito de sua família?

— Ela tem mãe. Mas as duas há muito que estão brigadas.

A mãe nunca acreditou nas mesmas coisas que JeriLee.

— Sabe o endereço da mãe dela?

— Mora em alguma cidadezinha aqui por perto. Meu marido sabe. Posso perguntar a ele.

— Eu lhe agradeceria.

— Saberei o endereço esta noite. Neste momento, meu marido está viajando, com um compromisso em Miami.

— Alguma vez esteve com Jane depois que pagou a fiança dela?

— Levei-a para almoçar no mesmo dia. Ofereci-lhe ajuda, mas ela recusou. Disse que iria pagar-me a fiança, assim que tivesse dinheiro. Eu disse que ela estava bancando a tola agindo daquele jeito, que eu lhe daria o dinheiro necessário para que pudesse dedicar-se exclusivamente a escrever, sem nenhuma condição. Mas ela recusou, categoricamente.

— Por que acha que ela agiu assim?

— Porque tínhamos sido amantes. E talvez ela não acreditasse em mim quando eu disse que não haveria quaisquer condições.

— Ela era lésbica?

— Não. Eu é que era. Teria sido muito mais fácil para nós, se ela também fosse. JeriLee era bissexual. Levei muito tempo para compreender que a reação dela ao nosso sexo era puramente física. Para mim, nunca foi apenas isso. Eu a amava de verdade.

— Ainda estaria disposta a ajudar, se ela aceitasse?

— Claro que estaria. Mas ela não vai aceitar.

— Por que tem tanta certeza assim?

— Porque a conheço. Ela tem algumas noções absurdas sobre liberdade e independência. Não aceita nada de ninguém, seja homem ou mulher. Deixou um marido rico justamente por isso. Quer

fazer tudo sozinha e ganhar o reconhecimento por isso.

Millstein ficou calado.

— Ela sabia onde eu estava, Sr. Millstein. Um simples telefonema e eu teria ido correndo. Mas preferiu passar por tudo isso, ao invés de telefonar-me.

— Ela já lhe telefonou uma vez antes. Talvez volte a fazê-lo.

— Ela já me procurou duas vezes antes — disse ela, com um olhar distante nos olhos pretos e grandes. — Não haverá uma terceira.



Pela primeira vez desde que chegara a Nova York, Millstein estava se sentindo melhor. Talvez fosse por estar na estrada, num carro alugado. A auto-estrada de Long Island era igual às da Califórnia, diferenciando-se apenas nos campos brancos de neve que se estendiam dos dois lados. Ele saiu da auto-estrada ao ver a placa indicando a entrada para Port Clare.

Parou diante da casa quinze minutos depois de ter saído da auto-estrada. Era uma casa de aparência confortável, numa rua típica de classe média abastada. A única coisa que diferenciava a casa da família Randall das demais era o fato de as venezianas estarem fechadas e de o caminho da garagem estar coberto de neve. A casa parecia vazia.

Ele saltou do carro e caminhou por cima da neve até a porta. Apertou a campainha e ouviu o barulho ecoando pela casa. Mas ninguém veio atender. Virou-se ao ouvir o barulho de um carro na rua.

Um carro da polícia parou atrás do dele. Um jovem patrulheiro meteu a cabeça pela janela.

— O que está querendo aí?

— Estou procurando pela Sra. Randall.

— Ela não está em casa.

— Eu já tinha percebido. — Millstein começou a descer por cima da neve de volta à calçada. — Tem alguma ideia de onde eu poderia encontrá-la?

— Não.

— Vocês chegaram aqui dois minutos depois de mim.
Devem ter um excelente sistema de comunicações nesta cidade.
— É uma cidade pequena. Um dos vizinhos nos avisou no momento em que parou o carro.
— Talvez possa ajudar-me. — Millstein tirou a carteira do bolso e mostrou seu emblema ao patrulheiro.
— Sim, senhor — disse o rapaz, respeitosamente.
— É muito importante que eu localize a Sra. Randall.
— Receio que esteja sem sorte, senhor. Ela se casou novamente há dois meses e partiu com o marido para um desses cruzeiros ao redor do mundo. Não deverão voltar antes do verão.
— Essa não!
— Posso ajudar em alguma coisa, senhor?
— Não, obrigado.



Millstein fechou seu caderninho de anotações e tornou a guardá-lo no bolso.

— Eis aí toda a história, Dr. Sloan.
— Nunca acreditei na história que ela contou a respeito da irmã.
— Eu também não.
— Ela não estava tentando matar-se. O que ela realmente queria era matar seus sonhos. Começou a sentir que o talento que porventura possuísse tornava impossível conviver no mesmo mundo que as outras pessoas. A sociedade tentou forçá-la a se ajustar ao molde e ela não aguentou. A única coisa que podia fazer era matar JeriLee. Depois, não haveria mais problemas.
— Tem toda a razão, doutor. E o que vai acontecer agora?
— Ela terá alta. Não temos motivo algum para mantê-la aqui por mais tempo. Não representa perigo para ninguém. Livrou-se do vício das drogas, que foi o motivo de sua internação. Fizemos tudo o que estava ao nosso alcance. Não estamos preparados para dar a ela o que está precisando neste momento.
— E se ela tiver uma recaída?
— Nesse caso, voltará para cá.

— Mas ela poderá se matar dessa vez!

— É possível. Mas como eu disse antes, não há mais nada que possamos fazer. É uma pena que não haja ninguém que goste dela o bastante para ficar vigiando-a. Ela precisa de amigos mais do que de qualquer outra coisa. Mas isolou-se completamente das outras pessoas. — Ficou em silêncio, olhando para o detetive. — Exceto do senhor, Detetive Millstein.

O policial sentiu que corava. E perguntou em tom quase beligerante:

— E que espera que eu faça? Mal conheço a moça.

— Isso foi na semana passada. Agora, provavelmente sabe mais a respeito dela do que ela própria.

— Continuo sem saber o que posso fazer, doutor.

— Pode representar a diferença entre a vida e a morte para ela.

Millstein ficou calado.

— Não vai demorar muito. Precisarás apenas proporcionar-lhe uma base segura, onde ela possa se encontrar novamente.

— Mas isso é uma loucura!

— Não há nada de loucura. Tem que haver algo entre vocês dois. Ela lhe escreveu a carta. E você veio até aqui. Não precisava ter vindo. Poderia ter enviado uma carta ou feito qualquer outra coisa. Neste momento, provavelmente é a única pessoa no mundo em quem ela confia.

— Doutor, estou começando a pensar que um de nós dois deveria ser internado como louco. — Fez uma pausa, sacudindo a cabeça. — Ou talvez ambos.

Capítulo 24

Millstein entrou em casa, depois do seu turno de trabalho de quatro horas. Parou no pequeno vestíbulo, procurando ouvir o ruído agora familiar da máquina de escrever. Como nada escutasse, foi para o living, onde a filha estava lendo um livro.

— Onde está JeriLee, Susan?

— Foi à analista.

— Pensei que as consultas fossem às terças e quintas — disse ele, espantado.

— Hoje é um encontro especial.

— Alguma coisa errada?

— Não, papai. Alguma coisa boa. O advogado de Nova York, sugerido pela analista, informou que tem um editor interessado no livro. Eles vão mandar as passagens, para ela ir a Nova York.

— Esses advogados de Nova York são terríveis. Vou fazer algumas indagações sobre ele. Sabe como se chama?

— Paul Gitlin. — Susan riu. — E pare de bancar o superprotetor, papai. Ela me disse que o advogado só representa gente importante, como Irving Wallace e Gay Talese.

— Não estou sendo superprotetor. Afinal, ela saiu do hospital há apenas seis meses.

— E olhe só o que ela já fez nesses seis meses. Um mês depois de chegar aqui, arrumou um emprego noturno como telefonista de um serviço de recados, para poder escrever e fazer análise, durante o dia. Já escreveu dois roteiros para o cinema, um dos quais a Universal comprou. E agora está quase terminando uma novela. Tem que dar o crédito que ela merece, papai.

— Não estou querendo diminuí-la. Apenas não quero que ela tenha um esgotamento.

— Ela está muito bem, papai. Não é mais a mesma mulher que você trouxe para casa. Está linda, papai. Por dentro e por fora.

— Gosta realmente dela?

Susan assentiu.

— Fico contente em saber, Susan. Estava preocupado com sua reação.

— Tenho que confessar que, no princípio, fiquei um pouco ciumenta. Mas depois senti como ela precisava de nós. Assim como uma criança necessitando de aprovação. E fui vendo-a crescer, diante de meus olhos. Observei a mulher emergir. E fiquei feliz. Foi como um desses filmes em que se vê um botão de rosa desabrochar inteiramente, em questão de segundos. Ela é uma mulher muito especial, papai. E você é um homem muito especial por ter percebido isso nela.

— Eu bem que gostaria de tomar um drinque.

— Vou preparar um para você.

Um momento depois, Susan estava de volta com um copo de uísque e gelo.

— Ah, como isso ajuda...

— Teve um dia difícil, papai?

— Como sempre. Só que comprido.

Ela observou-o afundar-se em sua poltrona predileta. E disse suavemente:

— Sabe que ela vai nos deixar em breve, não é, papai?

Ele assentiu, sem dizer nada.

— Fez o que disse que ia fazer, papai. Devolveu-a a ela mesma. JeriLee agora está forte. Aprendeu a andar. E está querendo voar. Pode-se amparar uma criança que está andando, mas voar é algo que cada pessoa deve fazer sozinha. Terá que se acostumar com isso, papai. Algum dia, chegará a minha vez.

— Sei disso, Susan — murmurou ele, a voz subitamente rouca.

— Você a ama, não é, papai?

— Acho que sim.

— Estranho... Senti isso no momento em que me disse que ia a Nova York para vê-la. Deve saber que ela também o ama, papai. Mas não da mesma maneira.

— Eu sei.

— Lamento muito, papai. — Havia lágrimas se formando nos cantos dos olhos de Susan. — Não sei se isso pode ajudar, mas há uma coisa que eu acho que você precisa compreender. JeriLee é diferente de nós. É uma pessoa especial, à parte. Nunca será capaz de amar da mesma maneira que nós amamos. Ela está com os olhos fixados em outra estrela. Procura tudo dentro de si mesma, enquanto nós procuramos nas outras pessoas.

Susan ajoelhou-se no chão, diante da poltrona. Ele comprimiu os lábios contra a testa dela.

— O que a faz ser tão esperta assim, minha filha?

— Não sou esperta, papai. Talvez seja apenas porque sou mulher.



Os raios de sol se filtravam pelas cortinas de bambu e ressaltavam o amarelo, laranja e castanho do consultório. As duas mulheres estavam sentadas em poltronas confortáveis, ao lado da janela, com uma mesinha triangular entre elas. A poltrona da médica tinha uma prancheta encaixada sobre o braço direito, tornando-a parecida com as cadeiras de colégio.

— Está emocionada? — perguntou a Dra. Martinez.

— Estou. E muito. Mas também estou com medo.

A analista ficou calada.

— Não me saí muito bem da última vez em que voltei a Nova York — disse JeriLee.

— As circunstâncias eram diferentes.

— Talvez. E eu? Será que era diferente também?

— Sim e não. O que precisa lembrar é que estava vivendo então sob diferentes pressões. Tais pressões não existem mais. Nesse particular, você está diferente.

— Mas ainda sou eu.

— Agora, você é mais você do que era na ocasião. E isso é bom. À medida em que aprende a aceitar a si mesma, vai se tornando mais forte.

— Telefonei para minha mãe. Ela quer que eu fique na casa dela, enquanto estou trabalhando no livro. Quer me apresentar a seu novo marido. Eu ainda não o conheço.

— Como se sente com relação a isso?

— Sabe como me sinto com relação a minha mãe. Ela é ótima, em pequenas doses. Mas depois de algum tempo juntas, começamos a nos atracar como cão e gato.

— E acha que será novamente assim, desta vez?

— Não sei. Ela geralmente se comporta direito, se eu não estiver lhe causando nenhum problema.

— É possível que as duas estejam agora um pouco mais amadurecidas. Talvez ela tenha aprendido também, assim como você.

— Acha então que devo ficar na casa dela?

— Acho que deve pensar nessa possibilidade. Chegar a um acordo com sua mãe pode ser muito importante para você.

— Pensarei no assunto.

— Quanto tempo acha que passará em Nova York, terminando o livro?

— Pelo menos três meses. Talvez mais. Esse é outro

problema que está me perturbando. Não a terei por perto, para conversar.

— Posso encaminhá-la a dois bons analistas de lá.

— Homens?

— Isso faz alguma diferença?

— Sei que não deveria, mas faz. Ambos os médicos que consultei, antes de vir procurá-la, pareceram tratar-me como a uma criança que precisava ser persuadida a tornar-se ajuizada e bem-comportada. Quando digo aos homens que não quero me casar nem ter filhos, que quero apenas ser capaz de tomar conta de mim mesma, sem depender de ninguém, eles simplesmente não compreendem. Não quero acomodar-me numa existência de segundo plano. Quero tomar as minhas próprias decisões.

— Não há nada de errado nisso. Teoricamente, todos nós temos esse direito.

— Teoricamente. Mas sabe que não é isso o que acontece. E eu também sei. Um dos médicos disse-me, em tom de brincadeira, que uma boa cama poderia resolver os meus problemas. Só que tive a impressão de que, no fundo, ele não estava brincando. Se eu lhe tivesse dado o menor encorajamento, creio que ele teria oferecido os seus préstimos. Outro tentou convencer-me de que as coisas a que ele chamava de virtudes antiquadas, como o casamento, um lar, uma família, eram as melhores que existiam. Segundo ele, esse é o único propósito que a mulher deve ter na vida.

— Vai descobrir muitas mulheres que concordam com isso.

— Eu sei. Mas isso é problema delas. Elas que façam suas opções. Eu quero fazer as minhas. Não creio ter dito nada que já não tivesse ouvido antes.

— Tenho ouvido coisas parecidas.

— Quero agir assim até nos negócios. Quase vendi também a minha segunda história para um filme, até me encontrar com o produtor. De alguma forma, as coisas se misturaram na cabeça dele e ele ficou pensando que o preço da compra incluía também a mim. Quando eu lhe disse que isso não acontecia, ele desistiu de comprar minha história. Isso jamais teria acontecido, se fosse um homem que a tivesse escrito.

— Conheço uma mulher de quem você iria gostar. Tudo depende do quanto ela esteja ocupada no momento. É uma ativista feminina e tenho quase certeza de que também vai gostar de você.

— Eu gostaria de conhecê-la, se for possível.

— Assim que tiver marcado a data de sua viagem, avise-me, para ver se eu promovo o encontro antes.

— Obrigada. Por falar em viagem, há outra coisa sobre a qual eu gostaria de lhe falar.

— E o que é?

— É o problema de Al, o Detetive Millstein. Devo muito a ele. Muito mais do que apenas dinheiro. Não sei como dizer a ele que vou embora.

— Não acha que ele já sabe?

— Creio que ele sabia que algum dia eu iria embora. Mas tenho a impressão de que ele nunca imaginou que pudesse ser tão cedo assim. Não quero magoá-lo.

— Ele está apaixonado por você?

— Está, mas nunca me disse nada. Nunca fez o menor gesto para se aproximar de mim.

— E o que sente em relação a ele?

— Muita gratidão. E gosto imensamente dele. Como se fosse meu pai ou irmão.

— E ele sabe como você se sente?

— Nunca falamos sobre isso.

— Pois diga a ele. Tenho certeza de que ele vai preferir saber dos seus verdadeiros sentimentos a ouvir evasivas polidas. Dessa maneira, ele pelo menos saberá que você gosta dele.



Millstein ouviu o barulho do carro de JeriLee na entrada da garagem e depois os seus passos aproximando-se da porta da rua, ao mesmo tempo em que ela procurava a chave na bolsa. Ele levantou os olhos quando a porta se abriu.

Os cabelos, descoloridos pelo sol, caíam pelos ombros dela. JeriLee sorriu, o rosto ligeiramente corado, por baixo do bronzeado.

— Chegou cedo hoje — disse ela.

— Peguei o turno que termina às quatro horas. — Millstein sentiu o entusiasmo dela. Mal podia acreditar que era a mesma moça pálida e assustada que trouxera de Nova York. — Já soube

das boas notícias, JeriLee.

— Não é maravilhoso?

— Fico feliz por você.

— Não consigo acreditar. É como um sonho que se transforma em realidade.

— Pode acreditar. Você trabalhou arduamente para isso. E merece.

— Foi você quem tornou isso possível, Al. Nada teria acontecido, se não fosse você.

— Teria acontecido de qualquer maneira. Apenas poderia demorar mais um pouco.

— Não teria, não. Eu estava mergulhando direto ao esgoto, e você sabe disso.

— Nunca conseguirá fazer com que eu acredite nisso. Se algum dia tivesse acreditado, não a teria trazido comigo. Há algo de especial em você. Eu o percebi logo na primeira vez que nos encontramos.

— Jamais poderei compreender como você pôde ver alguma coisa por baixo daquela camada com que eu me cobria.

— Quando está pensando em partir?

— Ainda não sei. Eles disseram que avisariam na próxima semana quando necessitariam da minha presença em Nova York. Talvez eu fique na casa de minha mãe.

Millstein ficou calado.

— Conversei com a analista sobre isso. Ela acha que pode ser bom para mim, se eu conseguir controlar-me.

— E o que pretende fazer depois que terminar o livro?

— Não sei.

— Voltaria para Los Angeles?

— Provavelmente. Adoro viver na Califórnia. Além do mais, o meu lugar é aqui, com o cinema e a televisão, trabalho que não acaba mais.

— Terá sempre um lugar nesta casa para você, na hora em que quiser — disse ele, com a voz tornando-se subitamente rouca.

JeriLee ficou de joelhos diante de Millstein pondo as mãos sobre as dele.

— Já fez o suficiente, Al. Não posso exigir mais nada de você.

— Não está arrancando nenhum sacrifício de nós. Afinal, eu e Susan a amamos.

— E eu também amo vocês dois. São como uma família para mim. Muito mais até do que uma família. Provavelmente a única outra pessoa capaz de fazer o que você fez, entre todas as que conheci até hoje, foi meu pai. Você possui a mesma bondade que ele tinha, Al. Por mais confusa que eu estivesse naquela ocasião, percebi isso. Talvez tenha sido por esse motivo que lhe escrevi.

Millstein compreendeu o que ela estava lhe dizendo. E embora sentisse um desapontamento profundo, havia também a satisfação imensa de saber que JeriLee gostava dele o bastante para expressar-lhe seus sentimentos. Ele inclinou-se para a frente e beijou-a no rosto.

— Vamos sentir saudades suas, JeriLee.

Ela passou o braço por trás do pescoço dele e encostou seu rosto no dele.

— Não lhe darei essa oportunidade, Al. Estaremos sempre juntos.

Ele ficou imóvel por um momento, depois recuou, sorrindo.

— Ei, será que não vai me dar uma chance de ler esse livro sobre o qual estão fazendo tanta confusão?

— Claro que sim — disse ela, rindo. — Pensei que nunca ia pedir. — Um momento depois, JeriLee colocou a pasta com o original no colo dele. — Prometa que não vai começar a ler enquanto eu não for me deitar. Não suportaria observá-lo lendo meu livro.

— Está certo.

Mas ele não estava realmente entendendo por que ela queria que ele esperasse. E só descobriu isso no momento em que abriu a pasta e leu: "As boas meninas vão para o inferno, um romance de JeriLee Randall".

Por baixo, havia um parágrafo curto:

"Este livro é dedicado a Al Millstein, com gratidão e afeto, por ser o homem mais maravilhoso que conheço".

Os olhos dele ficaram marejados de lágrimas e vários minutos se passaram antes que virasse a primeira página:

"Nasci com dois furos e sem bolas. Era uma menina. Fadada a sair do útero da minha mãe diretamente para a escravidão do meu sexo. Não gostei disso nem naquele instante. E comecei a urinar em cima do médico no momento em que ele dava

palmas no meu traseiro".

Capítulo 25

Angela abriu a porta do banheiro. JeriLee ainda estava debaixo do chuveiro.

— Seu agente está ao telefone, JeriLee. Diz que precisa falar com você imediatamente, que é muito importante.

— Já vou atender.

JeriLee saiu logo em seguida do boxe e enrolou-se numa toalha de banho. Pegou o fone:

— O que há?

— Pode ir até o estúdio agora mesmo? Tom Castel quer falar com você,

— E o nosso encontro? Devo estar em seu escritório dentro de uma hora.

— Posso esperar. Creio que essa é a maior oportunidade que já tivemos. Estou com ele no outro telefone, para informar a hora em que você poderá ir ao estúdio.

— Uma hora está bom?

— Marque quinze para a uma. Parece mais autêntico.

— Está certo. — JeriLee não pôde deixar de rir. Um agente era um agente. Capaz até de negociar o tempo com uma cliente.

O médico acertara em cheio. Dissera que ela estaria se sentindo muito melhor hoje, e era o que de fato acontecia. Além de uma sensação de peso na região púbica, não havia a menor dor.

De volta ao banheiro, JeriLee acabou de se enxugar, depois tirou a touca de banho da cabeça- e sacudiu os cabelos. Precisaria de apenas trinta segundos no secador. E usaria bem pouca maquiagem, apenas uma máscara ligeira e um batom claro. Todos sabiam o que ela acabara de passar. Angela entrou no quarto quando ela estava se vestindo.

— O que ele queria?

— Tenho que estar no gabinete de Castel dentro de vinte minutos.

— Quer que a leve de carro até lá?
— Acho que posso guiar.
— Tem certeza? Não precisa ficar preocupada com a possibilidade de estar me atrapalhando. Não tenho mais nada para fazer hoje.
— Está certo, Angela.



— Como está se sentindo, boneca? — perguntou Tom Castel, beijando-a no rosto.
— Otimamente.
— Não foi mole o que aconteceu. George nunca deveria ter posto você numa situação dessas.
— A culpa foi minha — disse JeriLee, encaminhando-se para uma cadeira diante da escrivaninha.
— Aí não! — disse ele, segurando-a pelo braço e levando-a até um sofá encostado na parede. — Ficaré mais confortável aqui. Quer um café?
Ela assentiu, e Castel apertou um botão do lado da mesa. Um momento depois, a secretária dele entrou na sala trazendo duas xícaras de café.
— Meu agente disse que viesse o mais depressa possível — falou JeriLee. — E acrescentou que era uma entrevista muito importante.
— Até que ponto deseja terrivelmente que o filme seja feito, JeriLee?
Ela não pôde resistir.
— Não desejo que seja feito terrivelmente, mas sim que seja bem feito.
— Não faça jogo de palavras para cima de mim, JeriLee. Sei perfeitamente que você é uma escritora. Quer ou não que o filme seja feito?
— Quero.
— Está certo — disse ele, muito sério. — Então vou lhe dizer o que é preciso fazer para que o filme seja produzido. O estúdio irá me dar autorização para produzir o filme, se George

aceitar o papel. Tem que fazer George aceitar.

— E por que isso tem de ser incumbência minha? Você é o produtor. Não é trabalho seu? E além disso, ele não tem um contrato com o estúdio?

— Tudo isso está certo. Mas ele se reserva o direito de aprovar os filmes que vai fazer, e eu não consigo convencê-lo. Creio, no entanto, que George irá atendê-la. Afinal de contas, ele a deixou grávida, e você providenciou tudo sozinha, sem criar escândalo. Acho que ele lhe deve alguma coisa.

— E se ele não quiser?

— Você perde cinquenta mil, e cinco por cento da renda.

— E o que você perde?

— Nada. Tenho um contrato. Se eu não fizer este filme, farei um outro qualquer. Só que eu gostaria de fazer este. Sinto que todos poderemos ganhar bom dinheiro. Além disso, quero trabalhar com você. Acho que poderemos criar juntos um filme sensacional. Adorei o livro.

— Obrigada.

— Ainda não me conhece, JeriLee. Sou dinamite quando entro em ação. Trabalho dia e noite. Tenho uma casa na praia onde ninguém nos poderá incomodar.

JeriLee assentiu. Já ouvira falar daquela casa na praia. A única pessoa que acreditava que ele ia até lá trabalhar era sua esposa.

— Está certo. Verei o que posso fazer.

— Ótimo. Já chamei George para almoçar, no restaurante aqui do estúdio. Disse a ele que você também ia. — Ele sorriu e acrescentou: — Sei que pode convencê-lo, boneca. Basta dar a George outra dose da mesma coisa que lhe deu antes.

— Céus, Tom! — murmurou JeriLee, repugnada. — Vai ser preciso muito mais do que isso para fazê-lo aceitar o papel.

— Acho que não conhece o seu próprio poder, boneca. George diz que é a mulher mais gostosa de todos os tempos e que não consegue chegar perto de você sem ter uma ereção.

— Quando foi que ele disse isso?

— No último fim de semana. Tivemos uma reunião na casa do nosso analista e...

— O assunto por acaso veio à baila — interrompeu-o JeriLee. — Eu já tinha ouvido falar nisso.

— Devo dizer que ele não parou de falar em você o tempo

todo. É realmente tão gostosa quanto ele afirma que é?

— Sou, sim — disse ela, levantando-se. — Sou realmente capaz de deixar qualquer homem nas últimas. — Ela encaminhou-se até a porta. — Onde fica o banheiro, Tom? Estou com vontade de vomitar.

— Primeira porta à esquerda. Desculpe, JeriLee. Tinha esquecido que você ainda não estava se sentindo bem.

— Não se preocupe, Tom. É um dos problemas de ser mulher. Algumas coisas deixam nosso estômago embrulhado.



— É realmente um negócio muito simples — explicou JeriLee a seu agente. — Castel me dá o emprego se eu convencer George a fazer o filme. Além disso, ele já me disse que vamos trabalhar juntos na casa dele na praia. E fez questão de ressaltar que trabalha dia e noite. — JeriLee respirou fundo e continuou: — George diz que adora a ideia, que acredita em mim como escritora e admira Castel como produtor. Mas, para ele, o fundamental é o diretor. E por acaso ele sabe que Dean Clarke está disponível no momento. A esposa de Dean acaba de torpedear o filme que ele ia fazer para a Warner.

— Dean Clarke seria um bom diretor para o filme. E estou dizendo isso apesar de ele não ser meu cliente.

— Mas você conhece o problema de Dean. Se ele não tiver a aprovação da esposa, não fará o filme de jeito nenhum. E isso representa um outro problema para mim. Ela está querendo que eu lhe dê as mesmas coisas que George e Castel querem. Eu a tenho evitado desde que nos conhecemos numa reunião feminista.

— Já se fizeram filmes que apresentavam problemas ainda piores.

— Já ouvi falar de se ir para a cama com um cara, para se conseguir alguma coisa nesse negócio. Mas você já soube alguma vez de alguém ter que dormir com todas as pessoas que vão participar do maldito filme? Antes de o filme terminar, eles me farão ir para a cama com todo mundo, menos com o cabeleireiro, e mesmo assim só porque ele é bicha.

— Não fique tão nervosa, JeriLee. E não fale assim.

— Está bem.

— Se eu conseguisse convencer Castel a subir para setenta e cinco mil, e sete e meio, você concordaria?

— Acho que não está me entendendo. Eu não estava falando sobre o dinheiro. Apenas não acho que devo ir para a cama com todo mundo, só para que o filme seja produzido.

— Concordo com você. Mas já que vai trepar de qualquer maneira, não vejo por que armar toda essa confusão.

— Não tive de trepar com ninguém para fazê-los comprar o livro. Por que deveria fazê-lo só para ver o filme produzido?

— Eles ainda não produziram o filme, não é mesmo? —

JeriLee já ia falar, quando o agente levantou a mão. — Primeiro, escute-me, depois pode dizer o que bem desejar. Já se passaram quase três anos desde que eles compraram o livro. Fizeram dois roteiros baseados nele. Não prestavam, e o filme não saiu. Não precisa me dizer que seu livro vendeu quarenta mil exemplares encadernados, cem mil em clube do livro e um milhão em brochura, que fez mais de cinquenta espetáculos de rádio e televisão, que a revista Time publicou-a na capa, como a escritora do Women's Lib do ano. Sei de tudo isso, você sabe, o estúdio também sabe. Mas o estúdio também sabe que tudo isso aconteceu há três anos. Desde então, apareceram outros livros. E pode acreditar em mim: eles prefeririam muito mais começar com alguma novidade a despejar mais dinheiro num projeto em que já fracassaram duas vezes. E agora você vem me falar sobre o que precisa fazer para que o filme seja produzido! Pois deixe-me dizer-lhe o que tive de fazer! Durante o último ano, enquanto você estava dando de graça a torto e a direito, eu estava bebendo, jantando e puxando o saco de todos os executivos do estúdio que poderiam dar um empurrão na produção do seu filme.

"Finalmente, consegui recolocar seu livro na lista das produções imediatas. E convenci-os a entregarem a produção a Castel, um dos principais produtores, porque sei que ele é muito esperto e encontraria um jeito de fazer o filme. Pois agora ele encontrou, e você está se queixando!

"Já sou um homem velho, minha cara. Muito em breve estarei passando o comando do escritório aos meus sócios mais jovens. Não quer fazer o filme? Não há problema para mim. É o seu livro, a sua vida, o seu dinheiro. Eu sou um homem rico. Não

preciso do dinheiro desse filme. E, no final das contas, recebo apenas uns míseros dez por cento." Sacudiu a cabeça, tristemente. "Pode ir para casa, JeriLee. Continuaremos amigos. Você escreverá outras histórias, publicará outros livros. Eu farei outros negócios. Mas é realmente uma pena. Poderia ter sido um filme da maior importância." Levantou a mão e acrescentou: "Agora, você pode falar."

JeriLee começou a rir, histericamente.

— Acha que é engraçado o que acabei de falar?

— Não. É que, de repente, tudo se tornou tão irreal...

— Então, deixe-me trazê-la de volta à realidade. — A voz dele era cortante como uma faca de gelo. — Neste negócio, existe uma única verdade. Tem sido sempre a mesma e continuará a ser, invariável: faça o filme. Apenas isso. Nada mais, nada menos. Faça o filme.

"Não me importo absolutamente com o que você faça, com quem vá ou deixe de ir para a cama. Não quero saber se você está querendo ou não reformar o mundo. Pode fazer qualquer coisa que bem desejar, mas primeiro tem que enfrentar a verdade. Faça o filme. É a única coisa que pode fazer para tornar válida a sua posição. Se não fizer o filme, será apenas mais uma mulher que não conseguiu se impor nesta cidade."

— E não quer saber com quem eu tenho de trepar, para que o filme seja feito, não é mesmo?

— A única coisa que importa é conseguir que o filme seja feito.

— O filme já não me interessa tanto como antigamente — disse JeriLee, com voz cansada.

— Não acredito. Se não se importasse muito, não teria vindo para cá, três anos atrás. Teria ficado em Nova York e escrito outro romance.

— É exatamente isso o que eu deveria ter feito. Sei disso agora.

— Não é tarde demais. Os aviões continuam a voar em ambas as direções.

Ele viu as lágrimas escorrendo pelo rosto dela. Antes que pudesse dizer qualquer coisa, JeriLee levantou-se e saiu da sala. Ele pegou o telefone e instantes depois estava falando com Tom Castel.

— Acabei de conversar com ela, Tom — disse ele, num

sussurro confidencial. — E pode ter certeza de que não há jeito de convencê-la a aceitar por menos de cem mil. Acho que vou conseguir convencê-la a aceitar os sete e meio, mas você terá que arrumar os cem mil. Neste momento, ela está que não aguenta mais esta cidade. Tive que recorrer a todo o meu poder de persuasão para impedi-la de pegar o próximo avião para Nova York. Ela só está pensando numa coisa: escrever seu próximo romance.



JeriLee tirou um lenço de papel da caixa em cima do painel e enxugou os olhos.

— Podemos voltar para casa agora, Angela.

Silenciosamente, Angela arrancou, e elas saíram do estacionamento. JeriLee acendeu um cigarro e olhou pela janela do carro.

— Merda! — disse ela.

— O que há de errado, JeriLee?

— É que acabei de descobrir uma coisa. As pessoas são corrompidas não apenas pelo sistema, mas também por seus próprios sonhos.

— Não estou entendendo mais nada.

— Todos acabamos nos prostituindo. A única coisa que varia é a forma de pagamento. Quando chegarmos a casa, meu agente estará ao telefone, dizendo que conseguiu arrancar cem mil dólares para eu fazer o filme. E eu irei aceitar.

— É um bocado de dinheiro.

— Não é tanto o dinheiro, Angela. É é nisso que o velho é esperto. Ele sabe disso. E usa-o com a maior tranquilidade. Ele sabe que eu quero que o filme seja feito, mais do que desejo a vida propriamente dita. Eu não o enganei por um minuto sequer.

— Não vejo o que pode haver de tão ruim, JeriLee.

Subitamente, JeriLee desatou a rir.

— É isso o que é tão maravilhoso em você, Angela. É a última das inocentes.

— Foi um dia difícil. Vamos tentar esquecer tudo quando chegarmos a casa.

JeriLee inclinou-se e beijou Angela no rosto.

— É a primeira ideia sensata que ouvi hoje, Angela...

EPÍLOGO

Cidade de fantasia

No palco, o cantor estava soltando a última nota angustiada da canção. Na pequena e apinhada sala de controle, nos fundos do auditório, no alto, havia um zumbido de frenesi organizado. Aquele não era um programa de televisão comum. Era a apresentação ao vivo do grande momento anual da indústria cinematográfica, a distribuição dos prêmios da Academia.

Os aplausos explodiram quando o cantor terminou. Ele fez uma reverência para o auditório, o sorriso fixo disfarçando a raiva que estava sentindo. A orquestra mutilara o seu arranjo e abafara as suas melhores notas.

Uma voz ecoou pelos alto-falantes da sala de controle:

— Dois minutos. Comerciais e janelas das emissoras.

— Que canção foi essa? — perguntou o diretor.

— A segunda — respondeu alguém. — Não, não, a terceira!

— Uma droga. O que vem a seguir?

— O prêmio pelo melhor roteiro. Estamos agora focalizando os candidatos.

O diretor olhou para as telas. Em cada uma das cinco telas do centro aparecia uma pessoa diferente, quatro homens e uma mulher. Os homens, em seus trajes a rigor todo enfeitados, pareciam muito nervosos. A mulher parecia quase indiferente a tudo o que estava acontecendo a seu redor. Os olhos estavam semicerrados, os lábios ligeiramente entreabertos, a cabeça sacudia-se suavemente, como se ela estivesse ouvindo alguma música interior.

— A mulher está nas nuvens — disse o diretor.

— Mas ela é linda — comentou alguém.

A contagem regressiva dos comerciais começou. No momento em que terminou, acendeu-se uma luz por cima da tela que estava focalizando o mestre-de-cerimônias, voltando ao palco. O diretor deu um close do mestre-de-cerimônias e depois pegou um plano americano de dois astros, um rapaz e uma moça, aproximando-se do centro do palco, sob os aplausos da audiência. Os aplausos cessaram quando eles começaram a ler a relação dos indicados para o prêmio.

À medida em que seus nomes eram chamados, os homens tentavam, sem sucesso, parecer despreocupados, enquanto a mulher continuava a dar a impressão de que estava em outro mundo.

Com a pompa usual, o envelope foi trazido e aberto cerimoniosamente.

— O prêmio pelo melhor roteiro é concedido a...

O jovem ator fez uma pausa, para aumentar o momento dramático. Olhou para sua colega. Ela continuou, a voz subitamente estridente de excitação:

— ... JeriLee Randall, por As boas meninas vão para o inferno!

O diretor selecionou a câmara que focalizava a mulher. A princípio, ela deu a impressão de não ter ouvido. Depois, seus olhos se abriram totalmente e os lábios se separaram num sorriso. Ela começou a levantar-se. Outra câmara focalizou-a de cima, enquanto ela percorria o corredor até o palco. Só depois que ela subiu os poucos degraus do palco e se virou de frente para a audiência é que eles puderam focalizá-la em primeiro plano.

— Deus do céu! — disse alguém, rompendo o súbito silêncio na sala de controle. — Ela não está usando nada por baixo daquele vestido quase transparente!

— Vamos dar um close no vestido dela? — perguntou o assistente do diretor.

— De jeito nenhum — respondeu o diretor. — Os caipiras é que ficariam deliciados com isso.

No palco, a mulher agarrou o Oscar e aproximou-se do microfone. Piscou os olhos rapidamente, como se estivesse contendo lágrimas. Mas quando os abriu, eles estavam secos e limpos.

— Senhoras e senhores da Academia... — A voz dela era

baixa, mas bem nítida. — Se lhes dissesse que não me sinto emocionada e feliz neste momento, eu não estaria dizendo a verdade. Isto é algo que acontece somente nos sonhos mais delirantes de uma escritora como eu!

Fez uma pausa, esperando que os aplausos cessassem.

— Apesar disso, há dentro de mim uma dúvida que perdura e um sentimento de tristeza. Será que ganhei este prêmio como escritora ou como mulher? Sei que não haveria a menor dúvida nas mentes dos quatro cavalheiros indicados para o mesmo prêmio, se tivessem ganho. Mas tudo o que eles precisam fazer é escrever seus roteiros. Não precisam ir para a cama com todo mundo que trabalha na produção, à exceção do maquilador, para que o filme seja feito.

Um rugido se elevou da audiência e o pânico invadiu a sala de controle.

— Passem o tape — ordenou o diretor. — Atrasem cinco segundos. — Soergueu-se por trás do painel de controle e deu uma espiada pela janelinha no salão do teatro lá embaixo. — Quero algumas cenas da reação da audiência! — gritou ele. — Está havendo o maior pandemônio lá embaixo!

As imagens surgiram prontamente nas pequenas telas. Havia mulheres de pé, aplaudindo, dando gritos de encorajamento.

— É isso mesmo, JeriLee!

— Conte tudo o que temos de aguentar, JeriLee!

A câmara, em zoom, deu um close num homem de smoking que tentava obrigar a mulher que o acompanhava a sentar-se novamente na poltrona. O diretor cortou de volta para JeriLee, no momento em que a voz dela tornava a soar:

— Não pretendo contrariar o costume de agradecer a todas as pessoas que me tornaram possível a conquista deste prêmio. Assim, meu primeiro agradecimento vai para o meu agente, que me disse que a única coisa importante era que o filme fosse feito. Ele talvez esteja se sentindo aliviado agora, por saber que tudo o que precisei fazer foi ir para a cama do produtor, para a cama do ator principal e para a cama da esposa do diretor. A todos eles, os meus agradecimentos. Talvez tenham tornado possível a conquista deste prêmio.

— Merda! — praguejou o diretor.

O barulho da audiência estava começando a abafar as palavras de JeriLee.

— Desliguem os microfones da plateia! — berrou o diretor.

A voz dela se elevou acima do barulho da multidão:

— ...e por último, embora não o menos importante, quero expressar meus agradecimentos aos membros da Academia, por me haverem eleito a Escritora Símbolo. Em homenagem a eles, quero apresentar agora uma pintura que fiz especialmente.

Ela sorriu gentilmente, enquanto a mão livre se estendia para trás do pescoço. De repente, o vestido desprende-se do seu corpo. Ela ficou imóvel no palco, um gigantesco Oscar dourado invertido pintado em seu corpo nu. A tinta dourada cobria-lhe os seios e a barriga, a cabeça da imagem desaparecendo nos pêlos púbicos.

O pandemônio no auditório foi total. O público todo ficou de pé, olhando estarrecido, gritando, vaiando, aplaudindo, enquanto homens saíam correndo dos bastidores para cercarem JeriLee. Alguém jogou um casaco sobre os ombros dela. Desdenhosamente, JeriLee desvencilhou-se do casaco e saiu do palco, com extrema dignidade em sua nudez.

Havia uma expressão aturdida de felicidade no rosto do diretor quando a tela se escureceu para os comerciais.

— A noite do Oscar nunca mais será a mesma depois disso...

— Acha que estávamos no ar? — perguntou alguém.

— Espero que sim — respondeu o diretor. — Seria uma vergonha se a verdade não tivesse a menor chance de se fazer ouvida...



O carro subiu a ladeira e foi parar diante da casa. JeriLee inclinou-se no assento e beijou o homem no rosto.

— Meu amigo Detetive Millstein... Detetive Millstein, meu amigo... Você tem um talento extraordinário para aparecer na hora em que é mais necessário.

— Eu não estava muito longe do teatro — disse ele, com um sorriso. — Assistia ao espetáculo num bar, quando você apareceu.

— Estou contente por isso — disse JeriLee, saindo do carro. — Estou exausta. Vou direto para a cama.

— Não vai ter problemas?

— Não se preocupe. Estou bem. Pode voltar ao trabalho.

— Está certo.

— Dê um beijo em Susan e no bebê por mim.

Ele fez que sim com a cabeça e ficou observando-a entrar em casa, antes de dar a partida no carro, fazer a volta e descer a ladeira.

O telefone estava tocando quando JeriLee cruzou a porta. Era a mãe dela.

— Desta vez, JeriLee, você realmente fez o máximo. Nunca mais poderei andar de cabeça erguida nesta cidade.

— Oh, mamãe...

O fone ficou mudo na mão dela. A mãe havia desligado. No momento em que JeriLee pôs o fone no gancho, o telefone recomeçou a tocar. Dessa vez, era o agente dela.

— Foi um golpe de publicidade brilhante, JeriLee — disse ele, às gargalhadas. — Nunca, em todos os meus anos neste negócio, vi uma estrela alcançar tanto sucesso numa só noite!

— Não foi golpe de publicidade.

— E que diferença isso faz? Venha até o meu escritório amanhã. Tenho pelo menos cinco propostas nas quais, você pode pedir o quanto quiser.

— Merda... — disse JeriLee, desligando.

O telefone recomeçou a tocar imediatamente, mas dessa vez ela não atendeu. Em vez disso, levantou o fone e depois apertou o gancho, para desligar o telefonema. Depois, deixou o fone fora do gancho.

Foi para o quarto. Pegou um cigarro, acendeu-o, voltou até a porta da frente. Saiu de casa. A noite estava quente e clara. Ela se sentou nos degraus da varanda e olhou para a cidade. Subitamente, seus olhos começaram a ficar enevoados.

Ela se sentou no alto da escada e chorou. E lá embaixo, muito longe dela, as luzes multicoloridas de Los Angeles tremeluziam através de suas lágrimas.

Fim

Digitalização: Argo

